

Jessica Beatriz Tolare

**Indexação de partitura musical:**

uma proposta de modelo de leitura documentária

Marília  
2025

Jessica Beatriz Tolare

## **Indexação de partitura musical:**

uma proposta de modelo de leitura documentária

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação como parte das exigências para a obtenção do título de Doutora em Ciência da Informação pela Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Marília.

Área de Concentração: Informação, Tecnologia e Conhecimento.

Linha de pesquisa: Produção e Organização da Informação.

Orientador (a): Profa. Dra. Mariângela Spotti Lopes Fujita.

Coorientador: Profa. Dra. Paula Regina Dal'Evedove.

Marília  
2025

T647i Tolare, Jessica Beatriz  
Indexação de partitura musical : uma proposta de modelo de  
leitura documentária / Jessica Beatriz Tolare. -- Marília, 2025  
281 p. : il., tabs.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP),  
Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília  
Orientadora: Mariângela Spotti Lopes Fujita  
Coorientadora: Paula Regina Dal'Evedove

1. Indexação. 2. Leitura documentária. 3. Partitura musical.  
4. Acervos de partituras musicais especializados em música. I.  
Título.

### **Impacto potencial desta pesquisa**

Organizar um conhecimento pode ocorrer com base em diferentes objetivos e abordagens, como um viés mais positivista, em que ele é organizado como uma unidade de conhecimento (conceito) para de acordo com os seus elementos (características) e sua aplicação à diferentes objetos/assuntos (Dahlberg, 2006) ; e uma perspectiva mais pragmática, em que essa organização visa organizar e representar documentos, a partir da representação de seus assuntos e conceitos, independente de ocorrer por ser humano ou máquina (Hjørland, 2008). O impacto da pesquisa possui respaldo a partir dessas duas perspectivas de organização do conhecimento, pois a indexação de partituras musicais pode proporcionar debates e discussões acerca desse domínio na Ciência da Informação de modo em que se abordam os aspectos conceituais e estruturais da partitura musical e a socialização do conhecimento a partir de sua organização. A pesquisa ainda possui respaldo também nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), promovidos pela Organização das Nações Unidas (ONU), em específico, nos objetivos 4, 9 e 16. O objetivo 4 pretende garantir o acesso à uma educação de qualidade, de modo a ser inclusiva e equitativa e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos; o objetivo 9.5 visa fortalecer a pesquisa científica, para melhorar a capacidade tecnológica e incentivar a inovação, com o aumento substancial do número de pesquisadores a partir de investimentos no âmbito público e privado; e o objetivo 16.10, que possui por intuito assegurar o acesso público à informação e proteger as liberdades fundamentais, em conformidade com a legislação nacional e os acordos internacionais.

### **Potential impact of this research**

Organizing knowledge can be based on different objectives and approaches, such as a more positivist approach, in which it is organized as a unit of knowledge (concept) according to its elements (characteristics) and its application to different objects/subjects (Dahlberg, 2006); and a more pragmatic perspective, in which this organization aims to organize and represent documents, based on the representation of their subjects and concepts, regardless of whether it is done by humans or machines (Hjørland, 2008). The impact of the research is supported by these two perspectives on the organization of knowledge, since indexing musical scores can provide debates and discussions about this domain in Information Science, in a way that addresses the conceptual and structural aspects of musical scores and the socialization of knowledge based on their organization. The research is also supported by the Sustainable Development Goals (SDGs) promoted by the United Nations (UN), specifically Goals 4, 9 and 16. Goal 4 aims to ensure access to quality education, so that it is inclusive and equitable and promotes lifelong learning opportunities for all; Goal 9. 5 aims to strengthen scientific research in order to improve technological capacity and encourage innovation, with a substantial increase in the number of researchers through public and private investment; and objective 16.10, which aims to ensure public access to information and protect fundamental freedoms, in accordance with national legislation and international agreements.

### **Impacto potencial de esta investigación**

La organización del conocimiento puede basarse en diferentes objetivos y enfoques, como una perspectiva más positivista, en la que se organiza como una unidad de conocimiento (concepto) de acuerdo con sus elementos (características) y su aplicación a diferentes objetos/sujetos (Dahlberg, 2006); y una perspectiva más pragmática, en la que esta organización tiene como objetivo organizar y representar documentos, basándose en la representación de sus temas y conceptos, independientemente de si lo hacen humanos o máquinas (Hjørland, 2008). El impacto de esta investigación se apoya en estas dos perspectivas sobre la organización del conocimiento, ya que la indexación de partituras musicales puede proporcionar debates y discusiones sobre este dominio en la Ciencia de la Información de forma que se aborden los aspectos conceptuales y estructurales de las partituras musicales y la socialización del conocimiento basada en su organización. La investigación también se apoya en los Objetivos de Desarrollo Sostenible (ODS) promovidos por la Organización de las Naciones Unidas (ONU), específicamente los Objetivos 4, 9 y 16. El Objetivo 4 busca garantizar el acceso a una educación de calidad que sea inclusiva y equitativa y promueva oportunidades de aprendizaje durante toda la vida para todos; el Objetivo 9.5 pretende reforzar la investigación científica para mejorar la capacidad tecnológica y fomentar la innovación aumentando sustancialmente el número de investigadores mediante inversiones públicas y privadas; y el objetivo 16.10 pretende garantizar el acceso público a la información y proteger las libertades fundamentales, de conformidad con la legislación nacional y los acuerdos internacionales.

Jessica Beatriz Tolare

**Indexação de partituras musicais:** uma proposta de modelo de leitura documentária

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Ciência da Informação.

Área de concentração: Informação, Tecnologia e Conhecimento.

Linha de pesquisa: Produção e Organização da Informação.

Banca Examinadora

Profa. Dra. Mariângela Spotti Lopes Fujita  
UNESP – Câmpus de Marília  
Orientador

Profa. Dra. Franciele Marques Redigolo  
UNESP – Câmpus de Marília

Profa. Dra. Telma Campanha de Carvalho Madio  
UNESP - Câmpus de Marília

Profa. Dra. Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira  
UFPB – Universidade Federal da Paraíba

Profa. Dra. Ana Lúcia Terra  
Universidade de Coimbra - Portugal

Suplentes:

1 Profa. Dra. Sonia Maria Troitino Rodriguez  
UNESP – Câmpus de Marília

2 Profa. Dra. Roberta Caroline Vesu Alves  
UNESP/ Instituto Federal de São Paulo

3 Profa. Dra. Camila Monteiro de Barros  
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

Marília, 30 de maio de 2025.

À todas as meninas e mulheres que nunca imaginaram que um dia se tornariam pesquisadoras e cientistas. O mundo é de vocês!

## AGRADECIMENTOS

À minha orientadora profa. Dra. Mariângela Spotti Lopes Fujita, que me escolheu, ainda na graduação, para fazer iniciação científica até a tese do doutorado. Ao longo de todos esses anos, ela conseguiu ver algo que eu nunca consegui ver, aprendi tanto sobre pesquisa, conhecimento e, sobretudo, a vida, com a sua paciência, confiança, ética e bondade. Ela me fez ir além de minhas próprias expectativas e me transformou enquanto pesquisadora e pessoa. Me encontrei na pesquisa, me apaixonei pela indexação e serei eternamente grata a ela.

Ao Vinícius, meu companheiro de vida, que apareceu quando a jornada da pós começou. Ele esteve em todos os momentos, bons e ruins, com toda a sua paciência, me incentivou a seguir e compartilhar meus sonhos, recolheu todos os pedaços quebrados e me ajudou a me reerguer quando mais precisei. São anos de risadas espontâneas, conversas aleatórias e um companheirismo eterno.

Ao meu pai, Paulo, e ao meu irmão, Bruno, minha família, que foram os responsáveis pelo começo de tudo, por estarem presentes e serem o meu porto seguro durante a minha vida toda. Tudo começou com eles, foi por eles que tive forças para continuar e sempre será por eles.

Aos meus avós, Inês e seu Nê, e à Tia Cida, que sempre estiveram lá, cuidando, torcendo e rezando por mim, pelo meu pai e meu irmão, sempre com um café-da-tarde, regado a comida de vó e boas conversas. Havia dias que era só o que eu precisava para curar um momento difícil.

Ao Grupo de Estudos em Organização e Representação do Conhecimento (GEORC) e a todos os seus membros, amigos e colegas, que me acolheram e tornaram essa caminhada menos solitária, regada de salgadinhos, cafés e conversas, sobre muitos trabalhos e bate papo aleatórios. Em especial, ao prof. Dr. Walter Moreira e à profa. Dra. Franciele, ambos responsáveis pelo grupo. O prof. Walter foi meu orientador de estágio, me convidou para o grupo, me ensinou sobre a importância do conhecimento e o real impacto que ele pode ter na vida das pessoas. Ele e a Dona Marilda, sua esposa, são as pessoas mais admiráveis que já conheci e os levarei sempre comigo. À profa. Franciele, companheira de feira, sorvetes e cinema, junto da Dona Júlia, sua mãe, que foram um dos presentes que ganhei no final do doutorado. Dona Júlia é uma fonte de inspiração e a profa. Franciele é uma das mulheres mais inteligentes e bondosas que já conheci. Minha eterna gratidão a todos.

Às amigas que a pós me trouxe, gostaria de destacar: a Amanda, minha parceira de pesquisa, pela amizade pessoal, pelos livros de procedência duvidosa e por me fazer sentir parte de algo que ultrapassou a academia, sempre com uma boa *playlist* ao fundo; à Luciana, que virou amiga e parceira de congressos, trabalhos, cafés e risadas; à Dani e à Cecí, presentes da UFPA, pelo bom humor e por serem tão queridas e um presente da pós; à Fer Bim e à Mavis, pelas conversas aleatórias, fotos de gatos e livros de terror. Esses quatro anos não teriam sido os mesmos sem vocês.

À Ana, amiga da época de graduação, que começou por conta de gatos e coisas fofas. Ela foi responsável por eu adotar a Luna, uma gata frajolinha, que já fez 8 anos e

tornou-se uma das maiores alegrias da minha vida, à quem sou grata também. Ela sempre esteve em todos os momentos, bons e ruins, e sempre foi uma companheira, inclusive, nas madrugadas de escrita.

À Paula e à Dani, minhas psis, que vêm me dando suporte e ajudando a trilhar esse caminho sem deixar que eu me perca totalmente. As terapias, o bom humor e as puxadas na orelha foram essenciais e não seria nada se não tivessem vocês.

À profa. Dra. Ana Lúcia Terra, com quem já tive a honra e o prazer de poder trabalhar, sempre acolhedora e compreensível, à profa. Dra. Bernardina Oliveira, à profa. Dra. Telma Madio, à profa. Dra. Sonia Trointino e à profa. Dra. Camila Barros por serem exemplos de pesquisadoras e cederem seus tempos preciosos para lerem esse trabalho.

A todos os professores que passaram pela minha vida e ensinaram um pouquinho do que sabiam. Todos eles contribuíram para que eu estivesse aqui hoje, em especial, às professoras Renata, Cássia e Regiane, da minha época do Ensino Médio, que sempre me incentivaram a ir além das minhas próprias expectativas. Elas me ensinaram que eu poderia sonhar com um mundo inteiro de possibilidades, que havia mais caminhos do que eu imaginava e que dependia de mim para começar uma jornada, sempre serei grata.

À Jéssica Portolani, minha primeira professora de teclado e música, e à Márcia, sua mãe e minha madrinha, por me ensinarem tudo o que sei e por estarem sempre presentes. Que nossa Senhora Aparecida sempre as abençoe.

À Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC), a todos os meus colegas de curso, aos funcionários e professores, em especial, aos funcionários da pós-graduação, por todo o suporte e apoio ao longo de todos esses anos. Se consegui frequentar a faculdade foi porque eles estavam lá para me auxiliarem em tudo.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.



*“Que a música cure e a poesia [ciência] nos salve.”*

- Autor desconhecido.

---

<sup>1</sup> Sempre fui fascinada por música, desde que me entendo por gente, a combinação de todos os elementos (como melodia e letra) é capaz de extrair a mais profunda das emoções, em minha perspectiva. Por isso, ouvi-la tornou-se uma das minhas maiores companheiras no Doutorado, independente de como estava e de seu estilo musical. Diante disso, criei esse *QR Code*, como forma de deixar registrado tudo o que eu ouvi ao longo desses anos, devido ao significado que a música possui para a tese e para a minha vida (não há nenhuma ordem a ser seguida, sugiro o modo aleatório). Espero que possam apreciar também (Caso não consiga acessar, segue-se o link: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLEtwXwnp2vqCbImDb8Du9NUmUj9R-8LuI>). Boa leitura!

## RESUMO

A partitura musical pode ser considerada como um tipo de documento não-textual e textual ao mesmo tempo, permitindo estabelecer como premissa que a partitura musical pode ser considerada enquanto documento não-verbal e textual ao mesmo tempo, porém tem sido tratado como um documento apenas textual; o indexador da partitura musical possui falta de conhecimento especializado e insuficiente para atender às necessidades dos usuários que buscam esse tipo de documento; e escassez de publicações envolvendo o processo de indexação da partitura musical. A hipótese foi de que para que se realize a leitura documentária da partitura musical é preciso obter conhecimento múltiplo (processo de indexação, teoria musical e leitura de partitura musical). A tese defendida foi de que haveria pontos estratégicos da partitura musical em sua estrutura que poderiam ser utilizados para realizar a sua leitura documentária, de modo a possibilitar esse tipo de documento enquanto não-textual e textual ao mesmo tempo e obter subsídios para a elaboração do modelo de leitura documentária. O objetivo geral foi de propor o modelo de leitura documentária para a indexação de partitura musical. Como objetivos específicos foram: aprofundar a literatura publicada interdisciplinar sobre indexação de partitura musical; elaborar um estudo teórico sobre partitura musical como documento imagético textual e não verbal; identificar informações compostas na partitura musical para serem utilizadas como assunto, na representação temática e investigar o procedimento de leitura documentária feito por indexadores no processo em acervos especializados em música como parte empírica do desenvolvimento do estudo. Os procedimentos metodológicos foram compostos pelo mapeamento sistemático, para aprofundamento teórico-analítico da estrutura da partitura musical e protocolo verbal individual, para verificar como o processo de indexação é realizado na prática. Para realizar a análise do mapeamento sistemático utilizou-se o software parsifal e foram estabelecidas sete categorias de análise, com base na transcrição dos protocolos verbais e na literatura da fundamentação teórica. Os resultados mostraram que a conceituação da partitura musical está relacionada à sua forma e ao seu conteúdo, no caso, tipo de partitura e instrumentação, respectivamente. A análise da estruturação mostrou que essa informação pode estar composta na partitura. E a análise empírica do processo de indexação mostraram que, em sua maioria, ela é tratada como documento textual. Como conclusão, foi possível compreender a estrutura da partitura e sua conceituação, principalmente, realizar o desenvolvimento do modelo de leitura documentária. Também foi possível confirmar a hipótese do conhecimento múltiplo e defender a tese de que é possível encontrar essas informações em pontos estratégicos da partitura musical que podem ser utilizados no modelo de leitura documentário.

**Palavras-chave:** indexação; leitura documentária; partitura musical; acervos de partituras musicais especializados em música.

## ABSTRACT

Over the years, the process of indexing collections with musical scores has been investigated, identifying problems related to storage and preservation conditions; regulations and conditions for making them available for research and dissemination; and cataloging systems, with inconsistencies in the representation and retrieval of this type of document. Thus, the premises of the research are based on: the musical score as a non-verbal and textual document at the same time, but it has been treated as only textual; the indexer of the musical score, with a lack of specialized knowledge and insufficient to meet the needs of users looking for this type of document; and the scarcity of publications involving the process of indexing the musical score. The hypothesis was that in order to carry out document reading of musical scores, it is necessary to obtain multiple types of knowledge (indexing process, music theory and musical score reading). The thesis that was sought to be corroborated was that there are strategic points of the musical score in its structure that can be used to carry out its documentary reading, in order to enable this type of document to be non-verbal and visual at the same time and to obtain subsidies for the elaboration of the documentary reading model. The general objective was to propose a documentary reading model for indexing musical scores. The specific objectives were: to delve into the published interdisciplinary literature on indexing musical scores; to carry out a theoretical study on musical scores as textual and non-verbal imagery documents; to identify information composed in musical scores to be used as a subject in thematic representation; to investigate the documentary reading procedure carried out by indexers in specialized music collections as an empirical part of the study's development; and to propose a documentary reading model for indexing musical scores. The methodological procedures consisted of systematic mapping, for a theoretical-analytical study of the structure of the musical score, and an individual verbal protocol, to verify the empirical part of the indexing process. The parsifal software was used to analyze the systematic mapping and seven categories of analysis were established, based on the transcription of the verbal protocols and the literature of the theoretical foundation. A total of 13 papers were analyzed in the results. The results showed that the conceptualization of the musical score is related to its form and content, in this case, type of score and instrumentation, respectively. The analysis of structuring showed that this information can be composed in the score. And the empirical analysis of the indexing process carried out by the experts also showed that, for the most part, it is treated as a textual document. In conclusion, it was possible to achieve the proposed objectives, such as understanding the structure of the score and its conceptualization, but above all, it was possible to carry out the development of the documentary reading model, observe the premises in the analyses, answer the questions established by the problem about how the process is carried out, confirm the hypothesis of multiple knowledge and defend the thesis that it is possible to find this information at strategic points in the musical score that can be used in the documentary reading model.

**Keywords:** indexing; documentary reading; musical score; collections of musical scores specializing in music.

## RESUMEN

A lo largo de los años, se ha investigado el proceso de indización de colecciones con partituras musicales, identificando problemas relacionados con las condiciones de almacenamiento y conservación; la normativa y las condiciones para ponerlas a disposición de la investigación y la difusión; y los sistemas de catalogación, con incoherencias en la representación y recuperación de este tipo de documentos. Así, las premisas de la investigación se basan en: la partitura musical como documento no verbal y textual al mismo tiempo, pero que ha sido tratado como sólo textual; el indizador de la partitura musical, con falta de conocimiento especializado e insuficiente para atender las necesidades de los usuarios que buscan este tipo de documento; y la escasez de publicaciones que involucren el proceso de indización de partituras musicales. La hipótesis fue que para realizar la lectura documental de partituras musicales es necesario tener múltiples tipos de conocimiento (proceso de indexación, teoría musical y lectura de partituras musicales). La tesis que se buscó corroborar fue que existen puntos estratégicos de la partitura musical en su estructura que pueden ser utilizados para realizar su lectura documental, a fin de posibilitar que este tipo de documento sea no verbal y visual al mismo tiempo y obtener subsidios para la elaboración del modelo de lectura documental. El objetivo general era proponer un modelo de lectura documental para la indización de partituras musicales. Los objetivos específicos fueron: profundizar en la literatura interdisciplinar publicada sobre indización de partituras musicales; realizar un estudio teórico sobre las partituras musicales como documentos textuales y de imágenes no verbales; identificar la información compuesta en las partituras musicales para ser utilizada como temas en la representación temática; investigar el procedimiento de lectura documental realizado por los indizadores en colecciones especializadas de música como parte del desarrollo empírico del estudio; y proponer un modelo de lectura documental para la indización de partituras musicales. Los procedimientos metodológicos consistieron en un mapeo sistemático, para profundizar en la comprensión teórico-analítica de la estructura de la partitura musical, y un protocolo verbal individual, para verificar la parte empírica del proceso de indización. Se utilizó el software parsifal para analizar la cartografía sistemática y se establecieron siete categorías de análisis, basadas en la transcripción de los protocolos verbales y en la bibliografía de la fundamentación teórica. En los resultados se analizaron un total de 13 trabajos. Los resultados mostraron que la conceptualización de la partitura musical está relacionada con su forma y contenido, en este caso el tipo de partitura y la instrumentación, respectivamente. El análisis de estructuración demostró que esta información puede componerse en la partitura. Y el análisis empírico del proceso de indexación realizado por los expertos también mostró que, en su mayor parte, se trata como un documento textual. En conclusión, fue posible alcanzar los objetivos propuestos, como comprender la estructura de la partitura y su conceptualización, pero sobre todo, fue posible desarrollar el modelo de lectura documental, observar las premisas en los análisis, responder a las preguntas establecidas por el problema sobre cómo se realiza el proceso, confirmar la hipótesis del conocimiento múltiple y defender la tesis de que es posible encontrar esta información en puntos estratégicos de la partitura musical que pueden ser utilizados en el modelo de lectura documental.

**Palabras-claves:** indización; lectura documental; partitura musical; colecciones de partituras especializadas en música

## LISTA DE FIGURAS

|                                                                                       |     |
|---------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 1 – Etapas do processo de indexação                                            | 42  |
| Figura 2 – Modelo contemporâneo da compreensão de leitura                             | 49  |
| Figura 3 – Relações entre as variáveis de leitura                                     | 49  |
| Figura 4 – Notas musicais criadas com base na homenagem feita a São João Batista      | 82  |
| Figura 5 – Formação da nota musical                                                   | 83  |
| Figura 6 – Nomes e valores das notas musicais                                         | 83  |
| Figura 7 – Escala musical da letra dó                                                 | 84  |
| Figura 8 – Pauta ou pentagrama                                                        | 84  |
| Figura 9 – Atribuição de notas pelas claves                                           | 85  |
| Figura 10 – As notas musicais ao longo dos séculos                                    | 88  |
| Figura 11 – Exemplo de partitura gráfica                                              | 93  |
| Figura 12 – Processos do Mapeamento Sistemático                                       | 108 |
| Figura 13 – Fases e atividades do processo de MS                                      | 109 |
| Figura 14 – Pontuação das perguntas e das respostas                                   | 117 |
| Figura 15 – Forma de extração de dados                                                | 118 |
| Figura 16 – Exemplo de análise de pesquisas no Parsifal                               | 119 |
| Figura 17 – Exemplo de atribuição de pontuação de acordo com as perguntas nos estudos | 120 |
| Figura 18 – Elementos da partitura musical localizados em sua estrutura               | 141 |
| Figura 19 – Partitura musical Hallelujah                                              | 180 |

## LISTA DE QUADROS

|                                                                                                  |     |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Quadro 1 – Sistematização da pesquisa para apresentar a estrutura e organização das seções       | 30  |
| Quadro 2 – A teoria da indexação em diferentes correntes de pensamento                           | 38  |
| Quadro 3 – Definições de indexação por diversas normas                                           | 40  |
| Quadro 4 – Estruturas textuais                                                                   | 53  |
| Quadro 5 – Modelos de leitura documentária de diferentes tipologias documentais                  | 60  |
| Quadro 6 – Categorias essenciais e acessórias para a identificação da estrutura textual          | 64  |
| Quadro 7 – Outras categorias de elementos universais são dadas pelo sistema de indexação PRECIS  | 65  |
| Quadro 8 – Localização da essência do texto                                                      | 66  |
| Quadro 9 – Conceitos essenciais de um documento                                                  | 67  |
| Quadro 10 – Relação entre os conceitos e as partes do texto                                      | 68  |
| Quadro 11 – Princípio do modelo de leitura documentária                                          | 70  |
| Quadro 12 – Classes temáticas representativas do contexto histórico da universidade analisada    | 73  |
| Quadro 13 – Definições de partitura musical                                                      | 89  |
| Quadro 14 – principais tipos de partituras musicais                                              | 91  |
| Quadro 15 – comparação da catalogação com uso do MARC21 e Padrão de descrição de informação      | 101 |
| Quadro 16 – aspectos positivos e negativos dos metadados dos sistemas                            | 103 |
| Quadro 17 – Dados da revisão do MS retirados do Parsifal                                         | 112 |
| Quadro 18 – Dados do Planejamento - Protocolo do MS retirados do Parsifal                        | 112 |
| Quadro 19 – Dados das fontes de informação e da seleção de critérios do MS retirados do Parsifal | 114 |
| Quadro 20 – Dados dos critérios de seleção de documentos do MS retirados do Parsifal             | 115 |
| Quadro 21 – Notações para a transcrição do Protocolo Verbal Individual                           | 126 |
| Quadro 22 - Categorias de análise do PVI                                                         | 128 |
| Quadro 23 - Pesquisas selecionadas para análise                                                  | 131 |
| Quadro 24 - Categorias analíticas a partir do Mapeamento Sistemático                             | 132 |
| Quadro 25 - dados informacionais descritivos e temáticos                                         | 140 |
| Quadro 26 - Trechos retirados das transcrições nos apêndices para análise categórica             | 150 |
| Quadro 27 - Trechos retirados das transcrições nos apêndices para análise categórica             | 153 |
| Quadro 28 - Trechos retirados das transcrições nos apêndices para análise categórica             | 156 |
| Quadro 29 - Trechos retirados das transcrições nos apêndices para análise categórica             | 160 |
| Quadro 30 - Trechos retirados das transcrições nos apêndices para análise categórica             | 162 |
| Quadro 31 - Trechos retirados das transcrições nos apêndices para análise categórica             | 164 |
| Quadro 32 - Trechos retirados das transcrições nos apêndices para análise categórica             | 165 |
| Quadro 33 - Trechos retirados das transcrições nos apêndices para análise categórica             | 167 |
| Quadro 34 - aplicação do modelo base de identificação de dados de fotografias às partituras      | 176 |
| Quadro 35 - Ordem das informações na partitura musical                                           | 177 |
| Quadro 36 - Identificação e localização das informações na partitura musical                     | 179 |
| Quadro 37 - Grade do modelo de leitura documentária para partitura musical                       | 180 |
| Quadro 38 - Identificação e localização das informações na partitura musical                     | 182 |
| Quadro 39 - Identificação de conceitos e representação de termos na partitura musical            | 183 |

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

|              |                                                             |
|--------------|-------------------------------------------------------------|
| <b>AB</b>    | Associação Brasileira de Normas Técnicas                    |
| <b>CAPES</b> | Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior |
| <b>CI</b>    | Ciência da Informação                                       |
| <b>CN</b>    | Congresso Nacional                                          |
| <b>ECA</b>   | Escola de Comunicação e Artes                               |
| <b>ER</b>    | Entrevista Retrospectiva                                    |
| <b>EUA</b>   | Estados Unidos da América                                   |
| <b>IA</b>    | Instituto de Artes                                          |
| <b>IIMP</b>  | International Index to Music Periodicals                    |
| <b>IMG</b>   | Index Medicus Global                                        |
| <b>ISO</b>   | International Organization for Standardization              |
| <b>JSTOR</b> | Journal Storage                                             |
| <b>LD</b>    | Leitura Documentária                                        |
| <b>LISTA</b> | Library, Information Science and Technology Abstracts       |
| <b>LOC</b>   | Library of Congress                                         |
| <b>MI</b>    | Music Index                                                 |
| <b>MS</b>    | Mapeamento Sistemático                                      |
| <b>OC</b>    | Organização do Conhecimento                                 |
| <b>ONG</b>   | Organização Não Governamental                               |
| <b>ONU</b>   | Organização das Nações Unidas                               |
| <b>POC</b>   | Processos de Organização do Conhecimento                    |
| <b>PVI</b>   | Protocolo Verbal Individual                                 |
| <b>RI</b>    | Recuperação da Informação                                   |
| <b>RILM</b>  | Répertoire International de Littérature Musicale            |
| <b>RIPM</b>  | Retrospective Index to Music Periodicals                    |
| <b>RS</b>    | Revisão Sistemática                                         |
| <b>SOC</b>   | Sistema de Organização do Conhecimento                      |
| <b>TE</b>    | Termos Específicos                                          |
| <b>TCC</b>   | Trabalho de Conclusão de Curso                              |
| <b>TG</b>    | Termos Gerais                                               |
| <b>TR</b>    | Relações Associativas                                       |
| <b>UC</b>    | Universidade de Coimbra                                     |

|                |                                                            |
|----------------|------------------------------------------------------------|
| <b>UNESP</b>   | Universidade Estadual Paulista                             |
| <b>UNIMAR</b>  | Universidade de Marília                                    |
| <b>UNISIST</b> | United Nations International Scientific Information System |
| <b>UP</b>      | Use                                                        |
| <b>UP+</b>     | Use em conexão com outro termo                             |
| <b>USE</b>     | Relações de equivalência                                   |
| <b>USP</b>     | Universidade de São Paulo                                  |

## SUMÁRIO

|                                                                                                                                                     |            |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>1 INTRODUÇÃO</b>                                                                                                                                 | <b>18</b>  |
| 1.1 Objetivos e proposta:                                                                                                                           | 25         |
| 1.2 Justificativa:                                                                                                                                  | 26         |
| 1.3 Sistematização da tese:                                                                                                                         | 30         |
| <b>2 O PROCESSO DE INDEXAÇÃO NA ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO: CONCEITOS E TEORIAS</b>                                                                | <b>33</b>  |
| <b>3 A LEITURA DOCUMENTÁRIA NO PROCESSO DE INDEXAÇÃO</b>                                                                                            | <b>47</b>  |
| 3.1 Estruturas textuais verbais e não-verbais                                                                                                       | 50         |
| 3.2 O leitor: aspectos cognitivos e metacognitivos                                                                                                  | 54         |
| 3.3 O contexto: tipologias                                                                                                                          | 57         |
| 3.4 Modelos de leitura documentária                                                                                                                 | 61         |
| 3.4.1 Modelo de leitura documentária para estruturas textuais: artigo científico                                                                    | 63         |
| 3.4.2 A identificação de assuntos em fotografias: estrutura e conceitos                                                                             | 71         |
| <b>4 PARTITURAS MUSICAIS: ASPECTOS HISTÓRICOS, CONCEITUAIS E ESTRUTURAIS</b>                                                                        | <b>79</b>  |
| 4.1 A história da partitura musical                                                                                                                 | 79         |
| 4.2 A conceituação da partitura musical                                                                                                             | 88         |
| 4.3 A representação da partitura musical: aspectos normativos e os metadados                                                                        | 97         |
| <b>5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS PARA PESQUISA EXPLORATÓRIA PESQUISA DESCRITIVA COM USO DA TÉCNICA INTROSPECTIVA DO PROTOCOLO VERBAL INDIVIDUAL</b> | <b>106</b> |
| 5.1 Estudo teórico interdisciplinar sobre processo de indexação e partitura musical: mapeamento sistemático                                         | 107        |
| 5.1.1 Aplicação do método do mapeamento sistemático                                                                                                 | 111        |
| 5.2 Estudo de observação dos procedimentos de leitura documentária na indexação de partituras musicais: Protocolo Verbal Individual                 | 120        |
| <b>6 RESULTADOS DA PESQUISA DESCRITIVA PARA ANÁLISE DA ESTRUTURA DE PARTITURAS MUSICAIS</b>                                                         | <b>130</b> |
| 6.1 O conceito de partitura musical e a leitura de sua estrutura                                                                                    | 133        |
| 6.2 Dados informacionais descritivos e temáticos na partitura musical                                                                               | 139        |
| 6.3 O leitor e o contexto da partitura musical                                                                                                      | 143        |
| <b>7 RESULTADOS DO ESTUDO DE OBSERVAÇÃO DOS PROCEDIMENTOS DE LEITURA DOCUMENTÁRIA NA INDEXAÇÃO DE PARTITURAS</b>                                    | <b>146</b> |
| 7.1 Categorias de análise das transcrições dos protocolos verbais                                                                                   | 148        |
| 7.2 Síntese dos principais resultados obtidos                                                                                                       | 167        |
| <b>8 MODELO DE LEITURA DOCUMENTÁRIA PARA PARTITURAS MUSICAIS</b>                                                                                    | <b>170</b> |

|                                                                                                                             |            |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>8.1 Aplicação prática da leitura documentária à partitura musical</b>                                                    | <b>180</b> |
| <b>9 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>                                                                                               | <b>185</b> |
| <b>Referências</b>                                                                                                          | <b>188</b> |
| <b>Apêndice A - Modelo de e-mail de contato</b>                                                                             | <b>208</b> |
| <b>Apêndice B - Modelo de consentimento livre e esclarecido</b>                                                             | <b>209</b> |
| <b>Apêndice C - Transcrição da coleta de dados na Biblioteca A</b>                                                          | <b>212</b> |
| <b>Apêndice D - Transcrição da entrevista retrospectiva com os bibliotecários catalogadores/indexadores da Biblioteca A</b> | <b>217</b> |
| <b>Apêndice E - Transcrição da coleta de dados na Biblioteca B</b>                                                          | <b>228</b> |
| <b>Apêndice F - Transcrição da entrevista retrospectiva com os bibliotecários catalogadores/indexadores da Biblioteca B</b> | <b>231</b> |
| <b>Apêndice G - Transcrição da coleta de dados na Biblioteca C</b>                                                          | <b>239</b> |
| <b>Apêndice H - Transcrição da entrevista retrospectiva com os bibliotecários catalogadores/indexadores da Biblioteca C</b> | <b>243</b> |
| <b>Apêndice I - Transcrição da coleta de dados na Biblioteca E - entrevista</b>                                             | <b>251</b> |
| <b>Anexo A - Parecer de aprovação do comitê de ética</b>                                                                    | <b>273</b> |
| <b>Anexo B - Roteiro para identificação dos dados em fotografias</b>                                                        | <b>278</b> |
| <b>Anexo C - Roteiro para identificação de dados em notícias de jornais</b>                                                 | <b>279</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

Ao considerar a partitura musical enquanto documento, a origem da presente pesquisa surgiu ao cursar uma disciplina durante o Mestrado Acadêmico em Ciência da Informação (CI), realizada na Universidade Estadual Paulista (UNESP), no período de 2019-2021, intitulada “Modelos de Leituras para o processo de indexação”, ministrada pela Profa. Dra. Mariângela Spotti Lopes Fujita e pela Profa. Dra. Roberta Caroline Vesu Alves. O trabalho proposto para a avaliação final da disciplina, em formato de artigo, foi sobre a elaboração de um modelo de leitura documentária para a partitura musical, com o intuito de elencar informações consideradas essenciais de uma partitura musical para realizar o processo de indexação. A partir desse artigo, percebeu-se a existência de muita complexidade para desenvolver-se um modelo de leitura documentária, devido aos símbolos compostos em sua estrutura. Dessa forma, optou-se por reformular a pesquisa para o projeto de um futuro doutorado e transformá-lo em tese, pois o curso permitiria realizar o aprofundamento de questões complexas que envolvem as temáticas da indexação e música.

Historicamente, o termo documento foi introduzido na Antiguidade, a partir de suas características de ensino e instrução. Por volta de 1214, o termo latino “*documentum*” se referia a exemplos, modelos e palestras, cuja sua funcionalidade foi o foco até em torno do século XVII (Lund, 2009).

Posteriormente, o documento passou a ser entendido a partir de sua escrita, considerado um testemunho da razão, ordem e ideias, em que teve como função fornecer evidências, originando, dessa forma, uma concepção voltada para o aspecto jurídico, conhecido também como diplomática. A validade do documento pode ser atestada pela estrutura técnica e material da sua composição, bem como pela autoridade que o compilou. Nesse aspecto, Macneil (2000) explica que são evidenciadas questões como autenticidade e capacidade do documento em fornecer informações.

A definição de documento, por fim, é introduzida por Bellotto (1991, p. 14) como qualquer “elemento gráfico, iconográfico, plástico ou fônico pelo qual o homem se expressa. É tudo o que seja produzido por razões funcionais, jurídicas, científicas, culturais e artísticas pela atividade humana”. Já o documento, pela perspectiva de Otlet (1996) pode ser considerado como um ponto de convergência dos processos de

comunicação, acumulação e transmissão do conhecimento, da criação e do desenvolvimento de instituições. O autor ainda considera o termo “documento” como um objeto capaz de proporcionar a construção de novos conhecimentos científicos.

Ao mesmo tempo, Buckland (2014) apresenta três perspectivas diferentes acerca do documento: (i) *visão material convencional, visual instrumental e visão semiótica*. A visão convencional está relacionada aos documentos como registro gráfico, geralmente, de forma textual, inscrito ou exibido em uma superfície plana, como argila, tablete, papel, microfilme e tela de computador, que é material, local e, em geral, transportável. Esses objetos são produzidos como documentos.

A visão instrumental, por sua vez, parte da perspectiva que quase qualquer coisa pode ser feita para servir como um documento, com o intuito de significar algo e representá-lo como evidência, como, por exemplo, modelos, brinquedos educativos, coleções de história natural e vestígios arqueológicos.

Diferente dos dois aspectos anteriores, que enfatizaram a criação de documento a partir da sua intencionalidade, a perspectiva semiótica mostra o documento enquanto um objeto social, pois não há intenção criativa, apresenta-se, nesse sentido, como um signo, um objeto que possui forma e conteúdo e representa algo para alguém ao ser atribuído um valor (Buckland, 2014).

Para o objeto ser considerado como documento, Pédaque (2003) elucida que é necessário possuir o ato da percepção, a partir de três aspectos do seu uso: (i) enquanto percepção física (ver), esforço intelectual (leitura) e interpretação (compreensão), o que compreende que tanto o criador quanto o sujeito perceptor possui importâncias no que pode ser considerado como documento.

O documento como forma, segundo Pédaque (2003), é posto como um objeto (material) ou uma inscrição de um objeto (imaterial) de comunicação entre o emissor e o receptor. Os documentos são compostos de dados estruturados inscritos em um suporte material, que permitem a sua propagação, disponibilização de informação entre um produtor e um leitor, geralmente, por regras comuns ao processo, independentemente do fim a que se propõe.

O documento enquanto signo, ainda explica Pédaque (2003), é visto como conteúdo, dependendo do contexto de recepção e das condições de interpretação. Dessa forma, o documento não se limita pela leitura sequencial definida pelo autor no momento da criação, pois ele incorpora a visão do usuário e sua interpretação. O

documento como meio pode abranger todas as aproximações que analisam os documentos enquanto um fenômeno social, um elemento tangível de uma comunicação entre seres humanos demarcada pela sociabilidade (Pédauque, 2003). Nesse contexto, Reyes Gallegos (2016) complementa ao estabelecer que há diferentes tipos de documentos, no contexto dos escritos, por exemplo, há a partitura musical.

Com base nessa contextualização, a partitura musical pode ser considerada como um documento, de acordo com a definição estabelecida por Briet (1951, p. 1) em seu manifesto, como “todo indício, concreto ou simbólico, conservado ou registrado, com a finalidade de representar, reconstituir ou provar um fenômeno físico ou intelectual”. Apesar de poder considerar a definição mais genérica, a autora explica que o documento deve servir como uma evidência, com uma preocupação voltada ao registro enquanto prova e não com o texto inserido (Briet, 1951, 2016).

Buckland (2018) complementa essa linha de pensamento ao explicar que houve muitos autores que incluíram mapas, diagramas, desenhos e imagens com registros textuais em uma categoria denominada como registros gráficos. No entanto, não houve tanta aceitação por parte da academia na época e, por isso, acabou por desuso do termo.

A definição apresentada por Briet (1951, 2016) está de acordo com a acepção apresentada por Otlet (1934), em seu livro chamado *Traité de documentation* (Tratado da documentação, tradução livre), no qual o autor estabelece que documentos são registros gráficos e escritos, que, por sua vez, são representações de ideias ou objetos. O autor possuía uma perspectiva acerca de documentos como comprovação de fatos, que representavam os detalhes do mundo.

Bellotto (1991, p. 14) complementa a publicação de Otlet ao dizer que o documento é “tudo o que seja produzido por razões funcionais, jurídicas, científicas, técnicas, culturais ou artísticas pela atividade humana”. Nesse sentido, pode-se considerar o documento como a forma do ser humano se expressar através de registros enquanto suporte, sejam eles físicos ou digitais, enquanto o conteúdo pode-se considerar como propriedade intelectual, ou seja, as obras, compostas por ideias ou produtos imateriais, que ganham valor ao ser representadas pelos seus suportes.

A definição de documento que melhor representa o contexto da atual pesquisa foi apresentada por Buckland (2018, p. 4, tradução livre), em que diz que o documento

é “usado como um termo genérico que inclui não apenas livros, artigos e cartas publicadas e não publicadas, mas também músicas, imagens e gravações sonoras”. O autor ainda estabelece que um objeto pode ser considerado como documento, mediante a existência de uma afirmação ou de uma percepção de evidência para alguma crença, o que pode ser algo relativo em relação à realidade, principalmente, por considerar seres humanos, que podem possuir diferentes acepções acerca dos conceitos e seus significados.

Com base no princípio de que nem todo documento é textual e verbal, dessa forma, a partitura musical pode ser tida como um documento textual e não verbal, visto que ela consegue ser caracterizada a partir dos apontamentos realizados pelos autores supracitados. O seu conteúdo é definido como objeto imaterial, uma propriedade intelectual, presente pela composição, obra ou informação musical (Smiraglia, 2002), que necessita de um suporte para ser expresso. O documento musical é caracterizado, nesse sentido, como o suporte que comporta a obra ou a composição, o registro da música, e será executado ao ser interpretado pelo musicista.

Nesse contexto, Bellotto (2010) explica que no acervo especializado, em que envolve atividades musicais (ensino, prática e execução), há diferentes tipos de documentos musicais, denominados como musicográficos, iconográficos, sonoros e audiovisuais. Para esclarecimento de escolhas para a pesquisa, não será aprofundado o contexto institucional desse tipo de documento, justamente por existir diferentes perspectivas de abordagem (Biblioteconomia, Arquivologia, Museologia e Musicologia), não cabíveis para a atual discussão proposta pelo estudo.

Dessa forma, o termo partitura musical denota o mesmo sentido de documento musical. Bellotto (2007, p. 35) complementa ao estabelecer que a partitura é constituída por uma série de sinais dentro de uma linguagem particular e que possui uma concepção mais abrangente quando comparada a “qualquer elemento gráfico, iconográfico, plástico ou fônico pela qual o homem se expressa”. Nesse sentido, a partitura musical é estabelecida como um tipo de documento e, pela perspectiva de Samson (2001), é utilizada uma notação musical manuscrita, digital ou impressa, para que sejam feitas representações de vozes e instrumentos de uma determinada obra.

Diante disso, com o intuito de verificar a existência de publicações envolvendo a temática, foram realizadas simulações de buscas, sem critérios definidos *a priori*.

Como resultados parciais, foram encontradas publicações que podem ser utilizadas para explicar a contextualização do problema da pesquisa. Na pesquisa de Sotuyo Blanco (2016), por exemplo, foram identificados quatro problemas comuns nesse tipo de acervo: condições infraestruturais; condições de guarda e preservação; regulamento e condições de disponibilização para pesquisa e divulgação; sistemas de catalogação e descrição documental utilizados.

Com base nesses problemas apontados pelo autor supracitado, outros estudos, desenvolvidos em outros períodos, relataram problemas similares em diferentes níveis.

- *Condições de guarda e preservação*: problemas de acessibilidade em acervos musicais especializados, devido à falta de conservação e preservação adequados (Borges, 2006).
- *Regulamento e condições de disponibilização para pesquisa e divulgação*: baixo nível de consistência na avaliação da indexação em uma biblioteca universitária especializada em artes plásticas, música e teatro, representado por altos percentuais de descritores que não obedeceram às normas para realizar o processo (Strehl, 1998); análise do manual de catalogação de partituras de uma instituição em que os autores observaram a existência de uma escassez de representação temática nesse documento (Barbosa; Lunardelli, 2021).
- *Sistemas de catalogação*: inconsistências na representação e recuperação de sistemas que possuíam a partitura musical em seu acervo; falta de atendimento, por parte dos modelos de catalogação e indexação, às necessidades dos pesquisadores músicos, leigos interessados ou musicólogos; carência de especialização aos catalogadores e indexadores (Matos, 2007); análise documental precária na representação de conteúdos (Cavalcanti; Carvalho, 2011); prática de indexação e representação no domínio da música com o intuito de observar a estruturação do vocabulário controlado e constatação dos instrumentos serem escassos e falhos (Carmo; Conceição, 2018); análise da indexação em catálogos especializados em música e a observação de uma falta de representação adequada (Tolare; Fujita, 2020).

Com base na contextualização desenvolvida acima, ao estabelecer a partitura enquanto um tipo documental e nas observações relatadas por diferentes autores (Borges, 2006; Barbosa; Lunardelli, 2021; Carmo; Conceição, 2018; Cavalcanti; Carvalho, 2011; Matos, 2007; Sotuyo Blanco, 2016; Strehl, 1998; Tolare; Fujita, 2020) acerca das condições do processo de organização, representação e recuperação de partituras musicais, foi possível elaborar as principais premissas:

- *O documento partitura musical*: a partitura musical é considerada como um tipo de documento não-verbal e textual, porém, a partir de publicações (Almeida; Wolffenbuttel, 2019; Baia, 2011; Bairral, 2010; Cavalcanti; Carvalho, 2011; Ferreira; Maculan, 2017; Figueiredo; Souza; Souza, 2020; Gaertner; Pereira, 2009; Mojola, 1990; Nogueira, 2009; Silva; Aldabalde, 2021; Urbanik, 2003), ela tem sido organizada como um documento textual, bem como o momento de realizar sua leitura durante o processo de indexação. Ao tratar da partitura musical como um documento textual, e desconsiderar seus caracteres simbólicos, torna-se possível que ocorram prejuízos significativos em sua representação temática e em sua recuperação.
- *O indexador da partitura musical*: os profissionais da informação, como bibliotecários e arquivistas, com destaque para indexadores, geralmente, não possuem conhecimento musical suficiente para atender às necessidades informacionais dos músicos e regentes. Estes, por sua vez, desconhecem acerca das técnicas e padrões dos processos de Organização do Conhecimento (OC) estabelecidos para o tratamento documental. A dificuldade em não conseguir entender a linguagem musical não impede, em absoluto, que seja feito um trabalho adequado no tratamento dessas partituras musicais, desde que sejam dotados por ferramentas pertinentes ao contexto inserido. No entanto, o conhecimento do profissional da informação e do músico são igualmente necessários, visto que a “dificuldade no tratamento de partituras musicais é algo intrínseco à própria forma musical” (Faria, 2009, p. 86-87). Ao observar a prática, o autor ainda justifica essa premissa ao dizer que esse profissional, muitas vezes, desenvolve métodos próprios de tratamento, que, por sua vez, são poucos documentados e difundidos, o que dificulta o processo

de organização, representação e recuperação das partituras, restringindo seu acesso aquele determinado lugar.

- *Indexação de partitura musical:* ao pesquisar a literatura publicada envolvendo partitura musical e indexação, em específico, a leitura documentária percebeu-se uma quantidade limitada de estudos, com menos de 10 pesquisas. Nesse contexto, apresentar poucas publicações, em uma determinada temática, podem expor uma série de precariedades nas investigações que envolvem acervos especializados em música. Esses estudos mostraram falhas, como sistemas que não conseguem recuperar adequadamente e falta de conhecimento especializado, o que é prejudicial para o desenvolvimento das áreas abordadas na teoria e na prática. Essa premissa é evidenciada pela realização de buscas por trabalhos que combinassem leitura documentária com partitura musical. O método utilizado é aprofundado na seção de procedimentos metodológicos.

O estudo de Faria (2009, p. 86) também possibilitou justificar essa premissa, pois “não há produção científica em grande escala sobre como as orquestras tratam sua documentação musical no dia a dia, campo igualmente rico em material, que tem sido pouco explorado em termos de pesquisa e sistematização”. Apesar do autor se referir, em um primeiro momento, às orquestras, ele ainda continua a explicação de que “as escolas de Biblioteconomia e Arquivologia no Rio de Janeiro examinam com pouca profundidade a questão do tratamento de partituras e as Escolas de Música tratam do assunto de forma mais superficial”. Mesmo abordando apenas o Rio de Janeiro como local da pesquisa, pôde-se observar uma expansão das mesmas práticas no território nacional.

Com base nas premissas apresentadas e em função da necessidade de aprofundamento do conhecimento sobre indexação de partitura musical conforme os resultados de estudos realizados, o problema desta pesquisa é que a partitura musical é um documento com características não-verbais e textuais, cujo processo de indexação necessita de conhecimento especializado com práticas profissionais adequadas à leitura documentária para identificação e seleção de conceitos da partitura musical.

A partir do problema pôde-se realizar os seguintes questionamentos: Qual é a prática profissional para a indexação de partitura musical? O que é considerado assunto na partitura e como ele deve ser representado? Quais são os critérios para a identificação e seleção de conceitos na análise de assunto de partituras musicais durante a leitura documentária?

A **hipótese** que se procura corroborar é a de que:

- Para que se possa realizar a leitura documentária da partitura musical é necessário obter conhecimento múltiplo: processo de indexação, teoria musical e leitura de partitura musical. O conhecimento múltiplo possibilita observar aspectos que podem ser considerados estratégicos para identificação e seleção de conceitos representativos de conteúdo.

O conhecimento somente em teoria musical comporta para aqueles que querem, de forma geral, obter entendimento acerca do domínio da música, reproduzir canções e executar uma performance musical sem necessariamente utilizar partitura musical. O conhecimento na leitura da partitura musical vai além de saber a teoria musical, pois pode-se utilizar estratégias de memorização de como a música é executada em um determinado instrumento musical. O conhecimento dos procedimentos de indexação é voltado, em suma maioria, para a atribuição de termos representativos de diferentes tipos de documentos, quase sempre textuais, o que difere da partitura musical.

A **tese** da pesquisa:

- Os pontos estratégicos da partitura musical, em sua estrutura, podem ser utilizados para realizar a sua leitura documentária, de modo que possibilite observar esse tipo de documento como não-verbal e textual ao mesmo tempo; e, dessa forma, obter subsídios que proporcione a construção de um modelo de leitura documentária.

### **1.1 Objetivos e proposta:**

A proposta consiste em analisar como o processo de indexação é realizado na prática e identificar as informações na partitura musical, que podem ser utilizadas

como assunto na representação temática, com base nos dados coletados e no aprofundamento teórico.

O **objetivo geral** da tese consiste em propor um modelo de leitura documentária para indexação de partitura musical e, para isso, tem-se os seguintes **objetivos específicos**:

- Aprofundar a literatura interdisciplinar publicada sobre indexação de partituras musicais, de modo a trazer reflexões e discussões teóricas relevantes, de acordo com o estabelecido por autores.
- Elaborar estudo teórico sobre partituras musicais como documento imagético textual e não-verbal.
- Identificar informações compostas na partitura musical para serem utilizadas como assunto, na representação temática, durante o processo de indexação.
- Investigar os procedimentos de leitura documentária feitos por indexadores no processo de indexação de partitura musical em acervos especializados em música, como parte empírica do desenvolvimento do estudo.
- Realizar proposta de modelo de leitura documentária para a indexação do documento partitura musical.

## **1.2 Justificativa:**

A justificativa em realizar esta tese parte da necessidade de aprofundamento teórico interdisciplinar sobre partitura musical, devido à complexidade apresentada em sua estrutura, na carência de conhecimento por parte dos indexadores, na precariedade relatada na indexação de partituras musicais, na contextualização do problema e na escassez de pesquisas que abordam ambas as temáticas.

Desenvolver esta pesquisa poderá proporcionar debates e discussões necessárias acerca do domínio da música na organização do conhecimento, como representar esse tipo de objeto, o impacto que ele pode ter para a evolução da área e, principalmente, para que o usuário consiga acessar a informação de forma consistente, sem haver prejuízos em sua recuperação. A importância dela está caracterizada a partir da concepção de que é necessário organizar o conhecimento

para socializá-lo e que é possível ampliar os horizontes da indexação, para além dos processos de indexação e desenvolvimento de modelos de leitura documentária voltados para objetos mais tradicionais, como texto impresso.

A escolha da temática da pesquisa também partiu da aproximação da pesquisadora com o objeto de estudo, ao estudar música desde a infância e depois ao estudar os processos da OC no contexto biblioteconômico. Nesse sentido, houve uma curiosidade intrínseca acerca de como os procedimentos de representação temática eram feitos para esse tipo de documento. A oportunidade veio ao desenvolver um projeto relacionando ambas as temáticas e conseguir uma vaga em um Doutorado em Ciência da Informação, na UNESP.

No contexto da CI, na UNESP, já havia publicações e desenvolvimento de modelos de leitura documentária desenvolvidos por outros discentes, pesquisadores e docentes. Em 1993, ocorreu o desenvolvimento do grupo de pesquisa intitulado “Análise documentária”, sob a liderança da profa. Dra. Mariângela Spotti Lopes Fujita e do prof. Dr. João Ernesto de Moraes, inserido no campo da Ciência da Informação, localizado na UNESP, Campus de Marília/SP. Ele possuiu os seguintes objetivos:

- Analisar referenciais teóricos e metodológicos nacionais e internacionais na área da organização da informação;
- Desenvolver referenciais teóricos e metodológicos que propiciam a elaboração de produtos documentários;
- Investigar todos os procedimentos (análise, síntese, condensação e representação documentária);
- Analisar as perspectivas de formação e atuação profissional em organização da informação;
- Discutir as dimensões teóricas e aplicadas da organização do conhecimento na época;
- Investigar a aplicabilidade de instrumentos metodológicos das áreas de interface à pesquisa em organização da informação.

As linhas de pesquisas pertencentes ao grupo de estudo eram: leitura para análise documentária de conteúdo; linguagens documentárias para áreas especializadas; metodologias de análise e condensação de documentos; imagens em unidades de informação e OC.

Com destaque para a linha leitura para análise documentária de conteúdo, havia por objetivo estudar os fundamentos teóricos-práticos para fins de análise documentária no tratamento da informação; investigar as estratégias de compreensão de leitura para diferentes áreas de assunto e tipos de estrutura textual; investigar o uso de técnicas de coleta de dados introspectivos na área de leitura em análise documentária; e investigar o uso de técnicas do protocolo verbal em grupo como recursos pedagógicos em CI.

Muitos pesquisadores participavam desse grupo, em diferentes níveis, que variavam desde a graduação, mestrado e doutorado até professores locais e outros pesquisadores externos. A pesquisa desses profissionais, em específico, na linha de leitura para análise documentária de conteúdo, possibilitou a publicação de diversos estudos voltados para essa temática e apresentou uma contribuição significativa para o desenvolvimento da leitura no contexto dos processos de indexação.

Uma vertente de trabalhos desenvolvidos, nesse contexto, foram os modelos de leitura documentária em diferentes tipos de documentos, em TCC, dissertações e teses. As temáticas abordadas foram:

- *Nível de doutorado (tese)*: Leitura documentária em doutrinas, área do Direito (Reis, 2019).
- *Nível de mestrado (dissertação)*: LD em Bibliotecas universitárias (Redigolo, 2010); ensino do modelo de LD (Borba, 2006); exploração textual da LD (Silva, 2004); e leitura documentária em jornais (Fagundes, 2001).
- *Nível de graduação (TCC)*: Modelo de LD em artigos de jornais (Fagundes, 1997; Ferraz, 2008); LD voltada para o indexador (Oliveira, 2002; Salamene, 2000); compreensão da leitura documentária (Tartarotti, 2002); LD na prática (Silva, 2000); estratégias da leitura documentária na área de Agronomia (Pires, 1999); estratégias da leitura documentária no campo da energia nuclear (Iwashita, 1999).

Todas as pesquisas contribuíram para a consolidação da leitura documentária e o desenvolvimento de diversos modelos. Essas contribuições permitiram a publicação de dois livros: “Leitura documentária: estudos avançados para a indexação”, organizado pelas profas. Dra. Mariângela Spotti Lopes Fujita, profa. Dra. Amélia de Brito Neves e a profa. Dra. Paula Regina Dal'Evedove, em 2017; e o livro

“Modelos de leitura documentária para indexação: abordagens teóricas interdisciplinares e aplicações em diferentes tipos de documentos”, organizado pelas profa. Dra. Mariângela Spotti Lopes Fujita, profa. Dra. Roberta Caroline Vesu Alves e pelo prof. Dr. Carlos Cândido de Almeida, em 2020.

No primeiro livro supracitado, foram publicados os seguintes modelos de leitura documentária: literatura infantil do gênero fábula (Alves, 2017); textos científicos (Fujita; Rubi, 2006a, 2006b; Manual explicativo, 2017). No segundo livro, houve as seguintes publicações sobre modelos de leitura documentária: doutrina (Reis, 2020); textos narrativos de ficção (Sabbag, 2020); artigos de jornais (Fagundes, 2020); literatura infantojuvenil em prosa (Alves, 2020); acórdãos dos tribunais de contas (Ferreira; Maculan, 2020); fotografia através da semiótica (Gatto; Almeida, 2020).

Esses modelos surgiram com base em um modelo desenvolvido por Fujita (2003) e Fujita e Rubi (2006a, 2006b), com uso do método do Protocolo Verbal. Fujita (2003) explicou que essa elaboração ocorreu oriundo da estrutura textual com a identificação de conceitos, em sua tese de livre docência, fundamentados na análise conceitual do sistema de *PREserved Context Indexing System* (PRECIS)<sup>2</sup> e na abordagem sistemática da norma ABNT 12.676 (1992).

A viabilidade do estudo está em sua estruturação, marcada pela escolha de diferentes métodos teóricos e empíricos bem consolidados, combinados para analisar e observar a representação temática de uma partitura musical. A pesquisa é considerada benéfica, pois pode auxiliar nos procedimentos de indexação de partituras musicais, em especial, para aqueles profissionais que não possuem o conhecimento necessário para realizar o processo.

Ademais, discentes, docentes, musicólogos e outros pesquisadores da área da música e da CI se beneficiarão em conseguir ter mais acesso aos documentos que desejam, já que a indexação se tornará mais consistente, com uma representação temática mais adequada e uma recuperação de partituras mais eficaz.

---

<sup>2</sup> “Criado pelo prof. Dr. Derek Auystin em 1968, [...] [ele é] um sistema de indexação alfabético de assunto dotado de uma metodologia própria para construir índices de assunto por computador, notadamente os da British National Bibliography durante duas décadas” (Fujita, 2003, p. 212).

### 1.3 Sistematização da tese:

A seguir disponibiliza-se o Quadro 1, com a sistematização da pesquisa descrita, para explicar a sua estrutura e como as seções estão organizadas.

Quadro 1 – Sistematização da pesquisa para apresentar a estrutura e organização das seções

| <b>SISTEMATIZAÇÃO DA PESQUISA</b>                                         |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
|---------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Estrutura</b>                                                          | <b>Delimitação</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| <b>Problema</b>                                                           | A partitura musical é um documento com características não-verbais e textuais cujo processo de indexação necessita de conhecimento especializado com práticas profissionais adequadas à leitura documentária para identificação e seleção de conceitos da partitura musical.                                                               |
| <b>Proposta</b>                                                           | Analisar como o processo de indexação é realizado na prática e identificar as informações na partitura musical que podem ser utilizadas como assunto na representação temática, com base nos dados coletados e no aprofundamento teórico.                                                                                                  |
| <b>Objetivo geral</b>                                                     | Propor um modelo de leitura documentária para indexação de partituras musicais                                                                                                                                                                                                                                                             |
| <b>Seção 2</b><br><i>Fundamentação teórica sobre OC</i>                   | <b>Objetivo específico 1:</b> aprofundar a literatura publicada interdisciplinar sobre indexação de partituras musicais, de modo a trazer reflexões e discussões teóricas relevantes, de acordo com o estabelecido por autores.<br><br><b>Título da seção:</b> O processo de indexação na organização do conhecimento: conceitos e teorias |
| <b>Seção 3</b><br><i>Fundamentação teórica sobre leitura documentária</i> | <b>Objetivo específico 1:</b> aprofundar a literatura publicada interdisciplinar sobre indexação de partituras musicais, de modo a trazer reflexões e discussões teóricas relevantes, de acordo com o estabelecido por autores.<br><br><b>Título da seção:</b> A leitura documentária na Organização do Conhecimento.                      |
| <b>Seção 4</b><br><i>Fundamentação teórica sobre partitura musical</i>    | <b>Objetivo específico 2:</b> elaborar estudo teórico sobre partituras musicais como documento imagético textual e não-verbal.<br><br><b>Título da seção:</b> Partituras musicais: aspectos históricos, conceituais e estruturais.                                                                                                         |
| <b>Seção 5</b><br><i>Metodologia</i>                                      | Procedimentos metodológicos para pesquisa descritiva e pesquisa exploratória com uso da técnica introspectiva do Protocolo Verbal                                                                                                                                                                                                          |

|                                                                                                                                  |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                                                                                                                  | Individual                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| <b>Seção 6</b><br><i>Resultados da Pesquisa descritiva para análise da estrutura de partituras musicais</i>                      | <b>Objetivo específico 3:</b> Identificar informações compostas na partitura musical para serem utilizadas como assunto, na representação temática, durante o processo de indexação.<br><br><b>Título da seção:</b> Resultados da Pesquisa descritiva para análise da estrutura de partituras musicais.                                                                                   |
| <b>Seção 7</b><br><i>Resultados do Estudo de observação dos procedimentos de leitura documentária na indexação de partituras</i> | <b>Objetivo específico 4:</b> Investigar os procedimentos de leitura documentária feitos por indexadores no processo de indexação de partitura musical em bibliotecas especializadas em música, como parte empírica do desenvolvimento do estudo.<br><br><b>Título da seção:</b> Resultados do estudo de observação dos procedimentos de leitura documentária na indexação de partituras. |
| <b>Seção 8</b><br><i>Proposta de um modelo de leitura documentária</i>                                                           | <b>Objetivo 5:</b> realizar uma proposta de modelo de leitura documentária para a indexação do documento partitura musical.<br><br><b>Título da seção:</b> Proposta de um modelo de leitura documentária.                                                                                                                                                                                 |
| <b>Seção 9</b><br><i>Considerações finais</i>                                                                                    | Desenvolvimento das considerações finais com base na discussão proporcionada pelo aprofundamento teórico, análise bibliográfica e análise dos dados.                                                                                                                                                                                                                                      |

Fonte: Elaborado pela autora.

A tese começou a ser estruturada pela Introdução, em que apresentaram-se as condutas tomadas para o desenvolvimento da pesquisa, como a contextualização do tema, as premissas, problemática, hipótese e tese, os objetivos, a justificativa e sua importância para a sociedade.

A seção 2 é composta pela fundamentação teórica, realizada por marcos teóricos, em diferentes fontes de informação, para tornar o aprofundamento teórico mais completo. Nessa seção é discutida acerca da Organização do Conhecimento (OC), em particular, sobre a conceituação e teoria da indexação. A seção 3 aborda, especificamente, a leitura documentária, apresentando os modelos de leitura e sua relação com a OC, bem como os aspectos estruturais, cognitivos e contextuais que envolvem o leitor profissional e o processo de leitura. O objetivo foi refletir sobre o desenvolvimento da área e a sua consolidação para realizar o processo de indexação de partituras musicais.

A seção 4, também composta pela fundamentação teórica, é discorrida sobre os aspectos teóricos históricos, conceituais e estruturais da partitura musical. Nessa seção, o intuito está em refletir a concepção da partitura musical ao longo dos séculos,

suas definições e conceitos e a construção de sua estrutura para que se possam extrair conceitos, para transformar em termos, para a representação temática.

A metodologia é descrita e caracterizada na seção 5 em duas partes: uma teórica e outra empírica. As partes teóricas são desenvolvidas a partir do método de Mapeamento Sistemático (MS), com etapas bem estabelecidas para realizar o aprofundamento teórico necessário para obter reflexões. O objetivo está em analisar as estruturas da partitura musical e observar quais dados podem ser considerados descritivos e temáticos. A parte empírica é composta pela aplicação da técnica do Protocolo Verbal Individual (PVI), com o objetivo de observar como a indexação de partitura musical é realizada por bibliotecas especializadas em música na prática.

Na seção 6 desenvolvem-se os resultados, para apresentar os dados da pesquisa descritiva para análise da estrutura da partitura musical. A seção 7 consiste em trazer resultados acerca do estudo de observação dos procedimentos de leitura documentária na indexação de partituras musicais, obtidos através da aplicação do PVI. A partir destas duas seções, a 8 consiste em apresentar os aspectos conceituais e estruturais com o intuito de desenvolver um modelo de leitura, com base na seção anterior. Ela consistiu em apontar aspectos estruturais da partitura musical, que podem ser utilizados como base para o desenvolvimento de um modelo de leitura documentária.

As considerações finais, na seção 9, visou discorrer acerca do desenvolvimento da tese, desde a sua introdução até os apontamentos dos aspectos para o modelo de leitura documentária. Essa seção reuniu, por fim, as considerações finais sobre o processo de indexação de partituras musicais.

## **2 O PROCESSO DE INDEXAÇÃO NA ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO: CONCEITOS E TEORIAS**

Nessa seção são apresentadas reflexões, obtidas da literatura nacional e internacional, acerca da leitura documentária na OC, como modo de observar os aspectos que relacionam os temas. A seção inicia-se com a contextualização da organização do conhecimento, de modo a obter entendimento acerca da sua construção e influência na atualidade. A partir dessa contextualização, aprofunda-se nos Processos de Organização do Conhecimento (POC), em especial, nos aspectos conceituais e teóricos da indexação.

Organizar o conhecimento, enquanto classificação das ciências, pode ser considerado algo antigo, que remonta à época da civilização Grega, em destaque, Platão (427-347 a. C.) e Aristóteles (384-322 a. C.), que, embora não tenham sido os primeiros estudiosos a abordar esse tema, ambos filósofos debateram acerca da origem dos conceitos. Moreira (2018, p. 57) explica que o segundo filósofo contribuiu significativamente para os estudos de OC, em destaque, nos processos que envolvem “classificação do conhecimento e, posteriormente, da organização da informação e de documentos em sistemas documentários, foi seu conjunto de categorias e sua respectiva fortuna crítica de estudos e derivações”.

Especificamente, para Aristóteles, o conceito era algo diferente da palavra, pois possuía uma realidade mental, e, por isso, ele deveria ser organizado mentalmente (Abbagnano, 1998). Nesse sentido, o filósofo introduziu a sistematização, ao classificar, de forma rigorosa, os objetos de estudos e das ciências, através de gêneros, espécies e características. Francelin (2010) complementa que o filósofo criou dez categorias, com base nos fundamentos da lógica formal, sendo elas: substância, quantidade, qualidade, relação, tempo, lugar, posição, estado, ação e paixão. Para ele, a partir dessas categorias, foi possível sistematizar o conhecimento, suas representações, por meio de conceitos, e organizar os elementos do universo. Com isso, Aristóteles influenciou diretamente na OC até os dias atuais, como em desenvolvimento de sistemas, fundamentos, parâmetros de comparação, estudos teóricos e investigações da organização e representação do conhecimento (Moreira, 2018).

No final do século XIX e no início do século XX, Charles A. Cutter, William C. Berwick Sayers, Ernest Cushing Richardson e Henry Bliss, um grupo de bibliotecários e intelectuais, estabeleceram a organização do conhecimento enquanto campo científico. Nesse período, que pode ser considerado um marco teórico para o desenvolvimento do termo e da própria área, houve as publicações dos livros “*The organization of knowledge and system of the Sciences*” e “*The organization of knowledge in libraries*” (A organização do conhecimento e dos sistemas das ciências e A organização do conhecimento em bibliotecas, tradução livre), de Henry Bliss, em 1929 e 1933, respectivamente, no qual discorrem sobre organizar o conhecimento conforme aparece nas Ciências e nos estudos acadêmicos, de forma abrangente e exploratória (Hjørland, 2016).

Para Bliss (1929), a organização do conhecimento, seja de um estudo, ciência, tecnologia ou profissão, pode assumir diversas formas, como descrição e definição de dados, classificação e tabulação, índices e serviços de informação, síntese de assuntos relacionados, classificação sistemática, organização educacional, programa ou currículos de estudos, entre outros. Eles possuem estágios de desenvolvimento e diferenciações, que podem, ou não, serem distintas ou indicadas por termos distintos.

Ainda nessa linha de raciocínio, a organização do conhecimento pode também ser estruturada e resumida pelos seguintes aspectos: descritivo ou expositivo; classificatório ou analítico; sintético ou sistemático; educacional ou cultural; bibliotecário ou bibliográfico (Bliss, 1929).

Por fim, a organização do conhecimento acaba sendo definida por Dahlberg (2006, p. 12, tradução livre) como

A ciência que estrutura e organiza sistematicamente unidades do conhecimento (conceitos) segundo seus elementos de conhecimento inerentes (características) e a aplicação de conceitos e classes de conceitos ordenados, dessa forma, para a atribuição de conteúdos de referentes (objetos/assuntos) de todos os tipos (Dahlberg, 2006, p. 12, tradução livre).

Para compreender a organização do conhecimento, em outro estudo, Hjørland (2008) a caracteriza em dois aspectos: *amplo*, que se refere ao estudo da interação entre vida social e produção de conhecimento (organização de carreiras e disciplinas em instituições de ensino e pesquisa); e *estrito*, que possui como objetivo envolver-se

com o trabalho abstrato, intelectual ou cognitivo (tabela periódica, quadro de divisão de teorias da comunicação, entre outros).

Enquanto campo de estudo, Hjørland (2008) divide a OC em: (i) *Knowledge Organization Systems* (KOS), em português, Sistemas de Organização do Conhecimento e (ii) *Knowledge Organization Processes* (KOP), Processos de Organização do Conhecimento, na tradução livre. Os SOC são compostos pelos sistemas e ferramentas utilizados nos processos. Os processos, por sua vez, são compostos pelos procedimentos, que possuem como intuito realizar a análise de assuntos, como a indexação, classificação e catalogação. Nesse estudo, a proposta está em aprofundar a literatura a partir dos procedimentos estabelecidos na indexação, por isso, o foco da teoria está neste último procedimento.

Ao investigar a conceituação de “indexação”, observou-se que sua origem ocorreu a partir do desenvolvimento do termo “*index*” (índice, tradução livre), uma prática antiga no tratamento da condensação de documentos em um catálogo (Silva; Fujita, 2004). Acerca de seu histórico, o primeiro tipo de indexação relatado era com base na memória, onde os textos eram transmitidos oralmente (Collinson, 1971).

Ainda sobre o aspecto histórico da indexação, Silva e Fujita (2004) explicam que, na biblioteca de Alexandria, possuía-se a organização através da classificação de Calímaco<sup>3</sup>, cujo catálogo era estabelecido por ordem alfabética de autores, com subordinação aos assuntos mais gerais.

No século II, também houve a compilação de *Libris Propriis Liber*, por Cláudio Galeno. A partir de sua compilação, houve o aparecimento dos primeiros guias de obras isoladas, como cabeçalhos de capítulos, tábuas de matéria ou sumários, cabeçalhos nas margens dos parágrafos e a descrição de cabeçalhos no topo das páginas (Silva; Fujita, 2004).

O século V foi marcado pela publicação da obra *Apothegmata*, considerado como um trabalho que teria se aproximado do índice alfabético de assunto, pois, de acordo com Silva e Fujita (2004), havia uma listagem de provérbios gregos sobre

---

<sup>3</sup> Calímaco, considerado como um bibliotecário discípulo de Zenódoto, foi responsável pela biblioteca de Alexandria. Passou parte da sua vida ensinando em uma escola e depois como organizador do catálogo da biblioteca. Ele organizou o acervo por assunto, com base na localização relativa, ao invés da fixa. Mesmo assim, ele não concluiu seu trabalho, que, por sua vez, foram continuados pelos bibliotecários sucessivos. A base de sua classificação era a divisão do conhecimento desenvolvida por Aristóteles, seguido pela organização de volumes por assunto e em ordem alfabética. A forma de registro foi através de estantes, mesas ou tábuas para separar por temática (Mey, 2004, p. 76-79).

tópicos teológicos. Nesse período, as obras já apresentavam uma organização por capítulos e seções numeradas, o que facilitava a sua localização.

Após uma passagem no período histórico, no século XIV, por exemplo, ocorreu a elaboração de inventários ou catálogos de livros nos mosteiros. Acerca desse tempo, Silva e Fujita (2004, p. 139) disseram que:

A noção de índice nessa época significou uma lista de conteúdo, lista de resumos ou várias notas e muito raramente essas listas representavam o que se conhece de índice atualmente. Os copistas, na tentativa de esclarecer ou indicar os pontos principais do assunto tratado em trechos ou parágrafos mais longos, escreviam às margens dos livros algumas palavras ou sentenças que indicassem o conteúdo. Isso acontecia de acordo com o grau de entendimento de cada copista, sendo mantido o critério de relevância dos pontos principais tratados nos livros até que um copista fosse substituído por outro. Temos aqui a primeira afirmação de que a indexação realizada em época diversas e por pessoas diferentes diferia, também, quanto à qualidade (Silva; Fujita, 2004, p. 139).

Ao dar continuidade na linha do tempo da indexação, em 1733, como uma consequência, houve a necessidade em se elaborar índices, que, de acordo com o introduzido por Silva e Fujita (2004, p. 139), “apresentou-se logo que surgiu a Bíblia inglesa e a indexação surgiu, então, em grande escala em 1737 com a compilação da Bíblia por Alexandre Cruden”. As autoras ainda explicam que esse teria sido o primeiro passo para que os índices adquirissem valor e influência, pois havia relações de citações com sua localização no texto.

A partir da indexação da Bíblia, realizada por Cruden, no século XVIII, Johnson estabeleceu as passagens para serem indexadas e o termo que deveria ser usado como entrada. Nesse sentido, Cruden e Johnson estabeleceram padrões de clareza e consistência para a indexação (Silva; Fujita, 2004).

Ainda acerca do histórico, a partir da difusão dos procedimentos de indexação, Silva e Fujita (2004) contextualizaram que houve o surgimento da ideia de palavras-chave na representação, na Alemanha, a partir do termo “*schlagwort*” (palavras-chave, tradução livre), o que foi considerado um marco evolutivo como forma de melhoria para a busca de informações.

Até surgir a imprensa, explicam as autoras supracitadas, a única forma de se acessar os livros encontrados nas bibliotecas dos mosteiros era através de índices, com a busca por títulos. Esse processo impulsionou Konrad Gesner a elaborar um repertório geral e europeu, denominado como *Bibliotheca Universalis*, em que foram

relacionados em torno de 12 mil títulos de livros latinos, gregos e hebraicos dos quais tinha conhecimento. Posteriormente a esse processo, publicaram um índice alfabético de assunto, sob o nome de “*Pandectarum sive partitionum universalium, libri XXI*” (Silva; Fujita, 2004).

A importância em se estudar indexação ocorreu devido ao surgimento de publicações periódicas, pois havia necessidade em elaborar uma técnica que auxiliasse a organizar por assunto esse tipo de publicação (Silva; Fujita, 2004).

Acerca das definições, um índice poderia apresentar uma diversidade de significados. No *Oxford English Dictionary*, de acordo com Hjørland (2018), por exemplo, pode ser encontrada mais de uma definição, devido aos diferentes sentidos, é expressa: como (i) indicação de algo; (ii) lista alfabética inserida no final do livro com os nomes e assuntos, com o intuito de indicar lugares; e (iii) na área da computação, caracterizada como um conjunto de itens.

Diante disso, Hjørland (2018, p. 610) definiu o índice como um “tipo de documento de destino, que tem a função de fornecer acesso às informações em ou sobre alguns documentos de origem”. Ele deriva de símbolos de origem ou atribui símbolos sobre esses documentos, com o intuito de obter acesso para o usuário.

Os índices podem ser classificados a partir de diferentes critérios, como (i) relacionados aos tipos e atributos dos documentos de origem; (ii) relacionados aos atributos dos próprios índices, como documentos de destino; e (iii) relacionados ao indexador, ao processo de indexação e ao seu contexto. Nesse sentido, eles “podem ser classificados com base em pressupostos teóricos subjacente ao processo de indexação”, como orientados aos documentos; pedidos (base nas informações fornecidas e nos assuntos); e profissional bibliotecário, como atribuição de palavras-chave pelo autor, por exemplo (Hjørland, 2018, p. 612, tradução livre). Para o autor, esses princípios são os mais importantes para a teoria da indexação.

A teoria da indexação, ainda para Hjørland (2018), está relacionada às questões de subjetividade e objetividade. Ela irá depender da interpretação do indexador, da possibilidade de o assunto ser inerente aos documentos, algo relacionado às necessidades dos usuários ou à finalidade do serviço de informação.

No campo da epistemologia, Hjørland (2018) apresentou diferentes perspectivas da teoria da indexação aplicada ao racionalismo, empirismo, historicismo e pragmatismo, conforme é possível refletir a partir do Quadro 2.

Quadro 2 – A teoria da indexação em diferentes correntes de pensamento

| Perspectivas           | Definição e método                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           | Teoria da indexação                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
|------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Racionalismo</b>    | <p>Objetivo de fornecer uma base de conhecimento sobre verdades fundamentais inerentes à alma racional antes da experiência.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Visão encontrada em Descartes, Spinoza, Leibniz e Noam Chomsky.</li> <li>- Oposição ao empirismo.</li> </ul> <p><b>Métodos:</b> intuição, dedução lógica e pensamento <i>a priori</i>.</p>                                         | <p>Os assuntos são logicamente construídos a partir de um conjunto fundamental de categorias, com regras lógicas para determinar os sujeitos dos documentos, indexá-los e depois pesquisá-los.</p> <p><b>Método:</b> analítico-sintético para isolar um conjunto de categorias básicas (análise) e construir o sujeito de qualquer documento combinando essas categorias de acordo com regras (síntese).</p> |
| <b>Visão Cognitiva</b> | <p>Posição baseada no racionalismo, em que o processo é caracterizado como operações intelectuais fundamentais e explicáveis por regras realizadas internamente.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Há uma analogia da mente do ser humano com um computador.</li> <li>- Suposição que é necessário haver algumas regras que auxiliem a orientar as atividades mentais dos indexadores.</li> </ul> | <p>Nessa teoria, há uma implicação de que as operações intelectuais fundamentais são, em princípio, explicáveis por regras reconhecidas, que geram uma frase de indexação, a partir de um dado texto. Nesse contexto, a mente é observada enquanto um computador, com certos atributos universais.</p>                                                                                                       |
| <b>Empirismo</b>       | <p>O conhecimento é baseado na experiência.</p> <p><b>Métodos:</b> observações e sensações realizadas por observadores individuais e induções de conjuntos delas.</p> <p><b>Desvantagem:</b> presunção que as investigações devem ser feitas sem suposições teóricas e interpretações subjetivas.</p>                                                                                                        | <p>A teoria é baseada na ideia de que objetos semelhantes, no caso, informacionais, compartilham um número significativo de propriedades.</p> <p>Esses objetos podem ser classificados de acordo com essas propriedades, com base nos critérios neutros e não na seleção de propriedades do aspecto teórico.<br/><i>Exemplo:</i> regra dos 20%.</p>                                                          |
| <b>Historicismo</b>    | <p>Insistência na historicidade de todo conhecimento e cognição.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Oposição à ciência cognitiva e ao cognitivismo, ao não considerar características cognitivas universais dos seres humanos, mas a cognições históricas e culturalmente específicas e situadas.</li> </ul>                                                                                       | <p>Base no desenvolvimento histórico do objeto e do sujeito.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- O contexto social ou cultural influencia na forma como o documento é percebido, interpretado e indexado.</li> <li>- A interpretação ocorre a partir da perspectiva de seu conhecimento e forma cultural ou pragmática.</li> </ul>                                                                  |

|                    |                                                                                                                                                                       |                                                                                                                                                                                                                                               |
|--------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Pragmatismo</b> | Abordagem epistemológica que enfatiza a justificação de teorias e conceitos através do exame de suas consequências e objetivos, valores e interesses que eles apoiam. | Essa teoria está de acordo com a perspectiva historicista, cujo sujeitos são relativos aos discursos específicos.<br><br>- Ênfase que a indexação não pode ser neutra, pois é uma ação que está agindo conforme as intenções do profissional. |
|--------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

Fonte: adaptado de HJØRLAND, 2018, p. 613-617.

No Quadro 2 constam as teorias da indexação observadas a partir de diferentes correntes de pensamentos. Apesar de algumas delas se oporem, como a visão cognitiva e o historicismo, pode-se estabelecer que o presente estudo possui aspectos do cognitivo, racionalismo e empirismo.

Nesse contexto, a indexação voltada para a perspectiva mais racionalista e cognitiva deve ocorrer com base em diretrizes pré-estabelecidas, dentro do ambiente inserido, ou seja, o profissional indexador irá seguir manuais que estabelecem como o procedimento será realizado. Nesse sentido, o ambiente inserido determinará a quantidade de termos, os aspectos do documento a serem levados em consideração pelo indexador, o tipo de vocabulário a ser utilizado pelo sistema e entre outros aspectos essenciais.

Ao mesmo tempo, em contraponto, o empirismo, principalmente, oriundo da experiência do profissional enquanto indexador, pode influenciar diretamente nesse procedimento, tanto positivamente quanto negativamente, devido às suas experiências mundanas e vividas. Dessa forma, acredita-se que é necessário haver equilíbrio entre as perspectivas de correntes de pensamentos. Se por um lado o indexador pode contribuir com sua experiência, por outro aspecto, as diretrizes podem auxiliar esse profissional a tornar o documento mais relevante em sua representação. Nesse caso, a indexação pode sofrer influências de variáveis.

A indexação, por fim, está relacionada ao conceito de análise de assunto. A corrente teórica inglesa a estabelece enquanto processo e é representada por autores como Foscett, Lancaster, Campos, Van Slype, Farrow e entre outros (Silva; Fujita, 2004).

Muitas normas estabelecem um significado para indexação, como a *United Nations International Scientific Information System* (UNISIST, Sistema Internacional de Informações Científicas das Nações Unidas, 1981, tradução livre), a Associação Brasileira de Normas Técnicas 12.676 (ABNT, 1992), a ANSI/NISO z39.19 (2010) e a

ISO 25.964-1 (2011). Nesse sentido, houve necessidade em reunir as definições atribuídas por essas normas, como forma de observar como elas estabeleceram as definições (*vide* Quadro 3).

Quadro 3 – Definições de indexação por diversas normas

| <b>Normas</b>                                        | <b>Definições de indexação</b>                                                                                                                                                                                                                              |
|------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>UNISIST (1981, p. 84)</b>                         | “Ação de descrever e identificar um documento de acordo com o seu assunto”.                                                                                                                                                                                 |
| <b>ABNT 12.676 (1992, p. 2)</b>                      | “Ato de identificar e descrever o conteúdo de um documento com termos representativos dos seus assuntos e que constituem uma linguagem de indexação”.                                                                                                       |
| <b>ANSI/NISO z39.19 (2010, p. 6, tradução livre)</b> | “Um método pelo qual termos ou cabeçalhos de assunto de um vocabulário controlado são selecionados por um ser humano ou computador para representar conceitos ou atributos de um objeto de conteúdo. Os termos podem ou não ocorrer no objeto de conteúdo”. |
| <b>ISO 25.964-1 (2011, p. 5, tradução livre)</b>     | “Análise intelectual do assunto de um documento para identificar os conceitos nele representados e atribuir os termos de índice correspondentes para permitir a recuperação das informações”.                                                               |

Fonte: elaborado pela autora.

O Quadro 3 reúne algumas definições estabelecidas por normas internacionais (UNISIST, 1981; ANSI/NISO z39.19, 2010; ISO 25.964-1, 2011) e nacionais (ABNT, 1992). Com base nelas, pode-se estabelecer que a indexação consiste no processo de realizar a atribuição de termos representativos dentro de um determinado sistema. Nesse procedimento, um conceito será apresentado a partir de escolhas de termos pelo indexador, com base em linguagens de indexação previamente definidas e nos objetivos do ambiente inserido. Um aspecto importante a ser observado está nas datas das definições, que variam desde da década de 1980 até a década de 2010, o que, em termo de evolução científica e atualização acadêmica, ainda mais por se tratar de normas internacionais e nacionais, pode ser considerado, de certa forma, obsoleto. Apesar das definições explanarem de forma precisa o significado de indexação, seria essencial haver atualizações, até por conta do desenvolvimento tecnológico e o espaço que ela ocuparia nele.

O processo de indexação necessita ser bem estabelecido para que não haja uma representação temática inadequada, com termos que não representam a essência conceitual do documento. Nesse sentido, debater acerca da qualidade da

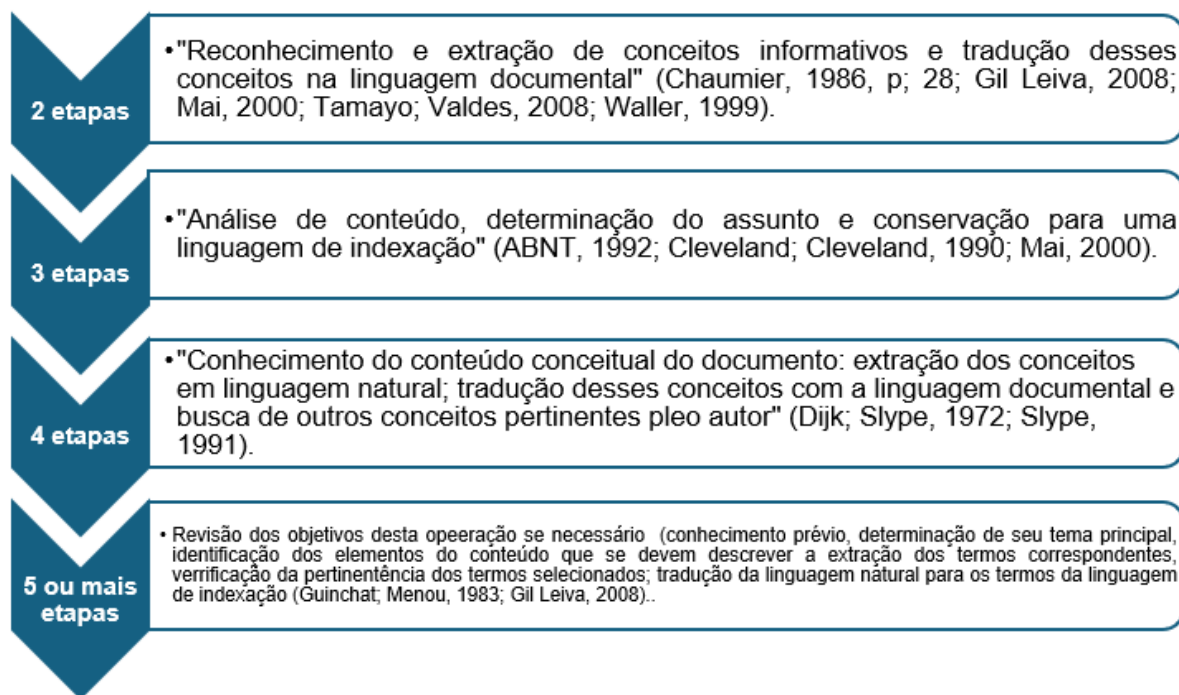
indexação é imprescindível, pois pode causar prejuízos ao acesso e recuperação da informação, independentemente do ambiente inserido.

A própria UNISIST (1981) e Gomes (1989) abordam esse tópico ao refletir que é preciso levar em consideração a qualificação do indexador e sua imparcialidade. No entanto, questiona-se acerca da neutralidade no processo de realizar a representação temática da indexação, com base no estudo de Moreira (2018), que enfatiza que o profissional da informação não consegue ser neutro, pois o fato dele não tomar uma posição é uma forma de escolha, logo, ela é condicionada e isso pode ser refletido nas escolhas dos termos representativos, na construção de sistema e na avaliação dos serviços de indexação. Dessa forma, não é possível obter uma imparcialidade total, sem que ocorra interferências. A melhor forma de não haver um impacto significativo, que possa dificultar uma representação adequada, o acesso e a recuperação da informação, é minimizá-lo de forma que não haja sequelas graves.

Estabelecer diretrizes pode ser um caminho para reduzir esse processo e, para isso, a política de indexação possui como função auxiliar, que, de acordo com Fujita (2012, p. 17), “não deve ser vista como uma lista com procedimentos a serem seguidos, e sim um conjunto de decisões que esclareçam os interesses e objetivos de um sistema de informação”. Nesse caminho, a política de indexação delineará diversos aspectos, como a consistência da recuperação da informação, cobertura temática em níveis qualitativos e quantitativos de diferentes domínios e as demandas dos usuários. O intuito está em otimizar o processo ao ser como um guia para que o profissional tenha as melhores decisões para aquele ambiente.

De acordo com Fujita (2013), o processo de indexação pode ter diversos estágios, determinados como etapas. O número de etapas pode variar de acordo com os procedimentos determinados pelos indexadores e catalogadores (Figura 1).

Figura 1 - Etapas do processo de indexação



Fonte: Adaptado de FUJITA, 2013, p. 45-46.

A Figura 1 apresenta as diferentes etapas que podem ser determinadas pelos indexadores, visto que, cada um adota a que melhor atinge seus objetivos dentro do ambiente inserido. Algumas etapas, como “conhecimento do conteúdo conceitual do documento” e “extração dos conceitos em linguagem natural” podem ocorrer de forma concomitante e intrínseca, pois, na prática, essas etapas são feitas no decorrer do processo de indexação, muitas vezes, sem o profissional se dar conta disso. Por isso, é essencial que a literatura separe e estabeleça bem as etapas, pois ela possibilita estudar cada passo a fundo de forma que sua análise contribua para o desenvolvimento e aperfeiçoamento da temática.

Com base nisso, a pesquisa se fundamenta nas seguintes etapas: (i) exame do documento (ABNT, 1992); (ii) conhecimento do conteúdo conceitual do documento (Van Slype, 1991); (iii) identificação dos elementos do conteúdo que se devem descrever a extração dos termos; (iv) tradução dos termos de linguagem natural pelos termos correspondentes da linguagem documentária (Gil Leiva, 2008). A leitura documentária, nesse contexto, corresponde às quatro etapas para o desenvolvimento do estudo, justificado pelo caráter estético do objeto de análise.

### *I. Exame do documento:*

Consiste na ação de examinar os documentos para obter a compreensão acerca de seu assunto. Para esse procedimento, a norma ABNT 12.676 (1992) define que é necessário levar em consideração os seguintes campos: título, subtítulo, resumo (se houver), introdução, ilustrações, diagramas, tabelas e seus títulos explicativos, palavras ou grupo de palavras em destaque e referências bibliográficas. A norma ainda deixa uma nota explicativa que é sempre necessário levar em consideração mais de um desses aspectos listados.

Ao observar essa lista, pode-se perceber que ela é voltada para materiais textuais, mesmo a norma caracterizando-os como documentos impressos. Ela ainda considera os materiais não impressos como multimeios, o que pode gerar conflitos conceituais em relação a outros teóricos, principalmente, ao discorrer sobre a partitura musical, um tipo de documento que é constituído de características textuais e imagéticas. Para refletir e debater mais acerca da temática, aprofundou-se, dessa forma, na subseção seguinte.

### *II. Conhecimento do conteúdo conceitual do documento:*

A pesquisa parte do princípio em que é necessário ter conhecimento básico acerca do conteúdo conceitual do documento, no caso, da partitura musical, devido às suas particularidades em sua estrutura representada pela simbologia musical. Com base nisso, o indexador ter conhecimento é considerado importante, pois aumenta a sua compreensão acerca daquele determinado documento. Nesse contexto, pode-se determinar esse tipo de conhecimento como a *expertise* do profissional indexador.

A *expertise* se refere, de acordo com Ericsson (2006, p. 3), "às características, habilidades e conhecimentos, que distinguem os especialistas dos novatos e das pessoas menos experientes". O autor ainda explica que o profissional especialista possui conhecimento aprofundado acerca de um domínio específico, como a música, no qual, pode ser descrito verbalmente e compartilhado com outras pessoas.

Esse tipo de profissional detém um poder que foi observado ao longo da História, como na época da civilização grega, em que Sócrates percebeu que para cada área, como a construção civil ou naval, profissionais especialistas eram consultados e respeitados, o que distinguia caso alguém, sem conhecimento algum, tentava aconselhar nessas áreas (Platão, 1991; Ericsson, 2006).

Ao realizar o processo de indexação, o profissional, quando *expert*, consegue ter uma compreensão maior e mais rápida da estrutura do documento analisado, o que o torna especialista para representar aquele material.

### *III. Identificação dos elementos do conteúdo que se devem para descrever a extração dos termos*

Após realizar o exame do documento, a identificação de conceitos consiste na leitura do documento com objetivos de extrair os conceitos que melhor traduzem a essência do documento (Dias; Naves, 2007).

Para realizar esse processo, o indexador precisa seguir uma abordagem sistemática. A norma ABNT 12.676 (1992, p. 2) estabelece que abordagem sistemática consiste em realizar questionamentos para encontrar os conceitos e extraí-los. Diante disso, ela apresenta algumas perguntas mais gerais como forma de ilustrar aspectos necessários a serem incluídos:

- a) qual o assunto de que trata o documento?
- b) como se define o assunto em termos de teorias, hipóteses, etc.?
- c) o assunto contém uma ação, uma operação, um processo?
- d) o documento trata do agente dessa ação, operação, processo, etc.?
- e) o documento se refere a métodos, técnicas e instrumentos especiais?
- f) esses aspectos foram considerados no contexto de um local ou ambiente especial?
- g) foram identificadas variáveis dependentes ou independentes?
- h) o assunto foi considerado sob um ponto de vista interdisciplinar? (p. ex.: um estudo sociológico da religião) (ABNT, 1992, p. 2).

Fujita (2020, p. 24) explica que a primeira questão, por exemplo, deverá “identificar no texto a presença do conceito objeto; a segunda, a ação; a terceira, se o objeto identificado sobre a influência da ação; a quarta, o agente que praticou a ação e assim por diante”. Ainda de acordo com a autora, esses conceitos “ação”, “objeto” e “agente” são considerados conceitos essenciais que representam o tema de um texto, ao serem combinados. Por isso, pode acontecer de um texto ter três conceitos juntos, mas nem sempre apresentar um agente. Fujita (2020, p. 24) utiliza para explicar o seguinte exemplo: “Destruição da lavoura de café pela geada”. A Ação é “Destruição”; o Objeto é “Lavoura de café” e o Agente é “Geada”,

Apesar dessa abordagem sistemática ser promissora para a extração de conceitos, Fujita (2013) elucida que não há nenhuma diretriz ou publicação na literatura, principalmente da norma ABNT 12.676 (1992), em que explica se essa

abordagem é considerada como um método para identificação de conceitos e nem como aplicá-la. E, ao considerar como objeto a partitura musical, essa abordagem se torna ainda mais abstrata para realizar a sua aplicação, devido à falta de clareza nesse método, principalmente, para documentos não textuais.

Para realizar a seleção de conceitos, o indexador deve atentar-se e pensar em como os usuários irão realizar as buscas. Nesse sentido, a norma ABNT 12.676 (1992) define que é necessário escolher os conceitos mais apropriados para cada usuário enquanto público-alvo naquele ambiente e fazer uso de instrumentos de indexação, os SOC, para auxílio da consolidação e garantia da representação temática e recuperação da informação. No entanto, a norma supracitada não estabelece como deve ser feito esse procedimento e nem como seria para as partituras musicais.

#### *IV. Tradução dos termos de linguagem natural pelos termos correspondentes da linguagem documentária:*

A tradução de conceitos em termos de uma linguagem de indexação decorre a partir do momento em que eles são selecionados. O objetivo consiste na tentativa de padronizar e consolidar para evitar falhas na recuperação. Se o documento for erroneamente representado, ele pode ficar perdido para sempre no sistema e nunca mais ser encontrado. Por isso, a qualidade da indexação é considerada algo tão essencial. As linguagens de indexação podem ser encontradas a partir do estabelecimento de SOC, como tesouros, por exemplo.

Com base na teoria apresentada sobre OC e indexação, compreender a acepção do conceito de uma partitura musical pode significar entender a essência de sua estrutura, visto que a identificação de características pode ser utilizada para diferentes contextos, como pelo aspecto de um musicista, cujo intuito está em executá-la, ou para um profissional indexador, em que visa conseguir representá-la tematicamente. Nesse sentido, a OC e a indexação podem se relacionar com a música através das abordagens da teoria do conceito, em específico, quando se apresentam as características da estrutura da partitura musical, como a sua simbologia, em que será representado por sua temática. Enquanto a parte descritiva da partitura engloba, geralmente, aspectos textuais, como o título, compositor e ano, isso quando se encontra disponível na partitura musical.

A próxima seção discorre acerca da leitura documentária no processo de indexação, para observar como ocorrem os aspectos cognitivos, linguísticos e estratégicos, contextuais, estruturais e os seus modelos.

### **3 A LEITURA DOCUMENTÁRIA NO PROCESSO DE INDEXAÇÃO**

Essa seção possui como foco aprofundar acerca dos aceitos conceituais da leitura documentária, em destaque, no contexto da partitura musical, determinada como documento composto por elementos textuais e não-verbais ao mesmo tempo. Ela é dividida em quatro subseções: 3.1 Estruturas textuais e não verbais, para verificar os diferentes tipos de estruturas aplicadas pela leitura documentária; 3.2 O leitor, seus aspectos cognitivos e metacognitivos; 3.3 o contexto e suas tipologias e 3.4 como modelos de leitura documentária. A necessidade de realizar essa divisão das seções e subseções está na importância que a teoria traz para o estudo. A subseção de modelos de leitura documentária foi dividida, por sua vez, em modelos de leitura documentária para artigos científicos, o primeiro modelo de leitura documentária, e identificação de dados em fotografias.

No ato de realizar a indexação, o processo de análise, caracterizado pelo exame do documento e pela identificação e seleção de conceitos, pode ser feito pela leitura documentária. Nesse procedimento, há ocorrência de processos mentais, que, por sua vez, estão relacionados à percepção da informação, da memória e da compreensão (Gil Leiva, 2012). Essas operações mentais são denominadas como processo cognitivo.

O processo cognitivo foi estudado pela Psicologia Cognitiva, em que possuía como intuito investigar e pesquisar a percepção sensorial da informação; aprendizagem, envolvendo linguagem, leitura e escrita; memória ou a capacidade de raciocínio (Gil Leiva, 2012).

A leitura, nesse sentido, pode ser considerada como um ato social por si só, em que ocorre um processo de comunicação e interação entre o leitor e o autor do texto (Fujita, 2003). Realizar uma leitura, ainda segundo a autora supracitada, é algo que possui uma complexidade subjacente, pois depende de diferentes aspectos para determinar os objetivos da leitura, como processamento humano de informações e da cognição de quem lê; do texto elaborado por um autor; e do contexto de ambos.

Por isso, a ação de ler, ao seguir esse contexto e de acordo com o estabelecido por Redigolo e Fujita (2015), caracteriza-se como uma atividade individual, determinada como uma prática que, mesmo comum, é necessária. Seu uso decorre

em diferentes contextos, como em um espaço de trabalho ou, para algumas pessoas, uma atividade prazerosa.

Para Smith (1989), compreender a leitura é algo considerado importante, visto que as suas características influenciam a forma como o leitor realiza esse processo, que podem ser divididas em: objetiva, possui a finalidade de encontrar algo, em que o leitor antecipa a sua compreensão por meio de suas intenções; seletiva, o assunto de seu interesse é colocado em evidência, ou seja, despreza-se o que considerado redundante; antecipatória e baseada na compreensão.

Dessa forma, Fujita (2017) explica que o conhecimento prévio voltado para compreensão da leitura depende do conhecimento existente na memória a longo prazo. Nesse processo, ainda para a autora supracitada, é preciso que a memória a longo prazo tenha os esquemas, denominado como representações generalizadas de ambientes, situações familiares e informações para que se faça associação com tudo aquilo que se está vendo, ouvindo e lendo.

Com base nisso, pode-se destacar a existência de profissões que são exercidas pela leitura, como pesquisador, crítico literário, escritor, tradutor, indexador, resumidor ou classificador. Dessa forma, considera-se que as leituras, quando realizadas para uma atuação profissional, são determinadas como leituras profissionais, que, por sua vez, são feitas por leitores profissionais (Fujita, 2003), o que difere de um trabalho profissional, que, de forma geral, necessita da leitura para fins de capacitação ou atualização da função.

A autora ainda distingue as práticas de leitura em formação e atualização profissional, cidadania e atuação profissional. A formação e atualização profissional possui o intuito de aumentar e aprimorar o conhecimento profissional; a cidadania visa proporcionar uma perspectiva ampla do mundo e de transformação do indivíduo em sua convivência social; e a atuação profissional visa atingir objetivos profissionais dentro de um contexto de trabalho. Diante desse cenário, a indexação ressalta a necessidade de que ocorra uma leitura profissional durante a sua execução, visto que a leitura é entendida enquanto uma atividade de cunho profissional, com objetivo de caracterizar o indexador enquanto leitor profissional que realiza esse tipo de leitura (Fujita, 2003).

Fujita (2003, p. 14) também explica que esse tipo de leitura é um processo interativo entre três variáveis:

De um lado, está o leitor, com o seu contexto e seus objetivos de leitura e, de outro, o texto, com o contexto e objetivos do autor. Isso se verifica em situações de pesquisa formal e informal, obtenção de informação utilitária, formação profissional ou cultural ou de desempenho profissional, em que qualquer indivíduo que se proponha a ler os textos existentes sobre o assunto pretendido, deverá realizar a leitura conforme objetivos de cada situação (Fujita, 2003, p. 14).

Como forma de se observar a relação entre essas variáveis, Cavalcanti (1989) e Giasson (1993) explicam esse processo ao apresentarem um modelo contemporâneo de compreensão da leitura (vide Figura 2).

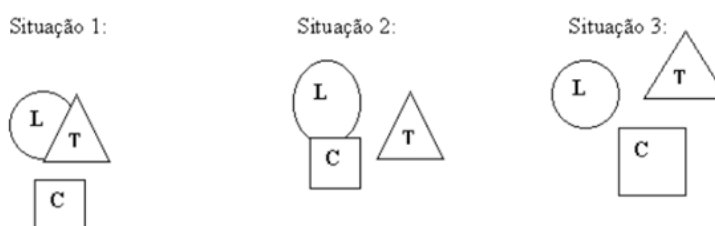
Figura 2 – Modelo contemporâneo da compreensão de leitura



Fonte: GIASSON, 1993, p. 21.

A Figura 2 apresenta um modelo baseado na teoria dos conjuntos, com intuito de mostrar a relação de como a leitura pode ser compreendida a partir da intersecção do diagrama de Giasson (1993), a partir de variáveis como contexto, texto e leitor. A partir dessas variáveis, o autor supracitado mostra como elas se relacionam (Figura 3).

Figura 3 – Relações entre as variáveis de leitura



Fonte: GIASSON, 1993, p. 23.

A Figura 3 apresenta as possíveis relações que podem ocorrer entre as variáveis de leitura. A situação 1 é caracterizada por quando o leitor possui um nível de habilidade correspondente ao texto utilizado, mas o seu contexto não é pertinente, ou seja, não contribui de forma favorável à realização do processo. Na situação 2, o leitor está em um contexto proveitoso, mas o texto não está adequado às suas habilidades, há dificuldades na compreensão do texto. E, por fim, a situação 3 explica que nenhuma das variáveis se relacionam, o leitor não possui a capacidade necessária para ler o texto e nem o contexto é adequado (Fujita, 2004).

Para entender a leitura de uma partitura no contexto da representação temática, tornou-se necessário destrinchar acerca das variáveis de leitura documentária: estruturas textuais e não-verbais (texto); aspectos cognitivos e metacognitivos do leitor (leitor) e as tipologias conceituais do contexto (contexto), e, por fim, aprofundar sobre os modelos de fato para documentos textuais e documentos não-verbais, o que ocorreu nas subseções a seguir.

### **3.1 Estruturas textuais verbais e não-verbais**

Essa subseção foi inserida para realizar análise das estruturas textuais verbais e não-verbais de diferentes tipos de texto, pois eles requerem um cuidado específico para cada tipo de material.

No contexto dos ambientes informacionais, há diferentes tipos de documentos, alguns possuem uma estrutura textual (narrativas, artigo científico, etc.) enquanto outros possuem são compostos por uma estrutura diferente, que pode ser denominada como não-verbal. Ela transmite uma mensagem, possui um código, mas não propriamente escrito igual as estruturas textuais (fotografia, filme e partitura musical).

O texto, por exemplo, é composto pela intenção do autor, forma e conteúdo, em que corresponde ao material a ser lido, com apresentação de aspectos do texto e a determinação de cada um desses aspectos ao organizar suas ideias.

A concepção de texto, de acordo com Koch (2002), pode ser vista enquanto um produto lógico do pensamento, em que ocorre uma representação mental do autor e uma captação da representação mental pelo leitor com as intenções.

De acordo com o estabelecido por Fujita (2003), a estrutura do texto pode ser associada à forma com o qual as ideias são organizadas no texto, com relação ao seu conteúdo, ao tema e aos conceitos tratados no texto. Nesse sentido, a estrutura do texto consegue se articular ao seu conteúdo, com base na escolha da estrutura textual feita pelo autor que deve coincidir com o conteúdo que quer transmitir (Fujita, 2003).

Dessa forma, a habilidade de reconhecer o gênero do texto, suas diferentes tipologias e estruturas é uma parte importante do processo de compreensão da leitura. Com base nisso, Fujita (2003) cita o texto de Grabe (1997, p. 94), em que explica acerca dos elementos linguísticos dos textos, que, por sua vez, devem ser “processados pelo leitor, se combinam interativamente para contribuir para uma construção de intertextualidade (o que faz com que um texto seja um texto e não uma coleção de orações individuais”.

Ao observar a estrutura textual por uma perspectiva macro, segundo Fujita (2003, p. 95), “é possível notar que os textos apresentam uma estrutura com as partes informacionais que os compõem organizadas numa sequência lógica diferenciada de uma tipologia textual para outra”. A autora ainda explica, através de exemplos, que a ideia principal pode variar de acordo com a estrutura textual. Texto narrativo pode ser relacionado a um acontecimento ou interpretação e o texto informativo pode ser caracterizado por uma regra, conceito ou generalização. De toda forma, a interpretação pode causar uma interferência direta, pois é realizada por ser humano, logo, seu viés interfere também.

Nesse sentido, quando a ideia principal aparece de forma implícita é necessário que o leitor interfira se baseando nas informações fornecidas pelo texto e em seu conhecimento prévio sobre o assunto.

Fujita (2003) explica que o texto pode ser considerado um lugar de interação quando ocorre o contexto sociocognitivo dos participantes da interação junto ao sujeito leitor. É possível observar, dessa forma, um processo de comunicação. Esse processo de comunicação pode ser caracterizado por dois agentes: emissor (autor) e o receptor (leitor) e uma ação, enviar uma mensagem (texto). O emissor emite uma mensagem codificada, caracterizada pelo texto, enquanto o leitor a recebe e precisa decodificá-la para obter entendimento acerca de seu conteúdo (Fujita 2004).

Paralelamente, Cintra (1987) explica que há facilidade de leitura em estruturas textuais, o que pode auxiliar em identificar a parte do texto em que consta a ideia

principal e ajuda o leitor a compreendê-lo, diferente de outros tipos de estruturas não-verbais. Kobashi (1994) complementa ao se aprofundar sobre as estruturas textuais, em que se o indexador conhecer a superestrutura textual (como o texto está organizado) pode ser que o processo de leitura e representação seja eficiente. Ele permite fornecer uma base sólida para a interpretação do texto ao estabelecer os parâmetros para a localização da informação.

Van Dijk (1992) explica, de forma metafórica, que uma superestrutura pode ser considerada um tipo de forma do texto, cujo objeto (tema/macroestrutura) é o conteúdo do texto. Um tema poderá ser desenvolvido, explica Fujita (2003), sob a forma de narrativa ou de outra tipologia e o que caracterizará a diferença entre uma forma e a outra está nos diferentes tipos de construção. Tanto as superestruturas quanto as macroestruturas semânticas “não são compreendidas por orações e sequências isoladas de um texto, mas dentro de um conjunto textual que se diferencia da microestrutura no nível das orações” (Fujita, 2003, p. 97).

Ainda para a autora supracitada, a superestrutura pode ser descrita enquanto um tipo de esquema abstrato, em que se estabelece a ordem global de um texto e que é composto por uma série de categorias, com possibilidade de combinação que, por sua vez, foram baseadas em regras convencionais. Essas categorias precisam compor e coordenar a ordem das partes do texto a partir dessas regras de combinação (Fujita, 2003).

Com base no estudo de Van Dijk (1992), Fujita (2003) explica em sua tese de livre docência que a estrutura narrativa é uma forma mais básica da comunicação textual; argumentativa, usada em Filosofia e Teoria da Lógica e a do discurso científico, presente em discursos científicos. O Quadro 4 apresenta as estruturas textuais que deveriam compor o texto científico.

Quadro 4 - Estruturas textuais

| <b>Texto científico</b>              |                                                                                                                                                                                                               |
|--------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <i>Tema</i>                          | Assunto que irá ser desenvolvido.                                                                                                                                                                             |
| <i>Problema</i>                      | Dificuldade que se quer solucionar cientificamente.                                                                                                                                                           |
| <i>Hipótese</i>                      | Proposição que se antecipa à comprovação de uma realidade porque se propõe, através dela, uma resposta a um problema que poderá ser comprovado ou refutado pelas observações a que os fatos serão submetidos. |
| <i>Metodologia</i>                   | Procedimentos e operações que possibilitam a observação racional e controlada dos fatos de modo a permitir a interpretação e a explicação adequada do fenômeno observado.                                     |
| <i>Resultado</i>                     | Implica na aceitação ou não das hipóteses formuladas ou na reformulação das mesmas.                                                                                                                           |
| <i>Conclusão</i>                     | Comentário final, em que são discutidas todas as possibilidades de aplicação e uso dos resultados.                                                                                                            |
|                                      |                                                                                                                                                                                                               |
| <b>Argumentativo ou dissertativo</b> |                                                                                                                                                                                                               |
| <i>Tese</i>                          | Apresentação de um ponto de vista.                                                                                                                                                                            |
| <i>Argumentos</i>                    | São as provas apresentadas para qualificar positivamente o ponto de vista do autor e desqualificar, ao mesmo tempo, um ponto de vista inicialmente apresentado.                                               |
| <i>Conclusão</i>                     | Confirma o ponto de vista inicialmente apresentado.                                                                                                                                                           |
|                                      |                                                                                                                                                                                                               |
| <b>Expositivo</b>                    |                                                                                                                                                                                                               |
| <i>Problema</i>                      | Dificuldade que se pretende resolver, verificar cientificamente.                                                                                                                                              |
| <i>Causas</i>                        | Causas e consequências do problema.                                                                                                                                                                           |
| <i>Solução</i>                       | Resposta para a solução do problema.                                                                                                                                                                          |

Fonte: Adaptado de FUJITA, 2003, p. 100.

O Quadro 4 apresenta as estruturas textuais de diferentes tipos de documentos, como o texto científico, texto argumentativo ou dissertativo e o texto expositivo. O interessante em se observar é que, apesar de todos possuírem estruturas textuais,

eles se diferenciam na forma que eles são construídos, como artigos científicos (tema, problema, metodologia, hipótese, resultados e conclusão), com uma organização um pouco mais sistemática, dividido por categorias objetivas e elucidadas no decorrer do texto; argumentativo ou dissertativo (tese, argumentos, conclusão) e do texto expositivo (problema, causas e solução). Nesses dois últimos, o indexador precisa se aprofundar na leitura para encontrar as informações onde estão alocadas, como, por exemplo, a tese e os argumentos e o problema e as causas.

Ao se tratar de documentos com estruturas não-textuais e não-verbais, o cenário se altera. De acordo com Lima (2016), uma das principais dificuldade que ocorre no processo de realizar a representação desse tipo de documento está na justaposição de informações, pois, independentemente de ser textual, iconográfico ou sonoro, ele apresenta informações sobre o seu suporte e sobre o seu conteúdo.

Lima (2016) ainda explica que Smit (1995, 2000) estabeleceu algumas questões essenciais para identificar e representar adequadamente o conteúdo informacional do documento audiovisual, como “*Quem? Como? Onde? Quando? Para quê?*”.

Pinto Molina e Agustín La Cruz (2002) explicam que a estrutura da imagem é considerada fixa e inclui a visualização, caracterizados pela identificação de elementos técnicos, como tamanho, número de plano; denotação, em que são estudados os significados na imagem no contexto de códigos sociais e culturais; e a conotação, em que ocorre a simbolização da imagem com base no conhecimento do receptor e a representação, em há uma síntese textual da informação transmitida pela imagem.

Para Dubois (1994) uma imagem, principalmente, fotográfica pode ser considerada como particular e universal ao mesmo tempo, visto que sua particularidade está relacionada ao poder de singularidade da fotografia enquanto um objeto indiciário que mantém um contexto físico com o seu referente.

### **3.2 O leitor: aspectos cognitivos e metacognitivos**

Essa subseção foi essencial para compreender como ocorre o processamento das informações pelo aspecto cognitivo e metacognitivo do leitor. Ele é uma variável

que influencia diretamente desde a idealização dos processos de indexação até a sua avaliação e formalização.

O leitor profissional é caracterizado, nesse contexto, pelo indexador, com objetivos profissionais ao contexto inserido. Ele deve apresentar estratégias próprias e conhecimento prévio profissional, textual e linguístico de mundo.

O indexador enquanto leitor não consegue realizar uma leitura completa de um documento devido à sua impraticabilidade e condições externas, como limite de tempo, propósito definido, geração de produtos e serviços e grande volume de material para fazer a representação. Por isso, é necessário elaborar e utilizar estratégias de leituras para conseguir atingir o objetivo de identificar o conteúdo documento e não causar falhas nas etapas posteriores, podendo prejudicar a recuperação da informação (Rubi, 2017).

As estratégias de leitura são consideradas ações que o leitor realiza no ato de ler, o que pode levá-lo à compreensão do texto. Nesse contexto, Kato (1987) as divide em dois tipos: estratégias cognitivas e metacognitivas. As estratégias cognitivas são consideradas automáticas e subscientes, utilizadas durante uma leitura fluida, e as estratégias metacognitivas, o leitor está consciente de sua leitura.

Rubi (2017) também estabelece estratégias, ao caracterizá-las como ações, que são empreendidas pelo leitor durante o processo de leitura, geralmente direcionada para a solução de um problema. Para a autora, é necessário que o leitor deva detectar a estrutura de um texto. No entanto, as estratégias voltam-se para estruturas textuais, sem mencionar os que não possuem texto ou os que possuem texto e imagens/símbolos incorporados ao mesmo tempo. Mesmo assim, a autora explicou que o leitor deve obter facilidade em reconhecer as superestruturas textuais, com o intuito de captar a essência do texto. A leitura, decorrida de forma linear, pode ser considerada como um esforço desnecessário, o que difere de quando há apoio da estrutura textual e do conhecimento prévio do leitor para conseguir inferir significados e levantar hipótese que o auxiliarão a compreender o tema.

Cintra (1987) explica dois tipos de estratégias: *bottom-up* (ascendentes) e *top-down* (descendentes). Em *bottom-up*, o leitor lê na dependência do contexto escrito, ao extrair, de maneira linear, o significado. Nesse caso, seu caminho decorre das partes para o todo. O *top-down* é caracterizado por conter uma dependência maior de

conhecimento prévio do leitor, pois há o aparecimento de generalizações e predições a partir dos esquemas, que são armazenados na memória.

Segundo Fujita (2020), uma leitura feita com vistas a analisar o assunto de um texto tem por finalidade representá-lo por palavras significativas, que serão acessadas por um usuário, o que necessita em realizar o processo de identificação de conceitos. A autora complementa ao explicar que é necessário conhecer a localização dos conceitos presentes na estrutura textual para questionar e identificar, com o uso da abordagem sistemática. Essa abordagem, segundo a ABNT 12.676 (1992, p. 2), consiste no indexador realizar questionamentos para si mesmo, objetivando extrair conceitos, enquanto estiver analisando o texto.

Para poder realizar esse processo, a leitura documentária, segundo Fujita (2020), deve ser bem estruturada, no qual a definição dos termos escolhidos para representar o documento deve satisfazer a necessidade da demanda do usuário. A localização das informações é feita por meio da exploração da estrutura textual, uma estratégia metacognitiva que o indexador pode utilizar para acelerar a leitura documentária e atingir o objetivo de identificar os conceitos.

O leitor é composto por estruturas (esquemas), no qual o conhecimento e atitudes do leitor (formação, experiência e conhecimento de mundo) podem afetar a sua própria leitura; enquanto os processos (estratégias) abarcam o que o leitor faz durante a leitura (as habilidades que ele recorre) (Cavalcanti, 1989; Giasson, 1993; Fujita, 2004).

Van Dijk (1992) explica que a perspectiva do leitor pode ser variada, pois o que ele procura durante o processo de leitura é a informação essencial. Com base nisso, Fujita (2003) considera duas categorias de informação importantes: (i) informação textualmente importante considerada pelo autor e (ii) informação contextualmente importante considerada pelo leitor mediante a sua intenção de leitura.

Ao abordar como o cérebro se comporta durante o processo de leitura, Terra (2017) observou que os leitores considerados experientes conseguiam desenvolver áreas específicas, principalmente, para se decifrar um texto. A autora ainda explicou que, nesses profissionais, “as áreas responsáveis pela representação e recolha visual, fonológica e semântica da informação importante estão ligadas para operar à velocidade da luz” (Terra, 2017, p. 55). Dessa forma, é estabelecido que é essencial

o conhecimento e a compreensão das ações que ocorrem no cérebro ao realizar a prática de leitura.

A competência leitora, de acordo com Terra (2017), utiliza três capacidades neuronais: decodificar, compreender e interpretar, o que passa a ser necessário o uso dos dois hemisférios cerebrais. No hemisfério esquerdo estão as áreas que ficam responsáveis pela capacidade de decodificar (mecanismos neuronais associados à sistemas de leitura, como percepção da relação fonema-grafema e o conhecimento da sintaxe e morfologia) e compreender (procura na rede de significação de informação semelhante ou relacionada com a informação recebida, na qual envolve interpretação e compreensão do aspecto semântico e pragmático), enquanto o hemisfério direito está relacionado à compreensão geral da informação (interpretação que convoca a associação/integração da informação na rede de significação e promove a criação de novos conceitos). A autora estabelece que é nesse momento em que a criação da significação com base na recordação do conhecimento prévio sobre o contexto é concretizada (Terra, 2017).

### **3.3 O contexto: tipologias**

A necessidade desta subseção está na justificativa em que essa variável é importante para o desenvolvimento dos processos de indexação, justamente por interferir tanto no aspecto físico, quanto social e psicológico e cultural.

No contexto da Ciência da informação, por exemplo, a leitura pode ser considerada uma apropriação do conceito de leitura em conjunto para constituir a informação enquanto passível de receber os processos de organização e representação (Silva; Oliveira, 2019).

Fujita, Lima e Redigolo (2022) explicam que a noção do contexto está relacionada à noção de domínio, visto que ele possui a capacidade de desempenhar um papel essencial na representação do conteúdo de um documento, principalmente, para a recuperação da informação. Para as autoras, as falhas na recuperação “se devem a erros ou a omissões na interpretação dos conteúdos dos documentos, como também na percepção das demandas da quem se destina esses documentos” (Fujita; Lima; Redigolo, 2022, p. 141), o que leva a considerar que o documento pode ser indexado de diferentes maneiras, a depender de como ele será usado e de acordo

com o seu domínio. Dessa forma, ocorre uma interdisciplinaridade conceitual do contexto, pois ele consegue se caracterizar pela sua ocorrência em mais de uma disciplina ou área do conhecimento a partir de diversas perspectivas, a depender do aspecto situacional, cultural e temporal.

O contexto é constituído por *psicológico*, quando há intenção de leitura e interesse pelo texto; *social*, quando há intervenções de colegas e professoras; e *físico*, que relaciona com o tempo disponível e os possíveis barulhos (Cavalcanti, 1989; Giasson, 1993; Fujita, 2004).

Lima, Fujita e Redigolo (2021) dividiram o contexto sob a perspectiva diversos pontos: físico (Fujita, 2004; Giasson, 1993), psicológico (Fujita, 2004; Giasson, 1993; Van Dijk, 1979), social (Fujita, 2004; Giasson, 1993), sociocognitivo (Fujita, 2004; Koch, 2002) e cultural (Dal'Evedove, 2014; Dal'Evedove; Fujita, 2013).

(i) *Contexto físico*: envolvem as condições materiais em que se desenrola a leitura (Giasson, 1993). No processo de indexação envolve a infraestrutura de equipamentos, materiais, pessoas e logística disponível para o desenvolvimento e aprimoramento do trabalho de indexação em um sistema de organização e recuperação da informação (Fujita, 2004).

(ii) *Contexto psicológico*: abordam condições contextuais próprias do leitor, ao interesse pelo texto a ler, à motivação e intenção de leitura dele (Giasson, 1993). Dentre os aspectos cognitivos envolvidos no processo de compreensão da leitura (interesse, tarefa, objetivo, conhecimento, normas, opiniões ou atitudes), segundo Van Dijk (1979), postula que o objetivo no processo de leitura representa o mais forte argumento na compreensão, visto que o objetivo de leitura se sobrepõe a qualquer tipo de estrutura textual. Lima, Fujita e Redigolo (2021) complementam que a definição de objetivos pode ser pressuposta para que a leitura documentária atuasse como facilitador da compreensão e determinação do assunto do documento e deva fazer parte do programa de orientação (Fujita, 2004).

(iii) *Contexto social*: as formas de interação que podem ser reproduzidas no decurso da atividade (Giasson, 1993). Nesse contexto, o indexador interage com o texto ou documento durante a leitura documentária mediante ao seu conhecimento prévio (Fujita, 2004).

(iv) *Contexto sociocognitivo*: está armazenado na memória do que denomina de “actantes sociais”, que pode ser entendida como conhecimento prévio ou cognição

(conhecimento linguístico, enciclopédico, de situação comunicativa e de suas regras, superestrutural, estilístico e de outros textos (intertextualidade) (Koch, 2002). Fujita (2004) explica que o conhecimento da situação comunicativa e de suas regras está implícito no contexto do trabalho desenvolvido por indexadores, como política, regras e procedimentos do manual de indexação, linguagem documentária, representação e mediação da linguagem do usuário e os interesses de busca do usuário.

(v) *Contexto cultural*: está relacionado à formação e atuação profissional, como o saber (aportes teóricos) e o fazer (prática cotidiana) condicionados ao contexto institucional, que deve preservar os valores, crenças e predisposições específicas da comunidade usuária (Dal'Evedove; Fujita, 2013). Nesse contexto, o estudo da cultura organizacional do sistema de informação precisa ser coerente com a demanda da comunidade usuária; estudo de usuário para compreensão do processo de busca da informação, com o intuito de compreender as formas de uso e significação da linguagem pela comunidade usuária e adequação da análise de assunto às características da comunidade usuária para garantia cultural (Dal'Evedove, 2014).

A leitura com viés de análise documentária, de acordo com Fujita (2003) e Dias e Naves (2007), é considerada primordial para o processo de indexação, pois influencia diretamente em outras etapas (identificação e seleção de conceitos e tradução pela linguagem de indexação). Ela está relacionada aos diferentes tipos de representação sobre o conteúdo dos documentos, entre os sistemas de informação e usuários, no momento da busca e recuperação de informações temáticas (Fujita; Alves; Almeida, 2020). Ela se caracteriza como uma atividade direcionada e complexa, pois o indexador, a partir de suas capacidades e em meio aos propósitos institucionais inseridos, precisa considerar a tematicidade e estrutura de diferentes tipos de documentos, bem como as necessidades de informação dos usuários para a indexação.

Silva e Oliveira (2019) realizaram um levantamento bibliográfico em que analisaram a abordagem teórico conceitual da leitura documentária de 1972 a 2018. As autoras observaram que as dimensões e características desse tipo de leitura ocorrem através de (i) concepções, (ii) dimensões e (iii) aspectos centrais.

(i) *Concepções da leitura documentária*: as concepções, apontadas por Silva e Oliveira (2019), foram divididas como: leitura estratégica para identificação e seleção de termos representativos; leitura direcionada aos objetivos da indexação com

determinação do conteúdo principal do documento, identificação e seleção de conceitos; Leitura como processo interpretativo, com vistas à representação ideal da informação; Leitura para obtenção da compreensão do documento pelo bibliotecário e identificação de termos para representar o conteúdo; Leitura com objetivo profissional e pragmática para reconhecimento de tópicos que possam ser de interesse do usuário; Leitura como modalidade específica no processo global de leitura de leitura para operações da análise documentária; Leitura com intuito profissional de identificar e selecionar conceitos; e Leitura feita por profissional para seleção de conceitos.

(ii) *Dimensões da leitura documentária*: as dimensões foram divididas a partir das concepções de leitura atribuídas. Silva e Oliveira (2019) consideraram, enquanto dimensões, os seguintes aspectos: estratégicas, direcionadas, processuais e profissionais.

(iii) *Aspectos centrais*: ocorreu com base na atribuição da concepção e na dimensão. Os principais aspectos centrais estabelecidos foram: identificação e seleção de conceitos ou termos; determinação do conteúdo, identificação e seleção de conceitos; representação da informação; compreensão do documento e identificação de termos; reconhecimento tópicos; análise documentária; seleção de conceitos (Silva; Oliveira, 2019).

Com base na análise realizada, Silva e Oliveira (2019) concluíram que, no período analisado, houve 17 publicações científicas em que abordaram, conceitualmente ou em algum nível, a leitura documentária. De acordo com as autoras, observou-se que os trabalhos abordaram, em sua maioria, as dimensões profissionais e processuais, mas ainda seria necessário englobar os aspectos estratégicos e direcionados nas unidades de informação.

A estrutura textual, de acordo com Kato (1986) é considerada fundamental para obter a compreensão da leitura, no entanto, para isso, é necessário que o leitor e o autor reconheçam o formato do texto: o autor utiliza uma determinada estrutura textual para expor suas ideias, enquanto o leitor busca a compreensão para identificar o tipo de informação que deverá encontrar.

No contexto da Análise Documentária, Moreiro González (2004) explica que realizar as reduções do documento original é uma das dificuldades dos seus

problemas, de modo a resultar um impacto na semântica principal para representação e recuperação, tanto na indexação quanto para a elaboração de resumos.

Para compreender a sua aplicabilidade empírica, foram desenvolvidos os modelos de leitura documentária, como modo de se conseguir realizar a leitura de um determinado documento. Os modelos destrincham a estrutura do texto e auxiliam no direcionamento da leitura do profissional indexador considerando-se as três variáveis: Leitor-Texto-Contexto.

### **3.4 Modelos de leitura documentária**

Essa seção explica sobre os modelos propriamente ditos. Eles surgiram ao longo do tempo, como aprofundado na presente seção, e elucidaram sua história, surgimento, tipologias diferentes e aplicação. Apesar das outras subseções serem sobre as variáveis da leitura documentária, houve necessidade de desenvolver uma subseção somente sobre os modelos de leitura, visto que eles são essenciais para compreender a conceituação e o encontro da informação.

O modelo de leitura documentária foi desenvolvido como forma de suprir a carência de procedimentos de leitura documentária para a indexação, no âmbito da CI. Com isso, inicialmente, ele foi elaborado para a indexação de textos científicos, pois era o tipo de texto que mais era demandado em bibliotecas universitárias. No entanto, ao longo do tempo, foram desenvolvidas pesquisas sobre a leitura profissional em que mostraram que esse modelo poderia ser aplicado por indexadores para análise de assuntos de diferentes documentos com eficácia. Como consequência desse processo, surgiram diferentes tipos de modelos adaptados para alguns tipos específicos de documentos tendo em vista as pesquisas realizadas pelo Grupo de Pesquisa liderado por Fujita (Quadro 5).

Quadro 5 - Modelos de leitura documentária de diferentes tipologias documentais

| <b>Modelos de leitura documentária</b>                    | <b>Proposta pelos autores/ano</b>                                                                                                                          |
|-----------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <i>Artigos científicos</i>                                | Fujita e Rubi (2006)<br>Base do desenvolvimento: Sistema PRECIS (1970); NBR 12.676 (1992) e Tálamo (1987) e Maculan (2011)                                 |
| <i>Livros científicos</i>                                 |                                                                                                                                                            |
| <i>Artigo de jornal</i>                                   | Fagundes (2001)<br>Base do desenvolvimento: Kobashi (1994) e Van Dijk (1983)                                                                               |
| <i>Textos Narrativos de Ficção (MENTIF)</i>               | Sabbag (2013)<br>Base do desenvolvimento: teoria do percurso gerativo de sentido e categorias para as obras de ficção (Beghtol, 1994)                      |
| <i>Literatura infantil em fábula</i>                      | Alves (2017)<br>Base do desenvolvimento: D' Onofrio (2007), Fujita (2009), Fujita e Rubi (2006), Gancho (2014), Neves (2011) e Van Dijk (1996, 2000, 2004) |
| <i>Roteiro para identificação dos dados em fotografia</i> | Madio e Fujita (2008)                                                                                                                                      |
| <i>Acórdãos</i>                                           | Ferreira e Maculan (2018)                                                                                                                                  |
| <i>Correspondências</i>                                   | Santos e Brás (2024)                                                                                                                                       |

Fonte: Adaptado de ALVES, 2017; FAGUNDES, 2001; FUJITA; RUBI, 2006; MADIO; FUJITA, 2008; SABBAG, 2013.

O Quadro 5 apresenta os tipos de modelos de leitura documentária e suas bases para o seu desenvolvimento. Inicialmente, os modelos desenvolvidos foram para artigos científicos, que serviu como base para que os próximos modelos fossem criados, como livros científicos, artigos de jornal, textos narrativos de ficção e literatura infantil em fábula. Antes de Gatto e Almeida (2017) publicarem um capítulo de livro falando sobre modelo de leitura documentária voltado para fotografia pelo aspecto semiótico, Madio e Fujita (2008) elaboraram um roteiro para que pudessem identificar dados nesse tipo de documento. Apesar do nome não ser modelo de leitura documentária para fotografias, esse trabalho foi um dos primeiros a determinar as diretrizes para identificação de informações voltadas para essa tipologia documentária.

Com base nesse contexto, para o presente estudo, escolheu-se aprofundar no modelo de leitura documentária para artigo científico, para que pudesse obter respaldo teórico acerca de como o primeiro modelo foi desenvolvido, mesmo que sua estrutura

fosse textual e aprofundar no roteiro para identificação dos dados em fotografias, por possibilitar analisar a fotografia, enquanto um documento não-verbal, mas que pode apresentar aspectos textuais ao ser feito seu processo de representação descritiva e temática.

O modelo de leitura para indexação consiste em realizar procedimentos de leitura para análise, identificação e seleção de assuntos e conceitos de determinado tipo de documento. Essa leitura profissional apresenta objetivos e métodos de leitura a serem seguidos para análise de assunto pelo profissional indexador ou catalogador de assunto, que deve realizar a leitura de modo rápido.

A função do modelo de leitura documentária está em padronizar o trabalho do indexador, pois faz com essa leitura ocorra de modo consciente e direcionada para os aspectos principais do conteúdo do texto, que precisam ser recuperados pelos usuários. Portanto, facilita a análise, identificação e seleção de assuntos ou conceitos pelo indexador.

Para entender melhor o desenvolvimento do modelo de leitura documentária, aprofundou-se em sua história, elaboração e implementação direcionado para artigos científicos, no qual se caracterizou como primeiro modelo de leitura documentária, e do modelo de leitura para fotografias, por se aproximar ao objeto de pesquisa estabelecido.

#### 3.4.1 Modelo de leitura documentária para estruturas textuais: artigo científico

No início da década de 1970, explica Fujita (1989), ocorreu a criação do sistema PRECIS, em que preconizou a “preservação do contexto”, baseado, principalmente, em uma análise, cuja proposição foi identificar conceitos a partir da investigação da estrutura do texto, “usando um princípio de organização de assuntos em facetas de acordo com uma ordem de citação estruturada em uma entrada de duas linhas e três posições que revelava a estrutura superficial” (Fujita, Lima, Redigolo, 2022, p. 147).

Ainda para as autoras, a análise conceitual do PRECIS tinha como base a ideia do autor e usava a terminologia do texto, sem associar-se aos instrumentos de controle de vocabulários. No começo, era distinguido pela parte sintática (estrutura de entradas e gramática composta de operações de função atribuídas aos conceitos) e

parte semântica (os termos identificados pelos operadores eram traduzidos por termos de vocabulário controlado).

A metodologia utilizada para desenvolver um modelo de leitura documentária parte do uso combinado da exploração da estrutura textual com o questionamento para a identificação de conceitos. Pelos modelos de leitura documentária serem oriundos do modelo voltado para textos científicos, logo, composto por estrutura textual, torna-se essencial entender esse modelo base.

A exploração estrutural permitiu identificar os conceitos, enquanto os questionamentos complementam essa estratégia com a abordagem sistemática e análise conceitual. Os principais procedimentos a serem realizados conforme um modelo de leitura documentária são exploração do conhecimento da estrutura textual; identificação de conceitos e seleção de conceitos (Fujita; Rubi, 2006).

Quadro 6 - Categorias essenciais e acessórias para a identificação da estrutura textual

| Categoria essencial | Categorias acessórias                            |
|---------------------|--------------------------------------------------|
| O que? → tema       | Quando? → tempo<br>Onde? → lugar<br>Como? → modo |

Fonte: adaptado de TÁLAMO, 1987; FUJITA; RUBI, 2006.

O Quadro 6 apresenta a categoria essencial, que pode ser caracterizada como a principal, e as categorias acessórias, que fazem o completo do tema, ao trazer informações também importantes para serem utilizadas na representação temática.

A identificação do tema, que está no objetivo do texto científico, pode ser feita por meio de questionamentos, que revelam categorias em que o tema pode ser identificado. Com isso, ela é considerada como uma categoria essencial, visto que apresenta a essência do texto. Para obtê-la são usadas as perguntas enquanto categorias auxiliares, como quando, onde e como (tempo, lugar e modo, respectivamente).

Ao tentar adaptar o tema para a partitura musical, as categorias acessórias mudam de sentido, tornando-se mais contextualizadas, com designações voltadas para espaço (tipo de instrumentalização a ser usada), tempo (data de sua composição) e modo (tonalidade).

Quadro 7 - Outras categorias de elementos universais são dadas pelo sistema de indexação PRECIS

|                                                                                                                                                                      |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Outras categorias de elementos universais são dadas pelo sistema de indexação PRECIS                                                                                 |
| O que aconteceu? → ação<br>A que ou A quem isto aconteceu? → objeto da ação - sistema chave<br>O que ou a quem fez isto? → agente da ação<br>Onde aconteceu? → local |

Fonte: adaptado de TÁLAMO, 1987; FUJITA; RUBI, 2006.

No Quadro 7 estão outras categorias que apareceram com o sistema de indexação PRECIS. Nesse caso, os elementos apontados consistem na ação, objeto da ação, agente da ação e local. No caso de uma partitura, pode-se pressupor que o objeto da ação como o tipo da partitura musical, a ação pode ser associada ao tipo de instrumentação necessária executá-la, o agente da ação pode relacionar ao compositor da sua estrutura, enquanto o local pode ser o país de origem do compositor. Mesmo a partitura musical sendo textual e não-verbal, com uma estrutura que foge do texto (estrutura textual) e fotografia (não-verbal), ainda pode ser possível adaptar ao juntar os tipos de modelos (textual e fotográfico).

Tálamo (1987) e Fujita e Rubi (2006) também estabeleceram outras categorias de elementos universais para estrutura textual, com base no sistema de indexação PRECIS, como a ação, objeto da ação, agente da ação e local (Quadro 7).

De acordo com o estabelecido por Fujita e Rubi (2006), o modelo de leitura documentária pode ser dividido em (i) instruções de procedimentos de leitura e consulta ao texto; (ii)quadro com metodologia de análise da leitura; (iii) elaboração de enunciado de assunto; (iv) lista de termos identificados para seleção (em quadro).

- *(i) instruções de procedimentos de leitura e consulta ao texto:* mostra a importância da indexação para recuperação da informação e como verificar a estrutura textual e a temática (conteúdo ou conceitos) nas partes do texto e não no texto todo.
- *(ii)quadro com metodologia de análise da leitura:* categorias conceituais, estrutura textual (superestrutura), questionamentos ao texto para a identificação de conceitos e espaços/colunas para preenchimento dos conceitos e termos identificados, ou questionamentos ao texto em separado.
- *(iii) elaboração de enunciado de assunto:* segundo os termos identificados, caso seja necessário.

- (iv) *lista de termos identificados para seleção (em quadro)*: e posterior tradução por meio de linguagem de indexação utilizada no sistema.

No caso do modelo de leitura voltado para artigos científicos, que pode ser considerado como a principal base inicial para que houvesse mais modelos para diferentes tipos de materiais, os procedimentos para identificação de conceitos têm como pressuposto os procedimentos indicados pela norma NBR 12.676 (1992) e pela análise conceitual do PRECIS.

Quadro 8 - Localização da essência do texto

| LOCALIZAÇÃO DO CONTEÚDO  | EXPLICAÇÃO                                                                                                                                      |
|--------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Introdução               | explicação do assunto principal com referencial teórico, contendo os objetivos com o tema principal do trabalho ao final da introdução.         |
| Materiais e métodos      | descrição de materiais e métodos utilizados, processos, técnicas, amostragem.                                                                   |
| Resultados               | compatibilidade com objetivos enunciados, materiais e métodos utilizados, com o uso, às vezes, de gráficos, figuras, tabelas, fotografias, etc. |
| Discussão dos resultados | verificação dos resultados a partir do referencial teórico utilizado.                                                                           |
| Conclusões               | verificado dos objetivos propostos.                                                                                                             |

Fonte: Adaptado de FUJITA; RUBI, 2006.

A localização da essência do texto, conforme o Quadro 8, mostra que pode ser encontrada em diferentes partes, como a introdução, materiais e métodos, resultados, discussões de resultados e conclusões. Cada uma dessas partes possui um objetivo específico dentro do texto, que variam desde apresentar o assunto principal com referencial teórico, descrição de materiais e métodos utilizados, verificação dos resultados até a verificação dos objetivos propostos.

Com base nesse quadro e no estudo de Kobashi (1994), segundo Fagundes (2001), o texto científico é constituído por uma superestrutura que abarca tema, problema, hipótese, metodologia, resultado, conclusão e objetivos. Em conjunto com os estudos de Tálamo (1987) e Fujita e Rubi (2006), os modelos foram desenvolvidos de forma que se completassem:

- *Tema*: assunto que irá se desenvolver.
- *Problema*: dificuldade que se deve solucionar cientificamente

- *Hipótese*: proposição que se antecipa à comprovação de uma realidade, porque propõe-se, através dela, uma resposta a um problema que poderá ser comprovado ou refutado pelas observações a que os fatos serão submetidos.
- *Metodologia*: procedimentos e operações que possibilitem a observação racional e controlada dos fatos, de modo a permitir a interpretação e a explicação adequada ao fenômeno observado.
- *Resultados*: implica na aceitação ou não das hipóteses formuladas de aplicação e de utilização dos resultados, isto é, a incorporação ou não destes últimos em um sistema teórico.
- *Conclusão*: comentário final, em que se discutem as possibilidades de aplicação e de uso dos resultados, ou seja, a incorporação ou não destes últimos em um sistema teórico.
- *Objetivos*: onde/finalidade a pesquisa pretende chegar, o que a pesquisa pretende desenvolver ou alcançar. O objetivo apresenta o tema principal do artigo científico.

Fujita e Rubi (2006) ainda explicam os conceitos essenciais de um documento, por sua vez, textual (Quadro 9). Não fica claro se haveria possibilidade de aplicá-lo à uma estrutura não-verbal, como a imagética.

Quadro 9 - Conceitos essenciais de um documento

| CONCEITO                  | EXPLICAÇÃO                                                                                                                                   |
|---------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| OBJETO                    | Algo ou alguém que está sob estudo do pesquisador.                                                                                           |
| AÇÃO                      | Processo sofrido por algo ou alguém.                                                                                                         |
| AGENTE                    | Aquele ou algo que realizou a ação.                                                                                                          |
| MÉTODOS                   | Métodos utilizados para realização da pesquisa.                                                                                              |
| LOCAL FÍSICO OU AMBIÊNCIA | Local físico onde foi realizada a pesquisa.                                                                                                  |
| CAUSA E EFEITO            | Causa: razão ou motivo. Aquilo ou aquele que faz com que uma coisa exista ou aconteça (antecedente). Está vinculada à identificação da AÇÃO. |
|                           | Efeito: produto de uma causa. Resultado de um ato qualquer (consequência); está vinculado ao resultado da AÇÃO realizada                     |

Fonte: adaptado de FUJITA; RUBI, 2006.

Os conceitos essenciais são caracterizados, de acordo com Fujita e Rubi (2006), como objeto, ação, agente, métodos, local físico ou ambiência e causa e efeito, no Quadro 9. Cada um desses conceitos exercem uma função dentro da estrutura textual para que a temática consiga ser apontada. O objeto, por exemplo, é o que estará sempre sob estudo daquela determinada pesquisa, enquanto a ação é processo que pode ser aplicado ao objeto ou sofrido por ele ou por alguém.

O Quadro 10 apresenta, de forma mais completa, como as partes do texto, conteúdo pertinente e os conceitos se relacionam, resgatando o que já foi apresentado pelos quadros anteriores.

Quadro 10 - Relação entre os conceitos e as partes do texto

| <b>PARTES DO TEXTO</b>                 | <b>CONTEÚDO PERTINENTE</b>                                                                                                                                                          | <b>CONCEITOS</b>                     |
|----------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------|
| Introdução<br>(objetivos)              | Referencial teórico<br>Tema: Objetivos<br>Objetivos                                                                                                                                 | OBJETO<br>AGENTE<br>AÇÃO             |
| Metodologia                            | Descrição de materiais, métodos, processos e técnicas utilizados.                                                                                                                   | MÉTODOS<br>LOCAL FÍSICO<br>MATERIAIS |
| Resultados<br>Discussão dos resultados | Compatibilidade com objetivos enunciados e materiais e métodos utilizados, mostrados, às vezes, em tabelas.<br>Verificação dos resultados a partir do referencial teórico utilizado | CAUSA E EFEITO                       |

Fonte: adaptado de FUJITA; RUBI, 2006.

Fujita e Rubi (2006) ainda explicam que há exploração do conhecimento da estrutura textual enquanto ocorrem instruções de procedimentos de leitura e consulta ao texto. Nesse caso, os campos considerados são: título em português e inglês, autoria, resumo do trabalho científico, palavras-chave, abstract, keywords, introdução, materiais e métodos, resultados, figuras, discussão dos resultados, conclusões e referências bibliográficas.

De acordo com Fujita e Rubi (2006), os questionamentos realizados para identificação de conceitos podem ser feitos quando:

1. O assunto contém uma ação (podendo significar uma operação, um processo etc.)?  
→ A AÇÃO.
2. O documento possui em seu contexto um objeto sob efeito desta ação?  
→ OBJETO.

2.1 O objeto identificado pode ser considerado como parte de uma totalidade?

PARTE DO OBJETO.

2.2 O objeto identificado possui características ou atributos particulares?

3. O documento possui um agente que praticou a ação?

→ AGENTE.

4. Para estudo do objeto ou implementação da ação, o documento cita e/ou descreve modos específicos por exemplo: instrumentos especiais, técnicas, métodos, materiais e equipamentos?

→ MÉTODOS E MATERIAIS.

5. A ação, objeto e agente são considerados no contexto de um lugar específico ou ambiente?

→ LOCAL FÍSICO OU AMBIÊNCIA.

6. Considerando que a ação e o objeto identificam uma causa, qual é o efeito desta causa?

→ CAUSA (AÇÃO+OBJETO) E EFEITO.

Conforme observado por Fujita e Rubi (2006), o modelo de leitura documentária voltado para texto científico pode ser voltado para (i) elaboração de enunciado de assunto, segundo os termos identificados, se necessário e (ii) lista dos termos identificados para seleção (em quadro) e posterior para tradução por meio de linguagem de indexação utilizada no sistema.

As autoras supracitadas ainda explicam que nem todos os conceitos identificados serão selecionados, pois serão selecionados de forma lógica os conceitos que melhor representam o conteúdo. Para isso, alguns critérios são atribuídos, como o que é considerado importante para uma representação mais pertinente ao conteúdo do documento, a demanda do sistema, linguagem adotada (tradução) e garantia de uso do documento (Fujita; Rubi, 2006).

A partir dos quadros anteriores, o Quadro 11 apresenta, em sua forma total, o princípio do modelo de leitura documentária voltado para a estrutura textual.

Quadro 11 - Princípio do modelo de leitura documentária

| <b>Conceitos</b>                                                                | <b>Questionamentos Para Identificação De Conceitos</b>                                                                                                                              | <b>Partes Da Estrutura Textual</b>              | <b>Termos Identificados</b> | <b>Termos Traduzidos</b> |
|---------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------|-----------------------------|--------------------------|
| OBJETO e PARTE(S) DO OBJETO (algo ou alguém que está sob estudo do pesquisador) | O documento possui em seu contexto um objeto sob efeito da ação                                                                                                                     | INTRODUÇÃO (Objetivos)                          |                             |                          |
| AÇÃO (processo sofrido por algo ou alguém)                                      | O assunto contém uma ação (podendo significar uma operação, um processo, etc.)?                                                                                                     | INTRODUÇÃO (Objetivos)                          |                             |                          |
| AGENTE (aquele ou algo que realizou a ação)                                     | O documento possui um agente que praticou esta ação?                                                                                                                                | INTRODUÇÃO (Objetivos)                          |                             |                          |
| MÉTODOS (métodos utilizados para realização da pesquisa)                        | Para estudo do objeto ou implementação da ação, o documento cita e/ou descreve modos específicos, por exemplo: instrumentos especiais, técnicas, métodos, materiais e equipamentos? | INTRODUÇÃO (Objetivos)                          |                             |                          |
| LOCAL OU AMBIÊNCIA (local físico onde foi realizada a pesquisa)                 | Todos estes fatores são considerados no contexto de um lugar específico ou ambiente                                                                                                 | METODOLOGIA                                     |                             |                          |
| CAUSA E EFEITO                                                                  | Considerando que a ação e o objeto identificam uma causa, qual é o efeito desta causa?                                                                                              | RESULTADOS; DISCUSSÃO DE RESULTADOS; CONCLUSÕES |                             |                          |

Fonte: adaptado de FUJITA; RUBI, 2006.

O modelo parte do aspecto conceitual a partir do que já foi delimitado anteriormente, como o objeto, ação, agente, material, local, causa e efeito. Cada um deles são representados pelos questionamentos oriundos da abordagem sistemática (ABNT 12.676, 1992), em que o leitor profissional conseguirá redirecionar esses questionamentos de forma que auxiliem a encontrar os conceitos. As partes da estrutura textual contêm os lugares do texto em que os conceitos podem ser encontrados. No entanto, para realizar o processo de representação temática, os

termos são identificados a partir da seleção e análise dos conceitos e depois traduzidos por vocabulários controlados, como forma de padronização.

### 3.4.2 A identificação de assuntos em fotografias: estrutura e conceitos

Há uma preocupação com o tratamento e organização de acervos que possuem documentos compostos por estruturas não-verbais, conforme exposto na introdução. Nesse sentido, Madio e Fujita (2008) desenvolveram um projeto de extensão denominado como “A memória acadêmica em imagens fotográficas”, cujo intuito foi de organizar por assuntos as fotografias da trajetória acadêmica da Unesp, durante o período de 1959 a 1999, de forma que pudesse propiciar a recuperação desse tipo documental (Fujita *et al.*, 2004). Ainda para as autoras, esse processo pode ocorrer pela falta de contextualização existente nos documentos.

Para Madio e Fujita (2008), a fotografia é compreendida como um resultado de uma função, intencionalidade, independentemente de ser institucional ou particular. Geralmente, esse tipo de documento não é acompanhado de uma referência ou identificação textual situando a função daquele registro, por isso, deve-se atribuir propósito a ele.

Ainda de acordo com as autoras supracitadas, a existência do documento só ocorre a partir de uma ação, na qual se concretiza uma materialidade. No caso do documento gráfico, ocorre a sua criação a partir de normas e ações, que, por sua vez, vão determinar e definir a sua estrutura final (Madio; Fujita, 2008).

Outras pesquisas contribuíram significativamente para o desenvolvimento da representação temática de fotografias, como as pesquisas de Bléry (1981), Shatford (1986), Smit (1989), Shatford Layne (1994) e Manini (2002).

Ancona Lopez (1996) explica que os acervos de documentos imagéticos não revelam tantas informações necessárias para a sua organização e representação, ainda mais por assunto. Com base nisso, Madio e Fujita (2008, p. 254) complementam que, muitas vezes, a indexação é realizada de acordo com “o assunto principal enfocado na fotografia e o que é o uso da imagem e não do documento fotográfico”.

No estudo de Madio e Fujita (2008), a proposta foi de identificar e estudar a gênese documental do acervo fotográfico da FFC, na UNESP. Esse acervo possui ênfase em acontecimentos essenciais da trajetória acadêmica, que abrange o período

de 1959 a 1999, contendo a instalação dos primeiros cursos de graduação, primeiro prédio ocupado, realização de defesas públicas de mestrado e doutorado, entre outros, que influenciaram diretamente o cenário de ensino, cultura e ciência.

O acervo é composto por aproximadamente 2220 fotos, tratando-se de um conjunto de documentos produzidos e acumulados pela universidade. A sua organização, com base da perspectiva da Biblioteconomia e Arquivologia, pretendeu-se resgatar sua gênese documental, com intuito de identificar o contexto da trajetória acadêmica e administrativa da faculdade e torná-lo acessível à comunidade de forma que os usuários pudessem recuperar esses documentos (Mádio; Fujita, 2008).

De acordo com as autoras e gestoras do projeto, foi realizada a descrição imagética, no entanto, a manutenção da organicidade se mostrou algo essencial para que a função original desses documentos não se perdesse, por conta da descrição da imagem e da fragilidade dos suportes. A partir desse ponto, a pesquisa foi dividida em duas partes: (i) sobre as discussões de termos e métodos para representação e descritiva e digitalização das fotografias; e (ii) os levantamentos históricos, de legislação e depoimentos de profissionais que trabalharam com essa documentação (Mádio; Fujita, 2008).

O acervo fotográfico foi produzido tendo seu início em 1959 e acondicionadas em álbuns fotográficos temáticos pela direção da FFC. Eles possuíam denominações, que, por sua vez, foram caracterizadas em função dos acontecimentos acadêmicos e administrativos, como “Aula inaugural” e “Primeiro vestibular”. As autoras consideraram a direção como produtora documental, visto que os fotógrafos eram desconhecidos.

Cada álbum, explicam Mádio e Fujita (2008), compunha um conjunto de fotografias armazenadas em sequência da produção delas, formando uma sequência da produção de cada fotografia formando uma sequência visual do acontecimento. Esse processo pode ser considerado essencial para compreender a formação e organização desse acervo. A organização foi mantida e consideraram as mesmas denominações para identificar as 26 classes temáticas que são representativas do contexto histórico da universidade, conforme Quadro 12.

Quadro 12 - Classes temáticas representativas do contexto histórico da universidade analisada

| <b>Códigos</b> | <b>Assuntos das Classes temáticas</b>                              |
|----------------|--------------------------------------------------------------------|
| AI             | Aula inaugural                                                     |
| AF             | Antiga FAFI                                                        |
| BB             | Bib                                                                |
| CCDH           | Comemoração do V Centenário de D. Henrique “O Navegador”           |
| CF             | Construção da FAFI                                                 |
| CIC            | Congresso de iniciação científica                                  |
| CL             | Curso de literatura                                                |
| CKB            | Conferência Kurt Baldinger                                         |
| DT             | Doutorado de 1955 e 1965                                           |
| FC             | Fotos da cidade (Marília)                                          |
| FM             | Formaturas                                                         |
| IC             | IC Inauguração do Campus                                           |
| IMH            | Inauguração do Museu de História                                   |
| JE             | Jornada de Estudos 28 e 29 de agosto dde 1991.                     |
| JP             | Jubileu de Prata                                                   |
| M40            | Memorial dos 40 anos (Faculdade)                                   |
| PF             | Pedra Fundamental                                                  |
| PV             | Primeiro Vestibular                                                |
| SH             | Semana de História                                                 |
| SI             | Seminário Internacional “Globalização regionalismo e racionalismo” |
| SIH            | Simpósio de História                                               |
| TC             | Transmissão de cargo Diretor/Vice, 20 de agosto de 1992            |
| VG             | Visita do governador (Ney Braga)                                   |
| VNC            | Venha nos conhecer                                                 |
| VCJ            | Visita do Cônsul do Japão                                          |
| XV JF          | VX Jornada de Filosofia e Teoria das Ciências Humanas              |

Fonte: MADIO; FUJITA, 2008.

Na pesquisa de Madio e Fujita (2008), as análises do contexto de produção da classe temática e de cada fotografia foram realizadas a partir do levantamento de artigos de jornais publicados em Marília, que noticiaram os acontecimentos da faculdade. Essas notícias foram colecionadas desde a década de 1950 pela Direção e depois pela Biblioteca do Campus. Eles formaram uma coleção encadernada dos cadernos de recortes de jornais, que propiciou a pesquisa do contexto histórico de produção das formadas.

Madio e Fujita (2008, p. 257) citam o seguinte exemplo:

A fotografia 'Ato religioso - PF 07' da classe temática Pedra Fundamental. A princípio a fotografia foi interpretada como *Discurso do Senhor Antonio Barreto de Carvalho* devido este Senhor estar olhando para baixo no sentido do material que segura em suas mãos, mas foi descartada já que parece não estar proferindo um discurso. A 2ª interpretação levou em consideração a presença do bispo de Marília Dom Hugo Bressane (à esquerda) na fotografia que, possivelmente, estaria presente na cerimônia de lançamento da pedra fundamental celebrando cerimônia religiosa [(Anexo D)] (Madio; Fujita, 2008, p. 257).

A partir dessa foto, as autoras supracitadas esclarecem que a localização do tema da classe temática "Pedra fundamental" no caderno de recortes da FFC, ao levar-se em conta informações sobre referência do artigo, título, evento, local, data, pessoas citadas e resumo contidos em um roteiro para identificar os dados em notícias de jornais. Procuraram os dados informacionais sobre o evento pelo aspecto do tempo e do espaço. A partir dessas fontes, foi possível obter informações sobre o contexto histórico de produção da fotografia, que contribuíram para identificar a gênese documental (Anexo C, Madio; Fujita, 2008).

Enquanto, no caso das fotografias sem dados acerca de seu conteúdo temático, as autoras explicaram que foram à campo investigar em fontes vivas, como ex-funcionários ou ex-professores da instituição. Após a identificação das informações, segue-se para a etapa de transferência de dados para os campos do Roteiro para identificação de dados em notícias de jornais (Anexo C). Nesse contexto, elaboraram um resumo detalhado da imagem, de modo que deve servir como um guia ou fonte de contexto histórico de produção na análise de cada fotografia da classe temática. Depois da identificação dos atributos morfológicos, conteúdo e contexto de cada imagem, preenche-se o roteiro para identificação dos dados em fotografias (Anexo B).

Com base nessa identificação do contexto para análise de assunto de fotografias, Genette (2010) explica que um texto científico não é igual à de um livro, e, por isso, ele precisa ser acompanhado de elementos de forma que auxiliem na sua identificação e recepção, principalmente, em estruturas não textuais. A paratextualidade, por sua vez, surge como sinônimo do contexto e pode ser caracterizada como a relação que o texto possui com seu paratexto (Mafra; Cordeiro, 2024), visto que ela é considerada um espaço de perguntas sem respostas (Genette, 2010).

A partir dessa inquietação, o autor supracitado desenvolveu, por fim, a teoria de paratexto e apresentou questionamentos que não possuíam respostas. Ainda seguindo as pesquisas de Genette (2009), não há uma definição estabelecida de uma definição do significado de paratexto, independentemente de serem considerados produções verbais ou não (Mafra; Cordeiro, 2024). Para Genette (2009, p. 9),

[nunca se sabe] se devemos ou não considerar parte dele [do texto], mas que, em todo caso, o cercam e o prolongam, exatamente para apresentá-lo no sentido habitual do verbo, mas também em seu sentido mais amplo: para torná-lo presente, para garantir sua presença no mundo, sua “recepção” e seu consumo, sob a forma, pelo menos hoje, de um livro (Genette, 2009, p. 9).

Por fim, o paratexto é definido como “aquilo por meio do qual um texto se torna livro e se propõe como tal a seus leitores e, de maneira mais geral, ao público” (Genette, 2009, p. 9). Mafra e Cordeiro (2024) complementam ao explicar que através do título ou autor poderia ser possível saber qual é o texto, caracterizando-se, dessa forma, um meio de identificar e garantir que a recepção seja garantida. Enquanto Skare (2020) determina o paratexto como uma relação ou mediação com outro texto, geralmente, o principal, de uma forma que possa tornar a obra completa em sua representação.

O paratexto pode funcionar como um ponto de partida para o texto principal, visto que ele se torna responsável em conduzir a mediação entre o texto principal e o leitor, um limite flexível e adaptável, uma vez que o leitor já foi inserido em sua ambientação, mas ainda não chegou ao documento principal (Mafra; Cordeiro, 2024).

O vínculo de um texto com o seu paratexto pode ser considerado um dos aspectos essenciais, visto que ele deve necessariamente estar subordinado ao texto principal e pode comunicar uma informação ou expor uma intenção ou interpretação

(Genette, 2009; Mafra; Cordeiro, 2024). Le Coadic (1996) também definiu o paratexto como um contorno do texto principal, cujo intuito consiste em ser um instrumento de adaptação entre um texto e um público, de forma que possa orientar.

Skare (2020) explica que o crítico literário dividiu o paratexto em peritexto e epitexto. O peritexto é composto por aspectos que estão associados ao livro em si (capa, título, indicação de gênero, prefácio, epílogo, temas), enquanto o epitexto aborda declarações sobre o livro que vão além de seu texto, como entrevistas, cartas, diários, correspondências e artigos analíticos sobre o texto.

Genette (1987) parte do pressuposto de que há uma ordem na qual o leitor em potencial pode seguir para encontrar os elementos como: apresentação externa do livro (capa e página de rosto), formato, composição tipográfica, se faz parte de uma série ou coleção, nome do autor, título e gênero. Skare (2020) complementa ao dizer que, em seguida, o leitor examina os elementos no interior da capa do livro (comentários de capa, prefácios, dedicatórias, intertítulos e notas, descrevendo como “características espaciais, temporais, substanciais, pragmáticas e funcionais” da mensagem paratextual (Genette, 1987, p. 4).

Na última parte de seu estudo, Genette (1987) discute o epitexto público e privado, pois pode conter tudo o que foi escrito ou dito sobre um texto. Embora o peritexto seja negligenciado pelo ambiente literário constantemente, o epitexto é utilizado para comentar as obras literárias. Skare (2020) continua a complementar ao explicar que a divisão entre peritexto e epitexto pode ser considerada espacial, pois um pode-se tornar o outro. A autora cita o exemplo de uma carta de um determinado autor ou uma entrevista, que se torna parte do livro como um prefácio ou posfácio.

Na CI, Mafra e Cordeiro (2024) explicam que é comum existir estudos relacionados aos processos da organização do conhecimento, com ênfase em indexação, que abordam uma diversidade de elementos paratextuais composta em um livro. No entanto, para as autoras supracitadas, não há regras específicas sobre quais seriam esses elementos, elas elencam campos como o título, nome do autor, capa, folha de rosto, intertítulos ou títulos dos capítulos ou seções, resumos, entre outros. Mesmo assim, para os autores, o paratexto possui a capacidade de enriquecer as descrições de documentos, visto que fornecerão informações a respeito do documento principal.

Os campos para o roteiro para identificação dos dados em fotografias, conforme o destacado por Mádio e Fujita (2008), que poderá ser usado em conjunto com o modelo de leitura para estrutura textual:

1. **Dados de controle:** composta pelo número de identificação da fotografia, a data (dia/mês/ano) e classe temática.
2. **Análise externa:** título, estado de conservação (ótimo, bom, ruim e péssimo), dimensão e identificação de carimbos, etiquetas, dedicatórias e anotações (descrição).
3. **Análise de conteúdo:** análise morfológica, tipo de iluminação (noite ou dia, luz artificial ou natural), posição da luz, valores de enquadramento, coloração, conteúdo temático, como espaço geográfico (onde?), descritor cronológico (tempo histórico - quando?) e temáticos (pessoas - quem? o que?). Elementos naturais e artificiais, que envolvem ações (como?) e resumo descritivo-narrativo (por que, para que).

A seção de leitura documentária aprofundou sobre a sua conceituação, em que o leitor faz uma leitura técnica profissional, com intuito de representar aquele determinado assunto. Esse processo é feito pelas variáveis da leitura documentária (leitor-texto-contexto), que possui especificidades que afetam o modo como esse processo irá ocorrer.

O texto, conforme foi possível observar, é composto por estruturas textuais verbais e não-verbais, no caso, as narrativas e artigos científicos compõem essa categoria de textos verbais, enquanto a fotografia, filme e partitura musical compõem as estruturas textuais não verbais, em que se transmite uma mensagem, possui um código, mas se diferente em sua estrutura. Esse texto é composto pela intenção do autor, forma e conteúdo, em que se corresponde ao material a ser lido, o que diferencia da estrutura não textual, como a imagem, na qual leva-se em consideração elementos técnicos e os significados da imagem no contexto social e cultural, ou seja, sua simbologia.

Pode-se observar na variável leitor que ele é caracterizado, nesse contexto, pelo indexador, com objetivos profissionais. Com base nisso, ele precisa demonstrar ter conhecimento prévio acerca do documento analisado, principalmente, de sua estrutura, e fazer uso de estratégias de leitura para conseguir atingir objetivo de

identificar o conteúdo do documento. Nessa variável foi possível observar como o cérebro processa a informação e como isso reflete em suas ações.

Por fim, o contexto está relacionado diretamente à noção de domínio, pois dependendo da forma como o indexador analisa um determinado documento, o seu contexto, enquanto domínio, pode afetar a sua leitura e, por consequência, a sua representação. Ele pode abordar diversos âmbitos, como físico, psicológico, social, cultural e sociocognitivo.

A aplicabilidade dessas variáveis foi possível de ser observada a partir do desenvolvimento dos modelos de leitura documentária, pois eles destrincham a estrutura do texto e auxiliam no direcionamento do profissional indexador, a partir das variáveis estabelecidas. Há uma gama de modelos de leitura para diferentes tipos de documentos, no entanto, para a presente pesquisa, foi aprofundado sobre o modelo de leitura de artigo científico, por ter sido o primeiro tipo de modelo de leitura criado e para fotografia, por se aproximar, a partir das definições apresentadas, ao tipo de documento da partitura musical.

## **4 PARTITURAS MUSICAIS: ASPECTOS HISTÓRICOS, CONCEITUAIS E ESTRUTURAIS**

Esta seção é composta pela literatura nacional e internacional sobre partituras musicais, com o intuito de refletir acerca de seus aspectos históricos e estruturais, para relacioná-los com a CI, enquanto documento musical passível de ser representado e, dessa forma, obter um entendimento de como ambas as áreas estabelecem seus conceitos ao se relacionarem. A seção está dividida em: 4.1 história da partitura musical; 4.2 a estrutura e a conceituação da partitura musical e 4.3 a representação desse tipo de documento pelos aspectos normativos já estabelecidos, de modo a abarcar como um todo as informações mais essenciais.

### **4.1 A história da partitura musical**

A música é caracterizada como a arte de combinar sons e silêncios. Através dela é possível expressar sentimentos e emoções com uso de sons ordenados, no qual seu significado será variado, conforme cada pessoa em particular (Cardoso, 1996). Barros (2012, p. 49) complementa que ela é um “elemento cultural resultado de um processo de significação social”. A autora ainda considera a música como uma expressão construída e desenvolvida socialmente, cujo objetivos decorrem por meio da comunicação oral, registros sonoros ou representação gráfica, nesse caso, a partitura musical.

Napolitano (2002, p. 84) define a partitura musical como um tipo de suporte que possibilita que uma obra musical possa ser lida, interpretada e lembrada, independentemente da época em que foi composta, pois “é apenas um mapa, um guia para a experiência musical significativa proporcionada pela interpretação e audição da obra.”

Ao longo da história, de acordo com Castro (1988), houve três momentos decisivos para a transformação da forma como se produzia e utilizava a música: (i) invenção da escrita, leitura e literatura musical, que possibilitou no desenvolvimento de registros; (ii) conquista da impressão musical e o estabelecimento de uma indústria como um comércio editorial musical; e (iii) invenção dos meios de gravação e reprodução fonomecânicos e o estabelecimento da indústria fonográfica. Nesse

estudo, o enfoque está na partitura musical, em específico, a invenção da escrita musical e seus registros.

A música se ajustou a cada período histórico e esteve cada vez mais presente na vida do ser humano. Ela foi perpetuada por meio de rituais, cerimônias, músicas profanas, cultos religiosos e orquestras até chegar aos sons eletrônicos, músicas tocadas em rádio e na espera no atendimento de *telemarketing* no celular (Moura, 2019).

Na Pré-História, Cavini (2011) contextualiza que já havia instrumentos musicais datados do período Paleolítico, em torno de 40 mil anos a. C., na atual França. Esses instrumentos eram flautas feitas com ossos de patas de renas. O autor pressupõe que era instrumento utilizado para caçar os animais ou para realizar a comunicação entre si. No entanto, um dos primeiros registros de arte musical foi encontrado na gruta de *Trois Frères*, em Ariège, França, contendo uma gravura rupestre magdaleniana, com cerca de 10 mil anos a. C., que representaria um tocar ou arco musical (Cavini, 2011). Em 2009, descobriram uma flauta também feita de osso de abutre, datada de 35 mil anos. Dessa forma, não há como datar com precisão os primeiros registros e as primeiras manifestações musicais e resumi-los em um único documento.

Uma das primeiras civilizações, em que encontraram registros de músicas na Antiguidade, fora na Mesopotâmia, com os seguintes povos: sumérios, babilônios, assírios. Ainda discorrendo acerca da história da música, Cavini (2011) explica que os Sumérios (3500-2550 a. C.) não possuíam uma notação musical e foram os primeiros povos da daquela região, principalmente, a realizar uma relação entre a teoria dos números e a teoria musical. Eles usavam os instrumentos de sopro (flautas de prata e bambu); cordas (alaúde de braço comprido, harpas) e lira, que possuía entre 5-11 cordas; e percussão, como os címbalos, feitos de pequenos pratos de bronze, cobre ou prata.

Enquanto os Babilônios (2000 - 539 a. C.) compunham músicas como forma de incentivo durante as batalhas, banquetes e festas em tempos de paz, com destaque para as épocas de Senaquerib e Nabucodonosor. Nesse sentido, acabaram encontrando três tábuas datadas dos séculos XVIII a XV a. C., que possuem valor de prova que já naquela época havia uma teoria musical mais complexa e elaborada. Segundo a autora supracitada,

Estas tábuas cuneiformes revelaram um método de afinação da lira-cítara de nove cordas, permitindo estabelecer-se uma teoria da escala babilônica, que seria uma escala diatônica de 7 sons, uma novidade para a época, já que o usual entre os povos da Antiguidade eram as escalas pentatônicas (5 sons) (Cavini, 2011, p. 39).

Nesse período, também foram encontradas descrições de execução orquestral no reinado de Nabucodonosor, como trombeta, flauta lira e harpas vertical e horizontal (Cavini, 2011). Já os Assírios (1300-612 a. C.), por sua vez, explica Cavani (2011), também possuíam um grau maior de consideração, pois foram encontrados documentos que narram acerca da prática musical pelo seu aspecto social. Nesse período, os instrumentos mais utilizados eram os de sopro (trombetas e flautas); cordas (liras, cítaras e harpas portáteis); e percussão (gongos, tímpanos e tambores de diversos tamanhos e formas).

Os hebreus (2000 a. C. - 70 a. C.), de origem semita, segundo Cavini (2011), tinha o hábito de ter contato com a música. Descobriram-se, nesse sentido, escavações arqueológicas com gravuras feitas, em torno de 1900, por artistas locais, que representavam famílias semitas levando seus pertences, inclusive instrumentos musicais.

No Egito, foram encontrados muitos registros envolvendo documentos musicais. A autora supracitada divide nos seguintes períodos: pré-dinástico (5000-3200 a. C.), em que encontram um documento musical da representação de dançarinos mascarados tocando flauta (3500 a. C.); antigo império (3200-2300 a. C.), com a descoberta de figurações coreográficas com inscrições que informavam danças que eram apresentadas aos faraós. No período médio império (2134-1580), foram localizados muitos documentos representando conjuntos musicais consideráveis. Enquanto no Novo Império (1580-525 a. C.) compreendeu um período do século XVII a XX, com a caracterização pela expansão militar do Egito, com destaque para Tutmés III e Ramsés II.

Até o aparecimento de registros, a criação da escrita e os métodos de sistematização, a música era considerada uma linguagem transmitida de forma oral e auditiva, passada de geração para geração. Mesmo assim, a notação musical desenvolveu-se antes do uso do pergaminho ou papel na escrita (Károlyi, 2002).

Károlyi (2002) ainda explicou que, nessa época, o objetivo era encontrar um sistema simbólico que pudesse definir a altura e ritmo de uma melodia. Nesse período, a partitura musical era chamada *ecfonética*.

Dos séculos V ao VII d. C., introduziram um sistema a partir desses sinais, que davam indicações acerca de como a música seria executada, de forma geral. Esse sistema recebeu o nome de *neumas* (Károlyi, 2002). Até o século IX, a maior parte da transmissão da música ocorria apenas de forma oral, mas os cultos religiosos começaram a criar canções e a escrever as letras para que não fossem esquecidas, e, com isso, símbolos foram inseridos, originando na notação musical, partitura que influenciou na atualidade (Gandelman, 2003).

Ainda nesse período, houve uma importante contribuição de Guido D'Arezzo (990-1050), monge beneditino, que organizou o sistema de notação musical utilizado na atualidade, ao descrever uma escala simplificada que poderia facilitar o processo de aprendizagem dos alunos e diminuir erros ao interpretar uma música. De acordo com Gomes (2017, p. 2-3):

Somente a partir do século XI, com o Monge beneditino Guido D'Arezzo (990-1050), que, de fato, elabora-se uma notação musical precisa com a invenção do telegrama enquanto meio de registrar as alturas sonoras e, por tanto, produzir os registros musicais. Sendo assim, com a grafia do som, um novo tipo de documentação surge, de modo que a música passa a ser entendida não somente enquanto som, mas também enquanto registro documental (Gomes, 2017, p. 2-3).

Ao organizar o sistema atual, Guido d'Arezzo criou as notas musicais, com base em um hino de louvor ao santo São João Batista, como uma forma de homenageá-lo (*vide* Figura 4).

Figura 4 – notas musicais criadas com base na homenagem feita a São João Batista

| <b>Versos em latim:</b> | <b>Tradução:</b>       |
|-------------------------|------------------------|
| <i>“Ut quant laxis</i>  | “Para que teus servos  |
| <i>Resonare fibris</i>  | Possam, das entranhas  |
| <i>Mira gestorum</i>    | Flautas ressoar        |
| <i>Famuli tuorum</i>    | Teus feitos admiráveis |
| <i>Solve polluti</i>    | Absolve o pecado       |
| <i>Labii reatum</i>     | Desses lábios impuros  |
| <i>Sancte Iohannes”</i> | Ó São João.”           |

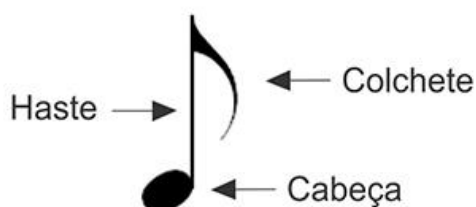
Fonte: PIANÍSSIMO, 2021.

A Figura 4 disponibiliza os versos em latim, e sua tradução, feitos em homenagem ao santo São João Batista, criados por Guido d' Arezzo. Nos versos em

latim é possível observar as iniciais destacadas, pois o monge as utilizou para denominar as notas musicais. Nesse caso, elas eram “ut”, “re”, “mi”, “fa”, “sol”, “la” e “si”. O “si” foi obtido a partir da junção das iniciais da frase “*Sancte Iohannes*”. Enquanto a nota “dó” foi implementada no século XVII, quando o sistema foi revisado.

Károlyi (2002) define que as notas musicais são sinais ovais, brancas ou pretas, cuja função é indicar sua altura (capacidade distinguir um som musical alto, ou seja, agudo, ou mais baixo, grave, através de uma frequência, caracterizado pela vibração do som), *vide* Figura 5.

Figura 5– Formação da nota musical



Fonte: TABLATURAS E CIFRAS, 2017.

A Figura 5 explica a formação de uma nota musical, no qual é composta pela haste, colchete e cabeça. Nem todas as notas possuem colchete, a sua variação decorre com o seu valor proporcional ao seu tempo (Figura 6).

Figura 6 – nomes e valores das notas musicais

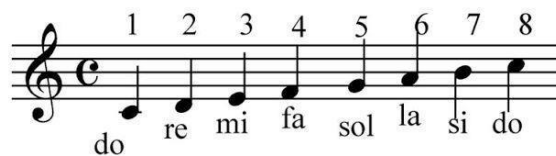
| NOMES        | VALOR | FIGURA | PAUSA |
|--------------|-------|--------|-------|
| Semibreve    | 4     |        | —     |
| Mínima       | 2     |        | —     |
| Semínima     | 1     |        |       |
| Colcheia     | 1/2   |        |       |
| Semicolcheia | 1/4   |        |       |
| Fusa         | 1/8   |        |       |
| Semifusa     | 1/16  |        |       |

Fonte: EDUCAÇÃO MUSICAL, 2018.

A Figura 6 explica os nomes das notas musicais, as figuras que as representam, seus valores relacionados ao tempo e as pausas, que são momentos da música em que o executante aguarda.

Por exemplo, quanto mais alta a frequência de um som, maior será sua altura. Essas notas possuem a seguinte ordem: “dó”, “ré”, “mi”, “fá”, “sol”, “lá” e “si”. Um conjunto delas é denominado como uma escala musical, no qual as notas vão se repetindo constantemente. Dessa forma, assim que a nota da escala termina com a nota “si”, inicia-se outra escala com a nota “dó” (*vide* Figura 7).

Figura 7 – escala musical da letra dó

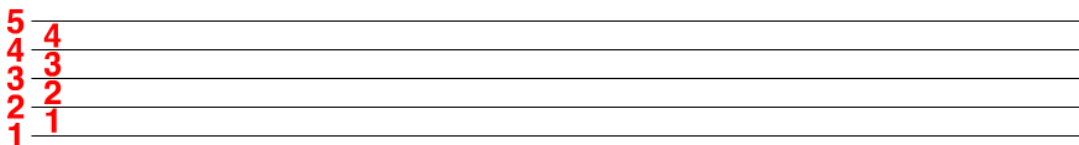


Fonte: adaptado de KÁROLYI, 2002.

A Figura 7 representa um tipo de escala musical, em que se inicia com a nota “dó”. Essa escala termina na nota si e inicia-se novamente na letra dó, mas em um tom acima do original, o som que sairá da nota dó, representada pelo número 8, será mais agudo do que o som da nota dó representada no número 1.

Ainda seguindo com a história da partitura musical, em 1457, foi publicado o primeiro livro impresso de partituras musicais, com a música “Saltério de Mainz”, de Johann Fust e Peter Schoffer. Esse fato é considerado algo importante devido à criação da imprensa de Gutenberg, por volta de 1439. No entanto, as linhas da pauta ou pentagrama e as notas, essenciais para a partitura musical, foram colocadas às mãos (*vide* Figura 8), por conta da dificuldade em conseguir deixar tudo muito bem alinhado na pauta. Somente mais tarde as linhas foram impressas.

Figura 8 – Pauta ou pentagrama

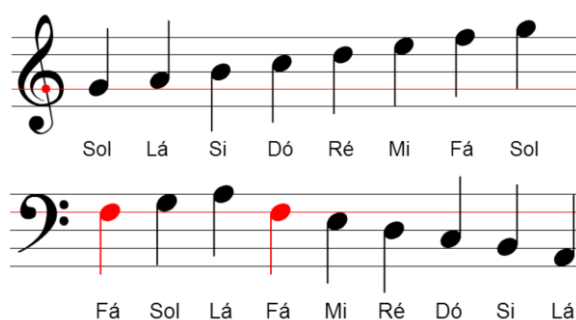


Fonte: DUPRÁ, [2016?].

A pauta ou pentagrama, disponível na Figura 8, consiste em um conjunto de cinco linhas e quatro espaços equidistantes. Pode-se considerar que é a base da partitura, pois toda a sua estrutura é escrita em cima dessas linhas e espaços, que levarão diferentes nomes. Ela possui como intuito ser utilizada como as posições das notas (Károlyi, 2002).

De acordo com Károlyi (2002), para que as notas sejam inseridas na partitura musical e obter um melhor entendimento desse processo, é necessário haver uma bússola, responsável por orientar como será a execução da música. Essa função é preenchida pelas claves. A partir delas, as notas musicais são atribuídas à partitura. No total, há três tipos de clave: sol, fá e dó (vide Figura 9).

Figura 9 – Atribuição de notas pelas claves



Fonte: adaptado de DUPRÁ, [2016?].

Como pode ser observado na Figura 9, a primeira clave é denominada como “sol”, com o seu início localizado na segunda linha. Se a clave de sol começa a ser desenhada na segunda linha, logo, a nota encontrada nessa mesma linha também será chamada como sol. Ao seguir a ordem estabelecida pela escala (Figura 7), a próxima nota será a “lá”, que ocupará o segundo espaço, de baixo para cima. As próximas notas seguirão o estabelecido pela escala, acompanhando as próximas linhas e espaços<sup>4</sup>.

A segunda clave, denominada como “clave de fá”, inicia-se na quarta linha, de baixo para cima, apresentando uma escala diferente da clave de “sol”. Se observar a posição que a nota “fá” está na clave de “fá” e comparar com a mesma posição (4ª linha) na clave de “sol”, por exemplo, perceberá que a nota mudará para ré. Isto é, na

<sup>4</sup> Para se observar como funciona esse processo na prática, de forma lúdica, recomenda-se o seguinte vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=FOkw-EYT-KQ>.

clave de sol, de acordo com a ordem da escala, a nota presente na quarta linha é denominada como “ré”, diferenciando-se da nota atribuída a clave de “fá”.

No final do século XVI, desenvolveu-se a gravação mecânica de placas para a área da música. Antes, esse processo era aplicado em artes visuais e mapas. Nesse método, uma imagem espelhada de uma página inteira da partitura musical era inserida em uma placa de metal, com a tinta aplicada nas ranhuras. O material utilizado era cobre, depois foi substituído por estanho, no século XVIII.

Esse método de gravura em placa foi utilizado até o final do século XIX, com declínio acelerado devido ao desenvolvimento da fotografia. Mesmo assim, essa técnica, às vezes, é utilizada por editores selecionados, como, por exemplo, G. Henle Verlag, na Alemanha.

No século XVIII, Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) discutiu e revisou a proposta do sistema notacional da sua época, com o intuito de tentar simplificar ainda mais, a partir do conceito de naturalismos e do modo como as formas naturais encontrariam ressonância nas dimensões subjetivas da arte e da imaginação. De acordo com Grant (2001), em sua perspectiva de música, e, conseqüentemente, partitura musical, não era uma forma universal, no qual tudo era acessível a todos os seres racionais, mas ele relaciona as linguagens naturais particulares, com seus crescimentos em culturas específicas, a partir da ideia de natureza como fonte da arte que auxilia a abrir um caminho, no qual será implementado a noção Kantiana de “gênio”<sup>5</sup>.

No final do século XIX também houve a indústria da música dominada por editoras de partituras musicais. O grupo, denominado como *Tin Pan Alley*, era composto por editores de música e compositores, com sede em Nova Iorque. Nessa época, o controle sobre os direitos autorais de melodias não era tão rígidos, por isso, os editores costumavam imprimir suas próprias versões de partituras que eram populares na época. Conforme as leis foram tornando-se mais rígidas, no final do século, os compositores, letristas e editores começaram a trabalhar em conjunto: os editores e os letristas se encarregavam da música vocal, enquanto os compositores focavam nas composições das partituras.

---

<sup>5</sup> “Kant defende que o gênio é um talento inato, e sua faculdade se desenvolve na capacidade de apresentar ideias estéticas, isto é, apenas o gênio pode ser autor de uma bela arte, porque consegue vislumbrar a natureza em sua magnificência e transpassar seu espírito por meio das artes” (Gomes; Oliveira, 2017, p. 1).

No final do século XIX também houve uma explosão informacional de música de salão, o que fez ser necessário as famílias, em principal, de classe média, aprenderem a ler partitura musical e tocar piano, como forma de ouvir uma nova canção ou entreter a família. No entanto, no início do século XX, esse processo começou a cair em desuso, devido ao uso do fonógrafo, da música gravada e transmissão por rádio. Dessa forma, a indústria fotográfica substituiu as editoras de partituras.

Na década de 1950, houve uma aproximação do intérprete com a obra, o que gerou uma pluralidade de formas de partituras musicais. Entre essa época e 1970, surgiu a ideia de que uma nova música deveria corresponder a uma nova notação musical. No entanto, em 1989, houve um declínio desse movimento, pois era algo complexo e inviável, principalmente, para obter-se uma padronização universal da partitura musical. Com isso, o sistema tradicional de partitura retornou, mas com a inserção de modificações denominadas como orgânicas.

Nesse período, houve propostas de novas diretrizes para a unificação do sistema, no qual pesquisadores fizeram um levantamento completo de todos os novos símbolos usados e, com o auxílio do processamento de dados, imaginaram construir um enorme catálogo com eles e seus significados. A proposta consistia em inserir regras para uma normatização geral. No entanto, o projeto acabou por falhar e os pesquisadores desistiram dele.

No final do século XX e início do século XXI, houve interesse no desenvolvimento de partituras que fossem legíveis por computador, como a criação do *software Music ORC*, utilizado para a “leitura” de partituras digitalizadas. Com isso, começam a aparecer os sites de partituras musicais na internet, como o *Mutopia Project* e o *Petrucci Library*, com o objetivo de criar uma biblioteca digital de partituras musicais.

Figura 10 – as notas musicais ao longo dos séculos

| Neuma       | Tradução            | Grafia do século 9                                                                 | Grafia do século 13                                                                  | Equivalência atual                                                                   |
|-------------|---------------------|------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------|
| Virga       | Vara                |   |   |   |
| Punctum     | Ponto               |   |   |   |
| Clivis      | Clava               |   |   |   |
| Podatus/Pes | Pé                  |   |   |   |
| Torculus    | Torcido             |   |   |   |
| Porrectus   | Esticado            |   |   |   |
| Climacus    | Escada              |   |   |   |
| Scandicus   | Subida              |   |   |   |
| Quilisma    | Arrastar-se no chão |  |  |  |

Fonte: GERAÇÃO - ESCOLA DE MÚSICA, 2021.

O que a história da partitura mostra é como as notas e sua estrutura foram alteradas ao longo dos anos. A Figura 10 representa bem esse processo, quando as notas das *neumas* levavam nome em latim, principalmente se comparar aos nomes das notas atuais, conforme demonstrado na Figura 6. A grafia das notas também mudara, ao ponto que pode ser irreconhecível na atualidade, caso o executante não tenha conhecimento dessas mudanças.

## 4.2 A conceituação da partitura musical

Ao cursar a disciplina “A crítica documental pela diplomática e sua relação com a organização da informação”, ministrada pela profa. Dra. Sonia Maria Troitiño Rodriguez, durante o Doutorado, foi proposto, como forma de avaliação final para a disciplina, um artigo acerca das definições e das conceituações a partir de diferentes vertentes teóricas da partitura musical. O objetivo do trabalho foi obter entendimento de como diferentes áreas conceituam a partitura musical, pois a perspectiva de cada

uma delas conseguem influenciar diretamente na forma como os profissionais, em especial, indexadores, as tratam.

Thomas e Smiraglia (1998) discutem a relação de uma partitura musical com a obra real, nesse caso, um livro bibliográfico, por exemplo. Eles explicam que a “família bibliográfica musical” não pode ser definida com precisão pela ideia tradicional de que uma obra é o mesmo que uma partitura musical e todos os outros formatos seriam considerados como entidades menores.

Para Souza (2006, p. 212):

Quando a música é registrada em papel, quer seja através de símbolos, notações associadas a significações atribuídas pelo compositor, ou mesmo em notação ocidental (tradicional), ela viabiliza o armazenamento e fixação das ideias ‘originais’ do texto musical, fazendo dele um objeto de repetição e reflexão, além de superar, em muito, a capacidade de armazenamento individual de qualquer conhecedor (Souza, 2006, p. 212).

Bairral (2010) defende que a partitura musical se adaptou conforme as necessidades de cada época, estilo, compositor ou teórico, pois, para o autor, as evidências mostram que eram tentativas contínuas de músicos de tentar fazer estender-se entre seus semelhantes, ao tentar melhorar uma partitura musical já existente.

Com base na pesquisa desenvolvida durante a disciplina cursada, chegou-se a uma quantidade de definições que se diferenciam e se assemelham, a depender da perspectiva. Por isso, foram reunidas algumas definições que se aproximam à forma como a partitura musical é trabalhada no presente estudo.

Quadro 13 – Definições de partitura musical

| <b>Autores</b>                   | <b>Definições de partitura musical</b>                                                                                                                                                                                                              |
|----------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Bennet<br/>(1986, p. 9)</b>   | “A partitura é a escrita de uma música (impressa ou manuscrita, com todas as suas partes arranjadas em pentagramas distintos e superpostos que estão unidos por traços verticais para que todo conjunto seja apreendido de um só relance de olhos.” |
| <b>Michels<br/>(1992, p. 69)</b> | “Registro gráfico simultâneo de várias vozes, sobrepostas abarcando-as com vistas a um tempo. Todas as notas e silêncios que devem soar simultaneamente devem estar, para que isso ocorra, grafadas em uma linha exatamente vertical.”              |
| <b>Reis<br/>(2001, p. 22)</b>    | “Texto que o intérprete deve ler, compreender e transformar em um processo relacional de sons, na ordem estética dada pelo compositor no âmbito da forma.”                                                                                          |

|                                                              |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
|--------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Matos<br/>(2007, p. 20)</b>                               | “Informação musical grafada, em papel, sob formas e linguagem variadas que acompanham a evolução da história da música e das civilizações ao longo do tempo.”                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| <b>Cavalcanti<br/>(2013, p. 63-64)</b>                       | “Na partitura, expressões e sensibilidades do compositor são representadas por signos da notação musical, interpretados como códigos sonoro-afetivos. Códigos que revelam ao intérprete-leitor as deliberações e intenções do compositor quanto às suas tensões emocionais no ato da criação. Os símbolos que compõem a escrita textual direcionam escolhas interpretativas, compondo, com efeito, padrões estéticos para o intérprete.”                                                                   |
| <b>Lobo<br/>(s. d., p. 8)</b>                                | “Pauta musical é formada por cinco linhas que possuem quatro espaços entre elas e são contadas de baixos para cima, do grave para o agudo. Cada linha e cada espaço serve para se representar uma nota musical diferentes através de um símbolo de uma pequena esfera desenha sobre a linha ou no espaço entre as linhas. Porém, não há um único padrão de posicionamento das notas na pauta e é possível mudar o referencial de acordo com a necessidade através do uso de diferentes claves.”            |
| <b>Souza e Souza<br/>(2014, p. 46)</b>                       | “A partitura musical pode ser considerada um documento arquivístico quando observamos que a sua criação é realizada no curso das atividades pessoais de seu autor por razões culturais através de representações gráficas fixadas em suporte de papel ou digital.”                                                                                                                                                                                                                                         |
| <b>Pacheco<br/>(2016, p. 71-73)</b>                          | “As partituras possuem tipos e tamanhos diferenciados, com características próprias e representam as diferentes manifestações das expressões de uma obra. A identificação da tipologia da partitura pode ser encontrada na folha de rosto, na disposição dos instrumentos, no pentagrama musical ou, ainda na identificação da instrumentação utilizada. Assim, conhecer a tipologia das partituras musicais da categoria música notada ou pautada fornecendo elementos para a organização da informação.” |
| <b>Reyes Gallegos<br/>(2016, p. 141,<br/>tradução livre)</b> | “Papel de música ou música anotada ou notada. Uma característica é que os registros de seus signos correspondem a algum tipo de sistema de notação musical: tablatura, cifrado, notação neumática, quadrada, mensural etc.”                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| <b>Caldas<br/>(2018, p. 21)</b>                              | “A partitura de modo geral pode constituir-se de diversas informações além do título e autor, como: instrumentos que compõem a formação, tipo de composição, época, copista, arranjador entre outras.”                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| <b>Audi<br/>(2020, p. 37)</b>                                | “Formada por signos fundamentalmente musicais, dentro de um código específico e único. Tipo de escrita que permite ao músico registrar melodias, harmonias e ritmos com precisão, além de questões interpretativas como dinâmica, andamento e intensão, e de questão técnicas como digitações, ligados e ornamentos.”                                                                                                                                                                                      |

Fonte: Elaborado pela autora.

O Quadro 13 apresenta um conjunto de definições de partitura musical, a partir de distintos autores (Audi, 2020; Caldas, 2018; Matos, 2007; Pacheco, 2016; Souza; Reyes Gallegos, 2016; Souza, 2014). A definição caracterizada como a mais semelhante consiste na definição de partitura enquanto registro grafado em papel (manuscrito ou impresso) com códigos, signos específicos e linguagem própria. Ela possui um sistema de quatro linhas com quadro espaços (*vide* Quadro 13),

denominada como pauta ou pentagrama, no qual são escritas as notas, pausas e outros símbolos específicos da partitura para a composição da música. A sua notação escrita deve ser clara, para que o intérprete consiga executá-la de forma adequada. Existem diferentes tipos de partituras musicais (*vide* Quadro 14):

Quadro 14 - principais tipos de partituras musicais

| <b>Autores</b>                         | <b>Definições de partitura musical</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
|----------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Partitura condensada</b>            | Partitura musical em que aparecem apenas as partes musicais mais importantes, no menor número possível de pentagramas, geralmente, organizadas por seções instrumentais.                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| <b>Partitura de bolso</b>              | Partitura musical de tamanho reduzido, em princípio, não destinada à execução.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| <b>Partitura de coro</b>               | Partitura de obra para canto, que mostra somente as partes do coro, com acompanhamentos, se houver arranjado para instrumento de teclado.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| <b>Partitura fechada</b>               | Partitura em que aparecem todas as partes, no menor número possível de pautas, normalmente, dois, como hinos.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| <b>Partitura incompleta</b>            | Esboço feito por um compositor para uma obra destinada ao conjunto, ressaltando, em poucas pautas, as características principais da composição.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| <b>Partitura vocal</b>                 | Partitura que apresenta todas as partes vocais como o acompanhamento, caso haja arranjado para instrumentos de teclado.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| <b>Partitura do regente</b>            | A parte para um instrumento determinado, no âmbito de uma obra para conjunto, como guias para os outros instrumentos destinados a serem usados pela pessoa que toca os instrumentos e, ao mesmo tempo, rege a execução da obra.                                                                                                                                                                                                                                          |
| <b>Partitura para teclado e harpas</b> | Tem geralmente duas pautas: (i) para a mão esquerda e (ii) para a mão direita, já que as duas mãos vão trabalhar separadamente para a produção dos sons. Os demais instrumentos exigem que as duas mãos trabalhem em conjunto para a produção do som, ex.: violão. Em partituras para piano a quatro mãos, a página esquerda corresponde ao pianista sentado à esquerda e a página direita corresponde ao pianista à direita do piano.                                   |
| <b>Partitura de estudo</b>             | Apresenta peça instrumental ou vocal destinada a explorar e aperfeiçoar uma faceta particular da técnica de execução, sem fim estético. Incluem-se os solfejos, vocalizes, ditados rítmicos, exercícios e os métodos para instrumentos.                                                                                                                                                                                                                                  |
| <b>Partitura de câmara</b>             | Aquela escrita para um reduzido número de músicos. Geralmente aplicada à música instrumental para dois a oito executantes, nomeados como duetos (duos), trios, quartetos, quintetos, sextetos, septetos, octetos e nonatos, com uma parte específica para cada um deles. Com exceção do quarteto de cordas, que tem uma formação padronizada, os demais necessitam de uma discriminação específica dos instrumentos utilizados, já que podem ocorrer inúmeras variações. |
| <b>Partitura de notação gráfica</b>    | Tipo de notação usado por alguns compositores da segunda metade do século XX, que não dá indicação precisa de que as notas devem ser tocadas, ou quando utilizando gráficos ou simbólicos, para sugerir o que o executante poderia tocar. O músico se vê confrontado com uma escrita em que não existe qualquer sinal convencional.                                                                                                                                      |

|                                      |                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
|--------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                      | Algumas partituras por gráficos são acompanhadas de instruções verbais, chamadas de bula, para explicar e decifrar seus sinais, uma espécie de “modo de usar”. Estas partituras são consideradas como mapas que permitem estabelecer novas estratégias de interpretação e estimulação da criatividade. |
| <b>Partitura de instrução verbal</b> | Partitura escrita com palavras, em que somente instruções verbais são escritas para que o músico possa se inspirar em conteúdo, geralmente filosófico ou poético.                                                                                                                                      |
| <b>Partitura de notação roteiro</b>  | Pode ou não utilizar a grafia tradicional, incluso sinais não convencionais. Normalmente, antes ou depois da partitura, é inserido um roteiro de instruções (bula), que detalhada cada um dos sinais utilizados pelo compositor.                                                                       |

Fonte: BURGOS BORDONAU e PETRESCU, 2011, e PACHECO, 2016.

O Quadro 14 apresenta os diferentes tipos de uma partitura musical, de acordo com Bordonau e Petrescu (2011) e Pacheco (2016). Há diferentes tipos de partituras e todas se assemelham ou diferenciam em suas especificidades. A *partitura condensada* é uma versão menor da completa, com o menor número possível de pentagramas, enquanto a *partitura de bolso* também possui um tamanho reduzido, mas, a princípio, não possui a função de ser executada e não há explicações da razão. A *partitura fechada* e a *partitura incompleta* possuem características semelhantes à *partitura condensada*: a primeira consiste em disponibilizar todas as partes, mesmo que no menor número de pautas possíveis, enquanto a segunda é um esboço feito pelo compositor para uma obra destinada, ressaltando as características principais da composição.

A *partitura de coro* mostra somente as partes destinadas ao canto para o coro e se houver arranjo para instrumento de teclado como acompanhamento. A *partitura vocal* apresenta todas as partes vocais como acompanhamento, se houver arranjo para instrumentos, como o de teclado. E a *partitura de instrução verbal* é uma partitura escrita com as palavras, no qual contém instruções verbais escritas para que o músico possa se inspirar em conteúdo, geralmente, filosófico ou poético.

A *partitura do regente*, por exemplo, é destinada a um instrumento determinado, no âmbito de uma obra para conjunto, com guias para outros instrumentos, com objetivo de ser usada pela pessoa que toca o instrumento e, ao mesmo tempo, rege a execução da obra. A *partitura para teclado e harpas*, geralmente, possui duas pautas (uma para mão esquerda e outra para a mão direita), pois elas trabalham separadamente para a execução da partitura. Enquanto os outros instrumentos trabalham com as duas mãos em conjunto.



pelo seu compositor, em que aparenta soar como trilha sonora de alguma obra cinematográfica voltada para ficção científica.<sup>6</sup>

As partituras poderiam ser agrupadas em: partitura para canto (vocal, de coro e instrução verbal); partitura instrumental (partitura para teclado e harpas e partitura do regente, pianista, violinista e outras); partitura de instrução (notação roteiro e notação gráfica); aprofundamento do conhecimento (partitura de estudo) e partitura simplificada (condensada, de bolso, fechada e incompleta). Burgos Bordonau e Petrescu (2011) e Pacheco (2016, p. 88) não explicam se um tipo de partitura específica pode pertencer a outro tipo de partitura. *Exemplo*: se uma partitura para teclado pode também ser partitura condensada.

As conceituações e definições de partituras apresentadas pelos autores supracitados mostrou semelhanças entre as partituras musicais. Nesse sentido, Reyes Gallegos (2016) atribuiu a partitura como documento musical, ao definir os dois como sinônimos e considerá-la um tipo de documento escrito. Sendo assim, estabelecer a partitura apenas como um documento escrito pode causar problemas, pois ela possui em seu conteúdo muitas características gráficas e símbolos específicos, tornando-se superficial e inadequado denominar apenas como um tipo de documento escrito. Por isso, é necessário que haja o conhecimento apropriado para trabalhar com documento musical (Sotuyo Blanco, 2016).

O ato de ler, independentemente de ser uma partitura musical ou texto tradicional possuem discussões complexas, pois, por um lado, é analisado um aspecto denominado como decifração, enquanto, por outro lado, que esse processo de decifração seria desnecessário e inibidor de ações que atribuem os sentidos e constroem os sentidos para esse tipo de documento (Demício; Luz; Arena, 2020, p. 5). Para os autores supracitados:

Por muito tempo acreditou-se que a apreensão total de uma obra seria possível de ser alcançada por atos de decifração do código registrado numa partitura; muitas correntes [teórica], tanto na área interpretativa como na área da docência, acreditavam que, para se abstrair a ideia (pré-estabelecida na notação), bastava o músico decifrar horizontal e verticalmente os signos (notas certas nos tempos certos, pausas, dinâmicas, etc.) de forma isolada, confiantes de que na partitura estariam registradas todas as nuances de uma obra (a arte interpretativa) e que, portanto, a decifração desse registro seria suficiente para a sua apreensão total. Porém, nada além do que estava ali

<sup>6</sup> Para ouvir a execução da partitura gráfica, consulte o link <https://soundcloud.com/quillermo-cuellar-43/estudio-no-1>.

registrado mobilizava-se para essa apreensão (Demício; Luz; Arena, 2020, p. 5).

Nesse contexto, Chapon (2000) explica a decifração é um ato que pode gerar insatisfação para o indivíduo que a pratica, pois as lembranças, enquanto decifrador, estariam acompanhadas pelas recordações de situações pontuais, como um evento importante ou memórias de situações cômicas e ruins. A autora utiliza, como exemplo, o processo de alfabetização de um aluno que, sem ter aprendido a decifrar, consegue ler e compreender um texto, sem pronunciar sílaba por sílaba. Nesse contexto, a decifração passa a ser realizada como uma leitura sonora, sem expressão.

Chapon (2000, p. 10) ainda pontua sobre como é feita a leitura de uma partitura, ao expli que:

O método de leitura mais utilizado pelos alunos é provavelmente a leitura linear. Começa a partir do menor elemento (a nota) para ir para elementos do tipo global) como o motivo, a frase...). O instrumentista é levado, na aprendizagem de uma nova partitura, a fazer uma primeira leitura das notas, passos e ritmos, que ele tenta relacionar durante a transcrição do instrumento. Uma vez o desempenho feito, ele adiciona as nuances e finalmente estuda o estilo da peça para a interpretação (Chapon, 2000, p. 10).

Nesse sentido, a leitura, a partir desse método, pode prender o músico, pois ele estaria antecipando a leitura, o que o torna preso à partitura musical. Dessa forma, complementar com ornamentos ou interpretações se tornaria mais complicado de serem inseridos em uma leitura linear.

Foucambert (2008, p. 65) apresenta outra perspectiva ao explicar que a leitura consiste em um “processo de transformação de um sistema de significantes orais; sonoros ou não”. Para o autor, a leitura possui como intuito trabalhar sobre um simbolismo direto, no qual um significado é gerado na escrita e o leitor consegue compreender o texto, ao retirar o significado do que vê e não uma transformação do que se vê. Dessa forma, a leitura é uma “atividade estreitamente ligada à totalidade do indivíduo, ao que ele é, ao que ele vive e a seu projeto atual. Ler é ter escolhido procurar alguma coisa” e retirar seu significado (Foucambert, 2008, p. 66).

Para Chapon (2000), a leitura envolve dois processos: identificação e antecipação. A identificação está nas memórias de palavras escritas possuídas pelo leitor, o que permite realizar as associações instantâneas a um significado ou forma, com base em acervo visual e conceitual. A antecipação é caracterizada como o contexto, em que a natureza das últimas palavras e a busca real do leitor são levados

em consideração, o que faz antecipar a palavra escrita que se seguirá. Nesse contexto, ler consiste em verificar a precisão de uma antecipação.

Demício, Luz e Arena (2020, p. 10) explicam que ler uma partitura:

Tem-se que a leitura da forma escrita convencional da música ocorre aproximadamente, tal como na leitura da grande maioria das línguas ocidentais, prioritariamente no sentido horizontal e da esquerda para a direita. Entretanto, na notação, a organização vertical das figuras numa partitura (e também dos sistemas) não se dá de forma aleatória, porque nela há sentidos a serem apreendidos (Demício; Luz; Arena, 2020, p. 10).

Os autores citam como exemplo o piano, no qual é necessário realizar uma leitura vertical simultânea de dois pentagramas. Essa leitura permite estabelecer quais os movimentos necessários para executar a música (Demício; Luz; Arena, 2020, p. 12):

O modo de ler uma partitura e o ato da linguagem verbal escrita [tem] entre si condutas intelectuais que mutuamente se tocam, [o que] pode levar à compreensão de que a partitura e o texto escrito compartilham elementos estruturais próprios às formas ímpares de cada linguagem, sendo cada um deles (o texto e a partitura) apenas materialização específica (linguagem escrita e linguagem musical) dessa mesma forma (Demício; Luz; Arena, 2020, p. 12).

O conceito da decodificação também foi abordado por Chapon (2000, p. 27):

A decodificação do conjunto da música implica um ir e vir incessante entre o olho e o ouvido. Primeiro, requer um olhar constante entre os instrumentistas (no gerenciamento de inícios, de fim das frases...) e uma escuta permanente para criar pontos de referência na peça. A partitura torna-se então uma série de pontos de referência para o aluno, que contribui para a tranquilidade e a confiança ao tocar. Também é importante que o aluno empregue diferentes modos de leitura: horizontal, para antecipar a leitura de sua linha, e vertical para ter uma visão harmônica da peça (Chapon, 2000, p. 27).

Ao decodificar uma música também ocorre o desenvolvimento de um conceito denominado como audição interna. Willems (1970) discorreu como uma habilidade atribuída ao musicista, no qual ocorre um tipo de pensamento e ideação musical sonora, em que o leitor consegue ir além da imaginação dos sons, ele consegue visualizar e escutar o som. Esse conceito é retomado mais tarde por Foucambert (2008), mas sob o nome de “fala interior”. Para o autor, esse processo é uma consequência do reconhecimento das notas das partituras musicais.

A diferença entre os dois autores consiste em que, para Willems (1970), a importância está na sensibilização e sensorialidade auditiva, oriunda da infância, o

que possibilitaria desenvolver habilidades que aumentariam a capacidade de compreensão da partitura musical antes de sua execução. Em contrapartida, Foucambert (2008) explica que o reconhecimento da partitura musical é feito pela leitura e não pela fala interior, o que seria apenas uma consequência.

Para Károlyi (2002), os requisitos necessários para ler uma partitura são: conhecimento profundo teórico, ouvido treinado, que habilite que o indexador a ouça e a familiaridade com o idioma geral de um compositor e seu período. O autor ainda explica que possuir uma imaginação auditiva combinado com uma memória musical auxilia reconhecer automaticamente como a música será executada, o que pode ser essencial para realizar uma catalogação e indexação consistente. O exemplo utilizado pelo autor supracitado está no início da Quinta Sinfonia de Beethoven, que possui um início marcante e característico, o que, para quem possui essas habilidades, consegue reconhecer.

#### **4.3 A representação da partitura musical: aspectos normativos e os metadados**

Na prática, muitas vezes, o processo de representação, principalmente voltado à temática, refere-se ao preenchimento de metadados, por isso, foi necessário aprofundar-se acerca do uso de metadados para realizar o processo e obter melhor entendimento das escolhas do leitor enquanto indexador.

A história dos metadados remonta à uma época que antecedeu a *web*, na década de 1960. Eles foram criados por Jack E. Myers, com o intuito de descrever um conjunto de dados e por uma perspectiva de uma marca comercial. Esse termo começou a se desenvolver como teoria, cujo objetivo estava em atribuir a descrição de recursos. Com isso, houve o compartilhamento de metadados descritivos em sistemas já informatizados, através de normas e estruturas de descrição estabelecidas (Gilliland-Swetland, 1999).

Na década de 1980, o termo começou a aparecer na literatura de Sistemas de Gestão de Bases de Dados (SGBD), com o intuito de designar os dados que documentam as características das informações que estavam contidas nas bases de dados selecionadas. Na década de 1990, sua aplicação começou a ocorrer em domínios específicos, como dados Geoespaciais. Nesse período foi criado o *Content Standards for Digital Geospatial Metadata* (CSDGM), desenvolvido pela *Federal*

*Geographic Data Committee* (FGDC). Em 1995, começou o desenvolvimento dos padrões de metadados como o Dublin Core, que passou a ser utilizado para designar descrições de recursos informacionais na *web* (Méndez Rodríguez, 2002; Senso; Rosa Piñero, 2003; Zeng; Qin, 2008).

Ao observar as definições de metadados na literatura, percebeu-se que não há um consenso sobre um único conceito para eles (Alves, 2010). Senso e Rosa Piñero (2003) estabelecem que os metadados são apresentados como um termo neutro às diversas áreas do conhecimento, que trabalham com o tratamento e processamento informacional. Enquanto, para Alves (2005, p. 114), eles são considerados como “dados estruturados e padronizados, que representam um recurso informacional com o objetivo de facilitar sua identificação para localização, busca e recuperação em um sistema ou ambiente informacional.”

Os metadados podem ser apresentados pela sua tipologia, no qual relaciona-se com as suas características e funções que eles representam. Por isso, eles são constituídos por uma tipologia geral, dentro de cada um deles há uma especificidade para representar as características de uma entidade, codificados de acordo com o padrão definido.

Um padrão de metadados pode conter diversos tipos em mais de uma categoria, de acordo com os estudos de Alves (2010), Gilliland-Swetland (1999), Senso e Rosa Piñero (2003) e Rossetto (2003):

- *Administrativos*: em que há o gerenciamento e administração dos recursos de informação (data da criação, tipos de arquivos, formas de acesso, controle de direitos e reproduções, informação sobre registros legais, localização etc.).
- *Descritivos*: possui o intuito de descrever, identificar e representar os recursos (título, autor, impressão, data, resumo, palavras-chave, relação de *hyperlinks* entre recursos, anotações dos usuários etc.).
- *Conservação*: conservação e preservação dos recursos (condições físicas, preservação de versões físicas e digitais de um recurso).
- *Técnicos*: ocorre o funcionamento de sistemas e o comportamento dos metadados (fornece informações sobre *hardware* e *software*, digitalização, controle de tempo de resposta dos sistemas, autenticidade e segurança de dados).

- *Uso*: o nível e o tipo de uso (registros de exibição, controle de uso e usuários, controles de acesso, informação sobre versões múltiplas, entre outros).

Os tipos de metadados estão separados em categorias de funcionalidade, em que há outros fatores que os caracterizam (Gilliland-Swetland, 1999; Senso; Rosa Piñero, 2003):

- I. *Fontes de metadados*: se os metadados são internos (gerados no momento da criação do recurso - nome de arquivos) ou se são externos (gerados posteriormente - ficha e registros de catalogação).
- II. *Métodos para criação dos metadados*: se eles são automáticos, gerados por computador (índice de palavras-chave) ou manuais criados por indivíduos (registros de catalogação).
- III. *Caráter dos metadados*: Se eles foram criados por indivíduos não especialistas ou especialistas temáticos.
- IV. *Status*: se são estáticos, não mudam depois de criados (título e data de criação de um recurso) ou se são dinâmicos (registro de operações do usuário).
- V. *Estrutura*: se possuem uma estrutura pré-determinada, baseada em um padrão, ou se não são estruturados.
- VI. *Semântica*: se são normalizados por um vocabulário controlado ou não controlado.
- VII. *Nível*: se são pertencentes às coleções de documentos ou se são individuais.

A função dos metadados, de acordo com Alves (2010), está relacionada ao próprio que se pretende atingir, a partir de sua aplicação em um sistema de informação. Como uma das principais funções está em garantir o gerenciamento da informação em um sistema, através da identificação, descrição e controle da informação.

Os metadados vão exercer a mesma função dos catálogos e sistemas de descrição bibliográfica, com identificação, descrição, busca, localização e recuperação da informação. Dentro do contexto dos sistemas, eles irão facilitar a interoperabilidade e intercâmbio de dados, a fim de facilitar a busca e o gerenciamento da informação. Pela perspectiva dos usuários, deve indicar a informação acessível, sua localização e as condições para que o usuário se encontre até ela (Alves, 2010).

Para que os metadados possam existir, eles devem estar codificados em estruturas padronizadas de descrição denominadas como padrões de metadados. Os padrões de metadados referem-se aos padrões que estabelecem regras para a definição de atributos de recursos informacionais, com o intuito de obter coerência interna entre os elementos, por meio da semântica e da sintaxe; promover facilidade para esses recursos serem recuperados pelos usuários e permitir a interoperabilidade (Méndez Rodríguez, 2002).

Exemplos de diferentes tipos de padrões de metadados com base em seus tipos e finalidades (Souza; Catarino; Santos, 1997):

- *Government Information Locator Service* (GILS): informações governamentais.
- *Federal Data Geographic Committee* (FGDC): descrição de dados geoespaciais.
- *Machine Readable Card* (MARC): catalogação bibliográfica.
- *Dublin Core* (DC): dados sobre páginas da web.
- *Consortium for the interchange of Museum information* (CIMI): informação sobre museus.

Os metadados de assunto, de acordo com Lima (2013, p. 28), são considerados como “aqueles referentes a termo ou conjunto de termos, que representam o conteúdo temático do documento”. Eles podem ser considerados como sinônimos da representação temática na prática, o que, na literatura, caracteriza-se no processo de indexação.

Os metadados no contexto da música, por exemplo, são considerados, por Lisena e Troncy (2017), como algo complexo, devido às suas diversas formas e aspectos. Mesmo assim, Faria (2009) explica que a correta identificação dos metadados é essencial para que haja uma catalogação e classificação consolidada nesse processo, ainda mais ao tratar-se da partitura musical.

Urbanik (2003) desenvolveu um estudo em que aprofundou-se no processo de catalogação de música, em específico, partituras, por profissionais catalogadores não profissionais, ou seja, não *experts*. Para a autora, a literatura negligencia aspectos práticos da catalogação de uma partitura sem que os catalogadores possuíssem conhecimento e treinamento musical. Por isso, é necessário ter, ao menos, dois livros

para auxiliar esses profissionais a realizarem o processo de catalogação (Urbanik, 2003).

Urbanik (2003) explica que no *Anglo-American Cataloguing Rules* - 2ª edição (AACR2, 2002), para itens impressos, pressupõe-se que o documento possua uma folha de rosto, do qual as informações são extraídas. No entanto, no caso de partituras musicais, esse processo ocorre de forma diferente.

Moura e Costa (2018) realizou uma comparação entre a catalogação de uma partitura nos padrões do MARC21 (2018, tradução livre) e Padrão de descrição de informação, desenvolvido de Moura e Costa (2018) (*vide* Quadro 15).

Quadro 15 - comparação da catalogação com uso do MARC21 e Padrão de descrição de informação

| <b>Padrão de Descrição de Informação (Moura; Costa, 2018)</b>                                                                                                                                                                                | <b>MARC21</b>                                                                                                     |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Disponibilidade de acesso                                                                                                                                                                                                                    | 2 Tipo de bem patrimonial<br>2 Número de registro<br>2 Título e tipo de título<br>2 Localização física específica |
| Natureza do bem patrimonial e bem material                                                                                                                                                                                                   | 3 Autor ou responsável<br>3 Tipo de autoria                                                                       |
| Número de registro (combinação de letras e números.<br>primeira parte: identificação do local<br>segunda parte: tipo (material ou imaterial)<br>Terceira: onde se encontra<br>Exemplo: Fazenda Pinhal - Arquitetônico - Tulha 1<br>- FP-A-T1 | 4 Sobrenome e nome<br>4 Pseudônimo<br>4 Função<br>4 Data de nascimento e óbito                                    |
| Título e tipos de título                                                                                                                                                                                                                     | 5 Local<br>5 Ano<br>5 Outras responsabilidades                                                                    |
| Localização física específica                                                                                                                                                                                                                | 6 Características físicas e técnicas executivas<br>6 Conteúdo                                                     |
| Autor ou responsável                                                                                                                                                                                                                         | 7 Título e tipo para audiovisual                                                                                  |
| Tipo de autoria (função, como compositor)                                                                                                                                                                                                    | 9 Disponibilidade<br>9 Condições de acesso e reprodução                                                           |
| Sobrenome, nome e Pseudônimo                                                                                                                                                                                                                 | 10 Tipos de aquisição<br>10 Valor venal da época da transação<br>10 Data da aquisição                             |

|                                                                           |                               |
|---------------------------------------------------------------------------|-------------------------------|
| Função, Local e ano                                                       | 11 Assunto e descritores      |
| Data de nascimento e óbito                                                | 12 Fontes de informação       |
| Outras responsabilidades                                                  | 13 Nome e data do catalogador |
| Características físicas e técnicas executivas                             |                               |
| Conteúdo e Notas do estado de conservação                                 |                               |
| Título e tipo para audiovisual                                            |                               |
| Campos de estados de conservação e preservação                            |                               |
| Intervenção do bem                                                        |                               |
| Disponibilidade e condições de acesso e reprodução                        |                               |
| Tipos de aquisição, valor venal da época da transação e data de aquisição |                               |
| Assunto e descritores                                                     |                               |
| Fontes de informação                                                      |                               |
| Nome e data do catalogador                                                |                               |

Fonte: adaptado de MOURA e COSTA, 2018.

O Quadro 15 possui uma comparação de catalogação feita por Moura e Costa (2018). Apesar de serem bem próximas, elas se diferenciam na organização e na forma de preenchimento. A necessidade em se aprofundar nesses metadados parte do princípio de que eles são usados como parâmetro para preencher os dados informacionais nos sistemas.

Nesse caso, há campos específicos para materiais audiovisuais no MARC21, como condições de acesso do audiovisual, no entanto, não se aprofundam acerca dos metadados de assunto.

O Quadro 16 mostra um quadro comparativo dos aspectos positivos e negativos dos diferentes metadados dos mais variados tipos:

Quadro 16 - aspectos positivos e negativos dos metadados dos sistemas

| Código / Norma   | Aspectos Positivos                                                                                         | Aspectos Negativos                                                                                                                                          |
|------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| AACR2r           | Tradução para o Português                                                                                  | Desenvolvido para o meio analógico                                                                                                                          |
|                  | Código de catalogação mais utilizado no Brasil                                                             | Regras muito engessadas, sem possibilidades de inserções de novos campos                                                                                    |
|                  | Muitos exemplos de aplicação                                                                               | Necessidade de exemplos também em português                                                                                                                 |
|                  | Detalhamento dos Títulos Uniformes                                                                         | Utilização de abreviações<br>Maior parte das informações descritas na área de Notas                                                                         |
| ISBD-PM          | Estrutura das Áreas                                                                                        | Não tem tradução para o português                                                                                                                           |
|                  | Maiores possibilidades de inserção de informações em Notas                                                 | Não tem Pontos de Acesso, Assunto ou Títulos Uniformes (precisa ser utilizado em conjunto com um código de catalogação)                                     |
|                  | Pode-se retirar informações fora do item e inserir na área de Notas                                        |                                                                                                                                                             |
|                  | Familiaridade em razão da utilização do AACR2r (estruturado segundo as áreas da ISBD)                      | Maior parte das informações descritas na área de Notas                                                                                                      |
| ISBD Consolidada | Criação da Área Zero (Forma de Conteúdo e Tipo de Mídia)                                                   | Não tem tradução para o português                                                                                                                           |
|                  | Substituição da DGM (que vinha no meio da descrição) pela Área Zero (no início do registro)                | Não tem Pontos de Acesso, Assunto ou Títulos Uniformes (precisa ser utilizado em conjunto com um código de catalogação)                                     |
|                  | Integração das ISBD's                                                                                      | Maior parte das informações descritas na área de Notas                                                                                                      |
|                  | Amplitude na seleção das fontes descritivas                                                                | Falta de delimitação dos recursos (todos descritos segundo as áreas)                                                                                        |
| RDA              | Pensada para o meio digital                                                                                | Não tem tradução para o português                                                                                                                           |
|                  | Formato mais completo (detalhamentos na descrição dos recursos e uma estrutura interligada por hiperlinks) | Precificação (valor em dólar para acesso a ferramenta)                                                                                                      |
|                  | Terminologia pensada para uma maior compreensão dos usuários (sem a utilização de abreviações)             | Configura-se em uma grande mudança na catalogação nas Unidades de Informação brasileiras (há muitos anos seguem o sistema do AACR2r e estrutura das ISBD's) |
|                  | Pode-se retirar a informação de qualquer lugar do recurso e de fontes externas                             |                                                                                                                                                             |
|                  | Inserção de todos os autores da obra                                                                       | Recursos para aplicação e treinamento das equipes                                                                                                           |
|                  | Maior autonomia para o catalogador                                                                         |                                                                                                                                                             |

Fonte: adaptado de CORREIA, 2022.

No Quadro 16 está a comparação entre os diferentes tipos de sistemas que usam metadados. Enquanto o RDA aparenta ser mais eficaz no quesito cobertura de informações, o AACR2r utiliza mais notas para complementar os registros.

Compreender, de modo aprofundado, o funcionamento do seu sistema, a linguagem utilizada, o estabelecimento de diretrizes é essencial para realizar o processo de indexação, de modo que consiga reconhecer o código, textual verbal ou não-verbal, para representá-lo conforme julgar necessário.

A seção de partituras musicais teve como intuito aprofundar acerca de seus aspectos históricos, conceituais e estruturais, pois, para poder realizar a sua representação e organização visando a sua recuperação, é necessário conseguir entender o seu código e a sua construção.

A história da partitura musical mostrou como ela foi moldada ao longo dos séculos, passando por diferentes formatos, suportes e povos até chegar na atualidade, que se caracterizou como partitura ocidental, pela padronização da sua estrutura e a sua popularização a nível mundial. Pode-se pressupor, nesse contexto, que a maior parte dos musicistas leitores de partitura musical não possuem problemas ou dificuldades em reconhecer esse tipo de partitura musical em específico.

Para entender melhor como todo esse processo ocorreu e como ele se firmou na atualidade, foi necessário aprofundar a sua conceituação e estrutura, pois, apesar de ter um passado por um longo caminho, não há um consenso sobre a sua conceituação, visto que ela consegue ser abordada por diferentes áreas do conhecimento, tanto para a sua execução quanto para a sua representação e organização (Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Musicologia). Para isso, aprofundou-se nos diferentes tipos de partituras musicais existentes e nas definições que as representam.

Por fim, para fechar o aprofundamento da seção, foi apresentado uma subseção sobre a representação da partitura musical voltado pela forma como as normas abordam o processo e como ocorre o preenchimento dos metadados. Ao abordar isso na literatura, pode-se perceber que há muitas formas de organizar e representar a partitura musical, principalmente, partindo de órgãos que regulamentam e estabelecem os processos de catalogação e indexação, como AACR2, ISBD e RDA. No entanto, ao chegar na prática, muitas vezes consiste no preenchimento de

metadados, o que tornou essencial entender como funcionam esses campos aplicados na partitura musical.

Nesse contexto, foi possível analisar quais campos geralmente são mais preenchidos, os mais voltados para a área da música, os campos que deveriam ter uma cobertura maior da sua finalidade, mas pecam nesse quesito tanto pela falta de instrução, estabelecimento quanto pelo formato do documento.

## 5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS PARA PESQUISA COM USO DA TÉCNICA INTROSPECTIVA DO PROTOCOLO VERBAL INDIVIDUAL

Nesta seção são descritos os procedimentos utilizados para desenvolver a temática da pesquisa. As escolhas das técnicas foram a metodologia, com um conjunto de métodos científicos, com intuito de verificar os dados e comprovar a tese.

O método científico, nesse sentido, segundo Pereira *et al.* (2018, p. 27), “parte da observação organizada de fatos, da realização de experiências, das deduções lógicas e da comprovação científica dos resultados obtidos”. Ele é considerado uma orientação, que tem como objetivo facilitar ao pesquisador tomar as decisões acertadas, para alcançar resultados verificáveis e confiáveis, através de análise e interpretações coerentes (Mattos, 2020).

O estudo foi dividido nas seguintes partes, para que atendessem aos objetivos propostos:

- a) Estudo teórico interdisciplinar sobre indexação e partitura musical: possuiu como intuito realizar um levantamento bibliográfico e estrutural da literatura publicada sobre processo de indexação e partitura musical, com o método do Mapeamento Sistemático.
- b) Estudo de observação dos procedimentos de leitura documentária na indexação de partituras musicais: consistiu em investigar os procedimentos de leitura documentária feitos por indexadores no processo de indexação de partitura musical, como parte empírica do desenvolvimento do estudo. O método selecionado para a aplicação da parte empírica foi Protocolo Verbal Individual.

O estudo é constituído como qualitativo, exploratório e descritivo. A pesquisa qualitativa possui como objetivo realizar a análise de dados, que irá envolver uma interpretação considerada complexa do ser humano (Gaio; Carvalho; Simões, 2008). Nesse contexto, o trabalho é qualitativo devido ao uso da técnica do PVI, pois ocorre a observação e análise de como os indexadores estão realizando o processo de indexação de partituras musicais.

A pesquisa exploratória possui como objetivo, de acordo com Gil (2010, p. 41), “proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito

ou a construir hipóteses”. Por isso, ela se classifica como exploratória, devido ao aprofundamento teórico realizado com o auxílio do Mapeamento Sistemático. Apesar da flexibilidade da pesquisa exploratória, que pode causar subjetividade, o MS possui etapas e passos a serem seguidos, que torna sólida a sua confiabilidade.

E, por último, a pesquisa descritiva, que possui como intuito descrever, classificar e interpretar os fenômenos, com o objetivo de conhecer sua natureza, composição e processos que os constituem (Rudio, 2003).

### **5.1 Estudo teórico interdisciplinar sobre processo de indexação e partitura musical: mapeamento sistemático**

Com a explosão informacional ocorrida no século XX e XXI, tornou-se essencial estabelecer critérios, como parâmetros, para encontrar informações adequadas. Para o desenvolvimento do estudo teórico, escolheu-se o método do mapeamento sistemático, para aprofundar a literatura e analisar estudos sobre indexação de partituras musicais.

O MS, de acordo com Kitchenham e Charters (2007), é considerado uma revisão de estudos primários já existentes em um determinado tema específico. Ele é caracterizado como um estudo secundário, que possui como objetivo identificar a evidência disponível pelo assunto pesquisado, de modo a classificá-lo e relacioná-lo.

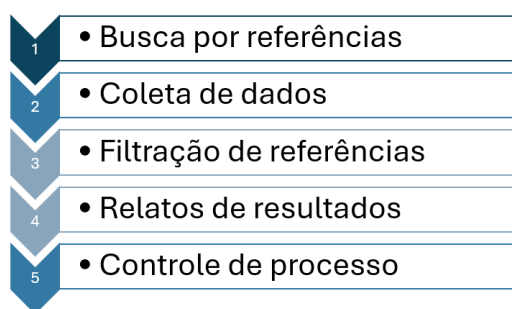
Esse método busca apoiar a agregação de evidências para tratar determinadas questões, de uma forma que identifique as lacunas existentes na área de estudo selecionada, o que pode-se sugerir pesquisas futuras e acompanhar as atividades de pesquisas já existentes (Kitchenham; Charters, 2007; Kitchenham *et al.*, 2011; Petersen *et al.*, 2008).

Kelly e Sugimoto (2013) explicam que o MS é uma contribuição autoral, que apresentará o estado da arte da literatura, neste estudo, envolvendo indexação de partitura musical. Nesse processo são identificadas referências pertinentes para se desenvolver a pesquisa. Os autores ressaltam que esse método possui uma responsabilidade e compromisso ético de um trabalho profissional, respondendo à demanda por “integração”, o que é expresso em diversos campos científicos.

A origem do método, de acordo com Khan (2001), está relacionada à área de Medicina, especificamente, *Evidence-Based Practices* (Práticas Baseadas em

Evidências - PBE, tradução livre), e busca adotar procedimentos que têm por intuito eliminar vieses ao (i) localizar referências; (ii) selecionar referências a serem consideradas; (iii) analisar os conteúdos das referências selecionadas; (iv) extrair informações e entendimentos que as referências contêm; e (v) apreciação crítica do conteúdo das referências, processos disponibilizados na Figura 12.

Figura 12 – Processos do Mapeamento Sistemático



Fonte: adaptado de PROENÇA JÚNIOR; SILVA, 2016.

A Figura 12 apresenta todos os processos do mapeamento sistemático, a começar pela busca de referências, coleta de dados, filtragem de referências, relatos de resultados e controle de processo. Kitchenham *et al.* (2011) e Petersen *et al.* (2015) explicam que o MS possui foco na estruturação de uma área de pesquisa, visando classificar a literatura e agregar estudos em relação às categorias já definidas. Falbo (2018) complementa ao apontar que a leitura dessas pesquisas é mais superficial, por isso, seu escopo é mais amplo, o que difere de uma Revisão Sistemática (RS).

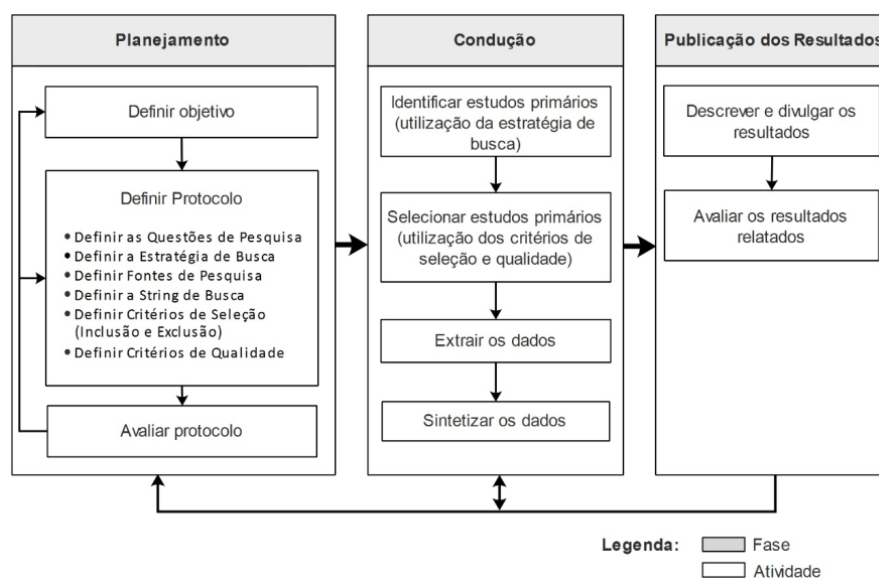
Falbo (2018) ainda aponta justificativas a serem consideradas para utilizar esse método, como: examinar a extensão e a natureza de uma atividade de pesquisa (Arksey; O'Malley, 2005); e para coletar e sumarizar a pesquisa existente em um assunto, considerado algo essencial para pesquisas de doutorado, pois há necessidade em compreender o estado da arte da pesquisa no tema relacionado.

Kitchenham *et al.* (2011) elucidam sobre os benefícios em se utilizar o MS, como reduzir o tempo para realizar uma RS e definir as questões de pesquisa, pois há etapas definidas, como o uso de procedimentos, formulários e experiências; e o uso do método para realizar a análise de estudos primários, quando houver poucos estudos empíricos relevantes.

O Mapeamento Sistemático deve ser gerido de forma que apresente uma alta qualidade, com base em um processo de busca e seleção rigorosos, ao incluir uma busca automática às fontes críticas, *snowballing* de referências encontradas e comunicação direta com pesquisadores e grupos de pesquisa da temática (Falbo, 2018).

Para desenvolver a pesquisa é necessário perpassar por diferentes etapas, que caracterizam o processo de MS, dividindo em três fases: Planejamento da Revisão, Condução da Revisão e Publicação dos Resultados, de acordo com o estabelecido por Kitchenham e Charters (2007), na Figura 13.

Figura 13 – Fases e atividades do processo de MS



Fonte: FALBO, 2018.

A Figura 13 explica os passos do processo de MS através de um esquema, a começar pelo planejamento, depois condução e, por último, publicação dos resultados.

O *Planejamento da Revisão* possui como intuito identificar a real necessidade para executar o método. Por isso, é necessário que seja pesquisado se há alguma publicação de MS no mesmo tema. Caso não haja nenhum estudo dessa segmentação, dessa forma, justifica-se o desenvolvimento da pesquisa com o uso do método do MS (Falbo, 2018). Ao realizar essa pesquisa, até o momento, não foram

encontradas publicações de mapeamento sistemático envolvendo indexação de partituras musicais.

Após identificar a necessidade em se realizar um MS, nesse contexto, justificado na seção da Introdução, é definido um protocolo de revisão, elemento essencial para a sua execução. O protocolo, aponta Falbo (2018, p. 5), apresenta “questões de pesquisa, a estratégia a ser utilizada para conduzir o MS, os critérios para a seleção de estudos e como os dados serão extraídos e sintetizados”.

Ramires (2022) aprofunda sobre o planejamento ao explicar os passos atribuídos por Kitchenham e Charters (2007) no MS. De acordo com a autora, é necessário desenvolver um protocolo em que será definido: (i) questão de pesquisa; (ii) especificar o que será feito para resolver o problema de um único pesquisador, aplicando critérios de inclusão e exclusão, ao realizar a extração de dados; (iii) estabelecimento de estratégias de busca e dos dados a serem extraídos; (iv) manter listas de estudos incluídos e excluídos; (v) uso de diretrizes de síntese de dados; e (vi) uso de diretrizes de relatórios.

A qualidade do protocolo está relacionada diretamente com a qualidade do MS, impactando em sua performance e resultados. Nesse sentido, ele precisa passar pelo processo de validação, no qual consiste em um teste, denominado como teste piloto, com a intenção de verificar a viabilidade de execução da revisão. Para esse processo é necessário definir um grupo de controle, que pode ser criado por meio de uma revisão informal, realizada antes do MS, através de sugestões de especialistas da área ou da combinação de ambas as estratégias (Falbo, 2018).

A fase de *condução* ocorre após a validação do protocolo. Segundo Falbo (2018), os estudos primários são identificados com o uso de estratégias de buscas definidas no protocolo. Nesse sentido, são selecionados os estudos através da aplicação de critérios de seleção. Nos critérios de seleção são especificadas quais características os estudos precisam possuir para serem incluídos ou excluídos da amostragem. Após essa etapa, os dados contidos nos estudos incluídos precisam ser extraídos e sintetizados, como forma de realizar a análise.

A *publicação dos resultados* consiste na escrita a partir do que foi encontrado na análise. Eles podem ser divulgados em publicações de artigos, capítulos de livros, apresentações em congressos, relatórios técnicos ou em uma seção de uma

dissertação de mestrado ou tese de doutorado, como é esse caso (Kitchenham; Charters, 2007).

Segundo Falbo (2018), todos os dados gerados nas etapas de planejamento e condução devem ser registrados. Por isso, é considerado imprescindível o uso de ferramentas como planilhas ou *softwares*, para o gerenciamento de referências. Para este estudo foi utilizado o *software Parsifal*.

No cenário brasileiro, em específico, na CI, tem-se utilizado cada vez mais essa técnica, devido a importância em se mapear um domínio, pois o método possui etapas bem definidas e passos a serem seguidos que determinarão o desenvolvimento de um determinado assunto nas ciências.

#### 5.1.1 Aplicação do método do mapeamento sistemático

A aplicação do método ocorreu com o uso do *software Parsifal*, com o intuito de registrar todas as etapas e coletar dados para poder realizar a análise.

O *Parsifal* é uma ferramenta *online*, que foi desenvolvida para auxiliar pesquisadores a realizar revisões sistemáticas de literaturas, em um contexto da área da Engenharia de *software*, em que diferentes pesquisadores podem trabalhar em conjunto, dentro de um espaço de trabalho compartilhado, projetando o protocolo e conduzindo a pesquisa (Parsifal, 2024).

Essa ferramenta permite documentar todo o processo e, para seus desenvolvimentos empíricos, possui as seguintes etapas: **review**, **planning**, **conducting** e **reporting** (revisão, planejamento, condução e relatório, tradução livre). Em **Revisão** consiste estabelecer o título, descrição do trabalho e os autores, como pode ser observado no Quadro 17.

Quadro 17 – Dados da revisão do MS retirados do *Parsifal*

| Passo 1: Revisão |                                                                                                                                                                                                    |
|------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Título</b>    | Indexação de partituras musicais: uma proposta de modelo de leitura documentária                                                                                                                   |
| <b>Autor(es)</b> | Jessica Beatriz Tolare                                                                                                                                                                             |
| <b>Descrição</b> | Identificar o processo de indexação de partituras musicais, para observar o procedimento de leitura documentária e desenvolver um modelo de leitura documentária visando a representação temática. |

Fonte: adaptado de RAMIRES, 2022.

O Quadro 12 apresentado é uma adaptação do Quadro disponibilizado no estudo de Ramires (2022). Nele, os dados atribuídos à revisão mostram o título e a descrição da pesquisa estabelecidos.

O **Planejamento** é dividido nas seguintes etapas: *Protocol*, *Quality assessment checklist*, *Data extraction form* (Protocolo, Lista de verificação de avaliação de qualidade e Formulário de extração de dados, tradução livre).

O *Protocolo* é dividido em *Objectives*, *Population*, *Intervention*, *Comparison*, *Outcome* e *Context*, denominado também como PICOC (Objetivos, População, Intervenção, Comparação, Resultados e Contexto, tradução livre); *Research Questions*, *Keywords and synonyms*, *Search string*, *Sources* e *Selection criteria*, (Perguntas de pesquisa, palavras-chave e sinônimos, *strings* de buscas, fontes de informação e critérios de seleção, tradução livre), dividido em *Inclusion criteria* e *Exclusion criteria* (Critérios de inclusão e seleção, tradução livre), como pode ser constatado nos Quadros 18, 19 e 20, todos adaptados do Quadro apresentado na dissertação de Ramires (2022).

Quadro 18 – Dados do Planejamento - Protocolo do MS retirados do *Parsifal*

| Passo 2: Planejamento - Protocolo |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
|-----------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Objetivos</b>                  | <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Aprofundar a literatura publicada interdisciplinar sobre indexação de partituras musicais, de modo a trazer reflexões e discussões teóricas relevantes, de acordo com o estabelecido por autores.</li> <li>2. Elaborar estudo teórico sobre partituras musicais como documento imagético textual e não-verbal.</li> <li>3. Identificar informações compostas na partitura musical para serem utilizadas como assunto, na representação temática, durante o processo de indexação.</li> </ol> |

|                              |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
|------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                              | <p>4. Investigar os procedimentos de leitura documentária feitos por indexadores no processo de indexação de partitura musical em bibliotecas especializadas em música, como parte empírica do desenvolvimento do estudo.</p> <p>5. Realizar proposta de modelo de leitura documentária para a indexação do documento partitura musical.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| <b>Perguntas norteadoras</b> | <p>1. Qual a prática profissional para a indexação de partitura musical?</p> <p>2. O que é considerado assunto na partitura?</p> <p>3. Quais são os critérios para a identificação e seleção de conceitos na análise de assunto de partituras musicais durante a leitura documentária?</p> <p>4. Como o assunto no contexto da partitura musical deve ser representado?</p> <p>5. Como a literatura publicada retrata a partitura musical?</p> <p>6. A partitura musical é um documental textual e não-verbal ao mesmo tempo?</p> <p>7. Quais são os trabalhos publicados sobre indexação de partituras musicais?</p> |
| <b>População</b>             | Artigos científicos, teses e dissertações.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| <b>Intervenção</b>           | Publicações científicas em português, espanhol e inglês.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| <b>Controle</b>              | Publicações científicas em texto completo e com acesso aberto.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| <b>Resultados</b>            | Seleção e análise de dados de publicações científicas recuperadas para identificação de pesquisas, autores, datas, problemas, procedimentos e desenvolvimentos.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| <b>Contexto</b>              | Publicações em acesso aberto e em texto completo.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| <b>Palavras-chave</b>        | Análise conceitual (sinônimo: análise de assunto); indexação; leitura documentária (sinônimos: leitura profissional e leitura técnica); partitura musical (sinônimos: escrita musical, musical score e notação musical) e Representação temática                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |

Fonte: adaptado de RAMIRES, 2022.

O Quadro 18 é composto pelos objetivos, já estabelecidos na seção da Introdução; pelas perguntas norteadoras, nas quais englobam a problemática e aos quais os trabalhos selecionados devem responder; a população, nesse caso, são os artigos científicos, teses, dissertações e trabalhos publicados em anais de eventos. Também há a intervenção e controle, que devem abarcar publicações científicas em texto completo e acesso aberto, nos idiomas em português, inglês e espanhol.

Os resultados são definidos pela apresentação da seleção e análise das publicações selecionadas. Por último, constam o contexto e as palavras-chave atribuídas, sendo elas: biblioteca especializada em música, indexação, indexação de partitura musical, leitura documentária, modelo de leitura documentária, partitura musical (sinônimos: escrita musical, *musical score* e notação musical).

A segunda parte do planejamento, disponibilizada no Quadro 19, consistiu nas fontes selecionadas e nos critérios para as buscas.

Quadro 19 – Dados das fontes de informação e da seleção de critérios do MS retirados do Parsifal

| Passo 3: Fontes de informação    |                                                                                                                                                                                     |
|----------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Strings e termos de busca</b> | ("partitura musical" OR "notacao musical" OR "escrita musical") AND (indexacao OR "leitura documentaria" OR "processo de indexacao" OR "leitura tecnica" OR "leitura profissional") |
| <b>Bases de dados</b>            | Base de Teses e Dissertações (BDTD); <i>Scopus</i> e <i>Web of Science</i> (WoS);                                                                                                   |
| <b>Crítérios de busca</b>        | Publicações em formas de artigos, teses e dissertações.                                                                                                                             |
| <b>Idiomas</b>                   | Textos em português, inglês e espanhol.                                                                                                                                             |

Fonte: adaptado de RAMIRES, 2022.

No Quadro 19 é apresentado uma compilação de dados envolvendo as *strings* de buscas realizadas, os critérios de buscas, as bases de dados selecionadas, os idiomas dos trabalhos e os métodos de seleção.

As *strings* de buscas foram utilizadas a partir de termos simples e compostos, com operadores booleanos OR e AND e sem acentuações. Os termos selecionados foram: ("partitura musical" OR "notacao musical" OR "escrita musical") AND (indexacao OR "leitura documentaria" OR "processo de indexacao" OR "leitura tecnica").

Para as bases de dados brasileiras foram utilizados termos no idioma português, enquanto, para as bases estrangeiras, os termos foram usados no idioma em inglês. O espaço temporal estabelecido foi de 2014 a 2024, com o intuito de obter um alto panorama das publicações envolvendo partituras musicais e indexação. Optou-se por esse espaço temporal de dez anos por ser possível observar as pesquisas mais antigas e as mais recentes em um mesmo período sem sobrecarregar a análise.

As bases selecionadas foram a BDTD, *Scopus* e *Web of Science*, devido ao alto alcance de suas publicações em âmbito nacional, envolvendo fatores de impacto. As bases de dados *Information Science & Technology Abstracts* (ISTA) e *Library, Information Science and Technology Abstracts* (LISA) não foram selecionadas devido à abrangência das bases pré-selecionadas propostas.

No Quadro 20 está a última parte do *Protocolo*, com os critérios para a seleção de documentos.

Quadro 20 – Dados dos critérios de seleção de documentos do MS retirados do *Parsifal*

| <b>Passo 4: Critérios para seleção e exclusão de documentos</b> |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
|-----------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Critérios de inclusão</b>                                    | As publicações precisam contemplar as <i>strings</i> de buscas. Publicações científicas em formato de artigos, teses e dissertações disponíveis em texto completo. Publicações no período do espaço temporal delimitado e que estejam nos idiomas selecionados.<br>O critério para seleção prévia consistiu na leitura do título, palavras-chave e resumos.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| <b>Critérios de exclusão</b>                                    | Os critérios de exclusão decorrem das publicações estarem fora do espaço temporal delimitado; ser de outro idioma diferente dos definidos; não possuir relações com a temática proposta e nem ser da tipologia definida.<br>Também excluíram publicações duplicadas, que apareceram mais de uma vez.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| <b>Tipos de documentos</b>                                      | Artigos de periódicos, teses de Doutorado e dissertações de Mestrados.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| <b>Métodos de seleção</b>                                       | Delimitação do espaço temporal: 2014-2024.<br>1º - Busca bibliográfica em bases de dados com uso das <i>strings</i> de busca.<br>2º - Importação dos resultados no formato <i>Bibtex</i> .<br>3º - Análise e pré-seleção de textos da pesquisa bibliográfica a partir do título, resumo e palavras-chave.<br>4º - Seleção dos textos a partir da leitura parcial da introdução, resultados e considerações finais, que abordaram a temática delimitada para seleção final.<br>5º - Seleção final dos textos a partir da leitura aprofundada.<br>6º - Tabulação dos dados em uma planilha do excel para facilitar a visualização.<br>7º - Fichamentos dos textos selecionados para realização da análise estrutural. |
| <b>Campos de extração</b>                                       | Título, palavras-chave, resumo, introdução, metodologia e resultados.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| <b>Sumarização dos resultados</b>                               | 1º - Criação de categorias de análise, em forma de quadros, com base nos estudos selecionados e na fundamentação teórica.<br>2º - Agrupamento dos dados obtidos por semelhanças e diferenças.<br>3º - Apresentação de todos os dados em quadros.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |

Fonte: adaptado de RAMIRES, 2022.

Os critérios para a seleção de documentos, conforme apresentado no Quadro 15, estão divididos em critérios de inclusão e exclusão de documentos; métodos para seleção; campos de extração e sumarização dos resultados.

Para os estudos serem incluídos na amostragem, eles necessitam ser publicações científicas em forma de artigos, teses e dissertações, que contemplem as *strings* de buscas utilizadas. A seleção ocorreu com base no título, palavras-chave, resumo, introdução, resultado e considerações finais. Enquanto os critérios de exclusão são publicações que não foram selecionadas e por estarem fora do espaço temporal delimitado; pertencerem a outro idioma diferente dos definidos; não possuírem relações com a temática proposta e nem serem da tipologia selecionada. Também excluíram-se publicações duplicadas, que apareceram mais de uma vez, independentemente de serem na mesma base de dados ou de bases de dados diferentes.

Para realizar a seleção de artigos no *Parsifal* seguiu-se os seguintes passos:

- I. Busca bibliográfica em bases de dados com uso das *strings* de busca;
- II. Importação dos resultados no formato *Bibtex*;
- III. Análise e pré-seleção de textos da pesquisa bibliográfica a partir do título, resumo e palavras-chave;
- IV. Seleção dos textos a partir da leitura parcial da introdução, resultados e considerações finais, que abordaram a temática delimitada para seleção final;
- V. Seleção final dos textos a partir da leitura aprofundada;
- VI. Tabulação dos dados em uma planilha do *excel*, para facilitar a visualização de todos os estudos selecionados;
- VII. Fichamentos dos textos selecionados para realizar a análise estrutural.

Todas as etapas foram estabelecidas de forma criteriosa, devido à importância em não perder-se os dados e estabelecer uma quantidade de amostras suficientes para a análise.

Para realizar a avaliação dos estudos foram criadas categorias de análise com base nos estudos selecionados. Os resultados obtidos foram apresentados em forma de dados agrupados em quadros, sejam por semelhanças ou diferenças. A análise estrutural da partitura musical, em conjunto com a fundamentação teórica e empírica, permitirá responder às perguntas estabelecidas com base na problemática.

A segunda parte do planejamento consiste na lista de verificação da avaliação da qualidade, composta pelas Questões, com todas as perguntas que envolvem o estudo. Nessa parte, o *software* disponibiliza uma seção para atribuir pontuações em que mostra a qualidade das questões envolvendo as pesquisas analisadas, se

correspondem integralmente, parcialmente ou se a temática não é abarcada, como pode ser visualizado na Figura 14.

Figura 14 – Pontuação das perguntas e das respostas

| Answers                      |        |                                                                                                                                                                                     |
|------------------------------|--------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Description                  | Weight |                                                                                                                                                                                     |
| Yes                          | 10.0   |  edit  remove |
| Partially                    | 5.0    |  edit  remove |
| No                           | 0.0    |  edit  remove |
| <a href="#">+ Add Answer</a> |        |                                                                                                                                                                                     |

| Quality Assessment Scores |                                   |                                                                                          |
|---------------------------|-----------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------|
| Max Score                 | <input type="text" value="70.0"/> | Calculated based on the number of questions and on the answer of greater weight          |
| Cutoff Score              | <input type="text" value="30.0"/> |  save |

Fonte: PARSIFAL, 2024.

A Figura 14 apresenta a pontuação das perguntas e dos dados das respostas. Ao total foram incluídas 7 perguntas no *software*, com base na problemática definida na Introdução. Dessa forma, determinou-se que, caso o trabalho abarcasse completamente uma pergunta, receberia uma pontuação cujo valor é 10; se fosse parcialmente obteria uma nota 5; e, se respondesse nenhuma das perguntas, não receberia nenhuma pontuação.

O cálculo da pontuação é feito com base no número de questões e nas respostas que podem ser obtidas. Nesse sentido, o peso máximo da pontuação é de 70, enquanto o mínimo é 30 para poder selecionar o estudo. Na Figura 15 é apresentada a forma como os dados são extraídos.

Figura 15 – Forma de extração de dados

| Data Extraction Form |               |        |  |
|----------------------|---------------|--------|--|
| Description          | Type          | Values |  |
| ^<br>v               | Boolean Field | n/a    |  |
| ^<br>v               | String Field  | n/a    |  |
| ^<br>v               | Date Field    | n/a    |  |
|                      |               |        |  |

Fonte: PARSIFAL, 2024.

A Figura 15 mostra as formas de extração de dados, como “*Boolean field*; *String field*; *date field*” (campos de dados, *strings* e operadores *booleanos*, tradução livre).

A terceira parte da análise consiste em condução, a forma como o estudo foi conduzido. Ele é dividido em *Search*, *Import studies*, *Study selection*, *Quality Assessment*, *Data extraction* e *Data analysis* (Busca, Importação de estudos, Seleção de estudos, Avaliação da qualidade, Extração de dados e Análise de dados, tradução livre).

A busca é composta pela *base string*, com os termos utilizados para realizar as buscas nas bases selecionadas (BDTD, *Scopus* e *Web of Science*). Neste estudo, as pesquisas foram importadas diretamente dos resultados obtidos, a partir das buscas nas bases selecionadas e incorporados no *Parsifal*, através da importação pelo formato *.Bibtex*.

A terceira parte da condução do método consistiu na seleção de estudos, como é possível verificar na Figura 16. O *Parsifal* oferece uma interface em que é exequível observar e editar os metadados dos artigos. Eles são compostos por *Status* (Sem classificação, Rejeitado, Aceito ou Duplicado); Critério de Seleção de inclusão e exclusão; Título; Resumo; Ano de publicação; Autor; Palavras-chave e Palavras-chave do autor; Tipo de documento; Páginas; Volume; DOI; URL; Afiliação; Editora de publicação e ISSN; Idiomas e notas.

Figura 16 – Exemplo de análise de pesquisas no *Parsifal*

Article Details (27/3514)

Details Comments

**Status**  
Rejected

**Selection Criteria**  
Não ter nenhuma relação com a temática proposta

**Title**  
Music Therapy vs. Music Listening for Negative Symptoms inSchizophrenia: Randomized, Controlled, Ass

**Abstract**  
Objective: To investigate the efficacy of music therapy for negative symptoms in patients with schizophrenia.Methods: Randomized, participant- and assessor-blinded, multicenter, controlled trial including patients diagnosed with schizophrenia according to ICD-10 with predominantly negative symptoms, between 18 and 65 years. Participants were randomized to 25 successive weekly individual sessions (excluding holidays, including cancellation by the participant) of either music therapy conducted by trained music therapists, or music listening together with a social care worker. The

**Year**

☐ Automatically save the status on change and move next

Previous Next Close Save

Fonte: PARSIFAL, 2024.

A Figura 16 apresenta, como exemplo, a análise realizada no artigo 10 do *corpus* geral. Nesse caso, o trabalho foi desprezado para compor a amostragem por não ter nenhuma relação com a temática proposta pela atual pesquisa, pois ele aborda a música como terapia e como ela impacta a esquizofrenia.

Figura 17 – Exemplo de atribuição de pontuação de acordo com as perguntas nos estudos

| A informação na música impressa: elementos para análise documental e representação de conteúdos / Information on sheet music: elements for document analysis and indexing (2011) 50.0 |     |           |    |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|-----------|----|
| Como as bibliotecas especializadas em música realizam o processo de indexação em partituras musicais?                                                                                 | Yes | Partially | No |
| Quais são os critérios para as escolhas da representação temática de partituras musicais durante a leitura documentária?                                                              | Yes | Partially | No |
| Quais são os trabalhos publicados sobre indexação de partituras musicais?                                                                                                             | Yes | Partially | No |
| O que esses trabalhos publicados falam sobre indexação de partituras musicais?                                                                                                        | Yes | Partially | No |
| Como os trabalhos publicados retratam a partitura musical? Como um documento visual e textual?                                                                                        | Yes | Partially | No |
| A partitura musical é um documento visual e textual ao mesmo tempo?                                                                                                                   | Yes | Partially | No |
| Como uma partitura musical deve representar seu assunto?                                                                                                                              | Yes | Partially | No |
| O que pode ser considerado como assunto no processo de indexação de partitura musical?                                                                                                | Yes | Partially | No |

Fonte: PARSIFAL, 2024.

Depois de analisar previamente a partir do título, resumo e palavras-chave, segue-se para a parte em que são atribuídos os valores. Para isso, leu-se a introdução, metodologia e resultados. Essa atribuição de valores é para constatar se elas poderão responder às perguntas realizadas com base na problemática definida. No exemplo da Figura 17 consta o trabalho selecionado “A informação na música impressa: elementos para análise documental e representação de conteúdo” e pode-se observar, no canto direito superior, que ele atingiu 50 pontos, o mínimo para ser selecionado. De forma geral, ele atende completamente algumas questões, enquanto outras parcialmente até não atingir nenhuma.

A quinta parte consiste na extração de dados, em que é possível exportar no formato .xls todos os dados analisados. E a última parte da condução consiste na análise de dados, em que são apresentados gráficos, originados de acordo com a análise realizada, para observar os estudos por diversos aspectos, como bases de dados e ano.

O relatório, última etapa do *Parsifal*, possui como intuito exportar relatórios com os dados de todas as etapas em formato .docx, que são discutidos nos resultados.

A aplicação do MS possibilitou em encontrar pesquisas que foram utilizadas como aporte teórico para o desenvolvimento da literatura e como base para a aplicação do método de análise do conteúdo, com o intuito de realizar inferências e criar categorias para a realizar a análise.

## **5.2 Estudo de observação dos procedimentos de leitura documentária na indexação de partituras musicais: Protocolo Verbal Individual**

Como forma de desenvolver a parte empírica do estudo, escolheu-se aplicar o método do Protocolo Verbal Individual (PVI).

O Protocolo Verbal Individual surgiu na área da Psicologia Cognitiva, com base no uso da introspecção, com o intuito de observar, obter e descrever as estruturas de experiências conscientes dos sujeitos participantes. O foco consistia em conseguir descobrir semelhanças do comportamento humano (Tartarotti; Dal'Evedove; Fujita, 2016, p. 43).

Esse método ficou conhecido inicialmente como *Think aloud* (Pensar alto, tradução livre) e é considerado um procedimento que promove acesso direto ao processo mental decorrente das atividades executadas por um indivíduo, que realiza a leitura para concretizar uma tarefa. Durante esse procedimento, há uma verbalização dos sujeitos (Cervantes, 2004), no qual eles, enquanto responsáveis, no contexto da pesquisa, pelo processo de catalogação e indexação, explicarão todos os procedimentos que estão a fazer em tempo real e em voz alta.

Por essa razão, o PVI é considerado uma técnica exaustiva, pois proporciona uma perspectiva ampla sobre a análise dos assuntos (Redigolo, 2010), ao revelar a introspecção do leitor de maneira natural e obter vantagens em relação aos outros tipos de técnicas. Ela irá acessar diretamente o processo mental de leitura, enquanto está sendo realizado pelo leitor.

A sua aplicação ocorre a partir do preparo e execução de um conjunto de procedimentos sistematizados, nos quais são divididos em anteriores, durante e após aplicação (Nardi, 1999; Tartarotti, 2014). Os procedimentos anteriores envolvem: definição do universo da pesquisa, seleção de indexadores, definição da tarefa, seleção de texto-base, conversa informal, familiarização dos catalogadores com a técnica PVI. Os procedimentos durante a sua aplicação são compostos por: gravação do “pensar alto” dos indexadores e observação do pesquisador. Por último, os procedimentos pós aplicação abordam: entrevista retrospectiva, transcrição literal das gravações das falas dos indexadores, leitura detalhada para a construção de categorias de análise, junto ao mapeamento sistemático, construção de categorias de análise e retorno aos dados, para retirar trechos que exemplificam cada categoria.

### **Procedimentos anteriores à aplicação do Protocolo Verbal Individual:**

#### **a) Definição do universo da pesquisa:**

A amostragem é composta por 4 bibliotecas, nível universitário, que foram escolhidas por serem especializadas na área da música e conter partituras musicais em seus acervos. Também se levou em consideração indexadores que foram considerados *experts* das bibliotecas, por serem especializados nesse tipo de procedimento. As bibliotecas pertencem à instituições reconhecidas por sua qualidade nos cursos de Música, em todos os âmbitos, pesquisa, ensino e extensão, o que justifica a escolha da amostragem.

Para realizar a aplicação da coleta de dados, a pesquisa passou pela avaliação do comitê de ética da Unesp. O estudo foi submetido em 26/02/2024 e obteve a sua aprovação em 05/07/2024. Somente após a aprovação é que as coletas foram aplicadas. O parecer está disponível na íntegra (Anexo A).

Dentre as bibliotecas selecionadas, 3 são de universidades brasileiras e 1 portuguesa.

- *Biblioteca A - “Prof. Dr. José de Arruda Penteado” - Instituto de Artes (BIA), da Universidade Estadual Paulista (Unesp):*

A Biblioteca do Instituto de Artes (Biblioteca A) é composta por um acervo especializado, nas áreas de Música, Artes Visuais e Artes Cênicas. Ela contém diferentes tipos de materiais, como partituras musicais, CDs, slides e livros (BIA, 2024).

- *Biblioteca B - “Coordenação de documentação de Música Contemporânea (CDMC)” - Centro de Integração, Documentação e Difusão Cultural da Universidade (CIDDIC) - Universidade Estadual de Campinas (Unicamp):*

O CDMC foi inaugurado em 1989, através do “Projeto Brasil-França”, um convênio firmado entre a Unicamp e o *Centre de documentation de la musique contemporaine*, para a criação de uma filial no Brasil. O convênio teve previsão de duração de 5 anos, prorrogado por igual período. Por meio desse convênio, a universidade dispôs de recursos humanos, materiais e de instalações, para acolher um acervo significativo de música contemporânea do século XX, com obras consideradas relevantes de compositores internacionais vindos do CDMC francês (CDMD, 2024).

- *Biblioteca C - Conservatório de Tatuí:*

A Biblioteca foi criada junta à fundação do Conservatório e tem por finalidade o fomento e a valorização da música, artes da cena e da cultura. O acervo é composto por obras de música erudita e popular, compositores brasileiros e estrangeiros de diferentes épocas e estilos.

Ele reúne partituras impressas e manuscritas nacionais e internacionais, material didático para o ensino da música e das artes da cena, CDs e DVDs, discos de vinis e obras raras, como arquivo da TV *Record* (Conservatório de Tatuí, 2024).

- *Biblioteca D - Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo do Politécnico do Porto (ESMAE):*

A ESMAE é responsável por recolher e organizar os recursos documentais considerados indispensáveis ao processo de ensino e aprendizagem nas áreas de música e teatro. O acervo é composto por livros, discos de áudio e vídeo, trabalhos acadêmicos, teses e dissertações, publicações periódicas e partituras musicais (ESMAE, 2024).

#### **b) Seleção dos indexadores:**

A técnica do PVI foi aplicada em 4 bibliotecas, com 4 bibliotecários responsáveis pelo processo de catalogação e indexação. Todos eles são considerados *experts*, por serem responsáveis e possuir experiências no processo de indexação de partituras musicais.

A expertise na área da música, apontam Lehmann, Gruber e Kopiez (2006), está nas habilidades adquiridas, principalmente, na infância, acerca de como executar uma música em um determinado instrumento musical, como o piano. Os autores ainda ressaltam que a capacidade de desenvolvimento da expertise está interligada com o acúmulo de padrões na memória, através da prática e repetição.

Ao total foi possível obter 4 PVIs, coletados de forma *online*, pela plataforma do Google *Meet*, devido à distância das Instituições. O Protocolo Verbal Individual *online* foi adaptado por Tolare (2021), criado devido às circunstâncias superiores, como a pandemia de Covid-19, em que era necessário distanciamento social.

Um dos benefícios desse tipo de aplicação decorre de que a gravação é feita tanto do áudio quanto do vídeo, o que possibilita realizar uma análise mais detalhada e aprofundada da coleta de dados. A diferença para o PVI presencial consiste em que apenas o áudio é gerado, o que pode causar empecilhos quanto à qualidade das memórias do pesquisador. A desvantagem consiste em não estar no local físico, o que

pode gerar riscos para a coleta, como mau funcionamento da internet do pesquisador e sujeito e dúvidas acerca da real postura do sujeito, podendo ser difícil saber se é uma atuação.

**c) Definição da tarefa:**

Os indexadores precisam realizar o processo de indexação com uma partitura musical não indexada, selecionado pelos próprios indexadores, no catálogo de cada biblioteca especializada em música, para observar como é realizada a leitura documentária, durante o procedimento, através do Protocolo Verbal Individual.

**d) Seleção da partitura-base:**

Anteriormente, essa categoria era definida como “Seleção do texto-base”, como a pesquisa parte da premissa que a partitura musical é um documento textual e visual ao mesmo tempo, determinou-se que a categoria seria adaptada para “Seleção da partitura-base”.

Para a seleção, deixou-se à decisão dos indexadores. Eles precisaram escolher partituras musicais que não passaram pelo processo de catalogação e indexação. Cada instituição escolheu ao menos uma partitura musical para ser catalogada e indexada. A sugestão da pesquisadora foi de que os indicadores escolhessem uma partitura musical, no entanto, em alguns ambientes, onde ocorreram as coletas, os profissionais optaram por mostrar o processo em mais de um tipo de partitura musical, devido à sua versatilidade e formato.

**e) Conversa informal com os indexadores:**

Antes de realizar a aplicação da coleta de dados, foi feito um primeiro contato via e-mail, com a direção de cada Biblioteca, disponibilizado no Apêndice A e com o responsável pelo setor de processamento técnico para obter-se a autorização. A autorização é necessária para submeter a pesquisa ao Comitê de Ética da universidade, por atingir seres humanos.

Após o contato, ocorreu a submissão no Comitê de Ética. Com a sua aprovação, foi realizado o agendamento das aplicações, explicando todos os objetivos do estudo para eles.

Como forma de identificar os indexadores, utilizou as letras do alfabeto, como forma de preservar as suas identidades, mantê-los seguros e anônimos. Como por exemplo: Biblioteca A, Biblioteca B, Biblioteca C e Biblioteca D.

#### **f) Familiarização dos catalogadores com a técnica do Protocolo Verbal Individual:**

Anteriormente à aplicação do PVI, introduziu-se os indexadores ao método estabelecido, denominado como “Instruções aos sujeitos”, adaptado de Nardi (1993). Esse procedimento é necessário e imprescindível para que os indexadores saibam o que ele é e como devem proceder, em que precisam verbalizar sempre, em voz alta, durante o procedimento. Nesse momento é necessário que esqueçam da presença da pesquisadora, que está ali apenas para lembrá-lo de verbalizar.

#### **Procedimentos durante à aplicação do Protocolo Verbal Individual:**

##### **a) Gravação do “pensar alto” dos indexadores:**

Para realizar a gravação do processo de indexação de partituras musicais, utilizou-se a plataforma do *Google Meet*.

##### **b) Observação:**

A observação consiste na ação do pesquisador em identificar e obter comprovação de ações das quais os sujeitos não possuam consciência, mas que, de alguma forma, conduz seu comportamento e afeta o procedimento de indexação (Lakatos; Marconi, 1996). Dessa forma, torna-se possível obter diversos aspectos da realidade em que está inserido.

Essa técnica possui como benefício que os fatos são percebidos diretamente, sem qualquer intermediação. Enquanto a presença do pesquisador pode intimidar o sujeito e, dessa forma, alterar as atividades, que, geralmente, são executadas de forma corriqueira (Pereira *et al.*, 2018).

#### **Procedimentos após à aplicação do Protocolo Verbal Individual:**

##### **a) Entrevista retrospectiva:**

Procedimento realizado para contextualizar e esclarecer apontamentos acerca do ambiente ao qual aplicou-se o PVI. Dessa forma, possibilita aprofundar informações pertinentes.

**b) Transcrição literal das gravações das falas dos indexadores:**

A transcrição de cada gravação do PVI consiste em transcrever literalmente cada fala dos indexadores, mantendo o anonimato e sinalizando através de códigos.

Existem notações, que são utilizadas para marcar os comportamentos de cada sujeito. Elas foram reunidas por Cavalcanti (1989) e adaptadas por Tartarotti (2014), conforme pode ser observado no Quadro 21.

Quadro 21 – Notações para a transcrição do Protocolo Verbal Individual

| Símbolos | Significados                                                                                                         |
|----------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| .....    | Pausas curtas                                                                                                        |
| ...~~    | Pausas longas                                                                                                        |
| /        | Auto Interrupção de um pensamento                                                                                    |
| (→ → →)  | Aceleração do ritmo da leitura do texto-base [partitura base]                                                        |
| (~~~)    | Desaceleração da leitura                                                                                             |
| { }      | Inclusão nas transcrições de descrições de gestos significativos do sujeito ou comentários analíticos do pesquisador |
| (←)      | Releitura aos trechos do texto                                                                                       |
| (→)      | Trecho do texto-base [partitura base] “saltado” (ignorado) na leitura                                                |
| [...]    | Trecho do texto-base [partitura base] vocalizado pelo sujeito, durante o PVI                                         |
| (...)    | Omissão de trecho não relevante na transcrição                                                                       |
| “...”    | Trecho de instruções do sistema de recuperação da informação para o tratamento documental do material                |
| ((FR))   | Vocalização e risos ao mesmo tempo pelo sujeito                                                                      |
| ((RM))   | Tom de ironia do sujeito                                                                                             |
| ((RI))   | Riso do sujeito                                                                                                      |

|                                                    |                                                                                                                                                                                            |
|----------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b><i>Itálico</i></b>                              | Vocalização do sujeito                                                                                                                                                                     |
| <b><u>Sublinhado</u></b>                           | Trecho do material do sistema de apoio (obra de referência), utilizado para compreensão do conteúdo documental pelo sujeito ou definição do termo, no sistema de recuperação da informação |
| <b>MAIÚSCULO</b>                                   | Termos identificados pelo sujeito durante o PVI                                                                                                                                            |
| <b>NEGRITO<br/>MAIÚSCULO</b>                       | Descritores digitados/pesquisados e de relevância para o sujeito                                                                                                                           |
| <b><u>NEGRITO<br/>MAIÚSCULO<br/>SUBLINHADO</u></b> | Termos finais atribuídos ao documento pelo sujeito                                                                                                                                         |

Fonte: baseado em Tartarotti, 2014, p. 359 e adaptado de Cavalcanti, 1989.

### **c) Leitura detalhada para a construção de categorias de análise:**

Após a transcrição literal das coletas de dados, é realizada a leitura dessas transcrições, com o intuito de obter categorias para a análise de dados.

### **d) Construção das categorias de análise:**

A criação de categorias para análise, estabelece Gil (2010), consiste em organizar os dados de forma que seja possível obter informações necessárias para destacar na análise, o que requer a construção de um conjunto de categorias descritivas, que podem ser retiradas da própria fundamentação teórica.

Nesse contexto, a construção das categorias, neste estudo, decorreu do aprofundamento teórico, disponibilizado pela literatura apresentada e pelos trabalhos selecionados no Mapeamento Sistemático, de modo a observar como a partitura é tratada naquele contexto conforme pode ser observado no Quadro 22.

Quadro 22 - Categorias de análise do PVI

| <b>Categorias</b>                                                                        | <b>Objetivos</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
|------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Categoria 1 - Conhecimento do indexador enquanto leitor - <i>expertise</i>:</b>       | Essa categoria aborda a <i>expertise</i> do indexador enquanto leitor com alto conhecimento no domínio da música, no contexto de bibliotecas especializadas em música. A <i>expertise</i> ocorre quando o profissional especialista possui conhecimento aprofundado acerca de um domínio específico. No caso da música, são habilidades adquiridas acerca de como executá-la, ou seja, nesse contexto, definido como o entendimento da estrutura da partitura musical (Ericsson, 2006; Lehmann; Gruber; Kopiez, 2006) |
| <b>Categoria 2 - Habilidades recorrentes do indexador enquanto leitor - estratégias:</b> | Essa categoria refere-se às estratégias ao qual o indexador recorre para encontrar os conceitos na partitura musical (Cavalcanti, 1989; Giasson, 1993; Fujita, 2004).                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| <b>Categoria 3 - Identificação e seleção de conceitos:</b>                               | Nessa categoria trata-se da identificação e seleção de conceitos pelo indexador. Na estrutura textual, utiliza-se a abordagem sistemática (ABNT, 1922), em que são feitos questionamentos para encontrar os conceitos e extraí-los. No entanto, para selecionar conceitos na partitura musical pode-se usar a decifração (Chapon, 2000) e a decodificação (Demício; Luz; Arena, 2020).                                                                                                                                |
| <b>Categoria 4 - Representação de conceitos por termos traduzidos:</b>                   | Categoria definida para observar os termos escolhidos para a representação.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| <b>Categoria 5 - Tipos de metadados descritos:</b>                                       | Essa categoria foi criada com base nos estudos de Faria (2009) e Lisena e Troncy (2017), no qual explicam que a identificação correta de metadados é essencial para que a catalogação e classificação seja consolidada.                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| <b>Categoria 6 - Uso de vocabulário controlado:</b>                                      | Trata-se de observar se há uso ou não de algum tipo de vocabulário controlado.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| <b>Categoria 7 - Recuperação das partituras no sistema</b>                               | Nessa categoria objetiva-se observar como os sistemas recuperam as partituras musicais.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| <b>Categoria 8 - Paratexto</b>                                                           | O objetivo dessa categoria está em observar a necessidade do documento paratexto junto da partitura.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |

Fonte: Elaborado pela autora.

As categorias de análise, apresentadas no Quadro 22, foram definidas a partir da literatura disponibilizada na fundamentação teórica e nas transcrições do PVI (Apêndices C e D), com base nas observações obtidas nas coletas de dados e nos apontamentos por diversos autores.

**e) Retorno aos dados para retirar trechos que exemplificam cada categoria:**

Após a construção das categorias para análise, volta-se novamente para as transcrições, com o intuito de retirar trechos para utilizar como exemplos nos resultados e, dessa forma, estabelecer uma análise aprofundada.

## **6 RESULTADOS DA PESQUISA DESCRITIVA PARA ANÁLISE DA ESTRUTURA DE PARTITURAS MUSICAIS**

A análise da estrutura da partitura musical ocorreu a partir da publicação de outras pesquisas, cujo intuito foi observar como outros teóricos atribuíram os campos conceituais e de análise temática para a sua leitura. Para isso, utilizou-se o método de mapeamento sistemático.

Ao total, foram pré-analisados 190 estudos, divididos entre as bases de dados selecionadas. Dessa amostragem, 127 foram desprezados, a partir da análise pelo título, palavras-chave e resumo, pois não possuíam nenhum tipo de relação com a temática proposta. Ademais, 50 trabalhos foram desconsiderados por serem duplicados. Por fim, foram selecionadas 13 pesquisas para realizar a análise (Quadro 23).

## Quadro 23 - Pesquisas selecionadas para análise

| REFERÊNCIAS                                                                                                                                                                                                                                     | RESUMOS E PALAVRAS-CHAVE                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| BARBERO, C.; CALZAVARINI, F. Experience of silent reading. <b>Phenomenology and the Cognitive Sciences</b> , p. 1-18, mar. 2024.                                                                                                                | Análise entre a leitura de partituras e leitura de texto, a partir das observações fenomenológicas de Kivy. Apesar de estarem funcional e anatomicamente dissociadas no nível cognitivo, as duas experiências de leitura envolvem uma simulação auditiva do conteúdo, que parece ser funcionalmente essencial para uma experiência profunda e rica de textos literários e partituras musicais.<br><b>Palavras-chave:</b> Silent Reading. Musical Scores. Literary Texts.                                                                                                                              |
| CARA, M. A. The influence of music reading on spatial working memory. <b>Brain Sciences</b> , v. 14, p. 1152, 2024.                                                                                                                             | Explorar como o treinamento musical influencia a memória de trabalho espacial e examinar a relação entre a precisão da autoavaliação e o desempenho cognitivo.<br><b>Palavras-chave:</b> music reading; metacompetences; spatial working memory; computer-based neuropsychological.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| DICKSON, M. Musical notation. <b>Ergo: an open access journal of philosophy</b> , v. 11, n. 1, 2024.                                                                                                                                            | Propor e tornar plausível uma estrutura para o desenvolvimento de um relato filosófico da notação musical. A estrutura proposta contempla quatro elementos de notação: símbolos (objetos abstratos), suas "formas" (entendidas como algo abstrato); as instâncias concretas, ou gravuras e os significados dos símbolos.<br><b>Sem palavras-chave.</b>                                                                                                                                                                                                                                                |
| RAMONEDA, P. et al. Combining piano performance dimensions of score difficulty. <b>Expert Systems with applications</b> , v. 238, mar. 2024.                                                                                                    | Avançar no estado da arte na classificação de dificuldade de pontuação da execução da partitura, a partir da leitura por anotações dessas dificuldades de um conjunto de dados de partitura legíveis por máquinas.<br><b>Palavras-chave:</b> Performance difficulty prediction. Education technology. Music complexity. Difficulty analysis performance difficulty. Can I play it. Music playability. Piano fingering. Expressive piano performance. Music information retrieval.                                                                                                                     |
| CORREIA, D. de O. <b>Catálogo de partituras musicais: uma trajetória pelos principais instrumentos de representação descritiva</b> . 2022. 190 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. | Aborda o tratamento da informação musical no que diz respeito à representação descritiva de documentos musicais impressos ou digitais, denominadas como partituras, com base em instrumentos de catalogação no contexto anglo-americano.<br><b>Palavras-chave:</b> Catalogação de partituras; código de catalogação; representação descritiva de partituras; organização e representação de partituras; tratamento da documentação musical.                                                                                                                                                           |
| BARBOSA, A. M. <b>A representação temática de partituras de música sacra católica</b> . 2021. 56 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2021.                                        | Apresentar parâmetros indicados nas bibliotecas de instituições de ensino superior públicas brasileiras, para a representação de música sacra, visando a organização e recuperação desse acervo.<br><b>Palavras-Chave:</b> música católica; informação musical; representação temática da informação; ciência da informação.                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| SHAYMUKHMETOVA, L. N. The semantic structures of the musical text and practical semantics. <b>Russian Musicology/Music Scholarship</b> , n. 3, p. 86-96, 2021.                                                                                  | Apresenta ao leitor uma tecnologia de análise e leitura de organização semântica estrutural do texto musical, a partir de aspectos gramaticais e sintáticos.<br><b>Palavras-Chave:</b> musical semantics, analysis of musical compositions, laboratory of musical semantics, intonational lexis, migrating intonational formula.                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| SILVA, M. R. da; CASTRO, F. F. de; LEMES, G. C. <b>Catálogo de partituras musicais: reflexões e aplicações em acervos institucionais. Documentación de las Ciencias de la Información</b> , v. 45, n. 1, p. 83-93, 2022.                        | Refletir sobre as principais etapas do tratamento de partituras musicais do acervo do Coral da USP. Trata-se de um trabalho exploratório-descritivo e caracterizado como um relato de experiência, o qual apresenta elementos da catalogação de partituras tendo como referência o RDA, o padrão de metadados MARC, o referencial teórico acerca dos estudos a respeito da notação musical e as necessidades dos usuários identificadas no ambiente informacional.<br><b>Palavras-Chave:</b> Particoteca; Tratamento de partituras musicais; Sistemas de gerenciamento bibliográfico. Acervo musical. |
| BERTIAUX, A. <i>et al.</i> Associations between music training and the dynamics of writing music by hand. <b>Musicae Scientiae</b> , v. 27, n. 1, p. 247-259, 2020.                                                                             | Treinamento e experiência musical e a forma como as pessoas escrevem música à mão, com observações à sequência estrutural inserida na notação.<br><b>Palavras-Chave:</b> Music handwriting, music reading, music notation, music structure, grouping, music expertise.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| BOUHALI, F. <i>et al.</i> Reading music and words: the anatomical connectivity of musicians visual cortex. <b>NeuroImage</b> , v. 212, 2020.                                                                                                    | Análise de regiões cerebrais para investigar quais são as partes especializadas para a leitura da notação musical ou palavras na VOT.<br><b>Palavras-Chave:</b> Music notation reading. Visual word for area. Structure-function relationship. Structural connectivity. Musicians.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| STENBERG, A.; CROSS, I. White spaces, music notation and the facilitation of sight-reading. <b>Scientific Reports</b> , v. 9, n. 5299, 2019.                                                                                                    | Experimento do uso de separações de fragmentos curtos de discurso musical por lacunas verticais na notação e uma possível melhora na fluência da leitura da partitura musical, reduzindo erros do músico quando não há preparação prévia.<br><b>Sem palavras-chave.</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| AIBA, E.; SAKAGUCHI, Y. Visual information pianists use for efficient score reading. <b>Frontiers in Psychology</b> , v. 9, n. 2192, nov. 2018.                                                                                                 | Investigar as informações visuais nas quais os pianistas confiam ao ler a partitura musical.<br><b>Palavras-Chave:</b> sight-reading, pianist, readable range, geometrical features, appearance probability.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| MOREIRA, A. <b>A partitura enquanto sistema: a visão sistêmica aplicada ao estudo da composição</b> . 2016. 291 f. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.                   | Análise da composição musical a partir do aspecto do pensamento sistêmico, de forma a compreender as dimensões de tempo e espaço, passíveis de representação.<br><b>Palavras-Chave:</b> Composição musical. Partitura. Sistemas. Visão sistêmica.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |

Fonte: elaborado pela autora.

As referências das pesquisas selecionadas disponibilizadas Quadro 23, junto com as suas palavras-chave e resumo, foram publicadas durante o período de 2016-2024 e são oriundas de diferentes áreas do conhecimento, como Psicologia, Neurologia, Música, Educação e Ciência da Informação. A partir dessa seleção, foram criadas três categorias para realizar a análise, conforme o direcionamento do método de Mapeamento Sistemático:

Quadro 24 - Categorias analíticas a partir do Mapeamento Sistemático

| Categorias                                                        | Descrição                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
|-------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| O conceito de partitura musical e a leitura de sua estrutura      | Categoria desenvolvida a partir da proposta de um dos objetivos específicos, cujo intuito foi analisar, a partir de pesquisas já publicadas, a conceituação da partitura musical e a leitura de sua estrutura. Essa categoria teve como base analítica os seguintes estudos: Aiba e Sakaguchi (2018), Barbosa (2021), Correia (2022) e Dickson (2024).                                                                                                                                                                                  |
| Dados informacionais descritivos e temáticos na partitura musical | Categoria criada a partir da seleção das pesquisas em que mostraram uma diversidade de dados semelhantes que podem ser agrupados como informações descritivas e temáticas. Os principais trabalhos que contribuíram para a criação dessa categoria foram: Correia (2022).                                                                                                                                                                                                                                                               |
| O leitor e o contexto da partitura musical                        | Categoria elaborada para analisar as variáveis contexto e leitor identificadas nas abordagens utilizadas nos textos selecionados pelo MS. A necessidade da sua criação ocorreu por esses estudos terem abordado o processamento da partitura musical no cérebro do músico, mostrando como a leitura e a sua <i>expertise</i> podem afetar a execução, pelo músico, e, no contexto da indexação, a forma como o indexador realiza a representação temática; e o <b>contexto</b> inserido (Barbosa, 2021; Ramoneda <i>et al.</i> , 2024). |

Fonte: elaborado pela autora.

O Quadro 24 apresenta as categorias analíticas a partir do Mapeamento Sistemático: (i) conceito de partitura musical e a leitura de sua estrutura desenvolvida com o objetivo de analisar as pesquisas já publicadas sobre a conceituação da partitura musical e a leitura da sua estrutura; (ii) dados informacionais descritivos e temáticos na partitura para mostrar semelhanças e diferenças entre as pesquisas selecionadas e agrupar na análise; e (iii) o leitor e o contexto da partitura musical, para analisar o contexto e o leitor identificados nas abordagens utilizadas nos textos. A seguir, a apresentação dos conceitos e ideias dos autores acompanhados de análise com o objetivo de obter resultados que auxiliem a compreensão e elaboração da indexação e representação de partituras musicais.

## 6.1 O conceito de partitura musical e a leitura de sua estrutura

Os aspectos conceituais da partitura musical são uma categoria analítica desenvolvida para observar como eles foram abordados por diferentes autores. Nessa categoria, a análise ocorreu, principalmente, com base nos seguintes estudos: Aiba e Sakaguchi (2018), Barbosa (2021), Correia (2022) e Dickson (2024).

No texto de Aiba e Sakaguchi (2018), por exemplo, a partitura foi determinada, a partir de seus resultados, por uma perspectiva de características espaciais e geométricas, em que o executor da música consegue encontrar padrões nas notas musicais a partir de sua forma estética, tipo instrumental a que se destina e a tonalidade existente em seu conteúdo.

A partir dessa pesquisa, em específico, poderia partir do pressuposto de que o conceito da partitura musical está contido em sua forma/parte e conteúdo da partitura musical: a forma/parte estaria relacionada ao padrão das notas musicais, para que a música consiga apresentar consistência em seu sentido, e ao tipo instrumental à qual ela se destina, pois podem ocorrer divergências em sua execução, dependendo de qual for a sua instrumentação.

Enquanto o conteúdo estaria relacionado às partes mais abstratas da partitura musical, como a tonalidade e as claves. No entanto, não é necessário nomeá-la como abstrata nesses aspectos, pois a sua representação, apesar de não tradicional, informa aos usuários competentes e aos profissionais *experts* dados precisos sobre como executar a música a partir da sua partitura musical. Logo, o usuário pode levar esse aspecto como fator determinante para saber se a recuperação da partitura musical no sistema está de acordo com as suas demandas.

Com base nisso, na pesquisa de Barbosa (2021), foi analisada a partitura musical sacra com viés para representação. Nessa perspectiva, a partitura musical é considerada uma disposição gráfica ou manuscrita de uma composição musical, que pode conter partes vocais e instrumentais, o que corrobora com a perspectiva de Aiba e Sakaguchi (2018) acerca de formas e conteúdo.

Já no estudo de Dickson (2024, tradução livre), a notação musical foi abordada por um caráter analítico filosófico. Para isso, o autor estabeleceu algumas terminologias como ponto inicial para o desenvolvimento base do estudo e ainda explicou que a notação musical aparece como um “composto de símbolos musicais, destinado a ser interpretado por alguém familiarizado com o significado usual da

notação” e que, por isso, ela possui muitas finalidades, que variam desde para aspectos educacionais, como aulas de música, até como profissão e performance, visando a sua execução (Dickson, 2024, p. 3, tradução livre).

A partir dos estudos de Barbosa (2021) e Dickson (2024), a partitura musical foi observada enquanto um conjunto de informações descritivas textuais e simbólicas, que, no atual estudo, pode-se considerar como parte das informações temáticas, sem destacar exatamente uma conceituação. Moreira (2016) corrobora com essa interpretação, ao considerar a partitura musical enquanto um conceito mais amplo da obra musical, caracterizada, na presente pesquisa, como a propriedade intelectual da música, enquanto a partitura musical ficou determinada, neste estudo, como um registro para ser representado e recuperado.

Dickson (2024) se concentrou na análise da partitura musical ocidental, pois há diversos tipos de partitura e, considerando a sua popularização em níveis padronizados, na atualidade, essa tipologia acabou se consagrando ao longo do tempo. Dessa forma, pode-se considerar que a notação musical é composta por símbolos, que carregam algum significado no contexto da música e refere-se à uma gravura ou uma forma/parte, que representa a manifestação física e concreta do símbolo. Essas formas-símbolos são caracterizadas pelas formas geométricas das notas musicais, isto é, de forma literal, a formação de um círculo, ponto e linha, que vão sendo inseridas na pauta até realizar diversas combinações entre essas diferentes formas.

Para Dickson (2024), alguns símbolos presentes na partitura, no caso, as notas musicais, por exemplo, são mais rápidas de serem reconhecidas e interpretadas do que outros tipos de símbolos. O autor também introduz sobre a existência dos símbolos de apoio (claves, interpretação expressiva, com instruções ou sugestões explícitas ao intérprete sobre a técnica e assinaturas de tempo), que servem como um suporte para a pesquisa principal e indícios do uso de paratexto para realizar o processamento da indexação, mas não se aprofunda nelas. Além delas, podem haver outras marcações, que fornecerão informações circunstanciais que podem interagir com a parte principal da notação musical, com a sua complexidade.

Moreira (2016) aplicou uma visão sistêmica para realizar a análise, a partir das dimensões de complexidade, instabilidade e intersubjetividade da partitura musical. Ele apresentou uma síntese em seu trabalho, que elucida a análise sob a ótica dos

descritores sistêmicos. Os descritores abordados foram: tipo; partes; hierarquia; complexidade; funcionamento e fluxos. Ainda para o autor supracitado, a partitura representa primariamente a visualidade, isto é, os seus símbolos e códigos são considerados visuais e um subsistema, na qual há apresentação em potencial; o tempo e o espaço podem ser representados visualmente nas partituras, os símbolos e os sinais gráficos desenvolvidos para obra são utilizados para representá-la, pois caracteriza a partitura.

Por fim, Aiba e Sakaguchi (2018) fizeram um experimento com 16 pianistas para investigar quais eram as informações visuais que eles confiavam ao ler uma partitura, principalmente, em sua estrutura. Os autores concluíram que o reconhecimento das notas das partituras (ou a falta dele), da sua sequência e estrutura pode influenciar na execução e por mais que haja o conhecimento, se o símbolo foge do mais tradicional e comum, a chance de aumentar essa dificuldade de reconhecimento aumenta exponencialmente. Um aspecto interessante é que a nota pode apresentar padrões geométricos em sua forma e espaço e, a partir disso, o reconhecimento se facilitaria, pois poderia pressupor como a música iria ser finalizada em sua execução (Aiba; Sakaguchi, 2018).

Ainda seguindo pelo aspecto do processamento da informação musical, ao ler uma partitura, Barbero e Calzavarini (2024) desenvolveram um estudo, pela perspectiva da neurociência, com intuito de observar a relação entre a leitura de partituras musicais e a leitura de textos. Os autores partem do pressuposto que esses dois tipos de leitura estão funcionalmente e anatomicamente dissociadas ao se tratar do nível cognitivo, pois as experiências envolvem uma simulação auditiva do conteúdo, o que corrobora com a teoria de Károlyi (2002) sobre a memória musical, percorrida na fundamentação teórica, e com o estudo de Cara (2024), sobre memória de trabalho espacial, da análise do MS.

Ainda para os autores supracitados, a música é considerada diferente da linguagem tradicional textual, porque não possui um componente semântico semelhante ao significado linguístico, mesmo que seja composto por propriedades emotivas e com capacidade de ser reconhecida como um tipo de vocabulário. Esse resultado acaba sendo uma consequência da tentativa em tentar reconhecer o código simbólico e desprezar o outro.

Nesse contexto, eles citam a teoria de Gerrig (s. d.), em que defendia que havia uma semelhança entre a leitura de um texto literário e a leitura de uma partitura musical. O autor supracitado explica que essa semelhança pode ocorrer a partir do preenchimento de lacunas parecidas e usa como exemplo o ator encenando e interpretando um roteiro. No entanto, Gerrig não apresentou nenhum exemplo prático e nem explícito para a sua pesquisa.

Por um outro aspecto, Kivy (2006) mostrou que possuía um posicionamento parecido com Gerrig (s. d.), a partir de uma estrutura ontológica e desempenho da leitura e acaba indo um pouco mais além em seus estudos, pois passa a apresentar as diferenças entre elas apontando vieses objetivos e subjetivos da partitura musical. Para o autor, ela fornece instruções precisas aos seus leitores, com a finalidade de executá-la, diferente da leitura de texto literário, em que não há parâmetros precisos, porque depende da imaginação visual e auditiva, tendo como critério entendê-lo.

Barbero e Calzavarini (2024) complementam os estudos acima ao estabelecer que a leitura do texto é um processo complexo que vai além da decodificação de palavras, ou seja, faz uso de conexões, compreensão das palavras, de modo que se torne possível entender seu significado geral em seu contexto, o que, para eles, não parece ser possível de se conseguir compreender esse significado geral sem seu contexto.

A partir disso, os autores realizaram uma desanalogia, em que apontaram mais diferenças, como a leitura silenciosa de partitura musical. Se por um lado, espera-se que o profissional apresente competências especializadas para realizar o processo de representação temática, principalmente, em partitura musical, por outro lado, a impressão apontada pelos autores demonstrou que nenhum talento excepcional ou treinamento parece ser necessário para que o músico, nesse caso, também o indexador, de ler obras literárias, pois sempre ocorrerá uma leitura silenciosa de textos literários, segundo o autor. Os questionamentos surgem: “seria necessário que ele fosse formado em letras para poder realizar o processo de indexação?” e “até que ponto o profissional deve ter conhecimento especializado para realizar uma representação temática tanto de documentos mais tradicionais, vulgo, livros, quanto de documentos menos tradicionais, como fotografias e partitura musical?”, “um crítico literário é formado em letras? precisa de um conhecimento especializado”.

Kivy (2006) explica que a leitura de uma obra literária é possível para qualquer pessoa desde que ela seja alfabetizada, o que, potencialmente, uma pessoa comum, sem formação especializada, poderia realizar esse processo de leitura, diferente da leitura da partitura musical, devido à sua estrutura e forma e necessita de habilidades extras para compreensão, que, por sua vez, poderiam ser aprendidas em aulas de músicas, porém não são fornecidas, ao menos, não em escolas públicas brasileiras.

Uma diferença necessária a ser destacada no texto de Kivy (2006) sobre a está que a leitura da obra literária vai depender da interpretação do seu leitor, indo muito além de bom ou ruim, para ser considerada credível. Enquanto isso, os leitores de partitura musical conhecem aspectos técnicos, tiveram um aprofundamento maior do que grande parte da população ao ponto de conseguirem executar a partitura dentro da própria cabeça através da performance silenciosa. Esse estudo também corrobora com a necessidade do profissional em ser *expert* e da teoria x sobre memória musical.

Por outro lado, Barbero e Calzavarini (2024) explicaram que há evidências experimentais de que a leitura de textos e de partituras seriam processos cognitivos amplamente independentes. Os autores citam os estudos de rastreamento ocular, parecidos com o estudo de Aiba e Sakaguchi (2018) e explicam que os dois modos são diferenciados por uma série de fatores, a leitura de forma sequencial ou horizontal, cuja leitura ocorre de forma sequencial e simultâneo ou vertical (Sloboda, 1984) e à fixação dos olhos na partitura musical, enquanto ler linguagem de textos literários estaria associado à uma maior frequência de movimentos oculares para trás (Cara; Gómez Vera, 2016).

Ainda pela perspectiva da neurociência, Cara (2024, tradução livre) desenvolveu um estudo em que aborda a influência da leitura musical na memória de trabalho espacial<sup>7</sup> e a precisão da autoavaliação. Como forma de entender o processamento da aprendizagem da música no cérebro, a autora parte de três perspectivas já apontadas por Rodrigues *et al.* (2007) : (i) os efeitos de produção de arte da música no cérebro; (ii) alterações específicas na organização do córtex

---

<sup>7</sup> “Pode ser definida como um sistema multicomponente complexo que armazena e processa informações para propósitos temporários. Isso permite que o cérebro processe novas informações vinculadas ao controle da atenção, apoiadas por um componente executivo central. Os componentes do *loop* fonológico e do bloco de esboço visuoespacial armazenam e manipulam informações verbais (fala e som) e visuoespaciais, respectivamente. O componente *buffer episódico* funciona como uma interface entre a memória de trabalho e a de longo prazo e combina informações auditivas e visuais” (Cara, 2024, p. 2, tradução livre).

cerebral e (iii) características cognitivas moldadas pelo treinamento musical. O treinamento musical consegue promover uma maior consciência das habilidades cognitivas da pessoa, pois percebeu-se que há funções cognitivas aprimoradas de músicos no reino da memória de trabalho em que os músicos acabam demonstrando ter um conhecimento maior do que os não-músicos. Nesse sentido, Cara (2024, tradução livre), analisa a prática sistemática na leitura musical, enquadrada no contexto do desenvolvimento da *expertise* e como ela contribui para uma maior autoconsciência em relação ao aprimoramento de habilidades cognitivas gerais. Para realizar essa pesquisa, a autora comparou como músicos experientes em leitura musical com não músicos ao fazer uma tarefa de memória de trabalho espacial.

De acordo com Cara (2024, tradução), a leitura da partitura musical é considerada uma tarefa dupla, que envolve a execução e a leitura, a depender muito da memória de trabalho para que haja coerência no discurso musical. A autora explica que esse processo envolve vincular e integrar informações que são antigas as novas, pois pode fortalecer o desenvolvimento de habilidades visuoespaciais e resolução visuoespacial como resultado da prática musical a longo prazo. A autora também parte do pressuposto de que as capacidades visuoespaciais aprimoradas em músicos estariam relacionadas a processos atencionais eficientes, experiência prolongada ou atividades relacionadas a tocar um instrumento musical, para facilitar a codificação perceptual.

Em síntese, a partir das pesquisas analisadas, considera-se, no presente estudo, que a essência da partitura musical, ou seja, a sua conceituação e o que a caracteriza enquanto tipologia documental, está relacionada à forma e ao conteúdo. A sua forma se refere ao tipo de partitura musical e a instrumentação à qual se destina, pois, a sua diversificação mostra que ela possui especificidades para diferentes tipos instrumentais (violino, piano, viola caipira, entre outros). Enquanto o seu conteúdo destaca as partes mais simbólicas abstratas, em específico, a clave e a tonalidade, que determinarão como o músico executará a partitura. A clave está sempre localizada no início da pauta, sem exceção, pois, sem ela, não há como saber o que cada nota musical significa, o que impossibilitaria o reconhecimento do seu código e, por consequência, a sua representação. A tonalidade, por sua vez, impacta diretamente na execução ao ser composta pela estrutura da partitura musical como

um todo. A partir dela é possível prever as alterações que podem ocorrer na sua estrutura.

Com base nisso e na análise realizada, pode-se dizer que o processamento da leitura de uma partitura musical, caracterizada como ocidental, ocorre da seguinte forma: ler a partitura significa passar os olhos em cima da sua estrutura, da esquerda para a direita e de cima para baixo; interpretar como a música ocorre quando há o reconhecimento do código musical (clave, tonalidade, compasso e ritmo); localizar as teclas ou cordas do instrumento enquanto planeja e controla o movimento dos dedos (processar a informação reconhecida), paralelamente, ajusta a intensidade e extensão em que se deve tocar. A importância desses dados apontados por Aiba e Sakaguchi (2018) evidencia a *expertise* do profissional, visto que tudo pode ocorrer simultaneamente.

## **6.2 Dados informacionais descritivos e temáticos na partitura musical**

Os estudos analisados na subseção anterior mostraram diferentes aspectos de se observar a partitura musical, tanto dados descritivos como dados temáticos. Para compreender melhor essa dimensão, foi condensado tudo no Quadro 25:

Quadro 25 - dados informacionais descritivos e temáticos

| <b>Pesquisas</b>             | <b>Aspecto descritivo</b>                                                                      | <b>Informações essenciais</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
|------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Aiba e Sakaguchi (2018)      | Estético                                                                                       | Tipo instrumental e tonalidade.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| Barbosa (2021)               | Textuais                                                                                       | Partes vocais e tipo instrumental.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| Dickson (2024)               | Analítico filosófico - estético                                                                | Formação geométrica das notas musicais.<br><i>Informações principais:</i> não aprofundadas.<br>Informações secundárias: clave, interpretação expressiva, instruções, assinaturas de tempo.<br><i>Informações circunstanciais:</i> paratexto, interação com a parte principal da notação.                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| Moreira (2016, p. 64)        | Estético                                                                                       | Parte, tipo, hierarquia, complexidade, funcionamento e fluxo.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| Barbero e Calzavarini (2024) | Perspectiva da neurociência em relacionar a leitura de uma partitura musical com a de um texto | Memória de trabalho espacial.<br>Decodificação de palavras, uso de conexões, compreensão                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| Silva, Castro e Lemes (2021) | Organização por níveis conceituais (obra e documento musicográfico)                            | Uso de metadados - Biblivre<br>000 - Organização física do documento), 100 - criador da obra), 245 - forma mais conhecida; 382 - música impresa SATB (soprano, alto, tenor e baixo); 500 - informações adicionais que podem contribuir com a identificação do registro pelo usuário; 650 - assunto (tipo de voz, estilo musical, instrumento, período); 700 - entrada secundária para responsáveis e títulos da obra que não se figurou como entrada principal; 730 - ponto de acesso de uma obra relacionada do acervo; 856 - endereço eletrônico do item. |

Fonte: Elaborado pela autora.

A partir dos estudos analisados, que buscaram encontrar o conceito da partitura musical, pode-se observar que havia dados informacionais que poderiam ser divididos em duas subcategorias: descritivos, indicam as partes textuais da partitura musical; e temático, englobado pela conceitualização da partitura musical, como forma/parte e conteúdo. Nessa categoria, a análise ocorreu, principalmente, com base nos seguintes estudos: Correia (2022).

A pesquisa de Correia (2022), por exemplo, mostra a localização das informações descritivas (textuais) e abstratas (forma/parte e conteúdo) na estrutura da partitura musical (Figura 18).

Figura 18 - Elementos da partitura musical localizados em sua estrutura

**Violino I** ← 2

**Sinfonia "Minas Gerais"** ← 1

**II - Toada** ← 3

**Silveo Baccarelli** ← 6

**1957** ← 7

**Calm and expressive** ← 4

**72** ← 5

**pp** ← 8

**114** ← 12

**122** ← 17

**nall.** ← 10

**a tempo** ← 11

**p** ← 13

**129** ← 12

**f** ← 16

**136** ← 20

**allargando molto** ← 15

**142** ← 19

**157** ← 23

**24** ← 24

**25** ← 25

**26** ← 26

**27** ← 27

**28** ← animando poco a poco

**29** ← rit.

**30** ← dim.

**LEGENDA**

|                       |                          |                         |
|-----------------------|--------------------------|-------------------------|
| 1 Título              | 11 Barra de Compasso     | 21 Barra Dupla          |
| 2 Instrumento (parte) | 12 Número de Compasso    | 22 Sustenido            |
| 3 Compositor          | 13 Dinâmica (piano)      | 23 Bequadro             |
| 4 Andamento           | 14 Apogiatura            | 24 Dinâmica Crescendo   |
| 5 Tempo de Andamento  | 15 Dobrado Sustenido     | 25 Dinâmica decrescendo |
| 6 Ano da Composição   | 16 Dinâmica (forte)      | 26 Pausa de Colcheia    |
| 7 Clave (Sol)         | 17 Marca de Ensaio       | 27 Bemol                |
| 8 Fórmula de Compasso | 18 Andamento             | 28 Andamento            |
| 9 Ligadura            | 19 Pausa de Semicolcheia | 29 Fermata              |
| 10 Pausa de Semínima  | 20 Pausa de Semibreve    | 30 Barra de Finalização |

Fonte: CORREIA, 2022, p. 97.

A Figura 18, desenvolvida por Correia (2022, p. 97), mostra o que cada número representa na estrutura da partitura musical. Os números 1, 3, 4, 5, 6, 18 e 28 podem ser caracterizados como informações descritivas, visto que eles são representados por códigos textuais e mesmo se o profissional indexador não tiver conhecimento aprofundado acerca da partitura musical, essas informações, ele pode ser capaz de encontrar. Dentre eles, os que podem ser considerados principais são 1 (título), 3 (compositor), 6 (ano de composição). Os casos 4, 5, 18 e 28 mostram para o músico como ele deve executar essa partitura, o que exige uma maior *expertise*. Há momentos em que será necessário que ele conduza aquela parte de uma forma mais calma, delicada e lenta, enquanto outras partes vão exigir uma potencialização, em que há o aceleração da música.

O número 2 (instrumento/parte) é uma exceção, pois consegue transitar entre as informações descritivas e as temáticas. Por um lado, ela pode ser considerada a essência da música, visto que a sua composição, geralmente, é destinada ao tipo instrumental específico e, por isso, não quer dizer que sempre estará explícita ao tipo instrumental destinado, o que exigirá mais conhecimento especializado sobre tanto do profissional músico quanto do indexador. Por outro aspecto, em algumas partituras musicais, esse trecho aparece descrito pelo código textual (*vide* Quadro 23).

As informações temáticas destacadas na análise feita por Correia (2022) estão elencadas nos números 5 (tempo de andamento), 7 (clave), 8 (fórmula de compasso), 11 (barra de compasso), 12 (número de compasso). Com destaque para os itens 7, 8 e 11. Sem eles, a estrutura da partitura musical fica defasada, o que impossibilita o músico de executá-la e do indexador analisá-la tematicamente.

Em síntese, com base na análise realizada, a partitura é composta por informações textuais descritivas e informações temáticas. As informações descritivas são representadas pelo código textual tradicional, em que aparecem como título, compositor, ano, forma de execução e, às vezes, tipo instrumental. Enquanto as informações temáticas são caracterizadas pela clave e tonalidade, conforme pode ser observado na Quadro 23 e no item 6.1.

### 6.3 O leitor e o contexto da partitura musical

A variável **leitor** foi identificada a partir dos estudos em que abordaram a forma do processamento da partitura musical pelo cérebro, com intuito de executar e realizar uma performance. Os estudos selecionados foram Aiba e Sakaguchi (2018); Barbero e Calzavarini (2024); Bertiaux *et al.* (2023); Bouhali *et al.* (2020); Cara (2024); Shaymukhametova (2021) e Stenberg e Cross (2019). E o contexto, no âmbito da partitura musical, pode ser considerado muito além do acervo no local físico.

Dentre todos os estudos selecionados, na variável leitor, Aiba e Sakaguchi (2018) partem do princípio de que a partitura musical fornece informações variadas, essenciais para que o músico possa realizar a sua performance, no entanto, para realizar a sua execução, o músico necessita processar uma grande quantidade de informações complexas (notas, acordes, altura, valor, expressões, dinâmica, articulação e pedal), de forma imediata. Com base nisso, os autores explicaram que o cérebro de um músico “não apenas deve decodificar as notas musicais, mas também controlar as suas ações motoras” (Aiba; Sakaguchi, 2018, p. 2, tradução livre).

Dessa forma, a leitura da partitura musical pode ser considerada o primeiro processo na execução de uma música, pois a sua eficiência influencia na forma como ela será executada (Aiba; Sakaguchi, 2018). No entanto, para que o indexador realize a representação temática, não se chega ao nível de ter que executá-la, pelo menos não nesse contexto, mas a forma como ocorre o processamento pode levar o indexador a ter que compreendê-la para extrair as suas informações.

Pelo aspecto ainda mais técnico, os autores supracitados citaram outros estudos que abordaram a leitura da partitura a partir da análise do foco dos globos oculares, ao longo da década de 1990, à primeira vista, isto é, quando o músico nunca teve contato com a partitura musical até aquele momento (Goolsby, 1994; Truitt *et al.*, 1997; Waters *et al.*, 1998). Esse primeiro contato pode ser aplicado ao indexador, visto que a probabilidade de ele ter pegado a mesma partitura pode ser considerada baixa, já que ela não é o tipo de documento mais tradicional, com exceção dos acervos especializados.

Goolsby (1994), por exemplo, chegou à conclusão de que, para ser considerado um bom leitor de partitura, à primeira vista, os globos oculares não deveriam se fixar, o que se diferenciava de um leitor ruim, que tendia a fixar os seus olhos em notas individuais, ou seja, o músico focaria sua visão por mais tempo do que

o necessário em cima de uma única parte da música, esquecendo todo o conjunto da estrutura.

Em contrapartida, no estudo de Truitt *et al.* (1997), relataram que os leitores à primeira vista fixavam os olhos em uma nota menos do que os leitores mais fracos. Enquanto, na pesquisa de Waters *et al.* (1998), os leitores à primeira vista conseguiam ler mais notações ao fixar o olhar nas notas. Esses dados explicam que haveria um maior processo de informações ao focar o olho em cima de uma única nota.

Em uma pesquisa anterior, Aiba e Matsui (2016) analisaram esse processamento e concluíram que, em uma música que contém em torno de 581 notas, incluindo todos os outros símbolos musicais, o melhor leitor teria lido, à primeira vista, em torno de 8,3 notas por segundo, o que se pode algo rápido de se fazer. Essas descobertas sugerem que a informação geométrica (ou seja, padrões visuais/espaciais) das notas seriam mais úteis do que a informação lógica (ou seja, regras gramaticais da notação musical) para leitura rápida da partitura.

Ao mesmo tempo, o estudo de Silva, Castro e Lemes (2021) analisou as principais etapas do tratamento de partitura musical do acervo do coral USP. Para os autores, a partitura musical é um tipo de material composto por signos, que não são habituais para o profissional catalogador e nem indexador, o que pode causar dificuldades em relação à qualidade da representação, tanto pelo caráter descritivo quanto temático.

Silva, Castro e Lemes (2021) explicam a necessidade de haver um conhecimento especializado para esse tipo documental e citam o texto de Cavalcanti e Carvalho (2011), em que são elencados elementos da representação temática da partitura musical, com intuito em melhorar o processo de representação e recuperação. Os autores destacam que variados formatos de partitura musical, como partitura completa, parte, piano-condutor, partitura abreviada, partitura de coro, partitura de estúdio ou reduzida, partitura vocal, partitura de *script*, redução, cantoral, entre outros, considerados como os principais fatores para recuperar música pelos usuários (Silva; Castro; Lemes, 2021).

Há muitos tipos de linguagem (verbal, gestual, visual), inclusive a própria partitura musical se inclui nessa lista, visto que ela é apontada pela pesquisadora supracitada como uma linguagem composta por representação simbólica, que envolve os processos de comunicação (codificação e decodificação).

A variável leitor, desenvolvida na subseção, mostrou como funciona o processamento da leitura da partitura musical, visto que ela apresenta muitas informações que necessitam de decodificação para a representação temática. Nesse sentido, no cérebro do músico, por exemplo, mostrou-se como isso poderia ocorrer para o indexador. A começar pelo primeiro contato, na qual pode-se considerar que a probabilidade de ter contato com esse tipo de documento é menor. Nesse contexto, considerar a informação enquanto geométrica, a partir de padrões visuais pode demonstrar um controle das suas ações motoras.

Uma forma de complementar o leitor estaria na variável contexto, pois ele foi considerado decisivo para o profissional realizar o processo de indexação

Dessa forma, em síntese, o leitor necessitaria ter um conhecimento especializado para além do básico, visto que, durante esse processamento das informações pelo cérebro, é preciso que ocorra a decodificação da mensagem.

A subseção 6.3 mostrou que os trabalhos analisados a partir do leitor e contexto, enquanto variável de leitura documentária, reafirmou a importância do profissional ser *expert* no domínio selecionado para análise. No entanto, apesar desse aspecto ser de suma importância, os aspectos mundanos do indexador poderão causar interferências significativas, principalmente, se forem pensamentos considerados sensíveis, pela complexidade inerente e pelo impacto que pode causar. Nesse sentido, o contexto, também presente na mesma subseção citada, mostrou como pode influenciar no processo de indexação.

## 7 RESULTADOS DO ESTUDO DE OBSERVAÇÃO DOS PROCEDIMENTOS DE LEITURA DOCUMENTÁRIA NA INDEXAÇÃO DE PARTITURAS

No Quadro 1, em que está a sistematização da pesquisa, localizado na seção da Introdução, consta o planejamento de toda a pesquisa. Ao total foram realizadas 4 coletas de dados em bibliotecas especializadas em música.

As categorias em si foram elaboradas para finalidade de análise do processamento de indexação em diversos domínios, o que foi aprofundado nos procedimentos metodológicos. Elas são oriundas da fundamentação teórica e das coletas de dados realizadas de forma empírica.

A categoria 1 “Conhecimento do indexador enquanto leitor - *expertise*” foi desenvolvida com base nos estudos de Ericsson (2006) e Lehmann, Gruber e Kopiez (2006), pois a sua proposição esteve em realizar a investigação de como o profissional indexador compreende a partitura musical a partir do conhecimento demonstrado por ele na coleta de dados.

A categoria 2 “Habilidades recorrentes do indexador enquanto leitor - estratégias” foi desenvolvida a partir da investigação da categoria 1. Ao ter-se a *expertise* para realizar a representação temática, o profissional precisa desenvolver habilidades acerca de como fará esse processo, ou seja, as estratégias. O desenvolvimento dessa categoria ocorreu a partir dos seguintes estudos: Cavalcanti (1989), Giasson (1993) e Fujita (2004).

A categoria 3 “Identificação e seleção de conceitos” ocorreu com base nos estudos de ABNT (1992), Chapon (2000) e Demício, Luz e Arena (2020), pois pode-se perceber que, nessa etapa, o profissional realiza autoquestionamentos, que caracterizam esse aspecto como uma abordagem sistemática. Essa categoria está interligada aos processos de indexação, visto que pode-se utilizar a leitura documentária para aprofundar essa etapa.

A categoria 4 “Representação de conceitos por termos traduzidos” foi desenvolvida de modo semelhante a anterior, visto que ela também faz parte do processo de indexação e, nesse contexto, seria necessário compreender o que conceito de uma partitura musical e como ela pode ser representada.

A categoria 5 “Tipos de metadados descritos” foi elaborada com base nas pesquisas de Faria (2009) e Lisena e Troncy (2017), com intuito de analisar quais metadados semelhantes e diferentes teriam sido preenchidos para a representação.

A categoria 6 “Uso de vocabulário controlado” foi desenvolvida com base nas transcrições analisadas, na qual surgiu a necessidade em obter entendimento do que seria a linguagem natural ou a linguagem artificialmente construída. Nesse caso, é imprescindível utilizar um vocabulário para padronização da representação temática e recuperação das partituras musicais.

A categoria 7 “Recuperação das partituras no sistema” foi desenvolvida com base na fundamentação teórica, pois tornou-se possível observar se o sistema estaria funcionando ao recuperar o material. Por fim, a categoria 8 “Paratexto”, que foi desenvolvido em alguns estudos aprofundados na Fundamentação Teórica e nas transcrições das coletas de dados. Essa categoria visou encontrar um processo de complementação das informações da partitura musical na indexação. Esse processo consistiu em fazer um documento complementar para acompanhar os registros da indexação original, visto que ele precisa de contexto para que seja entendido de forma clara.

A forma de apresentar os resultados da análise, por sua vez, ocorreu com base em Cruz (2019). A autora estabeleceu uma ordem para disponibilizar e discutir os resultados. Nesse contexto, a análise foi dividida pelas categorias estabelecidas e explicadas anteriormente, de modo a torná-las mais organizadas para a sua discussão.

Na análise, apresentam-se a descrição e objetivos dessas categorias, com uso da fundamentação teórica, trecho transcrito do PVI e do ER, e a relação dos resultados que puderam ser obtidos entre eles. Na discussão dos resultados apresentou-se toda análise realizada, por um aspecto mais geral, relacionado com a literatura da fundamentação teórica. Nesse sentido, a escolha desse tipo de apresentação de resultados ocorreu por mostrar ser algo organizado, bem estruturado e conciso de se utilizar, pois há clareza, ao disponibilizar os trechos das análises coletadas e embasamento teórico na discussão dos seus resultados.

## 7.1 Categorias de análise das transcrições dos protocolos verbais

|                                                                                       |
|---------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>CATEGORIA 1 - CONHECIMENTO DO INDEXADOR ENQUANTO LEITOR -<br/><i>EXPERTISE</i></b> |
|---------------------------------------------------------------------------------------|

A Categoria 1 possuiu como objetivo analisar acerca do conhecimento do indexador enquanto leitor profissional, ao levá-lo em consideração como *expert* em seu ambiente de trabalho. A *expertise* é caracterizada como as habilidades em que distinguem os especialistas dos novatos e de pessoas menos experientes, ao apresentar um conhecimento significativo de um determinado domínio (Ericsson, 2006).

No domínio da música, a *expertise* refere-se à habilidade adquirida sobre como executar a música (Lehmann; Gruber; Kopiez, 2006). No entanto, no contexto de uma biblioteca especializada em música, pode relacionar-se ao quanto o profissional possui de conhecimento acerca de teoria musical e da estrutura da partitura musical. Sobre isso, o catalogador/Indexador 1, da Biblioteca A, B, C e D explicam nos trechos transcritos abaixo, localizado no Apêndice C, D, F, G, H e I, respectivamente:

Quadro 26 - Trechos retirados das transcrições nos apêndices para análise categórica

| Bibliotecas                       | Trechos referentes à categoria                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
|-----------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Biblioteca A<br>(Apêndices C e D) | <i>eu entrei mais recentemente, faz um ano que eu entrei. Então, eu tive que ir atrás de pesquisar algumas coisas pra responder às essas necessidades, né, agora mais recentemente. Então, ..... a gente acaba tendo que aprender algumas coisas mais, né, a gente não sabe a mesma coisa que um músico, um musicista, né, mas a gente tem algumas coisas que a gente precisa identificar, né, aprender o que que é uma partitura, por exemplo, é .....reduzida [...]</i> (ER, Apêndice D).                                    |
| Biblioteca B<br>(Apêndices E e F) | <i>eu tive / a gente teve treinamento / eu tive um treinamento com a bibliotecária aqui, que ela ficou aqui, acho que mais de dez anos, só com partitura e gravação de vídeo / áudio, né? CDs, tal. E ..... depois eu fui dar uma estudada, estudo ainda, né?</i> (ER, Apêndice F).                                                                                                                                                                                                                                            |
| Biblioteca C<br>(Apêndices G e H) | <i>Mas a gente também não aprende a cadastrar as partituras musicais, né? Até porque, se você for pesquisar, é, porque eu já já fiz essa pesquisa. A Unicamp, ela cadastra as partituras de uma forma muito mais simples do que eu. Quando eu vou pesquisar, eu não consigo utilizar nada do que eles utilizam como fonte de pesquisa, por isso, que uso muito IMSLP, que é um é um site de domínio público, onde as partituras estão em domínio público. E os alunos podem baixar lá do, da, do erudito.</i> (ER, Apêndice H) |
| Biblioteca D<br>(Apêndice I)      | <i>[...] É preciso ter essas noções, que é o que muitas vezes se fala. Como é que se vai depois a colocar o quê em que sítio, não é? porque é preciso saber a distinção entre o que é música de câmara e orquestra, uma Sonata, ou isso está a perceber?</i> (Apêndice I).                                                                                                                                                                                                                                                     |

Fonte: elaborado pela autora.

Na sala de processamento técnico estavam quatro profissionais catalogadoras/indexadoras. No entanto, apenas uma foi necessária para realizar o procedimento. As demais participaram da entrevista retrospectiva (Apêndice D). A justificativa decorreu de um profissional ser suficiente para realizar o procedimento, mas que todos poderiam contribuir na entrevista, pois, no cotidiano, todos realizam o mesmo processo. Apesar de estarem em quatro profissionais, o catalogador/indexador 1, da Biblioteca A, foi o responsável por fazer o processo de catalogação e indexação da partitura para a coleta de dados. Enquanto, os outros três profissionais participaram ativamente da entrevista retrospectiva (Apêndice D).

Ao perguntar se houve necessidade em ter que estudar a área da música para desenvolver o procedimento, o catalogador/indexar 1 explicou que, por ter entrado mais recentemente (em torno de um ano), foi preciso ir atrás de pesquisar algumas. Em questão de conhecimento aprofundado, não chega ao mesmo nível que um musicista, mas os aspectos que envolvem o significado de uma partitura, seus tipos e a instrumentação destinada para ser executada, foi considerado algo essencial para poder realizar o procedimento.

A Biblioteca B explicou que teve treinamento com uma antiga bibliotecária, em partitura e gravação de vídeo/áudio, mas necessitou de estudos complementares,

inclusive, com dados complementares para o viés da catalogação, o que pode pressupor que entra a tematicidade, logo, a indexação. A Biblioteca C abordou algo como a raiz do problema, no caso, a formação do bibliotecário na universidade e a dificuldade de se ter uma educação completa em todos os âmbitos, principalmente, os especializados. Nesse caso, ela precisa recorrer às fontes externas para conseguir realizar o processo de catalogação e indexação. No caso da biblioteca D, o responsável alegou que era necessário ter noção da diferença entre o que era música de câmara e orquestra para preencher as informações, pois pode impactar na forma como ela será representada.

Por existir diferentes tipos de partituras (Burgos Bordonau; Petrescu, 2011; Pacheco, 2016), é necessário saber seu significado, para poder representá-la adequadamente, o que condiz com a análise feita pelo MS, nos itens 6.1 a 6.3. Logo, obter conhecimento sobre ela torna-se imprescindível, principalmente, por se tratar de um documento não tão comum para trabalhar no dia a dia.

Esse processo corrobora com a pesquisa de Faria (2009), em que é discorrido sobre o conhecimento por parte dos bibliotecários e arquivistas no domínio da música, pois, se por um lado esses profissionais não forem *experts* em seu campo de atuação, a representação pode deixar a desejar, enquanto, por outro lado, os musicistas não possuem o conhecimento sobre esses processos, com exceção daqueles que se especializam, após a graduação. Mesmo assim, em uma biblioteca especializada em música, o profissional responsável por esse tipo de procedimento deve ser sempre o bibliotecário, em especial, com alto grau de conhecimento no domínio inserido.

Nesse sentido, deve ocorrer o processo de comunicação (Fujita, 2004), em que o emissor (o musicista ao compor a música em uma partitura musical) passa uma mensagem através de seu texto (no caso da partitura musical, pela atual pesquisa considerá-la um documento textual e visual ao mesmo tempo) processa-se através da decodificação (Chapon, 2000) pelo leitor (indexador). Esse processo de decodificação também pode conter as situações das variáveis, citadas por Giasson (1993), principalmente, em relação às situações 2 e 3, em que o leitor não possui o nível de habilidade suficiente para conseguir obter compreensão do texto (documento) utilizado.

Por isso, o uso de estratégias pode ser uma forma de auxiliar no processo de indexação.

|                                                                                         |
|-----------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>CATEGORIA 2 - HABILIDADES RECORRENTES DO INDEXADOR ENQUANTO LEITOR - ESTRATÉGIAS</b> |
|-----------------------------------------------------------------------------------------|

As estratégias utilizadas pelo indexador estão relacionadas às habilidades que ele possui para encontrar as informações, seja no próprio documento ou na necessidade de recorrer a outros lugares. Nesse contexto, Kato (1987) estabelece que as estratégias são as ações que o indexador recorre durante a leitura do texto com o intuito de entendê-lo melhor.

Durante a coleta de dados, algumas estratégias foram ressaltadas pelos profissionais, ao destacar os trechos, um extraído da transcrição do PVI do catalogador/indexador 1 e outro da entrevista retrospectiva a partir da fala do catalogador/indexador 2:

Quadro 27 - Trechos retirados das transcrições nos apêndices para análise categórica

| Bibliotecas                       | Trechos referentes à categoria                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
|-----------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Biblioteca A<br>(Apêndices C e D) | <i>A gente / pra outros materiais, a rede de Bibliotecas A tem diretrizes muito bem estabelecidas, né, pra catalogação no geral. A gente tem a política, que foi desenvolvida pela própria professora Mariângela junto e manuais, então, a gente se adequa muito aos manuais pra ter essa catalogação padronizada, mas partitura não tem o manual e também é uma demanda só aqui da {Biblioteca A} [...] (ER) (PVI, Apêndice C).</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| Biblioteca B<br>(Apêndices E e F) | <i>Bom, primeiro costume dar uma olhadinha na capa só pelo título e conferir se o título está batendo na contracapa. Na mesma autoria, está certo, André Jolivet / poemas para as crianças, para voz e pequeno conjunto instrumental e tem uma versão de 3 dos 5 poemas para um quarteto de cordas, piano e voz. Essa partitura é toda de orquestra. Então, provavelmente tem a partitura completa. ....Traz a folha de rosto para repetir. Tem a data de de composição, então, já sei que é uma partitura. O Andre Jolivet é francês / {o catalogador realiza a busca no Google} (PVI, Apêndice E).</i>                                                                                                                                                               |
| Biblioteca C<br>(Apêndices G e H) | <i>Não, geralmente eu pesquiso aqui, se eu já tenho esse material. Eu posso copiar o registro. Aí aqui eu parei no ..... Aí eu sei que ela é pra piano, ela é do prokofiev, ela está escrito exatamente igual, ó, é. Aí ela é, aí aqui, ó, tá vendo que ele coloca o número do opus e o número do da partitura? Isso aqui é importantíssimo para o meu aluno. Então, aí aqui a gente coloca Opus 4, aí OM não é mais. É m.4, tem que levar a tonalidade, porque o aluno procura, eu quero uma a Sonata de sol em ..... Eu quero a sonata em sol maior, número 3 de Bach. Eu quero a Sonata não sei o quê. EEE. Aí, como são várias, tem que levar em consideração. Isso eu coloco nas palavras-chave, no caso, aqui, ó, ela está em russo, né? (PVI, Apêndice G).</i>  |
| Biblioteca D<br>(Apêndices I)     | <i>[...] Nós, no livro, temos ..... o autor, depois temos, por exemplo, o tradutor, temos o ..... quem faz a revisão? No fundo, nós aqui vamos ter que a música, a música é da origem do do autor, mas foi interpretada por por outra pessoa. Mas depois, em termos de arrumação, ela vai ficar no criador da obra? Aonde ele foi buscar a essência da da, da da música? Não é porque uma coisa é, é ser a criadora da obra, outra coisa é adaptá-la, é pegar uma música que era de outra pessoa. Não seja. Não quer dizer que a obra não seja sua. Só que depois, em termos de arrumação, é mais simples, até se alguém quiser comparar a versão original com a versão do intérprete, consegue e acaba por estar mais arrumada no sítio só por isso (Apêndice I).</i> |

Fonte: elaborado pela autora.

O catalogador/indexador 2 contextualiza que a instituição possui diretrizes muito bem definidas para materiais textuais (como o livro), o que auxilia no processo de indexação e pode diminuir a necessidade do profissional de ter que recorrer a diferentes estratégias para encontrar as informações. No entanto, para partitura musical não há nada definido, ao não ser o uso do AACR e dos campos do MARC, que estabelece algumas informações, de acordo com a transcrição do PVI do catalogador/indexador 1.

Nesse contexto, não ocorre o uso de estratégias, a partir de diretrizes definidas. Por isso, o catalogador/Indexador 2 explica que uma estratégia utilizada definição de assunto ocorre da seguinte forma:

A primeira estratégia, de acordo com o catalogador/indexador 2, na transcrição da entrevista retrospectiva, está na busca por registros iguais ou semelhantes na rede de bibliotecas ao qual a biblioteca A pertence e em outras bibliotecas. Mesmo assim,

o relato explica que é difícil, o que necessita realizar a busca em sites da internet com o intuito de obter, ao menos, uma referência, nem que seja preciso adaptar.

Ainda sobre a necessidade em utilizar diferentes estratégias para encontrar as informações, mesmo que elas sejam difíceis:

*[...] É, a gente acaba tendo, né / teve um dia que a gen / tava, eu sentei com o catalogador/indexador 2 e a gente começou a pesquisar, as duas, vários sites de vários lugares que a gente vê ..... como é que ele tava sendo feito esse trabalho, às vezes, a gente olhou, né, catalogador/indexador 2, tipo, como assim só tem título e autor, né ((RI)). A gente fica meio, como assim?, né, porque, tipo, precisa de mais coisa, né [...] (ER).*

A pesquisa empírica realizada pelos catalogadores/indexadores 1 e 2 mostram uma escassez de informações sobre as partituras musicais, por mais básicas que elas deveriam ser, o que corrobora com o constatado na contextualização do problema, localizado na seção da Introdução, ao estabelecer, a partir de diferentes estudos, uma escassez nas representações temáticas de acervos especializados em música, no qual, a falta de informações da partitura musical contribuiu com o cenário relatado.

A Biblioteca B alega que normalmente costuma olhar o título e se é o mesmo da contracapa, a sua autoria, tipo de partitura e se tem folha de rosto. Também há o uso do manual, mas, aparentemente, há diferenças no preenchimento do campo 697, pela sua tecnicidade, na qual o usuário pode não aderir muito bem, pelo menos, não em nível de graduação e que seu aprendizado ocorreu com a prática. Já a Biblioteca C explicou que geralmente pesquisa se já tem o material, caso sim, então, ela cadastra novamente a partir da cópia do registro, porque o número de localização vai ser diferente por não haver espaço no acervo. Outra estratégia está na consulta do site IMSLP <sup>8</sup> por ser de domínio público e auxiliar frequentemente na realização da identificação da partitura musical.

No caso da Biblioteca D não ficaram explícitas as estratégias, mas o responsável explicou que pensa em alguns aspectos, como o intérprete, o compositor e qual versão será mais interessante para o sistema ao qual está inserido.

---

<sup>8</sup> A *International Music Score Library Project* ou *Petrucci Music Library* foi criada em 2006 e visa fornecer partituras gratuitamente a qualquer pessoa que tenha acesso à *internet*. Esse *site* possui como objetivo reunir todas as partituras de domínio público, além de compositores contemporâneos, que desejam disponibilizar as suas obras de forma gratuita (IMSLP, 2025).

### **CATEGORIA 3 - IDENTIFICAÇÃO E SELEÇÃO DE CONCEITOS**

O uso de uma determinada estratégia pode afetar diretamente a forma como os conceitos são identificados e selecionados. Nessa categoria, a identificação e seleção de conceitos ocorre após o procedimento de exame do documento, às vezes, acontece de forma simultânea.

Quando tratam-se de documentos textuais, de acordo com a norma ABNT 12.676 (1992), por mais desatualizada que ela esteja, é necessário seguir uma abordagem sistemática. No entanto, ao abordar-se documentos textuais e visuais ao mesmo tempo, ela torna-se inviável, devido à estrutura da partitura musical, caracterizada por símbolos e textos. Com base nisso, para Dahlberg (2009), realizar a descrição das características de um conceito, por exemplo, está elencada com a investigação dessas características, considerada como uma das sete etapas para realizar o relacionamento entre a representação de conceitos e termos, no contexto da OC. Para documentos textuais, mesmo que as informações não estejam tão destacadas e fáceis de serem encontradas, os conceitos diferem de um documento composto por texto e símbolos visuais.

Nesse sentido, o catalogador/indexador 2 explica o significado de um assunto em uma partitura, o que pode levar ao entendimento do que seria seu conceito (ER):

Quadro 28 - Trechos retirados das transcrições nos apêndices para análise categórica

| Bibliotecas  | Trechos referentes à categoria                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
|--------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Biblioteca A | [...] o processo mental que a gente faz é diferente, porque a gente tem já esses parâmetros para a partitura. Não é exatamente não ter assunto, mas é que a gente já é ..... estabelece pra que não fique muito vago, estabelece esses itens que a gente comentou com você e coloca mais se precisar, caso a caso, né. Na de música popular brasileira, ele tem o assunto <b>MÚSICA POPULAR BRASILEIRA</b> aceito, é aprovado pelo tesouro. Então, a gente coloca <b>MÚSICA POPULAR BRASILEIRA - PARTITURA</b> . A gente procura ..... é isso que o catalogador/indexador 2 falou mais pra trás, né, é ..... a gente tenta dar o máximo da gente sem ultrapassar aquela linha do: eu não tô sabendo direito o que eu tô fazendo, sabe? (PVI, Apêndice C).                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| Biblioteca B | Deixa eu voltar lá em cima, tinha parado ..... no conteúdo, tinha uma nota local, já deixei pronta para todos os / Bom, como é música francesa ..... vou colocar um , <b>MÚSICA-FRANÇA</b> , de 30, 39. .... O que mais? um solista? tenho um soprano solista ou mezzo soprano solista? Tem música para soprano, mezzo soprano, mas como tem música ou para um ou para o outro, então vou colocar os 2. Deixa eu copiar esse, colocar esse aqui, não, vou colocar o mezzo soprano primeiro para ele ficar na ordem correta. Colocar mais um campo, deixa eu ver aqui mais, é música de Câmara. Vou colocar mais dois assuntos, opa, não, copia. <b>MEZZO SOPRANO</b> , eu já coloquei, <b>SOPRANO SOLISTA</b> , tem música de canto. Só confirmando no manual a quantidade de / Até vimos esperança, perai, acho que é mais fácil de procurar no sistema. Ué, cadê? Pegar aqui no meu papelzinho aqui. Pequena informação, <b>MÚSICA DE CÂMARA PARTITURAS</b> , indicador 4, nem um tesouro, nada. Então, agora, o assunto da instrumentação de forma mais técnica. Deixa eu .... ver se tem alguma coisa parecida no manual ..... (PVI, Apêndice E). |
| Biblioteca C | O 6608 já tá? É uma / Então, na verdade, aqui as coisas são colocadas de acordo com a busca do meu usuário. Se ele busca por <b>FORTE PIANO</b> , eu vou colocar como <b>FORTE PIANO</b> . Se ele busca, como, assim, aqui não vai, tá. Se ele busca como <b>BAIXO CONTÍNUO</b> , eu coloco como <b>BAIXO CONTÍNUO</b> . Se ele busca como <b>CRAVO</b> , eu coloco como <b>CRAVO</b> , eu coloco o jeito que ele busca, porque senão não acha, ainda mais partituras, que, é ..... como é que eu explico, ainda mais partituras que estão em outra língua, porque se fosse tudo em português, o aluno ia achar, mas ele não tá em português, então, é fica difícil, porque o aluno vai procurar, ele procura em português, ele não procura inglês, ele não procura em alemão ..... eu tenho partitura em japonês, ele não procura nessa língua, ele procura pela formação do instrumento (PVI, Apêndice G).                                                                                                                                                                                                                                          |
| Biblioteca D | Podia se pegar, por exemplo, no ano, no ano, por exemplo, do do compositor, colocar que isto seria uma obra do do século 16. É todo século 18, está a perceber, mas, em muitos casos, o que tentamos é colocar qual é o instrumento, por exemplo, neste caso. Aqui, pronto, este este também está um bocadinho mais simples, mas podia se pôr, <b>PARTITURA</b> , podia se pôr, aqui, está a faltar, mas está a ver acaba e depois colocamos sempre, mas isso é para tudo mesmo, para, para os livros e tudo, tentamos colocar sempre o máximo da informação possível. Porquê? (Apêndice I).                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |

Fonte: elaborado pela autora.

A Biblioteca A considera que o assunto de uma partitura se difere do tipo de assunto de um documento textual, pois o que seria o assunto em um livro, por exemplo, não é o mesmo que ocorre na partitura. Para eles, o assunto está mais relacionado a sua forma, expressão e instrumentação, enquanto o mais semelhante que uma partitura musical poderia apresentar seria no gênero musical, o que, muitas vezes, é o último aspecto levado em consideração. Ao mesmo tempo, sua simbologia (como tonalidade, por exemplo) não é levada em consideração para a representação temática. Dessa forma, pode-se pressupor que partitura é considerada, pela Biblioteca A, como algo textual, o que corrobora com o pensamento de alguns teóricos (Reyes Gallegos, 2016), apesar de haver os campos específicos para esse tipo de documento.

Ao olhar o campo de assunto no Manual de catalogação de partituras da USP (2023), pode-se observar que o campo assunto é caracterizado pelo preenchimento das formas musicais da partitura, como indicar se é uma sonata, sinfonia ou música

para concerto, enquanto Samson (2001) explica que, no MARC21, o assunto é estabelecido como tópico, no qual abarca-o enquanto tipo de voz, estilo musical e o seu tipo de instrumento. Dessa forma, pode-se dizer, por enquanto, que o conceito da partitura possui conexão com sua forma e sua expressão, o que é diferente do documento textual.

*[...] O formato da música tá como completo, que ela é uma partitura normal, né, não é uma de bolso, uma redu ..... redução, nem partitura de canto, nem nada disso, né, ela é uma partitura em formato completo, né, aí se tem partes da música, a gente seleciona, né, se tem partes instrumentais e vocais, só instrumentais, vocais, se não é aplicado, desconhecido ou se a gente não informa. Nesse caso, a gente tem uma parte instrumental, né, a nossa ...../ essa nossa partitura é uma sonata {o sujeito vai folheando a partitura} é .ç.... pra ..... pra ..... flauta e pra piano, então, a parte integral a gente vai ter ..... / os dois instrumentos, né, não sei se dá pra ver ele em cima, né, a gente identifica {o sujeito mostra a partitura para a câmera e aponta, com os dedos, as duas primeiras pautas da partitura} / que a gente tem tanto flauta como ..... piano [...] (ER).*

Pode-se utilizar como evidência empírica a fala do catalogador/indexador 1, durante a aplicação do PVI, em que é explicado que a partitura musical catalogada e indexada mostra diferentes características interligadas à sua forma e instrumentação.

Identificar os campos conceituais considerados pelos profissionais é algo tão importante para a presente pesquisa quanto apontar a identificação e seleção de conceitos. Sua criação ocorreu a partir dos estudos de Dahlberg (1978a, 1978b, 2009) sobre a contextualização das relações entre os conceitos formais, categoriais e relacionados.

Para identificar os conceitos, o catalogador/indexador 1 explicou em que lugares, na estrutura da partitura musical, são utilizadas para identificação e seleção de conceitos (Apêndice C):

*[...] É, depende da partitura, ela vai ter nessa que seria ..... / como se fosse a folha de rosto, né, e, às vezes, ela vai ter só ..... só na contracapa mesmo. Não é toda editora que tem, a gente / no caso, essa é uma edição mais recente, né, mas quando a gente tá trabalhando com umas mais antigas {para se referir à partitura} não existe esse número, né, ainda, então, a gente acaba não preenchendo..... [...]. [...] Material adicional é ..... a gente tem nessa partitura algumas informações históricas, então, a gente seleciona, né, às vezes, isso existe na ..... nas partituras, uma introdução que a gente verifica, né, que é importante essa informação de constar, então, a gente tem essa daqui ..... ele tem uma ..... {sujeito mostra a introdução na câmera} um prefácio, digamos, assim, né, que ..... que ele tenha informações históricas, né, ..... sobre a composição dessa obra, então, a gente seleciona esse campo [...] (PVI).*

No caso de uma partitura musical mais completa, pode ocorrer de ter uma parte introdutória, com uma espécie de folha de rosto, utilizada para disponibilizar informações mais gerais (como título, compositor, ano e editora). Para o catalogador/indexador 1, caso não haja a folha de rosto, principalmente, ao se tratar de partituras mais antigas ou diferentes tipos de partituras (coro, incompleta e condensada, por exemplo), então, deve-se consultar a contracapa. Essa parte é considerada como um material adicional e completo para a partitura musical.

*[...] Aí o campo 7, que é o campo de descrição física ...~~ opa {no processo de digitação, o sujeito acabou por preencher, apagar e corrigir novamente. Pressupõe-se que seja erro de digitação}. A gente coloca é ...~~ texto {apareceu uma caixa para escolher e o catalogador/indexador selecionou o tipo, no caso texto} e aqui, na designação específica do material a gente tá colocando como impressão regular, né, que é basicamente como a gente trabalha a nossa padronização [...] (PVI).*

A partir da coleta de dados, pode-se observar que a partitura é caracterizada como documento textual pelo sistema de Biblioteca A, o que está de acordo com o estabelecido por Reyes Gallegos (2016), o que evidencia a pressuposição realizada no começo da análise da categoria.

No entanto, difere do estabelecido por Bellotto (2010), pois considera a partitura musical como um documento musical enquanto objeto iconográfico e sonoro. Dessa forma, percebe-se que a maioria dos estudos trata a partitura como documento textual, o que, pela contextualização do problema, observa-se não abarcar totalmente os aspectos conceituais da partitura musical, já que há desconconsideração dos aspectos conceituais, como os símbolos.

A Biblioteca B, por sua vez, faz toda a estrutura da representação em uma planilha a parte da indexação, em específico, o campo 697, na qual usa a nota local para preenchimento de informações, como o país do compositor, tipo vocal e tipo instrumental e de partitura.

A Biblioteca C explicou que o processamento técnico é realizado de acordo com o seu usuário, logo, pode-se pressupor que não há controle de vocabulário propriamente dito. Os assuntos são colocados de acordo como o usuário busca na base de dados, o que variou entre a execução (FORTE PIANO ou BAIXO

CONTÍNUO), tipo instrumental (PONTEIOS PARA PIANO) e tipo instrumental (PIANO DO NILSON LOMBARDI). Já a Biblioteca D relatou que tenta inserir o máximo de informações possíveis sobre o documento, independentemente de ser livros, partituras ou material audiovisual. Essa biblioteca usou como exemplo os séculos, em que usariam o tipo de instrumento e a tipologia da partitura; e os alunos que cursam Teatro, na qual, contam os personagens das peças de teatro como informação temática essencial como entrada para recuperação da obra.

|                                                                           |
|---------------------------------------------------------------------------|
| <b>CATEGORIA 4 - REPRESENTAÇÃO DE CONCEITOS POR TERMOS<br/>TRADUZIDOS</b> |
|---------------------------------------------------------------------------|

A tradução dos conceitos identificados e selecionados ocorre através de termos representativos, determinados a partir do uso de linguagens de indexação. O objetivo está na tentativa de obter uma padronização mínima, de modo que consolide uma representação temática consistente, para evitar possíveis falhas no momento em que o usuário tentar recuperar um documento.

No caso da catalogação e indexação da partitura musical realizada pelo catalogador/indexador 1 foram selecionados os seguintes termos:

Quadro 29 - Trechos retirados das transcrições nos apêndices para análise categórica

| Bibliotecas  | Trecho referente à categoria                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
|--------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Biblioteca A | [...] as a gente sempre fazer com esses assuntos que o catalogador/indexador 1 falou, a gente sempre coloca <b>PARTITURA - LEITURA - EXECUÇÃO</b> , porque na hora que o aluno buscar <b>PARTITURAS</b> pra que recupere tudo, né, o que tem de partituras no nosso catálogo e aí <b>MÚSICA PARA</b> , a gente já tem esses assuntos autorizados também, <b>MÚSICA PARA PIANO, MÚSICA PARA INSTRUMENTOS DE CORDAS, MÚSICA PARA SOPRO</b> , sei lá, <b>INSTRUMENTOS DE SOPRO</b> , então, a gente sempre coloca o que caracteriza o instrumento que . / ] (ER, Apêndice D).                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| Biblioteca B | Deixa eu voltar lá em cima, tinha parado ..... no conteúdo, tinha uma nota local, já deixei pronta para todos os / Bom, como é música francesa ..... vou colocar um , <b>MÚSICA-FRANÇA</b> , de 30, 39. .... O que mais? um solista? tenho um soprano solista ou mezzo soprano solista? Tem música para soprano, mezzo soprano, mas como tem música ou para um ou para o outro, então vou colocar os 2. Deixa eu copiar esse, colocar esse aqui, não, vou colocar o mezzo soprano primeiro para ele ficar na ordem correta. Colocar mais um campo, deixa eu ver aqui mais, é música de Câmara. Vou colocar mais dois assuntos, opa, não, copia <b>MEZZO SOPRANO</b> , eu já coloquei, <b>SOPRANO SOLISTA</b> , tem música de canto. Só confirmando no manual a quantidade de / Até vimos esperança, peraí, acho que é mais fácil de procurar no sistema. Ué, cadê? Pegar aqui no meu papelzinho aqui. Pequena informação, <b>MÚSICA DE CÂMARA PARTITURAS</b> , indicador 4, nem um tesouro, nada. Então, agora, o assunto da instrumentação de forma mais técnica. |
| Biblioteca C | O 6608 já tá? É uma / Então, na verdade, aqui as coisas são colocadas de acordo com a busca do meu usuário. Se ele busca por <b>FORTE PIANO</b> , eu vou colocar como <b>FORTE PIANO</b> . Se ele busca, como, assim, aqui não vai, tá. Se ele busca como <b>BAIXO CONTÍNUO</b> , eu coloco como <b>BAIXO CONTÍNUO</b> (ER, Apêndice H).                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| Biblioteca D | . E depois, no caso da música, depois o número vai acaba por ser como a como a CDD no fundo. A alguns espaços em que tenha informação sobre isso, pronto. Esta é da biblioteca municipal do Porto, que é aqui era também só para lhe mostrar como eles também aqui no campo da indexação, colocam Oo. Uma terminologia também muito simples, pronto, colocar um sol e depois música impressa, que no, no nosso caso, esta música impressa vai no cabeçalho, vai No No campo do do título entre parênteses rap, fica música impressa (Apêndice I).                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |

Fonte: elaborado pela autora.

De acordo com a transcrição obtida do PVI, o catalogador/indexador 1 considerou, como termo representativo, o tipo de composição, no caso, uma “SONATA”, a sua forma (PARTITURA) e a instrumentação ao qual ela destina-se: “MÚSICA PARA FLAUTA E PIANO”.

Ao observar a literatura, a música, enquanto informação, é constituída sob dois aspectos: elementos conceituais, como tons, acordes, etc., e informações contextuais, gêneros, artistas, instrumentação, etc. (Lam, 2012). Nesse sentido, a partir dessa perspectiva, há uma certa coerência quando comparada à forma como o catalogador/indexador 1 realizou o processo de indexação. No entanto, parece que há uma tendência em abordar mais as características das informações contextuais do que as conceituais, pois, a partir dos dados coletados, não foram considerados os aspectos mais abstratos e conceituais, que envolvem a tonalidade.

Na entrevista retrospectiva, o catalogador/indexador 2 explica mais sobre a forma como os termos são atribuídos:

Para o catalogador/indexador 2, é melhor especificar ao máximo o assunto, mas, ao analisar a prática obtida a partir da coleta pelo PVI, foram atribuídos termos mais gerais, apesar de conter uma certa especificidade, por se tratar do domínio da música. Nesse sentido, ao observar os metadados apontados por diferentes estudos e normas (AACR, 2002; IFLA, 2011; manual de catalogação de partituras da USP, 2023; Samson, 2001), pode-se evidenciar que o campo assunto apresenta os aspectos voltados mais para as suas informações contextuais, como tem sido evidenciado na análise das categorias anteriores.

A Biblioteca B, por exemplo, considerou também o país (MÚSICA-FRANÇA), o tipo vocal (MEZZO SOPRANO, SOPRANO SOLISTA), tipo de partitura musical (MÚSICA DE CÂMARA PARTITURAS) e PARTITURA GRÁFICA, uma pequena formação sobre esse vocal (SOLISTA VOCAL COM ACOMPANHAMENTO INSTRUMENTAL, SOLISTA VOZES, SOLISTA VOZES CANTADAS, SOLISTA SOPRANO), o que mostra que a partitura, para além do uso de instrumentos, pode ser cantada por diferentes tipos de vozes em conjunto e ao tipo instrumental (ARCO - MUSICA) no singular e plural.

Na Biblioteca C pode-se observar que os termos são escolhidos com base na busca que o usuário realiza. Não ficou claro como ele realiza esse levantamento, porém, é nítido que não há controle de vocabulário. A Biblioteca D alegou que é possível realizar dois tipos de processamento: uma mais completa e outra mais simples, o que vai de acordo com a necessidade do momento, pois se é uma partitura em que um aluno está esperando para usá-la, então, seu procedimento torna-se mais simples e rápido, mas que, de forma geral, ele usa o campo 700 para complementar.

## **CATEGORIA 5 - TIPOS DE METADADOS DESCRITOS**

Para entender as escolhas do catalogador/indexador ao identificar e selecionar os conceitos e traduzi-los em termos representativos, é necessário observar quais os campos preenchidos nos metadados, pois eles são a base do sistema utilizada para

o preenchimento das informações. Os tipos de metadados utilizados foram preenchidos no MARC21. Os campos preenchidos foram:

Quadro 30 - Trechos retirados das transcrições nos apêndices para análise categórica

| Bibliotecas  | Trechos referentes à categoria                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
|--------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Biblioteca A | <i>No 300, a gente vai fazer a descrição física [...]. [...] O campo 382, que é o meio de execução, que é / que são os instrumentos que a gente utiliza [...]. [...] No 500, a gente vai colocar essa informação, né, descrita, que é para flauta e piano, segundo o nosso padrão. O 546 que é pra nota de idioma, a gente coloca que são textos em alemão e em inglês [...]. [...] Aí a gente tem ..... é ..... no campo 700, a gente vai ter informação também, né, de ..... do editor [...]. [...] E, no 740, a gente vai colocar / a gente sempre repete o ..... / quando tem ..... é ..... mais de um título ele tem uma série, então, a gente tem o campo 590 {na verdade, era o campo 490, o sujeito trocou os números} [...]. [...] No 505 a gente vai colocar informação de conteúdo (PVI, Apêndice C).</i> |
| Biblioteca B | <i>Não tem série, aí as novas, eu vou no excel. Vai como nota de conteúdo aqui, já vou copiar pra jogar lá nos ..... na analíticas. Deixa eu ir lá para a analítica primeiro, deixa eu ver 740, tem uma só, então joga mais 4. 740 mais 4 campos (PVI, Apêndice E).</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| Biblioteca C | <i>Pra ficar bonitinho e como é uma coleção, elas são todas iguais. E aí está escrito partitura, porque aqui no campo 84, a gente colocou a partitura digitalizada, no campo 70, a gente coloca a imagem do objeto, que, no caso, é a foto da da capa da partitura (ER, Apêndice H).</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| Biblioteca D | <i>No campo 700, se tiver mais, por exemplo, o compositor e ponho no com 700 o ..... o nome, o nome do do compositor e depois no eu mostro o melhor? Ora bem, assim muito pode ser. Por exemplo, vá, sei lá. É só a venda ..... Nós temos sempre 2 possibilidades. Uma possibilidade é. É ter o documento todo com a indexação toda muito completa. E outra é ter só mais simples. Mas isso também eu, a meu ver, pelo que me está a dizer (Apêndice I).</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |

Fonte: elaborado pela autora.

Acima constam diferentes trechos dos campos de metadados, obtidos a partir da transcrição do PVI na Biblioteca A. Pode-se observar que são utilizados diferentes campos, alguns específicos para a partitura musical. De forma geral, os campos citados durante o processo de catalogação e indexação realizado pelo catalogador/indexador 1 foram: campo 3 (biblioteca responsável por fazer o registro); campo 7 (descrição física); campo 8 (data de entrada no arquivo, material adicional, idioma, forma do item, formato da música, arranjo, público-alvo, fonte da catalogação, entre outros). O campo mais geral do MARC foram: 024 (identificador padrão, como o ISMN; 028 (editora ou distribuidor); 040 (código da biblioteca e do idioma); 048 (código do número de instrumentos); 245 (mais de um título ou idioma); 260 (edição); 300 (descrição física); 382 (meio de execução); 490 (quando tem série/coleção) 500 (nota geral); 546 (nota de idioma); 700 (editor).

Alguns desses campos estão de acordo com o apontado pelos estudos e pelas normas, como a descrição física (AACR2, 2002), forma de conteúdo e detalhes específicos do material (IFLA, 2011), meio de expressão, editora e conteúdo (Manual de catalogação de partituras da USP, 2023). No entanto, ao observar os campos de assunto, percebe-se que há falta de informações para definir como ocorrerá a atribuição dos termos e quais deverão ser utilizados na representação (Silva; Cruz; Alvares, 2015).

A Biblioteca B alegou preencher o MARC em nível completo, no caso, de acordo com o seu manual (2015), os campos preenchidos foram: 007 campos fixos de descrição física, em que entram a categoria do material (000) e designação específica do material (001); dados fixos (008), que é composto por data de entrada no arquivo (00-05), tipo de data/status (06), lugar de publicação, produção ou execução (15-17), forma da composição (18-19), forma da música (20), partes da música (21), público alvo (22), e outros aspectos, como idioma, fonte da catalogação, registro modificado, entre outros. A Biblioteca C usou os seguintes campos: 84 - partitura digitalizada, 70 - imagem do objeto (foto da capa da partitura) e nota de conteúdo, em que colocam-se características específicas da partitura musical.

A biblioteca D citou bastante o uso do campo 700 até para complementar as informações.

#### **CATEGORIA 6 - USO DE VOCABULÁRIO CONTROLADO**

O uso de vocabulário controlado está relacionado com o estabelecimento de SOC, cujo objetivo está em auxiliar na organização e representação do conhecimento, com vistas a obter uma recuperação consistente do documento (Moreira, 2018). Nesse sentido, a Biblioteca A explicou que:

Quadro 31 - Trechos retirados das transcrições nos apêndices para análise categórica

| Bibliotecas  | Trecho referente à categoria                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
|--------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Biblioteca A | <i>[...] é que a gente tem o vocabulário controlado, né, então, a gente / claro quando tem uma necessidade específica, eles falam pra gente verificar os termos, porque nós que trabalhamos com isso, mas a gente / basicamente ele é baseado na Library of Congress, né, Subject Headings [LCSH], e mesmo eles têm algumas questões, que eu tava conversando com a catalogadora/indexadora 4, pra gente verificar o tesouro de meio de expressão e de forma pra gente começar a conversar com o grupo de ..... de ..... tesouro pra como que a gente poderia trabalhar com isso, né, por causa das necessidades específicas e por já ter isso [...]</i> (ER, Apêndice E). |
| Biblioteca B | <i>Não tem. Essa é uma coisa, um negócio que eu já reclamei, porque tem muito termo que, assim, você agora / ainda eu conheço mais um pouquinho, mesmo quando eu não conheço um termo, eu consigo inferir, Ah, eu acho que tem tal coisa, mas você não tem uma estrutura para procurar. No começo eu tinha que ficar jogando um por um para ver, “ai, será que é, será que não é?” E aí tem que ter, vou repetir, por exemplo, música Capela tem 4 termos, com 2 PS com 2 LS, com um PE 1L só, sabe? {variações terminológicas diferentes}</i> (ER, Apêndice F).                                                                                                           |
| Biblioteca C | <i>Tem essa, no caso que eu acabei de digitalizar, de de cadastrar pra você, provavelmente, ela é uma partitura rara, por que? porque edições Guanabara não existem mais. O IMSLP me mostrou que essa partitura, ele é do período romântico. Quando eu vou pesquisar, eu não consigo utilizar nada do que eles utilizam como fonte de pesquisa, por isso, que uso muito IMSLP, que é um é um site de domínio público, onde as partituras estão em domínio público.</i>                                                                                                                                                                                                     |
| Biblioteca D | <i>[...] A linguagem é natural É. É a CDU. Claro que eu dei a 82, faço a 2 peças de teatro</i> (Apêndice I).                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |

Fonte: elaborado pela autora.

De acordo com a transcrição, obtida da entrevista retrospectiva da Biblioteca A, há uso de vocabulário controlado, apesar de não ser algo nítido de se observar durante a aplicação do PVI. A linguagem utilizada possui sua base na LCSH, em específico, um tesouro. O catalogador/indexador 1 explicou que entrou em contato com o catalogador/indexador 3 para verificar alguns aspectos, como a representação do meio de expressão e da forma. Também é citado o uso da *Music Library Association*, mas sem contextualizar sua importância e impacto para o sistema, em específico, para a forma como ocorre a representação e recuperação da partitura musical.

A Biblioteca B explicou que não tem e já reclamou disso, devido à diversidade de termos e à falta de estruturas para se basear. Já, na Biblioteca C, ocorre somente o uso da linguagem natural e a consulta no IMSLP, o que pode acarretar uma série de problemas na representação e recuperação da partitura. Esse mesmo indexador relatou que nem a Biblioteca Nacional do Brasil realiza o desmembramento e aprofundamento da partitura no processamento técnico, mas que tenta fazer de uma forma mais esmiuçada. A linguagem da biblioteca D também é natural e a sua classificação é com base na Classificação Decimal Universal (CDU).

## CATEGORIA 7 - RECUPERAÇÃO DAS PARTITURAS NO SISTEMA

A recuperação da informação, no caso, de partituras musicais, possui como intuito auxiliar o usuário a encontrar documentos relevantes, a partir de suas necessidades. Durante a entrevista retrospectiva, observou-se uma das falas acerca da forma como o usuário da Biblioteca A encontra as partituras musicais:

Quadro 32 - Trechos retirados das transcrições nos apêndices para análise categórica

| Bibliotecas  | Trechos referentes à categoria                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
|--------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Biblioteca A | <i>Os assuntos, caracterizando que seja partitura, eu acho que independe, assim, eles não procuram. Nosso público não procura tanto por assunto. Então, inclusive, eles nem procuram tanto no catálogo online. Eles costumam ir mais na estante, na prateleira mesmo, e já vão ali na ..... / no código Cutter, que é do ..... do compositor que eles estão procurando. E aí, eles ficam lá, nossa, a nossa estante de partituras é uma bagunça, porque eles tiram tudo do lugar, olham tudo, reviram tudo, tem que ficar arrumando ..... sempre assim, porque eles não ..... não olham no catálogo online mesmo, assim, na maioria das vezes, eles vão lá e ficam pegando e folheando material. É isso [...] (ER, Apêndice D).</i> |
| Biblioteca B | <i>No manual fala que são diferentes, mas aí no campo 697, você acaba repetindo, mas são não, são a mesma coisa, não. E, assim, pro usuário também, eu não vejo sentido a gente colocar esse campo 697, é, porque é muito técnico e, assim, ele não vai usar esse tipo de essa, essa que eles chamam de sintaxe para fazer busca.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| Biblioteca C | <i>É a gente como bibliotecário de partituras musicais, a gente busca fora da partitura informações relevantes para o usuário. Então, se, por exemplo, eu não sei a ..... tonalidade da música, eu vou pesquisar e vou colocar tonalidade da música pro meu usuário, principalmente, se for uma sonata, um conceito, que que é coisa que os compositores fazem.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| Biblioteca D | <i>Se o aluno tem acesso ao livro ou não, se pode ser emprestado, pronto e damos outra, outra, outra consciência. Neste caso, por exemplo, isto. Basta abrir ao Google, neste caso da biblioteca municipal do Porto, e pôr as siglas, por exemplo, biblioteca municipal biblioteca tinha era que pôr o público é biblioteca pública municipal do Porto BP. PMPE punha catálogo e esse seria logo ao catálogo.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |

Fonte: elaborado pela autora

De acordo com o catalogador/indexador 2, não há a cultura do usuário buscar a partitura musical dentro do catálogo da biblioteca. Normalmente, sua busca é realizada diretamente no acervo físico, o que pode causar uma desorganização dos documentos, algo não recomendado, pois muitos deles podem se perder e o usuário não conseguir mais acessá-lo.

A Biblioteca B, por exemplo, explicou que o usuário consegue acessar os metadados do registro da partitura e não a partitura em si, o que mostra uma complexidade nessa recuperação, visto que ele necessita saber o que são os

metadados, para que servem naquele contexto para conseguir encontrá-los dentro do catálogo. Na Biblioteca C foi relatado como a experiência auxilia na busca pelo material. O sistema utiliza apenas a linguagem natural, dessa forma, as escolhas dos termos ocorreram de acordo com a vivência do profissional com os usuários na biblioteca no cotidiano. A Biblioteca D relatou que caso não encontre a partitura, procura-se em filiais e parceiras da instituição, como em outras cidades.

Ao considerar que desenvolver todo um sistema da biblioteca, com catálogo e vocabulário controlado, para uma instituição de nível superior, e mantê-lo em constante avaliação e atualização pode possuir um custo significativo, principalmente, se os usuários não fazem uso do sistema. Dessa forma, surgiram algumas indagações, ao observar essa constatação: acredita-se que seria essencial fazer uma avaliação acerca do funcionamento do catálogo naquela biblioteca, em específico, para verificar se realmente esse catálogo está atendendo as necessidades do usuário e se está representando e recuperando a partitura musical de forma adequada.

|                                |
|--------------------------------|
| <b>CATEGORIA 8 - PARATEXTO</b> |
|--------------------------------|

A recuperação da informação, no caso, de partituras musicais, possui como intuito auxiliar o usuário a encontrar documentos relevantes, a partir de suas necessidades. Durante a entrevista retrospectiva, observou-se uma das falas acerca da forma como o usuário da Biblioteca A encontra as partituras musicais:

Quadro 33 - Trechos retirados das transcrições nos apêndices para análise categórica

| Bibliotecas  | Trechos referentes à categoria                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
|--------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Biblioteca A | <i>Não é exatamente não ter assunto, mas é que a gente já é ..... estabelece pra que não fique muito vago, estabelece esses itens que a gente comentou com você e coloca mais se precisar, caso a caso, né. Se a gente achar referência dessa catalogação em outros locais também, com o método não, a gente já vai / inclusive método é mais fácil de achar uma catalogação também e importar ela e revisar ou então ...</i>                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| Biblioteca B | <i>É que a gente nessas partituras que vieram da França, a gente recebeu uma ficha de documentação junto, sabe? Então, tem vários detalhes ali e, então, fica fácil de a gente pesquisar. Sim, é, porque o Sophia. / Primeiro que o Sophia é muito pequenininha a letra, sabe? Não tem como aumentar, você aumenta a letra, aumenta a interface não dá zum de jeito nenhum. Então, eu acho ruim digitar certas coisas. Então, eu acho mais rápido fazer as notas tudo de uma vez, vou jogando e é mais rápido do que digitando uma por uma. E acho que fica mais fácil do que fazer no word. E, ali, eu consigo conseguir chegar melhor e também, principalmente essas abreviaturinhas e tal.</i> |
| Biblioteca C | <i>Aqui, no caso, com partituras musicais, muitas coisas a gente tem que / a gente como bibliotecário tem que pesquisar fora da partitura {paratexto?}, porque muitas informações que são importantes pro, pro meu aluno, ele não, ele não tá na partitura e eu preciso saber, aí no caso que eu peguei do IMSLP.. Não é só só a partitura que a gente tem que levar em consideração, né?{PARATEXTO} A gente tem que levar tudo em consideração, porque tudo é importante para o aluno, né.</i>                                                                                                                                                                                                   |
| Biblioteca D | <i>Pronto, tem um documento anexo que complementa a partitura geral {poderia ser um paratexto?}. / Pronto. Esta é outra situação. Esta pronto é uma do Bach normal , PN de piano que entra, entra por aqui.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |

Fonte: elaborado pela autora.

O paratexto foi uma categoria criada posteriormente a análise, devido a necessidade de haver um espaço contextualizando os aspectos extrínsecos e intrínsecos da partitura musical.

Os indícios da Biblioteca A em usar paratexto está na pesquisa complementar realizada para conseguir fazer o processo de catalogação e indexação. No entanto, no próprio sistema, a partitura chega a ser utilizada enquanto um livro mesmo, com adaptações conforme a necessidade, mas que se aproximam do código textual.

A Biblioteca B utiliza uma planilha paralela para preenchimento dos metadados MARC no *software* Sophia, isso possibilita olhar como um todo para o registro e identificar na partitura aspectos complementares em sua estrutura na qual o usuário pode querer acessar.

A Biblioteca C relatou o para texto ao realizar pesquisas fora da partitura, porque há muitas informações importantes para o usuário que não entrariam em uma análise mais simplificada. E, por fim, a Biblioteca D explicou que usa um documento complementar no processamento técnico, visto que nele estão contidos dados sobre idioma, tipologia instrumental, terminologia e tradução.

## 7.2 Síntese dos principais resultados obtidos

De forma geral, como resultados, pode-se constatar que a partitura musical é tratada como um documento textual, mas com o diferencial de possuir algumas especificações em alguns campos de metadados do MARC. Mesmo assim, observou-se que o assunto da partitura musical é caracterizado de forma diferente, através de sua expressão, forma e instrumentação. Em alguns casos, são considerados o gênero musical, mas aparenta ser exceção.

A categoria 1, que abarcou o conhecimento do indexador enquanto leitor *expert*, pode-se compreender que, apesar da *expertise* no domínio da música estar relacionada à sua execução, no contexto de uma biblioteca especializada, refere-se ao conhecimento do profissional acerca da teoria musical e da estrutura da partitura musical. Para os catalogadores/indexadores que participaram da coleta de dados, estudar o domínio da música, por exemplo, seria algo necessário para se obter já na formação básica do bibliotecário na graduação, porém, houve uma defasagem nesse aspecto que o fez ter que buscar por educação complementar, de forma em que conseguisse entender seu documento para realizar o processo. Ao mesmo tempo, foi destacado como a experiência pode auxiliar nesse processo, principalmente, por causa da disponibilidade em que os professores musicistas se prestam. Um indexador, que não consegue entender o documento inserido dentro da sua biblioteca, pode realizar uma representação inadequada, que não abarca corretamente a essência do documento, e causar prejuízos significativos para a recuperação da informação. A sua *expertise* deve ser considerada algo essencial para realizar o procedimento.

As habilidades do indexador, analisadas na categoria 2, englobam as estratégias que foram usadas pelos catalogadores/indexadores. Para eles, estabelecer diretrizes pode ser uma forma de auxiliar no processo, pois, ao tratar-se de partitura musical, não há nenhuma diretriz desenvolvida no âmbito da Biblioteca. Outra estratégia está na busca por registros semelhantes, de modo a copiá-los ou adaptá-los para uso. A terceira, e última, estratégia mencionada foi na busca na internet para observar como o procedimento é realizado e constataram que há uma escassez no preenchimento de informações, muitas vezes, apenas com o título e autor.

A identificação e seleção de conceitos (categoria 3) está na investigação das características de um conceito (Dahlberg, 2009). Ao considerar a partitura enquanto documento textual e visual ao mesmo tempo, as características conceituais levadas em consideração foram a sua forma (tipo da partitura musical) e instrumentação (à qual instrumento é destinado), nesse contexto, também são essenciais o tipo de clave, tipo de compasso e tonalidade, diferente da abordagem sistemática utilizada em documentos textuais.

A categoria 4, representação de conceitos por termos traduzidos, possui o intuito de verificar quais foram os termos utilizados na representação temática. Os termos atribuídos abordam o tipo de composição, a sua forma e a instrumentação ao qual destina-se sua execução. A representação temática parece ter englobado aspectos mais contextuais, do que os conceituais, como sua simbologia, que não foi levada em consideração.

Na categoria 5 analisou-se os tipos de metadados preenchidos. No campo do MARC21, para a partitura musical, há o campo 8, com subdivisões específicas para esse tipo de documento, como formato da música, arranjo, público-alvo, forma do item, material adicional e entre outros. Os campos preenchidos abarcavam mais os aspectos físicos da partitura musical, inclusive, ao atribuir o seu assunto.

A categoria 6 investigou o uso de vocabulário controlado, para observar se havia algum tipo de controle ou padronização. A linguagem foi desenvolvida com base na LCSH, com o tesouro como tipo de instrumento. Também é abordada a *Music Library Association* e a IMSLP, mas sem nenhum tipo de aprofundamento, somente como forma de consulta.

Enquanto a categoria 7, recuperação de partituras no sistema, observou-se a busca e recuperação feita por usuários. A análise mostrou que não há uma cultura do usuário realizar buscas da partitura musical no catálogo da biblioteca, o que pode causar problemas na organização física do acervo, como, causar a perda do documento. O aspecto que mais se destacou foi que desenvolver um catálogo para uma rede de bibliotecas, realizar sua manutenção, implementação e atualização constante é um alto investimento para a instituição para que o usuário não use. Por isso, há necessidade de investigar esse aspecto também.

A categoria 8 abordou os aspectos para o uso de um paratexto. De acordo com os PVIs, pode-se observar que eles chegam a usar materiais complementares para

as informações complementares da partitura musical, o que pode caracterizar no paratexto, apesar de não ser nomeado dessa forma.

A análise dos PVIs nas categorias possibilitou obter entendimento acerca da forma como o processo de indexação é realizado na partitura musical na prática. Esses dados permitiram observar como se assemelham aos resultados da seção 6, em específico, no uso do paratexto observados nas pesquisas pelo MS.

## 8 MODELO DE LEITURA DOCUMENTÁRIA PARA PARTITURAS MUSICAIS

A presente seção destinou-se a desenvolver, por fim, o modelo de leitura documentária. A seção 8 foi composta pelos aspectos teóricos analíticos que propiciaram o desenvolvimento desse modelo e a subseção 8.1 mostra como o modelo de leitura documentária pode ser aplicado à prática.

O desenvolvimento do modelo de leitura foi fundamentado nos resultados teóricos e metodológicos obtidos nas seções 2, 3, 4, 6 e 7. A contribuição da seção 2 “O processo de indexação na organização do conhecimento: conceitos e teorias” ocorreu que, ao aprofundar as teorias de indexação, pode-se estabelecer que, independentemente da corrente de pensamento abordada ou teórica seguido, o equilíbrio é a melhor a melhor solução para realizar o processo de indexação. Se por um lado, o aspecto humano pode causar interferências sérias na representação, por outro, os manuais, a linguagem e a tecnologia podem atuar na formalização e direcionamento de como realizar esses processos. Por isso, o processo de indexação foi estabelecido em quatro etapas: I - exame do documento; II - conhecimento do conteúdo conceitual do documento; III identificação dos elementos do conteúdo que se deve descrever a extração dos termos; e IV - tradução dos termos de linguagem natural pelos termos correspondentes da linguagem documentária.

A seção 3 “A leitura documentária no processo de indexação” teve como intuito aprofundar sobre a leitura documentária. Nesse contexto, a subseção 3.1 “estruturas textuais verbais e não-verbais” contribuiu ativamente ao estabelecer como ocorre o funcionamento de estruturas textuais e não-verbais.

Na estrutura verbal foi possível observar as partes informacionais que compõem o texto, visto que ele pode estar relacionado a um acontecimento ou interpretação, caracterizado por regra, conceito ou generalização.

A estrutura não-verbal, como a fotografia e, no caso, pode-se considerar também a partitura musical, pode ser composta de uma estrutura de imagem considerada fixa, com a inclusão da sua visualização. Nesse sentido, a representação deve ocorrer diferente da forma como acontece na estrutura textual, pois ela possui uma justaposição de informações sobre o seu suporte e conteúdo, em que é possível relacionar às perguntas de “quem?”, “como?”, “onde?”, “quando?” e “para quê?”.

A seção 3.2 contribuiu para estabelecer a partir da perspectiva do leitor. Ele, por sua vez, é composto por esquemas, no qual o seu conhecimento e atitude (formação, experiência e conhecimento de mundo) podem afetar a forma como o seu cérebro processa informação durante a leitura, o que influencia diretamente no processo de representação. Por isso, essa subseção mostrou que, no cotidiano, há condições que podem incapacitá-lo, enquanto leitor profissional, de realizar a leitura do documento na íntegra. Dessa forma, para que conseguisse realizar o processo, ele desenvolve estratégias que irão auxiliá-lo nesse processo. O ponto inicial foi a detecção da estrutura do documento, seja texto, imagem ou partitura musical. Esse reconhecimento da estrutura apresenta a contribuição da subseção presente e reafirma a seção 2, em que foi estabelecido, enquanto um dos processos de indexação, a questão da expertise do profissional. Quanto mais conhecimento ele tiver acerca de um domínio, maiores serão as chances desse conhecimento especializado contribuir para aquela determinada representação, principalmente, se realizar comparações com profissionais indexadores sem possuir a expertise.

Assim como o texto e o leitor, o contexto é uma variável essencial para que se consiga realizar o processo de representação. Essa subseção (3.3) contribuiu ao especificar os tipos de contextos existentes: físico, social, psicológico e cultural, o que tornou possível de entender como eles podem afetar o processo de representação temática. O contexto físico, por exemplo, envolve as condições materiais, como equipamentos, materiais, pessoas, a logística para que seja possível desenvolver a atividade. O contexto psicológico estabeleceu as condições contextuais próprias do leitor, como a intenção, motivação e interesse da leitura. O contexto social aborda a interação do texto ou documento com o leitor indexador, mediante ao seu conhecimento prévio. Contexto sociocognitivo abordou a cognição do indexador, como os aspectos linguísticos, enciclopédicos, regras, estruturas e de intertextualidade. O contexto cultural abordou a formação e atuação profissional, como o saber (teorias) e o fazer (prática cotidiana) condicionados ao contexto institucional (valores, crenças e predisposições específicas da comunidade usuária).

A contribuição da seção 3.4, no caso, modelos de leitura documentária, ocorreu ao estabelecer a sua função e formação ao longo do período. O modelo de leitura para indexação consiste em realizar procedimentos de leitura para análise, identificação e seleção de assuntos e conceitos de determinado tipo de documento. Essa leitura

profissional apresenta objetivos e métodos de leitura a serem seguidos para análise de assunto pelo profissional indexador ou catalogador de assunto, que deve realizar a leitura de modo rápido.

A contribuição do item 3.4.1 está ao discorrer sobre a formação do considerado primeiro modelo de leitura documentária propriamente dito, no caso, o artigo científico. Nesse contexto, foi possível observar como os conceitos são identificados dentro da estrutura textual do artigo, ao aplicar uma abordagem sistemática em que o indexador realiza perguntas para si próprio com intuito de identificar o objeto, quem praticou a ação e qual seria a ação. Apesar desse tipo de estrutura textual ser diferente da partitura musical, ela foi a primeira a estabelecer os conceitos a serem identificados e selecionados. O desenvolvimento desse primeiro modelo de leitura documentária para textos científicos foi essencial para que houvesse o modelo de fotografias, que inspirou o modelo para a partitura musical.

A subseção 3.4.2 contribuiu ao estabelecer os parâmetros para o desenvolvimento de um modelo de leitura documentária para fotografia. Com base na perspectiva abordada por Madio e Fujita (2008) para realizar esse processo, pode-se aproximar dos parâmetros que estavam sendo estabelecidos para a partitura musical, o que poderia acarretar uma possível adaptação. Os parâmetros estabelecidos neste modelo para fotografia, que, por sua vez, foi inspirado pelo modelo de artigo científico, foram utilizados para desenvolver e adaptar o modelo de leitura documentária para partitura musical.

Para desenvolver o modelo de leitura documentária de partitura musical, foi necessário entender a estrutura desse tipo de documento, visto que, a tese da pesquisa partiu do princípio de que ela engloba a estrutura textual verbal e a não-verbal ao mesmo tempo.

A seção 4 “Partituras musicais: aspectos históricos, conceituais e estruturais” contribui ao mostrar, em forma de linha temporal, sua formação ao longo dos séculos até chegar na forma como é utilizada na atualidade. O destaque está no período do século XI, com a contribuição significativa de Guido D’Arezzo, ao estabelecer a estrutura e as notas atuais. Essa estruturação caracterizou-se como a essência da partitura musical, pois sem elas, não seria possível escrever uma partitura musical, ao menos não como é estabelecida na atualidade.

Um dos aspectos que a história da partitura musical mostrou em sua formação e estruturação foi a falta de consenso em estabelecer uma partitura universal. Esse processo também ocorreu a partir das perspectivas de diferentes áreas, como a Biblioteconomia, Museologia, Arquivologia e Musicologia. A subseção 4.2 contribui ao mostrar como ela se adaptou às necessidades da sua época e ela foi estabelecida de acordo com a sua vertente teórica. Nesse contexto, a subseção mostrou como há diversos tipos de partituras para uma diversidade ainda maior de instrumentos e como eles possuem um significado essencial para a representação temática nesse contexto.

A seção 4.3 contribuiu para observar o que já existia de publicação que abordasse o processo de indexação de uma partitura musical. Ela foi essencial para compreender como os manuais estabeleceram os processos, em destaque, o da representação temática. Ao observar esses manuais e normas, por sua vez, percebeu-se que a prática é feita pelo preenchimento dos metadados, o que tornou imprescindível conhecer seus campos, para a representação da partitura musical. Essa subseção contribui ao mostrar que pode haver manuais e normas, mas ao tratar do assunto da partitura musical, o cenário muda e passam a trabalhar com a instrumentação e o tipo de partitura, sem se aprofundar especificamente na indexação. Os metadados, por sua vez, podem-se observar a partir da fundamentação teórica (subseção 4.3) e da observação nas coletas de dados (seção 7), em que são adaptados nos *softwares* para o que consideram a realidade da biblioteca e da partitura musical, sempre levando em consideração as necessidades do usuário.

A seção 6 contribuiu a partir do levantamento realizado pelo mapeamento sistemático. Ele possibilitou observar a forma como outras publicações abordavam a partitura musical. Nesse sentido, foram divididos nas seguintes subseções: 6.1 conceito da partitura; 6.2 dados informacionais descritivos e temáticos na partitura musical e 6.3 o leitor e o contexto, justamente para poder observar possíveis semelhanças com os itens da seção 3.

A subseção 6.1 contribuiu para determinar, por fim, qual seria a conceituação da partitura musical. Diante do aprofundamento teórico realizado nas seções 3 e 4, em consonância com a presente subseção, pode-se estabelecer que a sua conceituação está relacionada à forma e ao conteúdo. A sua forma se refere principalmente, ao tipo de partitura musical e a instrumentação à qual se destina, visto que por conter uma diversidade de tipos, as suas especificações, como tipo

instrumental, tipo da partitura, clave, tonalidade e compasso apresentaram uma importância para a sua representação.

Ao estabelecer a conceituação da partitura musical na subseção 6.1, tornou-se possível compreender, na estrutura da partitura musical, a localização das informações que poderiam ser consideradas descritivas e temáticas, com base no que foi estabelecido nas seções 3 e 4. Ao usar uma partitura musical como exemplo para visualizar quais as informações que seriam descritivas e temáticas e em que lugares elas poderiam estar, contribuiu para, de fato, poder compreender a sua estrutura, finalmente. Por exemplo: se no início há o símbolo da clave de sol, é preciso que o indexador leve-se isso em conta ao estabelecer a sua tonalidade, a forma de execução, como deixará tudo representado no processo de indexação.

A subseção 6.3 contribui ao mostrar que os seus resultados corroboram com as teorias aprofundadas na fundamentação teórica (seções 3 e 4), os contextos podem afetar diretamente a forma como ocorre a representação na mesma proporção em que o indexador pode interferir na representação, pois ele é composto de vivências e opiniões que podem diferir de outro indexador.

A seção 7 contribuiu para a verificação de como ocorria a prática, visto que ela poderia se assemelhar ou se diferenciar da teoria abordada. A subseção 7.1 e 7.2 mostraram que, na prática, a partitura, em sua maioria, é vista como documento textual, desconsiderando quase que por total a sua simbologia e outras informações de sua estrutura. Porém, a *expertise* do profissional foi o que fez teoria e prática se assemelharem, visto que todos ressaltaram que o conhecimento especializado neste domínio, no caso, é imprescindível para compreender a partitura e conseguir realizar um processo de representação eficaz mesmo que simplificado. De todo modo, a prática permitiu comprovar os pressupostos apresentados na introdução e, a partir da junção de todos os resultados, pode-se chegar ao modelo de leitura voltado para a partitura musical, em que foi possível apontar, na estrutura, os locais das informações textuais verbais e não verbais.

A partir das contribuições mencionadas acima, o modelo foi dividido em: dados de controle, análise externa, análise temática e paratexto. Esse modelo foi adaptado do modelo base de identificação de dados de fotografias (Madio; Fujita, 2008) em conjunto com o modelo de leitura documentária de artigos científicos.

O Quadro 34, a seguir, apresenta a adaptação do modelo base de identificação de dados de fotografias aplicados ao contexto da partitura. Essa adaptação foi possível de ser feita devido ao aprofundamento da fundamentação teórica desenvolvido e às análises dos itens 6 e 7, pois estabeleceram quais seriam as informações descritivas, temáticas e paratextuais em conjunto com a fundamentação teórica (seções 3 e 4).

Quadro 34 - aplicação do modelo base de identificação de dados de fotografias às partituras

| Modelo base (Madio; Fujita, 2008) |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            | Adaptação à partitura                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
|-----------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Dados de controle</b>          | Identificação da fotografia, data (dia, mês e ano) e classe temática                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       | Dados de controle (forma representativa no sistema)<br>Identificação da partitura<br><i>Data:</i> ano da edição física ou digital<br><i>Contribuição e Justificativa:</i> vide itens 6.1 e 6.2, 6.3 e 7.                                                                                                                               |
|                                   |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            | <i>Análise temática:</i><br><i>Classe temática:</i> forma (tipo da partitura e instrumentação)<br><i>Contribuição e Justificativa:</i> vide itens 6.1, 6.2, 6.3 e 7.                                                                                                                                                                   |
| <b>Análise externa</b>            | Título, estado de conservação (ótimo, bom, ruim e péssimo, dimensão e identificação de carimbos, etiquetas, dedicatórias e anotações                                                                                                                                                                                                                                                       | Análise externa (folha de rosto e dados ao redor da partitura)<br>Título, compositor e intérprete (se tiver), ano da composição (quando?), e editora (onde?).<br><i>Contribuição e Justificativa:</i> Vide itens 6.1, 6.2, 6.3 e 7.                                                                                                    |
| <b>Análise de conteúdo</b>        | Análise morfológica, tipo de iluminação (noite ou dia, luz artificial ou natural), posição da luz, valores de enquadramento, coloração, conteúdo temático, espaço geográfico - onde?, descritor cronológico - tempo histórico - quando? Temáticos - pessoas - quem?, o que. Elementos naturais e artificiais, que envolvem ações (como?) e resumo descritivo-narrativo (por que, para que) | Análise de conteúdo (paratexto)<br>Clave (como? - processo de execução), tonalidade (como? - processo de execução), compasso, gênero musical (o quê?), identificação de carimbos, etiqueta, dedicatórias e anotações, dimensão e estado de conservação (por que, para quê?).<br><i>Contribuição e Justificativa:</i> Vide itens 6 e 7. |

Fonte: elaborado pela autora.

A partir desse modelo de leitura documentária, a leitura da partitura com viés de análise para representação temática pode ser feita a partir dos seguintes aspectos:

*dados de controle para acervo e sistema; análise externa; análise temática e análise de conteúdo (paratexto).*

Os *dados de controle para acervo e sistema* são compostos pelo número de identificação da partitura musical e a data da edição física ou digital. A *análise externa* é composta por informações descritivas que podem ser encontradas na folha de rosto e ao redor da estrutura da partitura musical. Elas são informações obrigatórias como título, compositor e intérprete (se houver), ano da composição e editora.

A *análise temática* nesse tipo de documento pela partitura e instrumentação, pois a sua caracterização é vista como a essência da partitura, logo, a sua conceituação, também inserida dentro dos dados de controle para acervo e sistema.

Enquanto o *paratexto* possui informações complementares mais abstratas, encontradas em sua estrutura, esses elementos paratextuais são caracterizados como clave, tonalidade, compasso, gênero musical e identificação de carimbos, etiquetas, dedicatórias, anotações dimensão e estado de conservação (incluída edição digital). Eles são determinantes para a identificação da partitura musical.

Quadro 35 - Ordem das informações na partitura musical

| Modelo base<br>(Madio; Fujita,<br>2008) | Adaptação à partitura do modelo<br>base                                                                                                                                          | Organização das informações                                                                                                                                                                                                   |
|-----------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Dados de controle</b>                | Dados de controle (forma representativa no sistema)<br>Identificação da partitura<br>Data: ano da edição física ou digital e análise temática                                    | Modo de organização das partituras musicais no acervo<br>1. Tipo de instrumentação (Forma)<br>2. Tipo de partitura (Forma)<br>3. número de identificação da partitura musical.<br>4. Data do ano da edição física ou digital. |
| <b>Análise temática</b>                 | Análise temática:<br>Classe temática: forma (tipo da partitura e instrumentação).                                                                                                | Classes temáticas: forma<br>1. Tipo de instrumentação<br>2. Tipo de partitura musical                                                                                                                                         |
| <b>Análise externa</b>                  | Análise externa (folha de rosto e dados ao redor da partitura)<br>Título, compositor e intérprete (se tiver), ano da composição, e editora.                                      | Informações descritivas<br>1. Título<br>2. Compositor<br>3. Intérprete (se tiver)<br>4. Editora<br>5. Ano da composição.                                                                                                      |
| <b>Análise de conteúdo</b>              | Análise de conteúdo (paratexto)<br>Clave, tonalidade, compasso, gênero musical, identificação de carimbos, etiqueta, dedicatórias e anotações, dimensão e estado de conservação. | Paratexto - informações complementares<br><u>1. Estruturais e abstratas:</u><br>1.1 Clave<br>1.2 Tonalidade<br>1.3 Compasso                                                                                                   |

|  |  |                                                                                                                                                                                                        |
|--|--|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|  |  | 1.4 Ritmo<br><br><u>2. Ao redor da pauta e mais objetivas:</u><br>2.1 Gênero musical<br>2.2 Identificação de carimbos, etiqueta, dedicatórias e anotações<br>2.3 Dimensão<br>2.4 Estado de conservação |
|--|--|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

**Fonte:** Adaptado de MADIO; FUJITA, 2008.

Para tornar as informações visualmente mais organizadas, elas foram estruturadas, de modo que tornou-se possível estabelecer uma padronização que perpassará pelas etapas do processo de indexação da partitura, conforme pode ser observado no Quadro 35.

Nele, a organização das informações ocorre pela seguinte ordem em: informações descritivas, classes temáticas e paratexto. As informações descritivas são as de código textuais encontradas ao redor da partitura musical e compreende no título, compositor, intérprete (se tiver), editora e ano da composição. Essas informações podem ser consideradas mais fáceis de decodificar por serem textuais, ao apresentarem um código mais tradicional. Nesse sentido, pode-se estabelecer que ele é essencial para se ter uma dimensão de período, compositor e contexto, pois, segundo o observado por Aiba e Sakaguchi (2018), a disposição das notas musicais na pauta, cerne da estrutura da partitura musical, possui um padrão, que pode caracterizar, por sua vez, um período. Ao ter essa dimensão do período, compositor e contexto, pode-se, dessa forma, esperar que haja uma determinada padronização ou que as notas estejam inseridas em um determinado formato, de acordo com o caracterizado pelo período.

As classes temáticas são compreendidas de acordo com a sua forma, em específico, ao tipo de instrumento musical ao qual se destina e o tipo da partitura. Essa diferença da conceituação em uma partitura musical decorre com base no aprofundamento teórico, nas quais podem caracterizar a essência da partitura ao tipo de instrumento utilizado para executá-la. Esse processo decorreu, principalmente, da observação das coletas de dados e da análise realizada na seção 7, em conjunto com a fundamentação teórica. A primeira informação considerada temática para uma partitura musical (Apêndices A ao I) está relacionada diretamente com a sua forma, em específico, sua instrumentação e, em seguida, o tipo de partitura musical.

O paratexto é composto por informações complementares, sendo, no caso da partitura musical, (i) estruturais e abstratas (clave, compasso, ritmo e tonalidade) e (ii) ao redor da estrutura da pauta e informações mais objetivas (gênero musical, identificação de anomalias aquém do esperado, dimensão e estado de conservação).

Para compreender de forma mais aprofundada, o Quadro 36 indica em que parte da partitura musical essas informações identificadas podem ser localizadas, como no cabeçalho, rodapé ou folha de rosto da partitura.

Quadro 36 - Identificação e localização das informações na partitura musical

| <b>Modelo base</b>            | <b>Identificação</b>                                                                                                                                                       | <b>Local de Identificação na partitura musical</b>                    |
|-------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------|
| <b>Análise externa</b>        | Informações descritivas<br>1. Título<br>2. Compositor<br>3. Intérprete (se tiver)<br>4. Editora<br>5. Ano da composição.                                                   | Cabeçalho, rodapé ou folha de rosto.                                  |
| <b>Análise temática</b>       | Classes temáticas: forma<br>1. Tipo de instrumentação<br>2. Tipo de partitura musical                                                                                      | Cabeçalho, rodapé, folha de rosto ou no início da estrutura da pauta. |
| <b>Análise de conteúdo I</b>  | Paratexto - informações complementares<br>1. Estruturais:<br>1.1 Clave<br>1.2 Tonalidade<br>1.3 Compasso                                                                   | Início da primeira linha da pauta ou pentagrama.                      |
| <b>Análise de conteúdo II</b> | Paratexto<br>2. Ao redor da pauta:<br>2.1 Gênero musical<br>2.2 Identificação de carimbos, etiqueta, dedicatórias e anotações<br>2.3 Dimensão<br>2.4 Estado de conservação | Cabeçalho, rodapé ou folha de rosto.                                  |

Fonte: elaborado pela autora.

O Quadro 36 mostra a localização das informações descritivas, temáticas e paratextuais na partitura musical. Esse processo ocorreu com base no aprofundamento realizado no item 6.2, ao apontar, de acordo com Correia (2022), os diferentes tipos de informação (descritivas e temáticas) na estrutura da partitura musical, ou seja, é possível visualizar as informações na estrutura da partitura musical a partir da Figura 18, página 144.

As informações descritivas aparecem quase sempre no cabeçalho ou folha de rosto, enquanto a temática é composta por sua forma. Uma maneira encontrada para complementar a representação temática de partitura musical está no uso de paratextos, que podem ser utilizados para complementar e contextualizar as informações descritivas e temáticas.

Com base no aprofundamento teórico, nas seções 2, 3 e 4 e na coleta e análise dos resultados, nas seções 6 e 7, foi possível desenvolver um modelo de leitura documentária que pode ser aplicado à partitura musical, conforme pode ser observado no Quadro 37.

Quadro 37 - Grade do modelo de leitura documentária para partitura musical

| <b>Modelo base</b>            | <b>Informações essenciais da partitura musical</b>                                                                                                                                                      | <b>Local de Identificação na partitura musical</b>                                    | <b>Identificação e seleção dos conceitos</b> | <b>Representação dos conceitos por linguagem documentária</b> |
|-------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------|---------------------------------------------------------------|
| <b>Análise externa</b>        | Informações descritivas<br>1. Título<br>2. Compositor<br>3. Intérprete (se tiver)<br>4. Editora<br>5. Ano da composição.                                                                                | Cabeçalho, rodapé ou folha de rosto.                                                  |                                              |                                                               |
| <b>Análise temática</b>       | Classes temáticas: forma<br>1. Tipo de instrumentação<br>2. Tipo de partitura musical                                                                                                                   | Cabeçalho, rodapé, folha de rosto ou início da primeira linha da pauta ou pentagrama. |                                              |                                                               |
| <b>Análise de conteúdo I</b>  | Paratexto - informações complementares<br>1. Estruturais:<br>1.1 Clave<br>1.2 Tonalidade<br>1.3 Compasso                                                                                                | Início da primeira linha da pauta ou pentagrama.                                      |                                              |                                                               |
| <b>Análise de conteúdo II</b> | Paratexto - informações complementares<br>2. Ao redor da pauta:<br>2.1 Gênero musical<br>2.2 Identificação de carimbos, etiqueta, dedicatórias e anotações<br>2.3 Dimensão<br>2.4 Estado de conservação | Cabeçalho, rodapé e folha de rosto.                                                   |                                              |                                                               |

Fonte: elaborado pela autora.

O modelo de leitura documentária desenvolvido para a partitura musical, enquanto documento, foi dividido em quatro colunas para o seu preenchimento: informações essenciais da partitura musical; local de identificação na partitura musical; identificação e seleção de conceitos; e representação dos conceitos por linguagem documentária.

As informações essenciais são divididas em três categorias: informações descritivas, classes temáticas e paratexto. Para realizar a aplicação do modelo de leitura à partitura musical, deve-se conferir na partitura musical os locais pré-estabelecidos, como cabeçalho, rodapé, folha de rosto, início da primeira linha da pauta ou do pentagrama.

As informações descritivas são compostas por: título, compositor, intérprete, editora e ano da composição e podem ser encontradas do cabeçalho, folha de rosto ou rodapé. As classes temáticas são por sua forma e são compostas pelo tipo de instrumentação e tipo de partitura musical. A localização dessas informações pode estar no cabeçalho, folha de rosto, rodapé ou início da estrutura da pauta.

O paratexto foi subdividido em: informações complementares estruturais e ao redor da pauta. As estruturais são compostas pela clave, tonalidade e compasso. Ao redor da pauta é



A seguir, o Quadro 38 mostra a identificação das informações na partitura musical, com base no modelo de leitura documentária proposto.

Quadro 38 - Identificação e localização das informações na partitura musical

| Modelo base                   | Identificação                                                                                                                                                                | Local de Identificação na partitura musical                   | Informação identificada                                                                                                                                                             |
|-------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Análise externa</b>        | Informações descritivas<br>1. Título<br>2. Compositor<br>3. Intérprete (se tiver)<br>4. Editora<br>5. Ano da composição.                                                     | Cabeçalho ou folha de rosto.                                  | Análise descritiva:<br>1. Hallelujah<br>2. Leonard Cohen<br>3. Elvis Chaves   Roger Emerson   Tales Emerson (arranjador)<br>4. Indisponível.<br>5. Indisponível.                    |
| <b>Análise temática</b>       | Classes temáticas: forma<br>1. Tipo de instrumentação<br>2. Tipo de partitura musical                                                                                        | Cabeçalho, folha de rosto ou no início da estrutura da pauta. | Classes temáticas: forma<br>1. Piano   Sax   Flauta<br>2. Partitura simples                                                                                                         |
| <b>Análise de conteúdo I</b>  | Paratexto - informações complementares<br>1. Estruturais:<br>1.1 Clave<br>1.2 Tonalidade<br>1.3 Compasso                                                                     | Início da primeira linha da pauta ou pentagrama.              | Paratexto - informações complementares<br>1. Estruturais:<br>1.1 Clave de sol<br>1.2 Tom dó<br>1.3 Compasso de doze oitavas.                                                        |
| <b>Análise de conteúdo II</b> | 2. Ao redor da pauta:<br>2.1 Gênero musical<br>2.2 Identificação de carimbos, etiqueta, dedicatórias e anotações<br>2.3 Dimensão<br>2.4 Formato<br>2.5 Estado de conservação | Cabeçalho e folha de rosto.                                   | 2. Ao redor da partitura musical:<br>2.1 <i>Moonlight</i>   <i>Modern</i><br>2.2 Prof. Elvis Chaves - Escola de Música<br>2.3 Não disponível<br>2.4 Digital.<br>2.5 Não disponível. |

Fonte: elaborado pela autora.

No Quadro 38 consta a aplicação do modelo de leitura documentária à partitura selecionada na Figura 19. Pode-se observar, desse modo, que na análise externa estão as informações descritivas. A localização dessas informações está contida no cabeçalho ou folha de rosto da partitura musical. Na análise temática, composta pelo tipo de instrumentação e tipo de partitura musical, respectivamente, podem ser encontradas no cabeçalho, folha de rosto ou no início da estrutura da pauta. Na aplicação prática, o tipo de instrumentação destinada foi piano, sax e flauta, enquanto a partitura foi considerada simples.

As análises de conteúdo foram compostas pelo paratexto, que, por sua vez, precisou ser dividido em duas partes: estrutural e ao redor da pauta. Na estrutura, entraram informações que podem ser encontradas na pauta propriamente dita, como clave (CLAVE DE SOL), tonalidade (DÓ - TONALIDADE) e compasso (DOZE OITAVAS). Enquanto ao redor da pauta estão as informações que abordam o gênero musical, identificação de carimbos, etiqueta, dedicatória ou anotações, dimensão, formato e estado de conservação. Elas podem ser encontradas no cabeçalho e na folha de rosto.

Após realizar a identificação dos conceitos, ou seja, das informações essenciais da partitura musical, realizou-se a representação temática dos conceitos em termos representativos, a partir da linguagem documentária, conforme o apresentado no Quadro 39.

Quadro 39 - Identificação de conceitos e representação de termos na partitura musical

| <b>Leitura da partitura musical para viés de identificação de conceitos na partitura musical</b>                                                                              | <b>Identificação e seleção dos conceitos da partitura musical</b> | <b>Representação por linguagem documentária (Tesouro UNESP)</b>                                                       | <b>Representação por linguagem documentária (LCSH)</b>                                                     |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Análise descritiva:<br>1. Hallelujah<br>2. Leonard Cohen<br>3. Elvis Chaves   Roger Emerson   Tales Emerson (arranjador)<br>4. Indisponível.<br>5. Indisponível.              | -<br>INFORMAÇÕES DESCRITIVAS TEXTUAIS                             |                                                                                                                       |                                                                                                            |
| Classes temáticas:<br>forma<br>1. Piano   Sax   Flauta<br>2. Partitura simples                                                                                                | 1. PIANO<br>SAX<br>FLAUTA<br>2. PARTITURA SIMPLES                 | PIANO;<br>MÚSICA PARA SAXOFONE;<br>MÚSICA PARA FLAUTA;<br>MÚSICA PARA FLAUTA E PIANO;<br>PARTITURA LEITURA E EXECUÇÃO | PIANO;<br>SAXOPHONE AND PIANO MUSIC;<br>SAXOPHONE MUSIC, ARRANGED;<br>SAXOPHONE MUSIC;<br>Musicals –Scores |
| Paratexto - informações complementares<br>1. Estruturais:<br>1.1 Clave de sol<br>1.2 Tom dó<br>1.3 Compasso 12 por 8.                                                         | 3. CLAVE DE SOL<br>4. TOM DÓ<br>5. COMPASSO COMPOSTO DOZE OITAVOS | CLAVE DE SOL (não possui termo)<br>TONALIDADE (MÚSICA)<br>MÉTRICA E RITMO MUSICAL (USE)                               | CLAVE DE SOL (não possui termo)<br>TONALITY                                                                |
| 2. Ao redor da pauta:<br>2.1 <i>Moonlight</i>   <i>Modern</i><br>2.2 Prof. Elvis Chaves - Escola de Música<br>2.3 Não disponível<br>2.4 Estado de conservação<br>2.5 Digital. | 6. MODERN MOONLIGHT<br>7. DIGITAL (Formato)                       | -                                                                                                                     | POPULAR MUSIC GENRES                                                                                       |

Fonte: elaborado pela autora.

O Quadro 39 mostra a identificação dos conceitos da partitura musical e a sua tradução em termos de linguagem documentária, com uso do Tesouro UNESP e da LCSH.

Pode-se observar que as classes temáticas se transformaram de PIANO/SAX/FLAUTA para “PIANO”, “MÚSICA PARA FLAUTA”, “MÚSICA PARA FLAUTA E PIANO” e “PARTITURA LEITURA E EXECUÇÃO”, no tesouro UNESP, enquanto a LCSH apresentou “PIANO”, “SAXOPHONE AND PIANO MUSIC”, “SAXOPHONE MUSIC, ARRANGED”, “SAXOPHONE MUSIC” e “MUSICALS-SCORES”.

Já as informações complementares do paratexto, no caso, identificação e seleção de conceitos caracterizadas como “CLAVE DE SOL”, “TOM DÓ” e “COMPASSO COMPOSTO DOZE OITAVOS” foi padronizado, no tesouro UNESP como “TONALIDADE (MÚSICA)” e “MÉTRICA E RITMO MUSICAL”, enquanto termo preferido para “Compasso musical”. Nessa linguagem, não foram encontradas nada referentes às claves musicais. Na LCSH ocorreu algo semelhante, em que foi possível encontrar apenas o termo “TONALITY”, enquanto o compasso está relacionado aos instrumentos e aparatos científicos, não se caracterizando neste contexto.

Por fim, as informações complementares do paratexto ao redor da pauta foram determinadas como “MODERN-MOONLIGHT” e “DIGITAL - FORMATO”. No tesouro UNESP não foram encontrados termos que correspondessem às informações identificadas, enquanto o LCSH só foi encontrado o termo “POPULAR MUSIC GENRES”, que pode não ser capaz de abranger totalmente o assunto da partitura musical, visto que, se for se tratar de uma música que não se encaixa nessa categoria, logo, a sua cobertura não irá ocorrer.

Esse processo ocorreu de forma que a linguagem utilizada padronizasse os termos, visando não correr o risco das informações se perderem. Também foi necessário destacar a importância do paratexto. Nesse caso, o gênero musical, formato e estado entraram como paratexto ao redor da pauta, enquanto a clave, tonalidade, tipo do compasso, instrumentação e tipo da partitura como informações essenciais no contexto da partitura musical, ou seja, na estrutura da pauta.

Os resultados obtidos, a partir do aprofundamento da literatura, mapeamento sistemático e coleta de dados empírica, serviram como base para desenvolver o

modelo de leitura documentária para a partitura musical, enquanto documento passível de representação temática.

Nesse caso, a fundamentação teórica proporcionou observar como ela abordava os processos de indexação, o modelo de leitura documentária e a partitura musical, em específico, a sua conceituação e estruturação ao longo dos séculos. O mapeamento sistemático permitiu observar como outras publicações já trabalhavam com a partitura musical, fosse enquanto documento textual ou enquanto documento semelhante à fotografia. Por fim, a análise empírica permitiu visualizar como esses processos foram feitos na prática, no cotidiano das unidades de informação, como as bibliotecas especializadas. De modo geral e com base no modelo de identificação de assuntos de fotografias (Madio; Fujita, 2008), que, por sua vez, se originou do modelo de leitura documentária de artigo científico, e nas discussões apresentadas, conseguiu-se desenvolver um modelo de leitura documentária para a partitura musical.

## 9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar o aprofundamento teórico sobre a indexação de documentos textuais e documentos não-verbais, junto da análise do mapeamento sistemático e aplicação do PVI, possibilitou-se determinar como os procedimentos podem ser aplicados ao documento partitura musical. A identificação das informações na estrutura da partitura musical possibilitou compreender a sua estruturação e conceituação e, por consequência, permitiu que o profissional conseguisse identificar as informações necessárias para representá-la tematicamente.

Desse modo, o desenvolvimento da presente pesquisa permitiu observar como esse tipo de documento pode ser representado, assim, a representação da partitura musical deve se dar a partir da sua instrumentação e no tipo de partitura existente. Esse processo decorreu por sua conceituação se diferenciar do documento textual, principalmente, na questão da estrutura. Ao se abordar o domínio da música em seu registro documental tradicional, pode-se observar, com as análises teóricas e empíricas, que o usuário, quando realiza esse tipo de busca, demonstra interesses relacionados ao tipo de instrumento e de partitura, pois, inicialmente, é o que mais o interessa dentre as informações disponíveis na partitura. Após essas informações, a busca passa a ser por tonalidade, clave e compasso, adaptando-se às suas necessidades no momento. Essa análise permitiu responder à pergunta sobre o que seria considerado assunto na partitura musical e contribuiu ativamente para que fosse possível construir o modelo de leitura documentária, atingindo outro objetivo específico e principal: de elaborar um modelo de leitura documentária para partitura musical.

As análises permitiram atingir os objetivos propostos, como os objetivos específicos: (i) aprofundar a literatura publicada interdisciplinar sobre indexação de partitura musical através de reflexões e discussões teóricas possibilitou estabelecer como os autores teóricos de ambas áreas (Ciência da Informação e Música) abordam a partitura musical, fosse para acesso, representação ou recuperação; (ii) elaborar o estudo teórico sobre a partitura musical enquanto documento imagético textual e não-verbal e (iii) a identificação das informações compostas na partitura musical para serem utilizadas como assunto, na representação temática, possibilitaram entender a

sua estrutura e conceito nesse contexto, o que contribuiu ativamente para a elaboração do modelo de leitura documentária.

Realizar investigações dos procedimentos de leitura documentária na prática, através do PVI, corroborou com a análise teórica, pois foi possível observar como o processo de indexação foi realizado na prática, em que cada indexador trabalhou diversos aspectos da partitura musical. Houve indexador que fez o procedimento trabalhando a partitura musical enquanto documento textual, sem levar em consideração os seus aspectos simbólicos (Biblioteca A e B). Em contrapartida, houve indexador que representou a partitura musical a partir do instrumento ao qual é destinado e ao tipo de partitura estabelecido (Biblioteca C).

A complexidade existente no processo de indexação de um documento como a partitura musical torna-se ainda mais exaustivo, principalmente, se o profissional indexador não possui um conhecimento adequado ao domínio vigente, visto na pesquisa como algo essencial e retratado pelos estudos como uma carência da literatura e dos profissionais na prática. Nesse sentido, pode-se também responder às perguntas sobre quais foram os critérios para a identificação e seleção de conceitos na análise de assunto de partitura musical e qual foi a prática profissional realizada no processo de indexação desse tipo documental.

Desse modo, as análises teóricas do mapeamento sistemático e do protocolo verbal individual também contribuíram para confirmar a hipótese de que seria necessário possuir conhecimento múltiplo: processo de indexação, teoria musical e leitura da partitura musical. O processo de indexação para conseguir realizar a leitura documentária e atribuição de termos representativos; teoria musical, para compreender o que é cada componente da partitura musical e como foi formado; e, por fim, conseguir ler a partitura musical em um aspecto macro, como um todo. Esse tipo de conhecimento suprime a carência da falta de conhecimento especializado em ambas as áreas.

Com base nisso e no desenvolvimento da presente pesquisa, a tese do estudo pode-se confirmar, visto que, foi possível encontrar os pontos estratégicos da partitura musical em sua estrutura. Mesmo sendo diferente do documento textual, a estruturação da partitura musical foi considerada consistente e objetiva, em que ficou possível olhar em partes específicas para entender o seu assunto dentro desse conceito.

O catálogo também apresentou uma contribuição importante, uma vez que ele necessita estar adaptado às essas necessidades de modo que o usuário consiga acessar às informações sobre a partitura e recuperá-las para localizar as partituras no acervo. A falta de diretrizes, catálogo acessível e padronizações podem gerar o não uso dos serviços das unidades de informação, uma representação superficial e uma recuperação escassa. Essa constatação observada a partir das análises reflete uma premissa base da OC, em que é necessário organizar o conhecimento para socializá-lo.

O modelo de leitura documentária para indexação da partitura musical foi o primeiro modelo para esse tipo documental. Com base nisso, sugere-se que ainda ocorra a elaboração de mais pesquisas para dar andamento às investigações, com intuito de aprimorar esse modelo e complementar através da discussão, críticas, avaliação da importância e as contribuições e consequências para a sociedade, que pode servir para que seja feita a prática profissional e como aprendizado inicial para a formação do indexador e familiarização com esse documento.

## Referências

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 1030 p.

AIBA, Eriko; SAKAGUCHI, Yutaka. Visual information pianists use for efficient score reading. **Frontiers in Psychology**, v. 9, n. 2192, 2018.

ALMEIDA, Bruno Felix da Costa Almeida; WOLFFENBUTTEL, Cristina Rolim. Ensino e aprendizagem musical: a relação entre o sujeito e o objeto. **Brazilian Journal of Development**, n. 5, n. 6, p. 4400-4426, 2019.

ALVES, Rachel Cristina Vesu. **Web Semântica**: uma análise focada no uso de metadados. 2005, 180 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2005.

ALVES, Rachel Cristina Vesu. **Metadados como elementos do processo de catalogação**. 2010. 134 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010.

ALVES, Roberta Caroline Vesu. Modelo de leitura documentária para indexação de literatura infantil do gênero fábula: esquemas textuais para fundamentação de estratégias metacognitivas. *In*: FUJITA, Mariângela Spotti Lopes; NEVES, Dulce Amélia de Brito; DAL'EVEDOVE, Paula Regina (Orgs.). **Leitura documentária: estudos avançados para a indexação**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Oficina Universitária, 2017, p. 133-156.

ALVES, Roberta Caroline Vesu. Modelo de leitura documentária para elaboração de resumos de literatura infantojuvenil em prosa. *In*: FUJITA, Mariângela Spotti Lopes; ALVES, Roberta Caroline Vesu; ALMEIDA, Carlos Cândido de (Orgs.). **Modelos de leitura documentária para indexação**: abordagens teóricas interdisciplinares e aplicações em diferentes tipos de documentos. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020.

AMERICAN NATIONAL STANDARDS INSTITUTE/NATIONAL INFORMATION STANDARDS ORGANIZATION. Z39.19-2005 (R2010). **Guidelines for the construction, format, and management of monolingual controlled vocabularies**. Bethesda, Maryland: NISO Press, 2010.

ARKSEY, H., O'MALLEY, L., Scoping Studies: Towards a Methodological Framework, **Int. J. Soc. Res. Meth.**, v. 8, n. 1, p. 19-32, 2005.

ANGLO AMERICAN CATALOGING RULES - AACR. **Código de Catalogação Anglo-Americano**. 2. ed. São Paulo: FEBAB, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS - ABNT. **NBR 12.676**: métodos para análise de documentos - determinação de seus assuntos e seleção de termos de indexação. Rio de Janeiro, 1992.

AUDI, Daniel Ferné. **A produção de documentos musicográficos em universidades**: uma análise teórica. 2020. 144 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual Paulista, Marília, 2020.

BAIA, Silvano Fernando. Partitura, fonograma e outros suportes: fontes para a historiografia da música popular. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: ANPUH, 2011.

BAIRRAL, Adeilton. A conceituação de notação musical em dicionários terminológico-musicais dos séculos XVIII e XIX. **Revista do Programa de Pós-Graduação em música da Universidade de Brasília**. v. 4, n. 1. 2010.

BARBERO, Carola; CALZAVARINI, Fabrizio. Experiences of silent reading. **Phenomenology and the Cognitive Sciences**, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11097-024-09966-x>. Acesso em: 09 maio 2025.

BARBOSA, Aretusa Marques. **A representação temática de partituras de música sacra católica**. 2021. 58 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2021.

BARBOSA, Aretusa Marques; LUNARDELLI, Rosane Suely Alvares. A representação temática das partituras musicais e o manual de catalogação de partituras da escola de comunicação e artes da USP. *In*: Colóquio em Organização, Acesso e Apropriação da Informação e do Conhecimento (COAIC), 5., Londrina. **Anais** [...]. Londrina: UeL, 2021.

BARROS, C. M. **Representação da informação musical**: subsídios para recuperação da informação em registros sonoros e partituras no contexto educacional e de pesquisa. 2012. 150 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

BEGHTOL, C. **The classification of fiction**: the development of a system based on theoretical principles. Metuchen: Scarecrow Press, 1994.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos permanentes**: tratamento documental. 4. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991. 198 p.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos permanentes**: tratamento documental. São Paulo: FGV, 2007. 318 p.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. Da gênese à função: o documento de arquivo como informação e testemunho. *In*: FREITAS, L. S.; MARCONDES, C. H.; RODRIGUES, A. C. **Documento**: gênese e contextos de uso. Niterói: EdUFF, 2010. 161-175 p.

BENNETT, R. Forma e estrutura na música. Tradução de Carlos Csëko. **Cadernos de música da Universidade de Cambridge**, Rio de Janeiro: Zahar, 1986. 79 p.

BERTIAUX, Aurélien; GABRIELLI, François; GIRAUD, Mathieu; LEVÉ, Florence. Associations between music training and the dynamics of writing music by hand. **Musicae Scientiae**, v. 27, n. 1, p. 247-159, 2023.

BIBLIOTECA INSTITUTO ARTES DA UNESP. Disponível em: <https://www.ia.unesp.br/#!/sobre-o-campus/biblioteca/>. Acesso em: 02 fev. 2024.

BLERY, G. La mémoire photographique: interphototheque. **Paris**, n. 41, p. 9-33, 1981.

BLISS, Henry Evelyn. **The organization of knowledge and the system of the Sciences**. Nova Iorque: Henry Holt and Company, 1929.

BLISS, Henry Evelyn. **The organization of knowledge in libraries and the subject-approach to books**. 2. ed. Nova Iorque: Henry Holt and Company, 1933.

BORBA, Eliane Aparecida. **O ensino do modelo de leitura documentária como recurso pedagógico para indexação na perspectiva interativa entre profissional experiente e aprendiz**: aplicação do Protocolo Verbal Interativo na avaliação do uso e da ação de aprendizagem. 2006. 186 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual Paulista, Marília, 2006.

BORGES, Jane. Partitura musical: um instrumento de investigação em história da educação. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA (ANPPOM), 16., Brasília. **Anais [...]**. Brasília, 2006.

BOUHALI, Florence; MONGELLI, Valeria; SCHOTTEN, Michel Thiebaut; COHEN, Laurent. Reading music and words: the anatomical connectivity of musicians' visual cortex. **NeuroImage**, v. 212, 2020.

BRIET, Suzanne. **Qu'est-ce que la documentation?** Collection de documentologie 1. Paris:ditions documentaires, industrielles et techniques, 1951.

BRIET, Suzanne. **O que é a documentação?** Tradução de Maria de Nazareth Rocha Furtado. Brasília: Briquet de Lemos, 2016. 118 p.

BUCKLAND, M. Documentality beyond documents. **The Monist**, v. 97, n. 2, p. 179-186, 2014.

BUCKLAND, Michael. Document theory. **Knowledge Organization**, v. 45, n. 5, 2018.

BURGOS BORDONAU, E.; PETRESCU, C. Typology of the musical document: an approach to its study. **Bulletin of the Transilvania University of Brasov**, v. 4, n. 2, 2011.

CALDAS, S. E. S. **Organização e recuperação da informação musical**: o incipit como elemento de representação. 2018. 82 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

CARA, Michel A. The influence of music reading on spatial working memory and self-assessment accuracy. **Brain Sciences**, v. 14, n. 1152, 2024.

CARA; M. A.; GOMEZ VERA, G. Silent reading of music and texts: eye movements and integrative reading mechanisms. **Journal of Eye Movement Research**, v. 9, n. 2, p. 1-17, 2016.

CARDOSO, I. V. Vocabulário controlado para indexação de partituras de música brasileira: proposta de uma estrutura básica. **Transinformação**, v. 8, n. 3, p. 81-96, set./dez. 1996.

CARMO, Juliana Rabelo do; CONCEIÇÃO, Valdirene Pereira da. Processamento da linguagem natural do domínio musical: do sentido à gestão terminológica no ambiente e-terminos. **Informação & Informação**, v. 23, n. 3, p. 314-341, 2018.

CASTRO, Antônio José Jardim e. **Música**: uma outra densidade do real; para uma filosofia de uma linguagem substantiva. 1988. 205 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Conservatório Brasileiro de Música, Rio de Janeiro, 1988.

CAVALCANTI, M. C. **Interação leitor-texto**: aspectos de interação pragmática. Campinas: Editora da Unicamp, 1989.

CAVALCANTI, Hugo Carlos. **Da partitura musical**: um olhar estético à preservação da memória. 2013. 131 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Pernambuco, Recife, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/10425>. Acesso em: 20 ago. 2024.

CAVALCANTI, Hugo Carlos; CARVALHO, Maria Auxiliadora. A informação na música impressa: elementos para análise documental e representação de conteúdo. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 8, n. 2, p. 132-151, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1937>. Acesso em: 20 ago. 2024.

CAVINI, Maristella Pinheiro. **História da música ocidental**: uma breve trajetória desde a pré-história até o século XVII. São Carlos: USFCar, 2011.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO DE MÚSICA CONTEMPORÂNEA - CDMC. 2024. Disponível em: <https://www.cididic.unicamp.br/ciddic/cdmc/>. Acesso em: 23 ago. 2024.

CERVANTES, Brígida Maria Nogueira. Contribuição para a Terminologia do Processo de Inteligência Competitiva: estudo teórico e metodológico. Marília, 2004. 183f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2004.

CHAUMIER, J. **Analisis y lenguajes documentales**: el información documental. Barcelona: Mitre, 1986.

170p.

CHAPON, M. Le déchiffre ou comment redonner sens à la lecture de la partition. **CEFEDem Rhône-Alpes**, Promotion, 2000. Disponível em: <http://www.cefedem-aura.org/recherche/publications/memoire/le-dechiffre-ou-comment-redonner-sens-la-lecture-de-la-partition>. Acesso em 8 ago. 2024.

CINTRA, Anna Maria Marques. Estratégias de leitura em documentação. In: GRUPO TEMMA (Org.). **Análise documentária**: a análise da síntese. Brasília: IBICT, 1987. p. 27-36. Disponível em: <https://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/1011/1/An%C3%A1lise%20document%C3%A1ria.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2024.

COLLINSON, Robert Lewis. **Índices e indexação**: guia para a indexação de livros, e coleções de livros, periódicos, partituras musicais, discos, filmes e outros materiais, com uma seção de referência e sugestões para leitura adicional. Trad. Antônio Agenor Briquet de Lemos. São Paulo: Polígono, 1971.

CONSERVATÓRIO DE TATUÍ. 2024. Disponível em: <https://cdmcc.phlnet.com.br/cgi-bin/wxis.exe?IscScript=phl82.xis&cipar=phl82.cip&lang=por>. Acesso em: 23 ago. 2024.

CORREIA, Daniela de Oliveira. **Catalogação de partituras musicais**: uma trajetória pelos principais instrumentos de representação descritiva. 2022. 191 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

CRUZ, Maria Carolina Andrade. **Linguagens de indexação em bibliotecas universitárias**: estudo analítico em território nacional. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual Paulista, Marília, 2019.

CUELLAR, Guillermo. Estudio No. 1. SoundCloud. 2021. Disponível em: <https://soundcloud.com/guillermo-cuellar-43/estudio-no-1>. Acesso em: 14 ago. 2024.

D'ONOFRIO, S. **Forma e sentido do texto literário**. São Paulo: Ática, 2007

DAHLBERG, Ingetraut. Knowledge organization: a new science? **Knowledge organization**, v. 33, n. 1, p. 11-19, 2006.

DAL'EVEDOVE, Paula Regina. O tratamento temático da informação em abordagem sociocultural. 2014. 268 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual Paulista, Universidad de Murcia, Marília, Madrid, 2014.

DAL'EVEDOVE, P. R.; FUJITA, M. S. L. Estudo sociocultural da comunidade discursiva do tratamento temático da informação em bibliotecas universitárias. **Encontros Bibli**, v. 18, n. 36, p. 23-50, jan./abr., 2013

DEMÍCIO, Mauro Sergio; LUZ, Marcelo Caires; ARENA, Dagoberto Buim. Leitura de partitura musical e leitura de linguagem verbal escrita: convergências e divergências. **Música Hodie**, v. 20, 2020.

DIAS, E. W; NAVES, M. M. L. **Análise de assunto**: teoria e prática. Brasília. Thesaurus, 2007. Disponível em: <http://biblioteca.fespsp.org.br:8080/pergamumweb/vinculos/000008/000008f5.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2024.

DICKSON, Michael. Musical Notation. **Ergo an Open Access Journal of Philosophy**, v. 11, n. 1, 2024.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas: Papirus, 1994.

DUPRÁ, Marcos. **Curso de teoria**: a pauta - aula 1. [2016?]. Disponível em: <https://primeirosacordes.com.br/teoria/curso-de-teoria-a-pauta-aula-1.html>. Acesso em: 01 ago. 2024.

EDUCAÇÃO MUSICAL. **Figuras musicais e pausas**. 2018. Disponível em: <https://gracieducacaomusical.blogspot.com/2018/01/figuras-musicais-e-pausas.html>. Acesso em: 20 ago. 2024.

ERICSSON, K. Anders. An introduction to the Cambridge handbook of expertise and expert performance: its development, organization, and content. *In*: ERICSSON, K. Anders; CHARNESS, Neil; FELTOVICH, Paul J.; HOFFMAN, Robert R. (Eds.). **The Cambridge handbook of expertise and expert performance**. Reino Unido: Cambridge University Press, 2006.

ESCOLA SUPERIOR DE MÚSICA E ARTES DO ESPETÁCULO DO POLITÉCNICO DO PORTO - ESMAE. Disponível em: <https://www.esmae.ipp.pt/comunidade/biblioteca-esmae>. Acesso em: 02 fev. 2024.

FAGUNDES, Silvana Aparecida. **Leitura em análise documentária de artigos de jornal**. 1997. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia e Documentação) – Universidade Estadual Paulista, 1997.

FAGUNDES, Silvana Aparecida. **Leitura em análise documentária de jornais**. 2001. 214 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual Paulista, Marília, 2001.

FAGUNDES, Silvana Aparecida. Modelo de leitura documentária para indexação de artigos de jornal. FUJITA, Mariângela Spotti Lopes; ALVES, Roberta Carolina Vesu; ALMEIDA, Carlos Cândido de (Orgs.). **Modelos de leitura documentária para indexação**: abordagens teóricas interdisciplinares e aplicações em diferentes tipos de documentos. São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Oficina Universitária, 2020. p 323-346.

FALBO, Ricardo de Almeida. Mapeamento sistemático. **Retrieved October**, v. 7, 2018.

FARIA, Maurício Marques de. O tratamento documental dos arquivos musicais e a busca de práticas comuns no tratamento de música brasileira para orquestra. **Opus**, v. 15, n. 1, p. 85-90, 2009. Disponível em: <https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/267>. Acesso em: 02 jun. 2024.

FERRAZ, Daniela dos Reis. **Modelo de leitura documentária em artigos de jornais no ensino de biblioteconomia**. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Biblioteconomia) - Universidade Estadual Paulista, Marília, 2008.

FERREIRA, Ana Carolina; MACULAN, Benildes Coura Moreira dos Santos. Indexação de acórdãos no contexto dos tribunais de contas: estudos preliminares para a elaboração de um modelo de leitura técnica. **Informação & Informação**, Londrina, v. 22, n. 2, p. 511-531, maio/ago. 2017.

FERREIRA, Ana Carolina; MACULAN, Benildes Coura Moreira dos Santos. Modelo de leitura técnica para a análise de assunto de acórdãos dos tribunais de contas. In: FUJITA, Mariângela Spotti Lopes; ALVES, Roberta Carolina Vesu; ALMEIDA, Carlos Cândido de (Orgs.). **Modelos de leitura documentária para indexação**: abordagens teóricas interdisciplinares e aplicações em diferentes tipos de documentos. São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Oficina Universitária, 2020. p. 383-404.

FIGUEIREDO, Diego Rodrigues; SOUZA, Joice Cleide Cardoso Ennes de; SOUZA, Elisabete Gonçalves de. Catalogação descritiva e temática de documentos musicais no contexto da biblioteca universitária. **Biblos**: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Rio Grande, v. 34, n. 2, p. 167-187, jul./dez. 2020.

FOUCAMBERT, Jean. **Modos de ser leitor**: aprendizagem e ensino da leitura no ensino fundamental. Curitiba: Editora UFPR, 2008, p. 61-103

FRANCELIN, Marivalde Moacir. Ordem dos conceitos na organização da informação e do conhecimento. 2010. 220 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. **PRECIS na língua portuguesa**: teoria e prática de indexação. Brasília: UnB/ABDF, 1989. 213 p.

FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. **A leitura documentária do indexador**: aspectos cognitivos e linguísticos influentes na formação do leitor profissional. 2003. 315 f. Tese (Livre-docência em Análise Documentária e Linguagens Documentárias Alfabéticas) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2003.

FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. A leitura documentária na perspectiva de suas variáveis: leitor-texto-contexto. **DataGramaZero**: Revista de Ciência da Informação, v. 5, n. 4, 2004.

FUJITA, M. S. L. Abordaje cognitivo de la lectura documentaria en la formación inicial del indexador: uso del protocolo verbal en la investigación de estrategias de enseñanza. **Scire**, Zaragoza, v. 15, p. 1-12, 2009,

FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. A política de indexação para representação e recuperação da informação. *In*: GIL LEIVA, Isidoro; FUJITA, Mariângela Spotti Lopes (Orgs.). **Política de indexação**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Oficina Universitária, 2012, p. 17-28.

FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. A representação documentária no processo de indexação com o modelo de leitura documentária para textos científicos e livros: uma abordagem cognitiva com o protocolo verbal. **Ponto de Acesso**, v. 7, n. 1, p. 42-66, 2013. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/8135>. Acesso em: 15 maio 2024.

FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. A leitura documentária e o processo de compreensão do indexador: memorial de investigação científica. *In*: FUJITA, Mariângela Spotti Lopes; NEVES, Dulce Amélia de Brito; DAL'EVEDOVE, Paula Regina (Orgs.). **Leitura documentária: estudos avançados para a indexação**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Oficina Universitária, 2017.

FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. Linguagem natural ou linguagem controlada: influência da palavra-chave na representação para indexação e recuperação de informações. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 30, n. 4, p. 1-29, out./dez. 2020.

FUJITA, Mariângela Spotti Lopes; ALVES, Roberta Carolina Vesu; ALMEIDA, Carlos Cândido de (Orgs.). **Modelos de leitura documentária para indexação: abordagens teóricas interdisciplinares e aplicações em diferentes tipos de documentos**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Oficina Universitária, 2020. 460 p.

FUJITA, Mariângela Spotti Lopes; LIMA, Gercina Ângela Borem de Oliveira; REDIGOLO, Franciele Marques. A interdisciplinaridade conceitual de contexto na perspectiva da representação do conhecimento. **Fronteiras da Representação do Conhecimento**, v. 2, n. 2, 2022.

FUJITA, Mariângela Spotti Lopes; NEVES, Dulce Amélia de Brito; DAL'EVEDOVE, Paula Regina (Orgs.). **Leitura documentária: estudos avançados para a indexação**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Oficina Universitária, 2017.

FUJITA, Mariângela Spotti Lopes; RUBI, Milena Polsinelli. Um modelo de leitura documentária para a indexação de artigos científicos: princípios de elaboração e uso para a formação de indexadores. **Datagramazero**, v. 7, p.1 - 18, 2006a.

FUJITA, Mariângela Spotti Lopes; RUBI, Milena Polsinelli. Modelo de lectura profesional para la indización. **Scire**, v.12, p. 47 - 69, 2006b.

FUJITA, Mariângela Spotti Lopes; RUBI, Milena Polsinelli. Processo de leitura para análise documental: proposição metodológica. *In*: FUJITA, Mariângela Spotti Lopes;

ALVES, Roberta Carolina Vesu; ALMEIDA, Carlos Cândido de (Orgs.). **Modelos de leitura documentária para indexação**: abordagens teóricas interdisciplinares e aplicações em diferentes tipos de documentos. São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Oficina Universitária, 2020. p. 243-270.

GAERTNER, Leandro; PEREIRA, Ana Paula. O que o texto musical tem a nos dizer? reflexões a partir do processo inferencial. **Música Hodie**, v. 9, n. 2, 2009.

GAIO, Roberta; CARVALHO, R. B. de; SIMÕES, R. Métodos e técnicas de pesquisa: a metodologia em questão. *In*: GAIO, R. (Org.). **Metodologia de pesquisa e produção de conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 2008.

GANCHO, C. V. **Como analisar narrativas**. 9. ed. São Paulo: Ática, 2014.

GANDELMAN, Salomea. Breve História da notação musical. **Música Sacra e Adoração**. 2003. Disponível em: <https://musicaeadoracao.com.br/26041/breve-historia-da-notacao-musical/>. Acesso em: 20 ago 2024.

GATTO, Ana Clara; ALMEIDA, Carlos Cândido. Modelo semiótico de leitura documentária para indexação de fotografias. *n*: FUJITA, Mariângela Spotti Lopes; ALVES, Roberta Carolina Vesu; ALMEIDA, Carlos Cândido de (Orgs.). **Modelos de leitura documentária para indexação**: abordagens teóricas interdisciplinares e aplicações em diferentes tipos de documentos. São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Oficina Universitária, 2020. p. 425-444.

GENETTE, Gérard. **Seuils**. [s. l]: Seuils, 1987.

GENETTE, Gérard. **Paratextos editoriais**. Cotia: Ateliê, 2009.

GENETTE, Gérard. **Palimpsestos**: a literatura de segunda mão. Belo Horizonte: Viva Voz, 2010.

GERAÇÃO - ESCOLA DE MÚSICA. **Conhecendo as “notas” (Figuras musicais)**. 2021. Disponível em: <https://geracaom.com.br/2021/08/03/figuras-musicais/>. Acesso em: 21 ago. 2024.

GIASSON, Jocelyne. **A compreensão na leitura**. Lisboa: Asa, 1993. 317 p.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GIL LEIVA, Isidoro. **Manual de indización**: teoría y práctica. Gijón: Trea, 2008.

GIL LEIVA, Isidoro. Aspectos conceituais da indexação. *In*: GIL LEIVA, Isidoro; FUJITA, Mariângela Spotti Lopes (Orgs.). **Política de indexação**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Oficina Universitária, 2012, p. 31-107.

GILLILAND-SWETLAND, A. J. La definición de los metadatos. **INTRODUCCIÓN a los metadatos: vías a la información digital**. [S. l.]: GETTY, 1999. p. 1-9.

Goolsby, T. W. (1994). Eye movement in music reading: Effects of reading ability, notational complexity, and encounters. **Music Perception**, v. 12, n. 1, p. 77–96, 1994.

GOMES, Hagar Espanha. O indexador face às novas tecnologias de informação. **Transinformação**, v. 1, n. 2, maio/ago. 1989. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/transinfo/article/view/1689>. Acesso em: 04 ago. 2024.

GOMES, Amanda P. S. A atuação profissional em arquivos musicais: algumas considerações. **Múltiplos olhares em Ciência da Informação**, n. 1, v. 7, 2017.

GOMES, Débora Pinho; OLIVEIRA, Paula Martins de. O que são o gênio, sublime e a bela arte para Kant. *In*: Seminário de Filosofia e Sociedade: estética, literatura e filosofia social, 3., Santa Catarina. **Anais [...]**. Santa Catarina: UNESCO, 2017.

GRABE, W. Revalorización del término “interactivo”. *In*: RODRIGUES, E.; LAGER, E. (org.). **La lectura**. Santiago de Cali: Universidad del Valle, 1997. p. 81-97.

GRANT, Kerry S. Burney, Charles. **Grove Music Online**, 2001. <https://doi.org/10.1093/gmo/9781561592630.article.04399>.

HJØRLAND, Birger. What is Knowledge Organization (KO)? **Knowledge Organization**, v. 35, n. 2/3, p. 86-101, 2008.

HJØRLAND, Birger. Knowledge Organization (KO). **Knowledge Organization**, v. 43, n. 6, p. 475-484, 2016.

HJØRLAND, Birger. Indexing: concepts and theory. **Knowledge Organization**, v. 45, n. 7, p. 609-639, 2018.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS. **ISBD International Standard Bibliographic Description**. Consolidated edition. München: IFLA; K.G. Saur, 2011. Disponível em: [https://www.ifla.org/files/assets/cataloguing/isbd/isbd-cons\\_20110321.pdf](https://www.ifla.org/files/assets/cataloguing/isbd/isbd-cons_20110321.pdf). Acesso em: 16 abr. 2024.

INTERNATIONAL MUSIC SCORE LIBRARY PROJECT – IMSLP. About: Goals. 2025. Disponível em: <https://imslp.org/wiki/IMSLP:Goals>. Acesso em: 07 jul. 2025.

INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR STANDARDIZATION. **ISO 25964-1**: information and documentation- Thesauri and interoperability with other vocabularies - part 1: Thesauri for information retrieval. Genebra, 2011.

IWASHITA, Karina Harumi. **Estratégias de leitura para elaboração de resumos em energia nuclear**. 1999. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Biblioteconomia) - Universidade Estadual Paulista, Marília, 1999.

JOINT STEERING COMMITTEE FOR REVISION OF AACR. **Código de catalogação Anglo-americano (AACR2)**. 2. ed. Tradução de FEBAB. São Paulo: FEBAB, 2002.

KÁROLYI, Ótto. **Introdução à música**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002. 205 p.

KATO, Mary A. **No mundo da escrita**: uma perspectiva psicolingüística. São Paulo: Ática, 1986. 144 p.

KATO, Mary A. **O aprendizado de leitura**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

KELLY, Diane; SUGIMOTO, Cassidy R. A systematic review of interactive information retrieval evaluation studies, 1967-2006. **Journal of The American Society for Information Science and Technology**, v.64, n.4, p.745-770, 2013.

KHAN, Khalid. Undertaking systematic reviews of research on effectiveness: CRD's guidance for carrying out or commissioning reviews. York: University of York, 2001.

KITCHENHAM, B; CHARTERS, S. **Guidelines for performing systematic literature reviews in software engineering**. Version 2.3. Keele: Keele University / School of Computer Science and Mathematics / Software Engineering Group, 2007. 65 p.

KITCHENHAM, Barbara A.; BUDGEN, David; BRERETON, O Pearl. Using Mapping Studies as the Basis for Further Research – A Participant-Observer Case Study. **Information and Software Technology**, vol. 53, 2011, p. 638-651.

KIVY, P. **The Performance of Reading**: An Essay in the Philosophy of Literature. Blackwell: 2006.

KOBASHI, Nair Y. **A elaboração de informações documentárias**: em busca de uma metodologia. 1994. 195 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 1996.

LAM, Margaret. Beyond the score: music visualization and digital humanities. **Bulletin of American Society for Information Science and Technology**, v. 38, n. 4, abr./maio, 2012.

LE COADIC, Y. **A Ciência da Informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1996.

LEHMANN, Andreas C.; GRUBER, Hans; KOPIEZ, Reinhard. Expertise in music. *In*: ERICSSON, K. Anders; CHARNESS, Neil; FELTOVICH, Paul J.; HOFFMAN, Robert

R. (Eds.). **The Cambridge handbook of expertise and expert performance**. Reino Unido: Cambridge University Press, 2006.

LIMA, Elaine Aparecida. **A identificação de metadados de assunto para a legislação federal brasileira**: o caso do sistema legin web da câmara dos deputados. 2013. 101 f. Monografia (Especialização em Arquitetura e Organização da Informação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

LIMA, Gercina Ângela; FUJITA, Mariângela Spotti Lopes; REDIGOLO, Franciele Marques. A importância do contexto para a indexação. **PontodeAcesso**: Revista do Instituto de Ciência da Informação da UFBA, v. 15, n. 3, 2021.

LIMA, Vânia M. A. A documentação audiovisual. *In*: **Tópicos para o ensino de biblioteconomia**. São Paulo: ECA-USP, 2016. 190 p.

LISENA, Pasquale; TRONCY, Raphaël. DOing REusable MUSical data (DOREMUS). *In*: Proceedings do K-CAP2017 Workshops and Tutorials, 17., Nova Iorque. **Anais** [...]. Nova Iorque: Association for Computing Machinery, 2017.

LOBO, Phillippe. **Como ler e escrever partituras I**: altura. CifraClub, s. d. Disponível em: [https://studiosol-a.akamaihd.net/gcs/cifraclub/contrib/tutoriais/apostila\\_partituras\\_1\\_final.pdf](https://studiosol-a.akamaihd.net/gcs/cifraclub/contrib/tutoriais/apostila_partituras_1_final.pdf). Acesso em: 02 set. 2024.

LOPEZ, Andre Porto. Organização arquivística de documentos imagéticos e pesquisa histórica. **Cadernos de Metodologia e Técnica de Pesquisa**, v. 7, p. 189-198, 1996.

LUND, Niels W. Document theory. **Arist**, v. 43, n. 1, p. 1-55, 2009.

MACNEIL, Heather. **Trusting records**: legal, historical and diplomatic perspectives. The Netherlands: Kluwer Academic Publishers, 2000. 163 p.

MADIO, Telma Campanha de Carvalho; FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. Importância da gênese documental para identificação de acervos fotográficos. *In*: **Ibersid**. Zaragoza: 2008. p. 251-261.

MAFRA, Hugo Guimarães Figueiredo; CORDEIRO, Rosa Inês de Novais. Paratexto na Ciência da Informação: abordagens existentes na literatura científica. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 17, p. 1-28, 2024.

MANINI, Miriam Paula. **Análise documentária de fotografias**: um referencial de leitura de imagens fotográficas para fins documentários. 2002. Tese (Doutorado em Ciência da Informação e Documentação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2002.

MATOS, A. L. H. **Documentação musical**: discussão sobre a representação temática de partituras a partir de um enfoque interdisciplinar. 2007. 104 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes, São Paulo, 2007.

MATTOS, Sandra Maria Nascimento de. **Conversando sobre metodologia da pesquisa científica**. Porto Alegre: Editora Fi, 2020. 265 p.

MÉNDEZ RODRÍGUEZ, Eva. **Metadados y recuperación de información**: estándares, problemas y aplicabilidad en bibliotecas digitales. Gijón: Trea, 2002. 429 p.

MEY, Eliane Serrão Alves. Bibliotheca Alexandrina. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 1, n. 2, p. 71-91, jan./jun. 2004.

MICHELS, U. **Atlas de música**. Madrid: Alianza, 1992.

MICROSOFT. [S.D]. Disponível em: <https://support.microsoft.com/pt-br/office/criar-um-diagrama-de-venn-d746a2ce-ed61-47a7-93fe-7c101940839d>. Acesso em: 04 set. 2024.

MODELO DE LEITURA PARA INDEXAÇÃO DE TEXTOS CIENTÍFICOS: MANUAL EXPLICATIVO. In: FUJITA, Mariângela Spotti Lopes; NEVES, Dulce Amélia de Brito; DAL'EVEDOVE, Paula Regina (Orgs.). **Leitura documentária**: estudos avançados para a indexação. São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Oficina Universitária, 2017, p. 133-156.

MOJOLA, Celso. O processo composicional e a notação da música contemporânea: um relacionamento de informação e criatividade. **Opus**, v. 2, n. 2, jun. 1990.

MOREIRA, Walter. **Sistemas de organização do conhecimento**: aspectos teóricos, conceituais e metodológicos. 2018. 164 f. Tese (Livre docência em Sistemas de Organização do Conhecimento) - – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2018.

MOREIRA GONZALEZ, J. A. **El contenido de los documentos textuales**: su análisis y representación mediante el lenguaje natural. Gijón: Trea, 2004. 2004

MOURA, Jozuel Vitorino. **A questão da informação musical**: diálogos entre organização do conhecimento, semiótica e música. 2019. 102 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2019.

MOURA, Milene Rosa de Almeida; COSTA, Luzia Sigoli Fernandes. Estudo comparativo do padrão de descrição de informação e MARC 21 em partitura de painola. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 23, n. 4, p. 39-52, out./dez. 2018.

NAPOLITANO, Marcos. **História & música**: história cultural da música popular. Belo Horizonte: Autêntica. 2002. 120p.

NARDI, I. A. **As expressões metafóricas na compreensão de texto escrito em língua estrangeira**. 1993. 163 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1993.

NARDI, M. I. A. **A metáfora e a prática de leitura como evento social: instrumentos do pensar a Biblioteconomia do futuro**. 1999. 272 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1999. Disponível em: <https://www.alleaula.fe.unicamp.br/a-metaphora-e-a-pratica-de-leitura-como-evento-socialinstrumentos-do-pensar-a-biblioteconomia-do>. Acesso em 03 jul. 2024.

NEVES, Dulce A. de B. **Metacognição, informação e conhecimento: pensando em como pensar**. Recife: Nectar, 2011.

NOGUEIRA, Ilza. O texto musical: considerações sobre manuscritos e edições eletrônicas. **Música em Perspectiva**, v. 2, n. 1, p. 27-46, mar. 2009.

OLIVEIRA, Daniele Muriel de. **O indexador enquanto leitor**. 2002. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Biblioteconomia) - Universidade Estadual Paulista, Marília, 2002.

OLIVEIRA, Heitor Martins. Teoria, análise e nova musicologia: debates e perspectivas. **Opus**, v. 14, n. 2, np. 100-114, dez. 2008.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Index Medicus Global (IMG)**. 2024. Disponível em: [https://pesquisa.bvsalud.org/gim/decs-locator/?lang=pt&mode=&tree\\_id=C01.748.610.763.500](https://pesquisa.bvsalud.org/gim/decs-locator/?lang=pt&mode=&tree_id=C01.748.610.763.500). Acesso em: 20 ago. 2024.

OTLET, Paul. **Traité de documentation: Le livre sur le livre, théorie et pratique**. Bruxelles: Editiones Mundaneum, 1934.

OTLET, Paul. **El tratado de documentación: el libro sobre el libro: teoría y práctica**. Murcia: Editum, 1996.

PACHECO, Kátia Lúcia. **Obra e instâncias na organização da informação musical: estudo da adequação do modelo conceitual FRBR**. 2016. 242 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

PARSIFAL. 2024. Disponível em: <https://parsif.al/jtolare/>. Acesso em: 02 set. 2024.

PEDAUQUE, Rogelio T. Forma, signo y medio, reformulaciones de lo digital. **Archives-Ouvertes**, 2003. Disponível em: [https://archivesic.ccsd.cnrs.fr/sic\\_00001160/document](https://archivesic.ccsd.cnrs.fr/sic_00001160/document). Acesso em: 20 jul. 2024.

PEREIRA, Adriana Soares; SHITSUKA, Dorlivete Moreira; PARREIRA, Fabio José; SHITSUKA, Ricardo. **Metodologia da pesquisa científica**. Santa Maria: UFSM,

2018. Disponível em:

[https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15824/Lic\\_Computacao\\_Metodologia-Pesquisa-Cientifica.pdf](https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15824/Lic_Computacao_Metodologia-Pesquisa-Cientifica.pdf). Acesso em: 03 maio 2024.

PETERSEN, Kai; FELDT, Robert; MUJTABA, Shahid; MATTSSON, Michael. Systematic Mapping Studies in Software Engineering. *In: Proceedings of the 12th International Conference on Evaluation and Assessment in Software Engineering (EASE 2008)*, 12., Reino Unido. **Anais [...]**. Reino Unido: BCS Learning & Development Ltd, 2008, p. 68-77.

PIANISSIMO. **A origem da pauta musical**: instrumentos musicais, música clássica, pianistas e compositores. 2021. Disponível em: <https://pianissimo.ovar.info/2021/08/16/a-origem-da-pauta-musical/>. Acesso em: 20 ago. 2024.

PINTO MOLINA, M.; GARCÍA MARCO, F. Y.; AGUSTÍN LACRUZ, M. C. **Indización y resumen de documentos digitales y multimedia**: técnicas y procedimientos. Gijón: Trea, 2002. 350p.

PIRES, Rosângela Antonio. **Estratégias de leitura para a indexação em agronomia**. 1999. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Biblioteconomia) - Universidade Estadual Paulista, Marília, 1999.

PLATÃO. **Protagoras**. Trad. C. C. W. Taylor. Reino Unido: Oxford University Press, 1991.

PROENÇA JÚNIOR, Domício; SILVA, Édison Renato. Contexto e processo do mapeamento sistemático da literatura no trajeto da pós-graduação no Brasil. **Transinformação**, v. 28, n. 2, p. 233-240, maio/ago. 2016.

RAMIRES, Angelina Quinalia. Estratégias de leitura no ensino fundamental para a formação de leitores profissionais em indexação. 2022. 104 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual Paulista, Marília, 2022.

RAMONEDA, Pedro; JOENG, Dasaem; EREMENKO, Vsevolod; TAMER, Nazif Can; MIRON, Marius; SERRA, Xavier. Combining piano performance dimensions for score difficulty. **Expert Systems with applications**, v. 238, 2024.

REDIGOLO, F. M. **O processo de análise de assunto na catalogação de documentos**: a perspectiva sociocognitiva do catalogador em contexto de biblioteca universitária. (Mestrado em Ciência da Informação), Marília, 2010. Disponível em: [https://www.marilia.unesp.br/Home/PosGraduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/redigolo\\_fm\\_me\\_mar.pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/PosGraduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/redigolo_fm_me_mar.pdf). Acesso em: 07 ago. 2024.

REDIGOLO, Franciele Marques; FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. A leitura profissional do catalogador e seu papel como mediadora da informação. **Informação & Informação**, Londrina, v. 20, n. 3, p. 356-376, set./dez. 2015.

REIS, Daniela Majorie Akama dos. **A leitura documentária de bibliotecários jurídicos**: um estudo realizado a partir de aspectos da semiose e teoria da inferência observados na estrutura textual de doutrina. 2019. 212 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual Paulista, Marília, 2019.

REIS, Daniela Majorie Akama dos. Procedimentos de leitura documentária para indexação de doutrina: um estudo com base em estruturas textuais. *In*: FUJITA, Mariângela Spotti Lopes; ALVES, Roberta Carolina Vesu; ALMEIDA, Carlos Cândido de (Orgs.). **Modelos de leitura documentária para indexação**: abordagens teóricas interdisciplinares e aplicações em diferentes tipos de documentos. São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Oficina Universitária, 2020. p. 271-294.

REIS, Sandra Loureiro de Freitas. Musicologia e filosofia: mimesis na linguagem musical. *In*: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA (ANPPOM), 13., 2001, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: UFMG, p. 496-500, 2001.

REYES GALLEGOS, A. M. Los acervos de documentos musicales: libros raros, libros especiales? **Instituto de Investigaciones Bibliotecológicas y de la información**, v. 30, n. 70 p. 129-163, set./dez. 2016.

RODRIGUES, A.; GUERRA, L.; LOUREIRO, M. Visual attention in musicians and non-musicians: A comparative study. *In*: PROCEEDINGS OF THE 3RD INTERNATIONAL CONFERENCE ON INTERDISCIPLINARY MUSICOLOGY, 3., Tallinn, Estonia. **Anais [...]** Estônia: 2007.

RUBI, M. P. Estratégias de leitura documentária para indexação: um estudo de caso com o Centro de Informações Nucleares (CIN). *In*: Mariângela Spotti Lopes Fujita, Dulce Amélia de Brito Neves, Paula Regina Dal'Evedove. (Org.). **Leitura documentária**: estudos avançados para a indexação. Marília; São Paulo: Oficina Universitária; Cultura Acadêmica, 2017, v. 1, p. 69-91. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/leitura-documetnaria---ebook.pdf>. Acesso em 15 jan. 2024.

RUDIO, F. V. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. 31. ed. Petrópolis: Vozes. 2003

SABBAG, Deise Maria Antonio. Modelo de leitura documentária para indexação de textos narrativos de ficção. *In*: FUJITA, Mariângela Spotti Lopes; ALVES, Roberta Carolina Vesu; ALMEIDA, Carlos Cândido de (Orgs.). **Modelos de leitura documentária para indexação**: abordagens teóricas interdisciplinares e aplicações em diferentes tipos de documentos. São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Oficina Universitária, 2020. p. 295-322. 2013

SALAMENE, Jamile. **Formação e capacitação do indexador em leitura documentária no Brasil**: bases conceituais e técnicas. 2000. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Biblioteconomia) - Universidade Estadual Paulista, Marília, 2000.

SAMSON, Jim. Genre. **The New Grove Dictionary of Music and Musicians**, v. 9, p. 657-659, 2001.

SENSO, J. A.; ROSA PIÑERO, A. de la. El concepto de metadato. Algo más que descripción de recursos electrónicos. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 2, p. 95-106, maio/ago. 2003

SHATFORD, S. Analyzing subject of a picture: a theoretical approach. **Cataloging and Classification Quarterly**, New York, v. 6, n. 3, p. 39-62, 1986.

SHATFORD LAYNE, S. Some issues in the indexing of images. **Journal of the American Society for Information Sciences**, v. 45, n. 8, p. 583-588, 1994.

SILVA, Juliana Rocha de Faria; CRUZ, Fernando William; ALVARES, Lillian Maria Araújo de Rezende. A música: sua representação e recuperação sob o foco da Ciência da Informação. **Música em Contexto**, n. 1, p. 175-219, 2015.

SILVA, Leidilene Alexandrino da; OLIVEIRA, Lais Pereira. Abordagem teórico conceitual da leitura técnica na Ciência da Informação de 1972 a 2018. **ConCI: Conv. Ciência da Informação**, v. 2, n. 1, p. 2-22, 2019.

SILVA, Maria dos Remédios da. **A leitura documentária na prática de indexação: análise evolutiva de tendências**. 2000. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Biblioteconomia) - Universidade Estadual Paulista, Marília, 2000.

SILVA, Maria dos Remédios da. **Leitura documentária: exploração da estrutura textual como estratégia na busca pela tematicidade do documento**. 2004. Dissertação (Mestrado em Pós-Graduação Em Ciência da Informação) - Universidade Estadual Paulista, Marília, 2004.

SILVA, Raquel da Costa; ALDABALDE, Taiguara Villela. Metadados aplicados às partituras musicais em meio digital: um estudo comparativo a partir dos acervos digitalizados de Chiquinha Gonzaga e Tom Jobim. **Ágora: Arquivologia em debate**, v. 31, n. 62, p. 01-20, jan./jun. 2021.

SILVA, Marcia Regina da; CASTRO, Fabiano Ferreira; LEMES, Gabriella Caroline. Catalogação de partituras musicais: reflexões e aplicações em acervos institucionais. **Documentación de las Ciencias de la Información**, v. 45, n. 1, p. 83-93, 2022.

SILVA, Maria dos remédios da; FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. A prática de indexação: análise da evolução de tendências teóricas e metodológicas. **Transinformação**, v. 16, n. 2, p. 133-161, maio/ago. 2004.

SHAYMUKHAMETOVA, Liudmila N. The Semantic structures of the musical text and practical semantics. **International Division**, n. 3, 2021.

SKARE, Roswitha. Paratext. **Knowledge Organization**, Baden-Baden, v. 47, n. 6, p. 511-519, 2020. 2020

SLOBODA, J. A. Experimental studies of musical reading: a review. **Music Perception**, v. 2, n. 2, p. 222-236, 1984.

SMIRAGLIA, Richards P. Musical works and information retrieval. **Music Library Association**, v. 58, n. 4, p. 747-764, jun. 2002.

SMIT, J. W. Análise da imagem: um primeiro plano. *In*: SMIT, J. W. (coord.). **Análise documentária: a análise da síntese**. 2. ed. Brasília: IBICT, 1989.

SMIT, J. W. Algumas questões sobre os documentos audiovisuais em bibliotecas. **Ensaio APB**, São Paulo, n. 23, 1995.

SMIT, J. W. Documentação audiovisual. *In*: BELLOTTO, H. L.; LIMAS, Y. D.; SMIT, J.W (coord.). **Organização de arquivos**. São Paulo: ECA/USP, 2000, p. 67-80.

SMITH, Frank. **Compreendendo a leitura**: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler. Trad: Daise Batista. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. 444p.

SOTUYO BLANCO, P. **Ampliando a discussão em torno de documentos audiovisuais, iconográficos, sonoros e musicais**. Salvador: EDUFBA, 2016. 170 p. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/20828>. Acesso em: 04 abr. 2024.

SOUZA, Jusamara Vieira. Sobre as múltiplas formas de ler e escrever música. *In*: NEVES, Iara Conceição Bitencourt (Org.). **Ler e escrever**: compromisso de todas as áreas. 7. Ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

SOUZA, Raquel Costa de; OLIVEIRA, Eliane Braga de. A biblioteca especializada na Ciência da Informação. **Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, v. 31, n. 1, p. 185-194, jan./jun. 2017.

SOUZA, Bridget Brandão Suhett de; SOUZA, Joice Cleide Cardoso Ennes de. Princípios para análise da partitura musical como documento arquivístico. **Archeion Online**, v. 2, n. 2, p. 30-54, jul./dez. 2014.

SOUZA, Terezinha Batista de; CATARINO, Maria Elizabete; SANTOS, Paulo Cesar dos. Metadados: catalogando dados na internet. **Transinformação**, v. 9, n. 2, 1997. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/transinfo/article/view/1586>. Acesso em: 04 jul. 2024.

STENBERG, Arild; CROSS, Ian. White spaces, music notation and the facilitation of sight-reading. **Scientific Reports**, v. 9, n. 5299, 2019.

STREHL, Letícia. Avaliação da consistência da indexação realizada em uma biblioteca universitária de artes. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 27, n. 3, p. 329-335, set./dez. 1998.

TABLATURAS E CIFRAS. **7 simples passos para você aprender como ler partitura**. 2017. Disponível em: <https://tablaturasecifras.com.br/como-ler-partitura/>. Acesso em: 21 ago. 2024.

TÁLAMO, M. F. G. M. **Elaboração de resumos**. São Paulo: ECA/USP, 1987. 14p.

TÁLAMO, Maria de Fátima Gonçalves Moreira. A compreensão literal de textos. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes-USP. **Cadernos de análise documentária**, São Paulo, n. 1, p., 13-22, maio, 1994.

TARTAROTTI, Roberta Cristina Dal'Evedove. **Compreensão de leitura em análise de assunto para identificação e seleção de conceitos**. 2002. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Biblioteconomia) - Universidade Estadual Paulista

TARTAROTTI, Roberta Cristina Dal'Evedove. **Atuação bibliotecária no tratamento temático da informação em unidades de informação**: estudo comparativo qualitativo, 2014. 277f. Dissertação (Mestrado em Ciência, Tecnologia e Sociedade) - Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, São Carlos, 2014. Disponível: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/1140/6320.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 16 jan. 2024.

TARTAROTTI, Roberta Cristina Dal'Evedove; DAL'EVEDOVE, Paula Regina; FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. Protocolo Verbal em grupo e a pesquisa brasileira em organização e representação do conhecimento. **Encontros Bibli: revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 22, n. 48, p. 41-58, 2017.

TERRA, Ana Lúcia. Processos cognitivos na leitura documental: o que faz o indexador quando lê? In: FUJITA, Mariângela Spotti Lopes; NEVES, Dulce Amélia de Brito; DAL'EVEDOVE, Paula Regina (Orgs.). **Leitura documentária: estudos avançados para a indexação**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Oficina Universitária, 2017, p. 51-68.

THOMAS, David H.; SMIRAGLIA, Richard P. Beyond the score. **Notes: The quarterly Journal of the Music Library**, v. 54, p. 649-666, 1998. Disponível em: <https://archives.ismir.net/ismir2001/paper/000018.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2024.

TOLARE, Jessica Beatriz. **O uso de linguagem de indexação na representação temática**: observação com Protocolo Verbal Individual. 2021. 125 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual Paulista, Marília, 2021.

TOLARE, Jessica Beatriz; FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. Análise da representação e recuperação de partituras em catálogos especializados. **InCID: R. Ci. Inf. e Doc.**, v. 11, n. 1, p. 150-173, mar./ago. 2020.

TRUITT, F. E.; CLIFTON, C.; POLLASTEK, A.; RAYNER, K. The perceptual span and the eye-hand span in sight-reading music. **Visual Cognition** v. 4, p. 143-161, 1997.

United Nations International Scientific Information System - UNISIST. Princípios de indexação. Traduzido por Maria Cristina Mello Ferreira Pinto. Revista **Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 10, n. 1, p. 83-94, 1981. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/reb/>. Acesso em: 16 ago. 2024.

URBANIK, Elizabeth. Sheet music cataloging for the non-specialist; the templeton collection of Mississippi State University. **Library Collections, Acquisitions & Technical Services**, v. 27, p. 249-259, 2003.

VAN DIJK, T. A. Pragmatic connectives. **Journal of Pragmatics**, v. 3, p. 447-456, 1979.

VAN DIJK, T. A.; KINTSCH, W. **Strategies of discourse comprehension**. New York  
Orlando: Academic Press, 1983. 337 p.

VAN DIJK, T. A. **Estructuras y funciones del discurso**: una introducción interdisciplinaria a la lingüística del texto y a los estudios del discurso. 10. ed. Trad: Myra Gann e Martí Mur. Madrid: Siglo Veintiuno, 1996.

VAN DIJK, T. A. El estudio del discurso. In: VAN DIJK, T. A. (coord.). **estudios sobre el discurso I**: uma introducción multidisciplinaria. Barcelona: Gedisa, 2000. p. 21-65.

VAN DIJK, T. A. **Cognição, discurso e interação**. São Paulo: Contexto, 2004.

VAN SLYPE, G. **Lenguajes de indización**: concepción, contrucción y utilización en los sistemas documentales. Trad: Pedro Hípola e Félix de Moya. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 1991.

WATERS, A. J.; TOWNSEND, E.; UNDERWOOD, G. Expertise in musical sight-reading: A study of pianists. **British Journal of Psychology**, v. 89, p. 123–149, 1998.

WILLEMS, E. **As bases psicológicas da educação musical**. Fundação Calouste Gulbenkian, Bienne (Suíça): Edições Pró-Música, 1970.

ZENG, Marcia Lei; QIN, Jian. **Metadata**. New York: Neal-Schuman Publishers, 2008.

## APÊNDICES

### Apêndice A - Modelo de e-mail de contato

Prezado (a), Senhor(a), Boa tarde, tudo bem?

Venho, por meio deste, solicitar a possibilidade de obter autorização para que eu, Jessica Beatriz Tolare, aluna regularmente matriculada no curso de Doutorado em Ciência da Informação, do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, da Unesp - Campus de Marília e bolsista de pesquisa CAPES, possa realizar a coleta de dados mediante realização de entrevista gravada e coleta de documentação com catalogadores e indexadores dessa biblioteca para discussão e coleta de dados sobre processos técnicos, especificamente, na leitura documentária de partituras musicais, em função do desenvolvimento do Projeto de Pesquisa “Indexação de partituras musicais: aspectos para o desenvolvimento de um modelo de leitura documentária” (conforme em anexo) que desenvolvo junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Unesp– Campus de Marília.

Informo que o projeto em apreço está em avaliação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia e Ciência, motivo pelo qual solicitamos esta autorização como parte do processo de análise e nos comprometemos a preservar a identidade de todos os informantes, assim como da instituição, em sigilo quando da divulgação dos resultados. Nesse sentido, esclareço que o trabalho não pretende avaliar essa biblioteca e seus serviços e sim obter um diagnóstico das atividades de organização da informação no que tange ao tratamento temático do acervo.

Posteriormente, após concessão de autorização, será feito contato para o agendamento da entrevista conforme vossa disponibilidade. Para tanto, solicito o encaminhamento do documento de autorização anexo, com a logomarca da instituição no cabeçalho e assinatura do responsável pela biblioteca.  
No aguardo de uma manifestação, agradeço toda atenção dispensada.

Atenciosamente,  
Jéssica Beatriz Tolare  
Doutoranda em Ciência da Informação  
Unesp - Universidade Estadual Paulista  
Faculdade de Filosofia e Ciências - Campus de Marília - São Paulo

## Apêndice B - Modelo de consentimento livre e esclarecido

Prezado(a) responsável pela instituição, estamos realizando uma pesquisa, para a tese de Doutorado, intitulada “**Indexação de partituras musicais: aspectos para o desenvolvimento de um modelo de leitura documentária**” e vimos por meio deste **convidá-lo(la)** para participar da mesma.

Os **objetivos** desta pesquisa estabelecidos são:

- A) Desenvolver um estudo teórico interdisciplinar sobre leitura documentária para indexação de partituras musicais e sobre partituras musicais enquanto documento imagético textual no contexto das bibliotecas especializadas em música.
- B) Identificar informações compostas na partitura musical para serem utilizadas como assunto, na representação temática, durante o processo de indexação.
- C) Investigar os procedimentos de leitura documentária feitos por indexadores no processo de indexação de partitura musical em bibliotecas especializadas em música, como parte empírica do desenvolvimento do estudo.
- D) Identificar aspectos conceituais e estruturais para o desenvolvimento de um modelo de leitura documentária.

A proposta consiste em analisar como o processo de indexação é realizado na prática e identificar as informações na partitura musical que podem ser utilizadas como assunto, na representação temática, com base nos dados coletados e no aprofundamento teórico.

**Participar** desta pesquisa é uma **opção** e, no caso de não aceitar participar ou desistir em qualquer fase da pesquisa, fica assegurado que não haverá perda de qualquer benefício **no tratamento que estiver fazendo**

Caso **aceite** participar deste projeto de pesquisa gostaríamos que soubessem que:

- A) A coleta de dados será realizada através da aplicação do método do Protocolo Verbal Individual (PVI), em que será analisado como o participante realiza o processo de indexação de partitura musical na prática. O método possui etapas muito bem estabelecidas que garante a confiabilidade de sua aplicação. O profissional responsável irá realizar o procedimento de indexação em uma partitura musical de sua escolha, enquanto o pesquisador fica responsável por gravar, através de um aplicativo de áudio, e observar o processo.
- B) Todos os dados coletados serão utilizados unicamente para fins científicos, em específico, a tese de doutorado e para publicações posteriores em periódicos científicos e apresentações em congressos.

Após a finalização da pesquisa, os dados armazenados serão eliminados.

- C) Todas as informações serão mantidas em anonimato para preservar a identidade dos participantes com base nas diretrizes da **Lei nº 13 709/2018**, denominada como Lei Geral de Proteção de Dados. Para tal, os nomes dos participantes serão substituídos pelas letras do Alfabeto, para garantir a confidencialidade dos participantes na pesquisa. *Exemplos: Biblioteca A, Biblioteca B, Biblioteca C/Sujeito A, Sujeito B e Sujeito C.*
- D) Os riscos da pesquisa estão ligados à possibilidade da ocorrência de acidentes de trânsito para o pesquisador durante o deslocamento para as bibliotecas selecionadas, quando for realizar a coleta de dados. Outro risco está na possibilidade de ocorrer vazamento de dados. No entanto, como forma de prevenção, são tomadas precauções, em que os dados serão protegidos em uma pasta com senha e armazenados em um disco rígido externo, com acesso apenas do pesquisador responsável.
- E) A pesquisa possui como benefícios contribuir com estudos teóricos e empíricos para a área da Ciência da Informação, em específico, pesquisas ligadas à indexação da partitura musical. A partir dessa análise, espera-se que, em conjunto com a fundamentação teórica, proporcione elencar aspectos para ser indicado para realizar a elaboração de um modelo de leitura documentária para partitura musical. Na prática, essa pesquisa pode auxiliar para profissionais que realizam o procedimento a entender melhor a estrutura da partitura musical e conseguir dinamizar o procedimento, de forma que abarque adequadamente a representação temática desse tipo de documento.

Eu, \_\_\_\_\_ portador do RG \_\_\_\_\_  
responsável pelo(a) \_\_\_\_\_ autorizo a participar  
da pesquisa intitulada **“Indexação de partituras musicais: aspectos para o desenvolvimento de um modelo de leitura documentária”** a ser realizada no  
(na) \_\_\_\_\_. Declaro ter  
recebido as devidas explicações sobre a referida pesquisa e concordo que minha  
desistência poderá ocorrer em qualquer momento, sem que ocorra quaisquer  
prejuízos físicos, mentais ou no acompanhamento deste serviço. Declaro ainda estar  
ciente de que a participação é voluntária e que fui devidamente esclarecido (a) quanto  
aos objetivos e procedimentos desta pesquisa.

Nome \_\_\_\_\_ do \_\_\_\_\_ responsável \_\_\_\_\_ pela  
biblioteca: \_\_\_\_\_.

Data: \_\_\_\_\_.

Certos de poder contar com sua autorização, colocamo-nos à disposição para esclarecimentos, através do telefone +55 (16) 99719-0570 ou e-mail [jessica.tolare@unesp.br](mailto:jessica.tolare@unesp.br), falar com Jessica Beatriz Tolare.

Aguardemos sua participação,

Sem mais,

Data: 16/05/2024

---

(Nome do pesquisador responsável)

## Apêndice C - Transcrição da coleta de dados na Biblioteca A

### Catalogador/indexador 1

*Posso compartilhar o registro? ...~~ Então esse é o / deixa eu abrir aqui. Vocês conseguem visualizar, né? {todos os participantes sinalizam sim com a cabeça}. Então, isso é basicamente a planilha que a gente tem, que a gente tá trabalhando, né? / do ..... do Alma, né? É, e aqui tem os campos que a gente tá / que a gente trabalha. A gente tem o campo LIDER {Sigla LDR}, que a gente trabalha com um tipo de registro, a gente tá colocando campo C, partitura ..... e o resto é no padrão que a gente utiliza da ..... da Unesp, né? Então, o nível de catalogação completo, AACR, e o resto é basicamente igual ao dos campos, né, quando a gente faz pra livro, etc. Aí a gente tem os campos de controle, né, tipo 1, a gente registra aqui esse nosso código {registro nos metadados}, o campo 3, né, o campo da Unesp, que é outro campo de controle. Aí o campo 7, que é o campo de descrição física ...~~ opa {no processo de digitação, o sujeito acabou por preencher, apagar e corrigir novamente. Pressupõe-se que seja erro de digitação}. A gente coloca é ...~~ texto {apareceu uma caixa para escolher e o catalogador/indexador selecionou o tipo, no caso texto} e aqui, na designação específica do material a gente tá colocando como impressão regular, né, que é basicamente como a gente trabalha a nossa padronização. Mesmo tendo aqui o campo ..... o campo pra partitura, no 7, a gente trabalha com texto. O campo 8 ..... tudo tranquilo, por enquanto? alguma dúvida? {aceno de cabeça sinalizando que sim}. O campo 8, aí a gente / como, né, mudou no LIDER e no 7, a gente ....., aqui ele vai abrir o campo pra partitura especificamente {o campo 8 possui especificações diferentes nos metadados, como Data de entrada no arquivo, data 2, formato da música, forma do item, material adicional, que está repetido seis vezes, idioma, tipo de status de publicação, local de publicação, produção ou execução, partes da música, transposição e o arranjo, material adicional, texto literário para registro sonoro, transposição e arranjo, registro modificado, data 1, forma de composição, público-alvo, material adicional, fonte da catalogação e campo indefinido}. Então data provável, né, que a gente tem é ..... / no caso, é bem complicado as datas que a gente encontra em partitura. Essa, por acaso, essa é uma partitura que ela tem o copyright, então, deixa eu ver aqui, você consegue aqui embaixo {o sujeito mostra a partitura na tela} / próximo, aqui embaixo, tem a data de copyright da partitura, né. O que normalmente ele tem é a data de copyright, não é a data de ..... edição, né, que a gente encontra. Aí a gente tem o local de publicação, essa, como é uma partitura mais nova / as partituras mais novas a gente consegue mais facilmente identificar os elementos. Aí a gente tem que ela é publicada na Alemanha, então, a gente identifica. Essa obra é uma sonata, então, a gente seleciona o campo de composição para sonatas, que esses são os campos e os códigos do ..... do MARC mesmo, né, aqui a gente tem os três pontos, que qualquer coisa a gente consegue ver as informações do campo, se tiver alguma dúvida, né, pra verificar os códigos específicos que existem do MARC. O formato da música tá como completo, que ela é uma partitura normal, né, não é uma de bolso, uma redu ..... redução, nem partitura de canto, nem nada*

disso, né, ela é uma partitura em formato completo, né, aí se tem partes da música, a gente seleciona, né, se tem partes instrumentais e vocais, só instrumentais, vocais, se não é aplicado, desconhecido ou se a gente não informa. Nesse caso, a gente tem uma parte instrumental, né, a nossa ...../ essa nossa partitura é uma sonata {o sujeito vai folheando a partitura} é .ç.... pra ..... pra ..... flauta e pra piano, então, a parte integral a gente vai ter ..... / os dois instrumentos, né, não sei se dá pra ver ele em cima, né, a gente identifica {o sujeito mostra a partitura para a câmera e aponta, com os dedos, as duas primeiras pautas da partitura} / que a gente tem tanto flauta como ..... piano. E aí a gente tem a parte específica, que é só pra flauta, né, aí é só a parte específica do instrumentista de flauta, então, a gente identifica ali no campo, né, que a gente tem uma parte instrumental {para se referir ao campo “partes da música”}. O público-alvo a gente sempre deixa como desconhecido, né. A forma item é impressão regular, porque é uma impressão normal, né, a gente tem outras opções, microfilme, microficha, eletrônico, no caso, é regular. Material adicional é ..... a gente tem nessa partitura algumas informações históricas, então, a gente seleciona, né, às vezes, isso existe na ..... nas partituras, uma introdução que a gente verifica, né, que é importante essa informação de constar, então, a gente tem essa daqui ..... ele tem uma ..... {sujeito mostra a introdução na câmera} um prefácio, digamos, assim, né, que ..... que ele tenha informações históricas, né, ..... sobre a composição dessa obra, então, a gente seleciona esse campo. Como é o único material adicional que a gente tem, né, então, a gente deixa os outros sem preenchimento, mas poderia se eu tivesse informação histórica, se tivesse alguma outra coisa, poderia colocar, né, se fosse necessário...~~ hããã / aaa ..... texto literário não é aplicado, né, no caso, porque se trata de uma partitura, especificamente, o campo 32, sempre indefinido {se trata de uma partitura mas a tipologia é texto?}. A transposição e o arranjo, a gente não tem, mas a gente seleciona, né, se alguém tiver feito, né / às vezes a gente tem partituras que têm essa informação, essa não tem, a gente seleciona. A gente ..... seleciona aqui o ..... o idioma, porque a gente tem essas informações a mais, de introdução, informações, às vezes, na própria partitura, a gente coloca múltiplos idiomas, porque, no caso, essa, ela tá tanto em inglês, como em alemão. Registro ..... opa ..... {o campo 08 acaba fechando sem querer} / o registro não foi modificado e a fonte de catalogação é o padrão da Unesp, a gente sempre coloca o d de outro. Aí agora a gente tá colocando o 024, que é outro identificador padrão, que, no nosso caso, é o ISMN ..... / não é toda partitura que a gente tem. Essa a gente vai ter essa informação tanto aqui atrás, no código de barras {o sujeito mostra na câmera o código de barras}, como se fosse o livro mesmo, como ela tem, né, aqui dentro / não sei se dá pra ver muito bem, mas aqui ela também tem a informação do ISMN, né, ..... É, depende da partitura, ela vai ter nessa que seria ..... / como se fosse a folha de rosto, né, e, às vezes, ela vai ter só ..... só na contracapa mesmo. Não é toda editora que tem, a gente / no caso, essa é uma edição mais recente, né, mas quando a gente tá trabalhando com umas mais antigas {para se referir à partitura} não existe esse número, né, ainda, então, a gente acaba não preenchendo. .... O 028 é o número, né, da editora ou distribuidor / tem o código / esse daqui a gente que a gente tá trabalhando, que a Schott. Ele tem

o código ED2522 {o sujeito mostra o código da partitura na câmera ao apontar na capa}, que tá na capa e também tem dentro, né, {se refere ao que considerou como folha de rosto} em cima de onde a gente tem o ISMN, na folha de rosto / ..... Isso é importante, porque esses códigos, né, sempre tem as editoras, né, e pra saber especificamente, de qual é a partitura específica, né. A gente coloca no primeiro campo o código e depois qual é a editora. O 040 é quem faz, né, a catalogação, a gente.. / isso é padrão na Unesp, então, a gente coloca o código que a biblioteca é no Instituto de Artes, né. A gente vai colocar aqui o código do idioma, que a gente tem em alemão e em inglês. O 048, que é o código de número de instrumentos e vozes, então, ele já aparece aqui pra gente, quando a gente precisa saber, que é pra flauta ..... / que é 01, porque é pra uma e aí se eu já colocar aqui o piano, ele já vai aparecer, né, então, teclado piano {é o nome inserido no campo} e aí a gente põe o 01, que é um padrão do MARC, né, esses códigos, que a gente ..... / qualquer dúvida a gente abre a informação do campo e visualiza, né, ele aparece pra gente quando ali a gente já digita, mas aparece aqui caso seja necessário, se a gente tiver alguma dúvida...~~ A gente classifica eles, né, então, eles sempre ficam 780.264, que é o código do ..... Dewey, né, pra partitura. / Nosso acervo ele é aberto, então, hã, tudo vai ficar nesse número, a única diferença é que a gente tem hã ..... hã..... hã ..... a Cutter, né, e pode colocar informações pros alunos / depois eu pego, a gente tem umas ali pra mostrar como é que fica, né. A gente tem aqui o ..... o compositor, que vai entrar no campo 100, que é a autoria ..... a gente tem também o padrão, né, então, quando a gente aperta aqui, a gente vai verificar {se referir ao padrão dos nomes de autores} se a gente já tem no local e a gente seleciona, se não tiver, a gente tem que fazer importação do registro ou criar ou criar o registro para o compositor. No campo 245, a gente tem o título, a gente vai seguir os comandos, então, / porque tem autoria, então, é 1, 0, porque não tem artigo, nada disso e aí a gente entra com o título sonate für flöte und klavier. A gente vai colocar no h a designação geral do material, música, que é pra identificar, né, que é partitura e no c a gente vai colocar o compositor, que é o Paul Hindemith e a gente vai colocar o resto das informações que estão na ..... na folha de rosto, né, digamos assim / que, se por acaso, tem uma folha de rosto, né, nem sempre tem, às vezes, entra direto na ..... na música. É ..... então, quem fez aqui a edição, né, do texto, que é baseada nessas obras, a gente segue, como tem os dois idiomas, né, então, como segue no AACR e segundo o próprio MARC, né, a forma de preenchimento do MARC e segundo o AACR, então, a gente manteve igual, flute and piano, e a edição também, onde foi retirado. No 260, né, a gente vai por as informações da ..... de onde é a edição, a cidade, o o o ..... quem publicou e 2015 / o C na frente por conta de ser a data de copyright e não a data de edição, aqui não tem, no caso. No 300, a gente vai fazer a descrição física. Então, a gente tem uma partitura, de 26 páginas, mais uma parte, né, porque a gente tem essa parte específica da flauta. O campos 382, que é o meio de execução, que é / que são os instrumentos que a gente utiliza, que a gente tá ..... gente já tá utilizando, mas a gente vai pedir pra ..... pra inserir, né, na nossa planilha, quando vier a padronização, que ...../ pra que ele possa responder com nosso próprio vocabulário / a gente coloca aqui o que é pra

flauta e pra piano como meio de execução. No 500, a gente vai colocar essa informação, né, descrita, que é para flauta e piano, segundo o nosso padrão. O 546 que é pra nota de idioma, a gente coloca que são textos em alemão e em inglês. E a gente tem o que seria a parte de indexação..... Então, a gente sempre identifica que ela é uma partitura, né, que é pra gente fazer a leitura e execução, a gente vai colocar o tipo de composição, que é **SONATA** e a gente vai colocar o campo V, que é o tipo de forma, que é **PARTITURA** e **MÚSICA PARA FLAUTA E PIANO**. Então, a gente segue nisso, mais ou menos, que são padrões que a gente segue na literatura, porque a gente não / a partitura não é uma questão de assunto, né, a gente tá tratando ..... da música em si, então, como não tem um assunto, o que se utiliza mais são os meios de de execução e a forma é ..... que a gente tem, que, no caso, é uma SONATA desse daqui, né. Então, isso é ..... / na literatura a gente encontra que, que sempre, né, historicamente é o que tem, que tem sido utilizado, porque não tem assunto, né, efetivamente, que é uma composição musical. Aí a gente tem ..... é ..... no campo 700, a gente vai ter informação também, né, de ..... do editor, né, então, a gente coloca também, às vezes, tem bastante gente que é muito importante, às vezes, é um compositor que fez uma edição anterior, tudo e tal. Então, é importante essa informação pro nosso usuário pra ele recuperar. E, no 740, a gente vai colocar / a gente sempre repete o ..... / quando tem ..... é..... mais de um título, mais de um idioma, a gente deixa no 245 a entrada primeiro no A, pra entrar pelo primeiro, depois a gente coloca o segundo. Então, quando a gente olhar esse registro no nosso ..... no nosso catálogo / deixa eu abrir aqui/ ...~~ {o sujeito abriu o catálogo da instituição}. A gente vai / ele tá aqui como não disponível, porque ele tem que entrar no acervo, ele já foi catalogado, mas ainda não entrou {uma edição dele, no caso}. Então, a gente verifi / a gente vai entrar aqui, né, a gente vai verificar, a gente tem o exemplares, a gente tem as partes, ele depois vai ter informação, se ele é a parte específica na hora que fizer o processamento do item físico, do que é o exemplar e o exemplar físico da parte. Então, nosso ..... nosso usuário, ele vai visualizar o título, que é a primeira parte do título, em alemão, ele vai visualizar o compositor e a pessoa responsável pela edição. Ele vai ter os assuntos, né, que não são assuntos, em si, mas não é como designa, por conta dos restos dos materiais, o gênero, que é partitura, o outro título que é em outro idioma. Essas são informações do editor, data de criação, o formato que é fonte, o catálogo de bibliotecas da Unesp, né. E, claro, o bibliotecário que quiser visualizar pode sempre clicar em mostrar algo ou registro fonte que vai aparecer o registro pra ele visualizar ..... É, tem alguns detalhes a mais que a gente tem, se tem mais de uma obra dentro, a gente vai colocar outros ..... outras informações, né / deixa eu pegar, que tem outras aqui ...~~ {o sujeito abre outro registro para mostrar}. Então, essa daqui, por exemplo, que ela é, é um ..... ela vai ter vários ..... é ..... vários / várias obras dentro, né. Então, ele tem listado aqui dentro do conteúdo vários compositores, várias obras, né ..... de flauta. Então, a gente vai ter o registro, a gente vai / basicamente, funciona da mesma forma, né, só que a gente vai colocar aqui, no tem / ..... ele tem uma série, então, a gente tem o campo 590 {na verdade, era o campo 490, o sujeito trocou os números}, que é essa coleção pra fluta Louis Moyse. No 505

a gente vai colocar informação de conteúdo. No 505, que a gente vai colocar informação de conteúdo, né, então, que a gente vai ter e (→→→) a gente vai ter o concertino, chaminade, etc. Então, além da gente colocar essas informações aqui, a gente vai listar no 700 todos os compositores e no 740 todos ..... todas as obras que tem dentro e o nosso usuário também vai ..... vai conseguir visualizar isso quando a gente ..... quando ele for abrir o registro. Então, ele vai visualizar todas essas informações {o sujeito mostra o registro recuperado no catálogo da instituição}, né, de quem foi o responsável pelas obras e quais que são as obras que a gente tem listados, né. De forma geral, é basicamente isso, né, tô esquecendo alguma coisa? alguém, por favor, **((RI))** relembrem ..... mas, assim, isso varia bastante de editora para editora ..... é ..... a ..... idade que a gente tem, né, da partitura, a gente tem partituras mais antigas, a gente tem que ..... analisar mais, com mais detalhamento / mas não que a gente não faça com detalhamento **((RI))**, é ..... mas é mais fácil de encontrar, né, isso que eu quis dizer. Então, a gente vai ter que fazer uma análise ..... diferente ..... da obra, né, e é um material bastante ..... diferente, né, com o que a gente trabalha, que demanda um tipo de conhecimento que, às vezes, não, comumente, a gente tem no curso de Biblioteconomia, é ....., dado, a gente vai ..... é ..... estudando pra conseguir ..... atender as necessidades específicas que a gente tem, né.

## **Apêndice D - Transcrição da entrevista retrospectiva com os bibliotecários catalogadores/indexadores da Biblioteca A**

### **1. Pesquisador:**

*Tenho algumas dúvidas, eu posso perguntar? {todos acenam que sim com a cabeça} vocês chegaram a ter que estudar um pouco mais sobre parte da música, assim, para poder entender melhor ou vocês não levam tanto em consideração essa parte das notas ou do tom?*

### **1. Catalogador/indexador 1:**

*A informação, assim ..... eu entrei mais recentemente, faz um ano que eu entrei. Então, eu tive que ir atrás de pesquisar algumas coisas pra responder às essas necessidades, né, agora mais recentemente. Então, ..... a gente acaba tendo que aprender algumas coisas mais, né, a gente não sabe a mesma coisa que um músico, um musicista, né, mas a gente tem algumas coisas que a gente precisa identificar, né, aprender o que que é uma partitura, por exemplo, é .....reduzida, porque, quando você olha, você {faz sinal de negativa com a cabeça} ..... você fala, o que é isso? parece que tem vários instrumentos, mas por que que é? o que tá escrito? ela ..... não sei se tem alguma reduzida aqui {começa a procurar a partitura reduzida no local} agora no momento, mas, né, pra você ver o que aquilo significa, pra você saber representar / uma partitura reduzida para orquestra é se você colocar ..... é ..... que é / totalmente só / identificar como se fosse para orquestra, na verdade, você não vai ter tudo, porque ela tá reduzida para piano. Então, você precisa identificar que, originalmente, aquilo é uma partitura pra orquestra, mas que foi reduzida para ser tocada apenas num piano, né, então, a gente precisa, né, entender um pouco mais do que se trata, né, do que é os tipos de composição pra poder registrar, né, exatamente ..... Então essa, né, é a minha experiência específica ((RI)).*

### **1. Pesquisador:**

*Ah, é interessante saber disso ..... Pode falar, catalogador/indexador 2 .....*

### **1. Catalogador/indexador 2:**

*Ah, eu ia só ..... é ..... comentar, porque, assim, isso que o catalogador/indexador 1 falou, que a gente acaba, né, eu acho que você vai ficar mais interessada na parte de indexação, não sei se é esse seu propósito .....*

### **1. Pesquisador:**

*É um pouquinho mais essa parte de assunto, mas daqui a pouco vou perguntar sobre isso ..... ((RI)).*

### **1. Catalogador/indexador 2:**

Porque a gente ..... a gente / pra outros materiais, a rede Unesp tem diretrizes muito bem estabelecidas, né, pra catalogação no geral. A gente tem a política, que foi desenvolvida pela própria professora Mariângela junto e manuais, então, a gente se adequa muito aos manuais pra ter essa catalogação padronizada, mas partitura não tem o manual e também é uma demanda só aqui da [Biblioteca A]. Deve ter uma partitura ou outra em outras unidades, mas ..... mas o mais pesado é aqui, né. Então, a gente vai ter que desenvolver isso, né, em algum momento, as bibliotecárias daqui e também a gente tem planilhas pré-preenchidas, né. Quando a gente abre o Alma é ..... pra livro, pra periódicos, pra qualquer outro material, a gente já começa ..... a gente clica no botãozinho lá novo, planilha de livro, ela vem em branco só com as coisas que já caracterizam livros, por exemplo ....., um livro de compra ou algo assim e a gente vai preenchendo com as informações da obra, pra partitura, a gente não tem isso. Então, a gente tá ..... / tá tendo que desenvolver isso também, fazer uma planilha pré-preenchida pra deixar todos os detalhes desse campo 001 até 00 ..... 010 mais ou menos, que são aqueles de informação ali do LIDER, né, a gente tem que deixar pré-preenchido pra não ter ficar quebrando a cabeça toda vez. Aí, isso a gente já tem ...../ a gente conversa entre nós no momento da catalogação e vai estabelecendo esses padrões, porque somos só nós que fazemos, por enquanto ...~~ Mas pra definir assunto pra indexar, aí a gente tem uma base e cada uma faz seu processo, né. Sei lá, tem gente que anota na mão em papelzinho, tem gente que vai ..... às vezes, a gente vai pro ..... / não acha muita coisa, o que a gente costuma fazer é procurar referências na internet se aquele material já está catalogado, porque fica mais fácil, principalmente, pra pegar assunto, mesmo que a gente não precise da CDD, a gente ainda precisa indexar, né. A CDD a gente usa um número só que nem o catalogador/indexador 1 falou e aí a gente procura sempre primeiro na rede Unesp, pra ver se já tem uma obra daquela, mesmo que seja outra edição, só pra usar de referência ..... É, a gente vai também pra Biblioteca Nacional, às vezes, a gente pesquisa na USP, é na Unicamp também, em algumas universidades que a gente já conhece, mas é muito difícil achar, então, a maioria das vezes a gente vai pro worldcat procurar aquele registro e pegar os assuntos de lá também ou pegar pelo menos uma referência pra adaptar, né, alguma coisa pra começar ..... mas a gente sempre fazer com esses assuntos que o catalogador/indexador 1 falou, a gente sempre coloca **PARTITURA - LEITURA - EXECUÇÃO**, porque na hora que o aluno buscar **PARTITURAS** pra que recupere tudo, né, o que tem de partituras no nosso catálogo e aí **MÚSICA PARA**, a gente já tem esses assuntos autorizados também, **MÚSICA PARA PIANO, MÚSICA PARA INSTRUMENTOS DE CORDAS, MÚSICA PARA SOPRO**, sei lá, **INSTRUMENTOS DE SOPRO**, então, a gente sempre coloca o que caracteriza o instrumento que ..... que tem ..... / é que foi feita a partitura ali, né, o arranjo e a gente sempre coloca **MÚSICA PARA** ... tal coisa e depois o instrumento **PARTITURAS**. Então ..... **VIOLÃO - PARTITURAS, INSTRUMENTO DE CORDA - PARTITURAS, FLAUTA - PARTITURAS**, sempre caracterizando. E aí / porque a gente ..... teme também entrar um pouco nessa seara do / da discussão dos musicistas, né, aí, aquilo é romantismo, aquilo é outra coisa. Então, pra gente não cair

nesse possível erro, a gente só coloca o que tá bem claro pra poder indexar, que é o instrumento, e que é uma partitura. A gente não desenvolve tanto como você perguntou, por exemplo, aí, pra colocar tonalidade ou o tipo de música que caracteriza, porque a gente pode estar excluindo, né, alguém que tá ..... / a gente tá sempre pensando no usuário final, então, o usuário final / como aqui é pra fim de estudos também e ..... e ..... a cada pesquisa a mesma partitura pode servir pra situações diferentes, aí a gente deixa em aberto pro usuário procurar primeiro a partitura, geralmente, eles vêm atrás do ...../ sei lá, do compositor primeiro, então, pra gente isso tem que tá bem claro na catalogação. Os assuntos, caracterizando que seja partitura, eu acho que independe, assim, eles não procuram. Nosso público não procura tanto por assunto. Então, inclusive, eles nem procuram tanto no catálogo online [será que seria interessante repensar sobre o catálogo para a partitura? porque qual o sentido de haver o catálogo, se não é feito o seu uso? Afinal, é um alto investimento]. Eles costumam ir mais na estante, na prateleira mesmo, e já vão ali na ..... / no código Cutter, que é do ..... do compositor que eles estão procurando. E aí, eles ficam lá, nossa, a nossa estante de partituras é uma bagunça, porque eles tiram tudo do lugar, olham tudo, reviram tudo, tem que ficar arrumando ..... sempre assim, porque eles não ..... não olham no catálogo online mesmo, assim, na maioria das vezes, eles vão lá e ficam pegando e folheando material. É isso.

## **2. Pesquisador:**

É bacana, né, você basicamente respondeu as outras perguntas que eu tinha, que eram das diretrizes e era sobre isso também. Essa questão do assunto, porque, até então, é diferente de como é trabalhado no livro, né? com gêneros literários e tudo mais e ..... isso dá divergência ..... Isso dá divergência na literatura. Se a gente pega pela Ciência da Informação é uma coisa, se é ..... pela Musicologia, é outra. Então, só definir o que é partitura já foi uma ..... grande coisa, né.

## **2. Catalogador/indexador 2:**

Bastante [catalogador/indexador 2 concorda com a cabeça]. A gente tinha, assim, pra / nós três mexemos mais, né, que nem o catalogador/indexador 3 falou, ele fica mais na supervisão e quando a gente tem dúvida, a gente vai até ele também pra tirar essa dúvida pra ser uma tomada de decisão, mas, no dia a dia, acaba sendo mais e os catalogadores/indexadores 1 e 4, que catalogamos as partituras ..... E aí, é ...~~ a gente o / fez essas opções e agora a gente tá meio que quebrando a cabeça assim, porque, antes era uma outra catalogadora e ela que costumava ficar com todas as partituras, acho que uns três anos atrás, né, catalogador/indexador 4 ..... não sei quanto tempo. Aí ela aposentou e aí agora a gente ..... / como era ela que fazia a maioria, porque também, enquanto ela tava fazendo partituras, a gente tava fazendo os livros, agora a gente tem que falar / Opa! vamos pegar isso e vamos revirar e ver o que que a gente faz. Então, a gente tá indo pra literatura, que nem o

*catalogador/indexador 1 falou. Vamos ver como que fazem por aí, a gente não achou muita referência no Brasil, assim, a gente achou ..... poucos manuais, os manuais que têm / eles falam muito da parte teórica, mas não falam da prática, que é que a gente precisa, campo por campo mesmo [o catalogador/indexador 2 gesticula], o que cada um faz. E aí, a gente tá adaptando pro que a gente precisa. Por exemplo: a gente foi muito na USP e não tinha, assim, uma instrução muito clara, a gente acha que tem algumas coisas da UFMG, que a gente pode aproveitar mais, mas também ..... não é exatamente o que a gente precise. Então, a gente tá fazendo meu próprio manualzinho com o grupo de catalogação que ..... que é o grupo de trabalho da rede da Biblioteca A mesmo. Ele também ..... ele, na verdade, tem menos expertise do que a gente. A gente é que acaba mexendo mais, eles acabam fazendo outros materiais. Mas aí com a expertise de catalogação deles, de olhar para os padrões, que já estão sendo estabelecidos no Alma, agora, porque a gente teve que adaptar a mesma coisa quando veio pro Alma também, pega o conhecimento deles e o nosso, especificamente, desse material, e a gente tá desenvolvendo o modelo, mas é, assim, um trabalho de formiguinha.*

## **2. Catalogador/indexador 1:**

*Não, é que a gente tem o vocabulário controlado, né, então, a gente / claro quando tem uma necessidade específica, eles falam pra gente verificar os termos, porque nós que trabalhamos com isso, mas a gente / basicamente ele é baseado na Library of Congress, né, Subject Headings, e mesmo eles têm algumas questões, que eu tava conversando com a catalogadora/indexadora 4, pra gente verificar o tesouro de meio de expressão e de forma pra gente começar a conversar com o grupo de ..... de ..... tesouro pra como que a gente poderia trabalhar com isso, né, por causa das necessidades específicas e por já ter isso. Essa questão da Music Library Association, de ter ..... os requisitos pra descoberta de música, né, que eles listam os campos que existem. Então, pra gente ir trabalhando um pouco com isso, né, também, pra gente ir fazendo, porque a ..... a Unesp, ela tem padrões muito bem estabelecidos e, assim, uma ..... uma questão dessa / de normalização, que é bastante importante, né, da parte de catalogação, que, às vezes, não é a necessidade de alguma outra universidade, né. Então, a gente acaba que tendo que ..... que pensar em coisas específicas, né, e o catalogador/indexador 3 tem um pouco desse histórico, né, de como / da questão da indexação, né, de trabalhar com músicos pra ver o que que era o necessário, né, quando começou todo esse trabalho.*

## **3. Pesquisador:**

*É algo muito específico, né, para padronizar .....*

## **3. Catalogador/indexador 3:**

*É que basicamente é o que a gente tem feito hoje. É o **MÚSICA PARA** ..... / quando a gente começou do zero, não tinha outro lugar, né, então foi ..... o IA foi, não vou*

dizer assim, pioneiro, mas, como hoje, não tem muitas bibliotecas que catalogam em formato, no padrão MARC e essa questão dos assuntos. Então, sentamos com alguns professores e alguns alunos. Ah, e o que ..... que ..... o que facilita na recuperação, o que pra vocês é importante, né? e foi no desenvolver desse do **MÚSICA PARA FLAUTA, MÚSICA PARA PIANO, PIANO A QUATRO MÃOS, PIANO** a não sei o que ..... / então, foi nesse processo que a gente foi desenvolvendo o ..... os assuntos, conforme a necessidade de cada um. Então, no começo, foi muito ..... / com professores das áreas, estagiários ..... de música, então, até chegar num formato que hoje a gente tem, né ..... as meninas estão aí estudando um pouquinho, mas é que, na época, a gente / quando eu era assistente, eu lembro deles explicando o que era música, como olhar, o que deixar de ser, como começa a música, qual é a importância da ..... da mudança das claves, isso tudo foi trabalhado em conjunto com os alunos, né. Então, foi um processo bem biblioteca com o ..... a pessoal do corpo de ..... dos musicistas, né. Então, foi bem ..... um processo bem parceria, né. E aí, depois, o catalogador/indexador aposentado foi dando continuidade e eu fui partindo pra outras coisas e hoje ((RI)) a ..... catalogação é o que eu menos faço, né. Tenho mais o histórico de como começou esse processo no instituto, então, não tem muitos / a gente tem visto aí / o catalogador/indexador 1 tem trazido algumas novidades, que pensei, assim, vamos estudar, vamos ver, que a gente já falou de conversar com um ..... pessoal do thesaurus pra poder já ..... repensar a questão da catalogação, de alguns campos que a gente vem percebendo que é importante, que ele precisa ser recuperado, né. Então, assim, apesar do padrão, a gente tem olhado pra essa questão que é ..... para música isso é importante, né, os campos que o catalogador/indexador 1 foi mostrado hoje. Então, algumas coisas a gente falou assim / Ai, é ..... lá nos assuntos que antes era x e agora tá no v, falei assim: Opa! precisamos rever e seguir um padrão, então, o que que foi mudado e para onde a gente vai mudar, né, o que que tem que ser feito realmente, o que que ..... / qual é o padrão antigo ou padrão novo, né? e fazer essa alteração toda ..... em ..... bloco, né. Então, a gente já foi percebendo essas ..... / no processo de mudanças de migrações de sistemas a gente perdeu algumas coisas, que, tipo assim, precisamos rever e entender o porquê houve, né, essa mudança do x pro v e o que que ..... o que a Unesp vai adotar como padrão, né. Tem todas as justificativas sendo tanto pra um campo quanto pra outro, mas a gente precisa ..... saber o que / qual é o padrão que a Unesp adota, né, pra / e o que vai ser recuperado pra o usuário final, né, que, pra gente, é isso: ah, o que importa? é o usuário final, ele tá recuperando? ele tá, né, com as informações como a gente tem posto? é ..... atende a necessidade do usuário? uma ou outra que você fala assim, aí isso daqui vocês colocaram como música pra ..... violino e não é violino, é ..... é outro instrumento que a gente nunca ouviu falar, então, a gente retira do acervo e faz as alterações conforme o que eles nos indicam, né, então, não sou especialista, né. De vez em quando elas falam: ai não sei o que que é isso, não sei, ai, fulano, aluno tal ou professor tal, ele é super acessível ..... pode trazer isso pra gente, né, porque, por mais que a gente busque na literatura, a gente não ..... / não somos especialistas, então a gente tem que sempre que manter essa porta aberta com a ..... comunidade,

*ou aluno ou docente, que possa, né, trazer um pouco mais de luz. No começo a gente tinha muita partitura em polonês, então, a gente tinha uma aluna que era ..... assim, tipo, era com ela mesma, essas a gente até separava pra / que ela trouxesse ..... fizesse a tradução pra nós da forma mais correta, porque Google tradutor [gesticula negativamente com a cabeça] não fica .....((RI)), não sei se era isso que você queria, né.*

#### **4. Pesquisador:**

*Sim, sim, não, era exatamente isso mesmo. É legal que vocês estão pegando essa iniciativa de fazer as atualizações. Também parece que os usuários que ..... estão aí, eles parecem que tem uma consciência um pouco maior, no sentido de encontrar as partituras e tudo mais, o que é difícil de ver, né. Como é algo tão específico, né, ..... um público muito específico e, às vezes, até menor que as outras .....*

#### **4. Catalogador/indexador 2:**

*[catalogador/indexador 2 concorda com a cabeça] Eles até pedem, né, material específico pra gente pra eles trabalharem ..... trabalharem em sala de aula ou, às vezes, pra ..... apresentações de TCC, essas coisas, então, eles sabem muito bem o que eles precisam mesmo, é um perfil específico de usuário ...~~*

#### **5. Pesquisador:**

*É bacana de ver assim. Eu espero que dê certo, quero acompanhar as atualizações pra ver. / hã, o que eu / que nem tô fazendo a revisão de literatura e tudo mais, o que eu encontro, a maioria que nem você falou, tudo lá fora, encontrei coisas aleatórias, assim, do Leste Europeu, com modelos e tudo mais, mas é sempre coisa muito restritiva ..... é só o título, às vezes, o ano, às vezes, o compositor e acabou. E aí, ..... não me parece que ..... que isso abarque tudo o que precisa, né. Então .....*

#### **5. Catalogador/indexador 1:**

*É, a gente acaba tendo, né / teve um dia que a gen / tava, eu sentei com o catalogador/indexador 2 e a gente começou a pesquisar, as duas, vários sites de vários lugares que a gente vê ..... como é que ele tava sendo feito esse trabalho, às vezes, a gente olhou, né, catalogador/indexador 2, tipo, como assim só tem título e autor, né ((RI)). A gente fica meio, como assim?, né, porque, tipo, precisa de mais coisa, né.*

#### **5. Catalogador/indexador 2:**

*No padrão da Unesp, a gente utiliza ...~~ [parou para contar na cabeça], a gente utiliza pelo menos três palavras-chave, né. O padrão é de 3 a 5, e, às vezes, a gente acha*

*partitura que não tem nenhuma e tá em alemão e a gente não sabe muito bem o que fazer, mas aí a gente tem que se virar ali, e, por isso, que a gente meio que padronizou dessa forma ..... sempre colocar partituras - execução e os instrumentos, assim, pra não ficar sem nenhum assunto, porque senão não fica consistente com as diretrizes que a gente tem na própria rede, né..*

#### **6. Pesquisador:**

*É, também tem que fazer sentido dentro dos objetivos da biblioteca, né .....*

#### **6. Catalogador/indexador 3:**

*É sempre o usuário final, por mais que você tenha um manual, é sempre o usuário final, é..... você pode ter uma catalogação riquíssima de informações, o que ele [usuário] precisa, né? então, fora todo o padrão, mas sempre olhar o usuário final, né, até mesmo a gente já teve visita de pessoas, mas por que que o acervo de vocês está disponibilizado dessa forma? e se fizer de outro jeito? falei assim, então, [para] o nosso usuário final, dessa forma, atende a necessidade dele, né, como o catalogador/indexador 2 falou. / Ah, eles querem saber o que que tem de Villa-lobos, eles nem querem saber o que tem no catálogo, que ..... querem olhar o material fisicamente, então, tira tudo da prateleira e vai lá, senta na mesinha e folheia e olha e a / e aqui / isso e outro e saem felizes da vida com o que eles queriam ou então: ah, que pena! tava procurando a peça tal e vocês não têm, né, tipo, ok ..... manda a sugestão que quem sabe a gente consegue comprar, tipo, mas acho que é ..... por mais que ..... é ..... tem que visar o usuário final ...~~ [cabeça fazendo sinal de positivo]. Tem que fazer as necessidades dele.*

#### **6. Catalogador/indexador 1:**

*Eles usam muito, só pra ter uma ..... / pra dar uma olhada aqui [mostra o código classificatório colado na partitura na câmera do vídeo]. É ..... tá dobradinho, porque partitura é pequenininha, mas aí ele sempre vem ..... tipo, o assunto / por isso, que a gente só até / diferente dos livros, eles ficam com o número maior a parte a Cutter, que é a parte do ..... compositor. Então, eles visualizam e tem / como é uma parte de flauta, né, a gente coloca a parte de flauta e o número específico da partitura, né, pra eles visualizarem e eles costumam perguntar bastante dessa parte de ...~~ do ..... várias vezes, né, às vezes, você passa por eles e eles estão na parte de partitura tentando olhar assim e aí você explica é assim, aí, quando eles entendem como funciona eles: Ah, nossa, que legal, né. Aí eles, né, percebem e conseguem usar bastante, né, o ..... acervo, né, e é isso que a gente tá verificando, né, que o nosso padrão manual é antigo, né, já tem / é começo dos anos 2000, né. Então, a gente precisa participar desse processo de atualização.*

#### **6. Catalogador/indexador 3:**

*É ...~~*

**7. Pesquisador:**

*É, é bacana de ver, de como é diferente de livros e tudo mais. É, acho que, de forma geral, era isso que eu tinha pra tirar de dúvida, mostrou muita coisa que eu nem sabia que dava pra fazer, a forma de trabalhar / da partitura não ter um assunto e tudo mais. Acho que isso vai ajudar bastante e gostaria de agradecer por vocês aceitarem participar e tudo mais. É isso, vocês têm algo a complementar ou .....*

**7. Catalogador/indexador 1:**

*Acho que eu peguei umas partituras mais tranquilinhas / mas deixa eu ver se tem / tem uma pilha aqui pra catalogar na minha mesa, se tem alguma só pra mostrar a diferença. Tem umas bem ..... bem mais complicadinhas ..... só pra você ver /((RI))*

**7. Catalogador/indexador 3:**

*Legal que só tem a folhinha, catalogador/indexador 1 ((RI)).*

**7. Catalogador/indexador 1:**

*É, tem umas assim .....*

**7. Catalogador/indexador 3:**

*Tem umas assim que já começa na partitura ((RI)).*

**7. Catalogador/indexador 1:**

*Já começa direto ..... ((RI)), né, então, essas daqui estão melhores, eu acho, que essas tavam ..... / eu acho que / na minha mesa, que elas entram já direto mesmo na / que nem tem o ..... / essas daqui não tem, mas elas estão ..... / você entra / já entra como se fosse a da parte, né, porque normalmente a da parte você abre assim e entra, aí você tem que encontrar a informação, é um processo mesmo de leitura documentária, né, que é o seu foco. Ele é bem ..... ele é bem diferente, né, o trabalho que a gente ..... a gente precisa realizar, entender o documento, enquanto algo específico, que é diferente de um livro. Você tem todas as informações bem ..... bem é ..... claramente a gente consegue visualizar, né, e não é o caso, né. Quando é a partitura de bolso também, né, aquelas menorzinhas [gesticula com as mão indicando um tamanho menor de partitura]. Então, tem ..... tem especificidades, né, e não tem muita / quase não tem editoras brasileiras, são poucas as que tem de partitura. Então, a gente precisa também prestar bastante atenção / eu peguei uma que era Húngara outro dia, de uma doação de um professor e é ..... é bem, assim, você vai verificando, né, o ..... o que é a palavra, você começa a identificar, né, os elementos e ver como é também a edição, né, como melhoras. Se você pegar uma edição mais antiga, né, da mesma editora, de uns vinte anos atrás, se você ver hoje, você fala: nossa, melhorou bem pra ..... pra você identificar os elementos, né, pra fazer essa parte da leitura do documento, né, não da leitura do músico, né, mas pra leitura da gente que é bibliotecário e tá disponibilizando essas informações, né. E ..... assim, pra mim, que*

*entrei agora, né, pessoal, tem sido / faz um ano só, eu tô gostando muito pra aprender ((RI)) coisa nova, né, é ..... das partituras, que a gente sabe que tem, tem no AACR, mas não é algo que você trabalhe comumente ...~~*

#### **7. Catalogador/indexador 2:**

*Catalogador/indexador 1, você comentou agora e eu lembrei de uma coisa que a gente não comentou, talvez seja importante pra Jessica. É .... a gente tem a diferenciação de partitura e método dentro do acervo, Jessica.*

#### **7. Catalogador/indexador 1:**

*Ah, é ..... [gesticulando positivamente com a cabeça].*

#### **7. Catalogador/indexador 2:**

*A gente ..... / partitura é só o material que tem a partitura, o método vem com conteúdo adicional junto. Então, a gente caracteriza ele como livro no acervo, aí a gente faz a classificação dentro da CDD, conforme, ..... geralmente dentro da área de música mesmo, né, ao não ser que seja alguma em específico, que vai ficar lá no 780, e aí a gente processa ele como livro, sai pra empréstimo como livro, tudo dessa forma. A partitura não, ela fica só nessa classificação e entra como outro material no acervo também, como partitura mesmo, na hora de emprestar, por exemplo, o usuário entra em outra conta pra emprestar, de quantidade, eu digo, que ele pode emprestar e ..... acredito que o tratamento de indexação pra gente / o processo mental que a gente faça é diferente, porque a gente tem já esses parâmetros para a partitura. Não é exatamente não ter assunto, mas é que a gente já é ..... estabelece pra que não fique muito vago, estabelece esses itens que a gente comentou com você e coloca mais se precisar, caso a caso, né. Se a gente achar referência dessa catalogação em outros locais também, com o método não, a gente já vai / inclusive método é mais fácil de achar uma catalogação também e importar ela e revisar ou então ..... adaptar o que a gente precisa, mas a gente já trata como um livro ..... mesmo*

#### **8. Pesquisador:**

*Entendi, é diferente, não sabia disso. É ..... eu tenho uma dúvida .....*

#### **8. Catalogador/indexador 3:**

*Normalmente são exercícios, né, pra treino, é pra treino e não execução da música, né. Então, tem essas diferenças, assim, grotescamente, é essa a diferença, uma é a música impressa e outros são exercícios de solfejo, de dedilhado, né, então, básico aí a diferença tá aí, né. Por isso, cada um é tratado um como um livro um como uma partitura mesmo.*

**9. Pesquisador:**

*Ah sim, entendi, é ..... eu tenho uma dúvida ..... a você ..... no caso, são mais partituras voltadas para música clássica, né, mais instrumentais, mais, assim, não tem nada, entre aspas “popular” em questão de gênero musical ou têm assim também?*

**9. Catalogador/indexador 3:**

*Poucas .....*

**9. Catalogador/indexador 4:**

*Poucas, tem um pouco, tem um pouco, é ..... mas eu acho que até pela linha que os professores seguem, né, aqui, mais pro erudito, né, infelizmente, é ...~~ a gente acaba adquirindo mais coisas nesta linha da música clássica, mas a gente tem algumas coisas de Música Popular Brasileira sim, né, mas, infelizmente, é bem pouco.*

**10. Pesquisador:**

*Ah sim, essa era uma das minhas dúvidas também, porque, como entra essa parte do gênero musical? entre as aspas, né clássico, rock, mpb, esse tipo de coisa é levado em consideração também.*

**10. Catalogador/indexador 4:**

*Sim, na de música popular brasileira, ele tem o assunto MÚSICA POPULAR BRASILEIRA aceito, é aprovado pelo tesouro. Então, a gente coloca MÚSICA POPULAR BRASILEIRA - PARTITURA. A gente procura ..... é isso que o catalogador/indexador 2 falou mais pra trás, né, é ..... a gente tenta dar o máximo da gente sem ultrapassar aquela linha do: eu não tô sabendo direito o que eu tô fazendo, sabe? Então ..... pra gente não cair no erro, a gente acaba delimitando ali até onde a gente pode ir, mas quanto mais assuntos a gente conseguir colocar, melhor pra eles, né.*

**11. Pesquisador:**

*Mas é interessante ver como funcionam diferentes bibliotecas. É, eu acho que não tenho mais nenhuma dúvida, vocês esclareceram tudo o que eu tinha assim e consegui ver bem o que vocês mostraram. Foi bem bacana de ..... de acompanhar o processo. Acho que é isso, gente, de novo, muito obrigada e..... agora é esperar dar tudo certo .....*

**11. Catalogador/indexador 2:**

*A gente agradece, Jessica, compartilha com a gente a sua pesquisa depois também, porque pode ser que auxilie na nossa prática e aí já fica essa troca, né ..... a gente vai ser rico também.*

**11. Pesquisador:**

*Claro, o que vocês fizerem também vou acompanhando e vamos conversando. Então, é isso gente. Muito obrigada e não sei se tem algo a mais a dizer. Se tiverem qualquer dúvida a gente pode conversar. Obrigada e tchau, tchau.*

**\*11. Catalogador/indexador 4:**

*Obrigada, Jessica, foi ótimo a conversa. Obrigada, tchau.*

**11. Catalogador/indexador 1, 2 e 3:**

*Obrigada, tchau!*

## Apêndice E - Transcrição da coleta de dados na Biblioteca B

### 1. Catalogador/indexador 1:

*Vou compartilhar aqui a tela. Você já está gravando? {sinal afirmativo com a cabeça por parte da pesquisadora}. Acho que eu vou compartilhar a tela cheia porque aí eu uso só o Sophia, como eu uso alguns documentos pra me ajudar, né? Está vendo aí? Você quer que eu faça no ritmo normal ou como que você quer?*

### 1. Pesquisadora:

*No seu ritmo, no seu tempo, quanto tempo você precisar.*

### 2. Catalogador/indexador 1:

*Ah, tá. Deixa eu ver se está aberto só o manual, acho que ele seria legal abrir o manual também, que eu acho que vou precisar. Ele estava aberto, mas eu acabei de fechar. Está aqui. Eu ..... eu selecionei uma partitura aqui só que ela é em francês, mas eu vou falando em português, porque para não passar muita vergonha. Bom, primeiro costume dar uma olhadinha na capa só pelo título e conferir se o título está batendo na contracapa. Na mesma autoria, está certo, André Jolivet / poemas para as crianças, para voz e pequeno conjunto instrumental e tem uma versão de 3 dos 5 poemas para um quarteto de cordas, piano e voz. Essa partitura é toda de orquestra. Então, provavelmente tem a partitura completa. ....Traz a folha de rosto para repetir. Tem a data de de composição, então, já sei que é uma partitura. O Andre Jolivet é francês / Deixa eu só confirmar, que eu gosto de confirmar, que eu gosto muito de colocar a origem do compositor e a época que foi composta, é..... francês ..... já tem outras coisas dele aqui {o catalogador realiza a busca no Google}. E eu já tenho a data de composição, 1937, Só que a data ..... / só deixa eu ver se ela está atrás da folha de rosto. Não tá no cabeçalho / ... Ah, na última página tem a data de composição, de 11 de fevereiro de 38. Acho que eu vou colocar de 38, porque como é uma partitura, é uma reprodução de manuscrito, provavelmente, Bom, com certeza, foi o autor que colocou a data aqui. Então, vou colocar a data de 1938 / é que tem 12345 que não são, pelo que eu entendi, não são 5 movimentos, são 5 peças mesmo, porque, na página de rosto, está falando que tem uma versão de 3 dessas 5 peças. Então, vou ter que colocar uma nota de conteúdo também, com os nome de cada uma das peças, tem duração de 25 minutos total, pelo que eu entendi. Deixa ver se tem / cada peça tem uma duração única, só para confirmar, mas ..... / não, é total e .....{suspirada funda} tem a instrumentação: uma flauta, ooboé e um clarinete, um fagote, um trompete, uma arca, um piano, voz para mezzo soprano, soprano, 2 violinos, né? o 1 e o 2, viola e um violoncelo, na grade, deixa ver se está batendo: violino, viola, tchelo, arca, piano, não apareceu a voz ainda ...~~ flauta, oboé, clarinete, fagotes, trompete, tchelo, harpa, piano, marinete, viola tchelo, flauta, piano {começa a falar rapidamente quando lista os instrumentos} ...~~ Deixa me ver se não tem nada em congruente com a descrição da frente, igual ...~~ Mas parece que não tem letra isso. Bem, tem letra,*

*sim. A voz não é só resolve se tem uma tem uma letra ou então a instrumentação de contar 1,2,3,4,5,6, 7,8,9,10,11,12 performances. {suspirada funda}. Ah, tem uma dedicatória aos filhos dele. O título tá batendo, só não tem o subtítulo, mas OK, tenho uma, a data de copyright apenas. É, não tem data de publicação, só de copyright. O número da partitura, número de de de chapa, né? Da partitura. .... Tem parte? Nada, é só isso. Primeiro, pegar o número dele JBA83. Então, vou inserir um registro novo na partitura e Locais de estúdio. Diminuí o meu o som, que o sistema fica dando.*

*Tudo que a gente faz, ele dá uma notificação sonora, então, é ? Poemas panifradados, da coleção CDMC, é uma anotação. Aí agora é em MARC, nível completo. No dia 24 de maio ..... opa, dia 10, tem data, 1990, que é só de copyright, da França, não dá para saber a forma de composição ..... / deixa eu ver aqui. Não vou saber olhando a partitura, então vou colocar outro. A partitura é completa. Não tem nada complementar aqui, não tem texto para gravação sonora, não é uma transposição e o texto é em francês. Ok ..... Um número, indicador 1, que não é um número normalizado ..... / G4779d. Não é tradução, a gente não vai usar a CDD. E aí, um autor ...~~~ Eita, que demora, hein {sistema lento}. Indicador, só tá faltando uma vírgula e ponto e ele não vai me deixar por, vou ter que mexer lá. O título ..... {ela fala em francês o título e fica difícil de compreender} / um pequeno conjunto instrumental. André Jolivet / não tem indicação de responsabilidade / é uma partitura geral. Ela tem a grade de todos os instrumentos. Tá aqui, Paris, ...~~~ copyright em 1990. Aí eu tenho uma partitura, quantas páginas eu não olhei {foi consultar a partitura}. 74 páginas / não tem ilustração {logo não considera as figuras simbólicas como ilustrações}. Deixa eu ver o tamanho ..... 31 centímetros, o tempo de duração eu tinha visto que era 25, então, 25:00. Não tem série, aí as novas, eu vou no excel. Duração é cerca? não ..... / duração é certinha, é 25. São 12 performances, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11 e 12, tá certo. E agora? {a indexadora se auto questiona} .....*

*Primeira voz, que é mezzo soprano ou soprano, então, tem que por um igual e grupo instrumental. .... agora que ..... / mezzo soprano. hã, soprano, deixa eu só confirmar no manual, abreviatura para soprano, então, é isso. ...~~~ “s” ponto. / OPA, voltar lá. Mezzo soprano, agora vem os instrumentos ..... de madeira / já tá na ordem? já! Então, flauta, oboé, clarinete, fagote ..... hã, não tem ponto que agora vai entrar. Metais, trompete. / só tem esse, agora ..... cordas repetidas, harpa / não, piano e harpa / opa. E as cordas, então, dois violinos, VLN, uma viola e um violoncelo. Data de composição, 11 de fevereiro de 1938. / Ele dedicou aos filhos, é uma partitura de orquestra, segundo a página de rosto. Deixa-se essa nota / 12 de maio de 1938. Local de estreia, vamos ver, escola normal de música, é o terceiro concerto. / O que mais? É o regente da estreia, Roger Desomiere / Eu vou colocar evento de estreia aqui ao invés de local de estreia. ...~~~ Então, são essas notas {ela fez na planilha do Google}, nessa ordem, é só jogar aqui, uma por uma ...~~~ 1,2, 3, 4, tem mais 4 notas, já tá acabando o campo de notas, então, vamos ver, tem que inserir mais 4. ....~~~ ficou errado aqui {ela faz uma revisão rápida em voz alta}. formação abreviada mezzo soprano, soprano, contralto, oboé, clarinete, aí aqui faltou uma ..... opa / aqui faltou um ponto e vírgula { ; }. / flauta, oboé, clarinete, fagote, trompete, piano, harpa, dois*

violinos, viola e violoncelo. Datas de composição, dedicatória, partitura de orquestra, ponto, data de estreia, eventos de estreia e regente da estreia. Agora eu vou ter que colocar as peças. Deixa eu voltar lá no meu documento ...~~ deixa eu ver se digitei certo. Vai como nota de conteúdo aqui, já vou copiar pra jogar lá nos ..... na analíticas. Deixa eu ir lá para analítica primeiro, deixa eu ver 740, tem uma só, então joga mais 4. 740 mais 4 campos. opa! tem a primeira peça ..... segunda, terceira, quarta ..... quinta ..... ponto ponto ponto, nenhum vai começar com artigo. Deixa eu voltar lá em cima, tinha parado ..... no conteúdo, tinha uma nota local, já deixei pronta para todos os / Bom, como é música francesa ..... vou colocar um , **MÚSICA-FRANÇA**, de 30, 39. .... O que mais? um solista? tenho um soprano solista ou mezzo soprano solista? Tem música para soprano, mezzo soprano, mas como tem música ou para um ou para o outro, então vou colocar os 2. Deixa eu copiar esse, colocar esse aqui, não, vou colocar o mezzo soprano primeiro para ele ficar na ordem correta. Colocar mais um campo, deixa eu ver aqui mais, é música de Câmara. Vou colocar mais dois assuntos, opa, não, copia. **MEZZO SOPRANO**, eu já coloquei, **SOPRANO SOLISTA**, tem música de canto. Só confirmando no manual a quantidade de / Até vimos esperança, peraí, acho que é mais fácil de procurar no sistema. Ué, cadê? Pegar aqui no meu papelzinho aqui. Pequena informação, **MÚSICA DE CÂMARA PARTITURAS**, indicador 4, nem um tesouro, nada. Então, agora, o assunto da instrumentação de forma mais técnica. Deixa eu .... ver se tem alguma coisa parecida no manual ..... Bom como é soprano solista, grupo de câmara, eu não vou colocar todos os instrumentos, até porque eles estão lá no 500. Deixa eu voltar lá no meu documentinho para fazer o 697. Então, o número de performance são doze. Ai, eu tenho / opá, uma pequena formação / deixa eu copiar daqui..... Olha, tá até parecendo só isso. Tem uma pequena formação sobre essa vocal, **SOLISTA VOCAL COM ACOMPANHAMENTO INSTRUMENTAL, SOLISTA VOZES, SOLISTA VOZES CANTADAS, SOLISTA SOPRANO**. Faltou uma mezzo soprano aqui, mas o soprano vai ter que entrar antes, né. Colocar aqui, chaves, **SOLISTAS, MEZZO SOPRANO, CHAVES. SOLISTA SOPRANO 1**, acabou solista. E, agora **MÚSICA DE CÂMARA, MÚSICA DE CÂMARA INSTRUMENTAL; GRUPO DE CÂMARA INSTRUMENTAL** / mas, no caso, não é instrumentos de corda, então, parar aqui. Deixa eu ver se é isso mesmo. .... {tirar print do tempo 23m43 que mostram os assuntos} / Aqui, dou uma conferida em tudo ..... pra ver se não digitei nada errado. Não passou nenhum marcador da pontuação. ...~~ ok, confirmar ..... excluiu os subcampos. / O código do título. 1384291 aí, depois de salvar, vou dar mais uma olhadinha? Dar uma batida de olho em todos, só para ver se não passou uma coisinha. Bom, e é isso. O registro desse está pronto.

## **Apêndice F - Transcrição da entrevista retrospectiva com os bibliotecários catalogadores/indexadores da Biblioteca B**

### **1. Pesquisador:**

*Que legal, eu não visto, assim, na prática ..... eu tenho algumas dúvidas, eu posso fazer algumas perguntas?*

### **1. Catalogador/indexador 1:**

*Pode .....*

### **1. Pesquisador:**

*Faz tempo que você trabalha com catalogação e indexação de partitura?*

### **1. Catalogador/indexador 1:**

*O acervo aqui é bastante especializado, né, é uma coisa que eu gosto bastante. É uma área que eu gosto bastante, né.*

### **2. Pesquisador:**

*Você chegou a ter que pesquisar teoria de música? para poder entender melhor a partitura? .....*

### **2. Catalogador/indexador 1:**

*Sim! Sim, sim ... Sim! Sim, sim ..... É ..... eu tive / a gente teve treinamento / eu tive um treinamento com a bibliotecária aqui, que ela ficou aqui, acho que mais de dez anos, só com partitura e gravação de vídeo / áudio, né? CDs, tal. E ..... depois eu fui dar uma estudada, estudo ainda, né? No fim, acabei gostando e vou continuar estudando, porque, achei assim, uma terapia. Eu já sabia, tinha um pouquinho de base, assim, mais coisa da infância. Então, uma basezinha só bem bobinha, né? Mas agora eu fui, inclusive o professor, ele foi estagiário aqui, então, ele está dando aula convencional, mas ele foca em alguns conhecimentos que a gente precisa aqui pra catalogar, sabe?*

### **2. Pesquisador:**

*Que legal! realmente é bem terapêutico, assim ..... é, eu gosto ..... ((RI)) ..... é, eu vi que tem o manual, né? Faz tempo que vocês fizeram e trabalham com isso?*

### **2. Catalogador/indexador 1:**

*((RI)) Tem ele, é, é bem antiquinho, inclusive. Deixa eu ver, é de 2015? mas acho que foi mais ou menos nessa época que que o pessoal mais está estudando isso desde antes, né? Ela é bem estruturadinho assim. Tem umas umas coisinhas que é. Eu*

*questiono, entendeu? Até acho que seria legal você, o campo 697, você dar uma aprofundada nisso, porque é uma forma, assim, muito técnica de marcar e muito, é, repetitiva, você acaba uma extra indexação, igual ...../ voz solo e voz solista, instrumento solo, instrumento solista. São coisas diferentes. No manual fala que são diferentes, mas aí no campo 697, você acaba repetindo, mas são não, são a mesma coisa, não. E, assim, pro usuário também, eu não vejo sentido a gente colocar esse campo 697, é, porque é muito técnico e, assim, ele não vai usar esse tipo de essa, essa que eles chamam de sintaxe para fazer busca. Inclusive eu tenho mostrado por alguns usuários aqui, pessoal que já está até no mestrado, se entende o que é que é isso? Ah, então, as abreviaturas de alguns instrumentos estão meio parece que meio fora de padrão, pelo menos do que eu conheço. Você usaria esse campo para fazer busca? Não, não usaria, porque assim ele é complexo, entendeu? Então é, é algo que a gente demanda muito tempo, hoje ainda fiz rapidinho, porque tinha muito parecido ali, no manual, em geral, a gente abre outro registro e copia se tem a mesma instrumentação, sabe? Se não, eu não estou fazendo, porque assim eu já pedi ajuda para quem é músico e tal, e a gente quebra a cabeça assim, gasta um grande tempo e eu tenho um acervo gigantesco para catalogar e não dá para ficar gastando esse tempo para uma coisa que eu não tenho indício nenhum de que o usuário vai usar para pesquisar ou sequer vai entender. Inclusive no sistema, no acervo, se você entra no acervo, você busca qualquer registro de partitura, ele não vai aparecer para o usuário, ele só vai aparecer para o usuário se ele abriu o MARC, só que o usuário não entende o MARC. Então, para que eu estou fazendo esse campo? Então, é uma coisa que se dá para questionar. Por que que a gente faz isso, entendeu? Mas, eu sei o porquê. Depois a gente pode até conversar tal falando um pouco disso, né? Foi uma pesquisa de um professor que foi coordenador aqui, enfim, que como pesquisa foi legal, mas no dia a dia da Biblioteconomia, eu particularmente não, não vejo sentido.*

### **3. Pesquisador:**

*Nossa, que coisa isso, eu cheguei a achar interessante. Você chegou, então, a consultar os próprios alunos, né? pra ter uma noção do que eles vão querer também, né? Porque, senão, qual sentido o objetivo da biblioteca? É uma coisa a se pensar mesmo ..... No caso, o acervo é mais voltado para música clássica? pra ..... orquestra, por conta do curso?*

### **3. Catalogador/indexador 1:**

*Uhum, é então/ É, ele, então, é bem específica de música, é, erudita, da fase contemporânea. Então, música de começo do século passado até agora, a gente tem um acervo enorme que veio da França, que foi um acervo, que foi criou, assim, a biblioteca. Há 30 e tantos anos, inclusive, esse ano, a gente faz 35 anos, né? Então, há 35 anos, esse professor, que eu comentei com você, ele conseguiu porque tem / tinha o centro de documentação de música contemporânea. Ele conseguiu fazer uma tipo uma, como se fosse uma filial aqui na Unicamp. Então, ele conseguiu, é doação*

*oficial por meio do governo, de uma de um acervo enorme, que é esse acervo que eu estou trabalhando, né? A outra bibliotecária tinha feito muita coisa e agora eu tô tentando finalizar essa parte do acervo, que é o acervo original, por isso, a gente chama a classificação que se usa lá, chama OCDMC, né? E a gente tem bastante coisa também de compositores brasileiros, que é o que mais tá tendo procura agora, né? É, mas tudo nessa fase contemporânea.*

#### **4. Pesquisador:**

*Que legal! então, é bastante coisas vocês estão concluindo. Normalmente, os acervos de partituras são tão pequeninos .....*

#### **4. Catalogador/indexador 1:**

*Então, eu acho que uns 90% é partitura, a gente tem um pouco de de livro, um tanto CD e tem algumas coisas também diferentes: tem fita cassete, porque quando vieram os CDS / as partituras da França, vieram algumas gravações também em fita cassete. Então, tem um projeto aqui que está sendo digitalizado, não é para o projeto do pesquisador, que é coordenador aqui está digitalizando tudo. Vamos ver como é que isso vai ser divulgado no futuro, né?*

#### **5. Pesquisador:**

*Que legal! Então, ele é bem completo, né? .....*

#### **5. Catalogador/indexador 1:**

*Uhum.*

#### **6. Pesquisador:**

*Que legal! E, assim, pensando agora, vocês não tem um vocabulário controlado pra isso, né?*

#### **6. Catalogador/indexador 1:**

*Não tem. Essa é uma coisa, um negócio que eu já reclamei, porque tem muito termo que, assim, você agora / ainda eu conheço mais um pouquinho, mesmo quando eu não conheço um termo, eu consigo inferir, Ah, eu acho que tem tal coisa, mas você não tem uma estrutura para procurar. No começo eu tinha que ficar jogando um por um para ver, “ai, será que é, será que não é?” E aí tem que ter, vou repetir, por exemplo, música Capela tem 4 termos, com 2 PS com 2 LS, com um PE 1L só, sabe? {variações terminológicas diferentes}. Esses dias eu mesmo vi, não sei o que era, mas, tipo tem assim, é VARIAÇÃO-MÚSICA e VARIAÇÕES-MÚSICA, sabe? Então, você fica meio perdido, o que é que eu combinei com o pessoal da chefia de catalogação? Que eu vou fazer um apanhado geral para ver o que que tem. Então, toda segunda-feira à tarde eu pego / só que também não tem como pesquisar, então,*

*estou jogando lá, primeiro, joguei piano, eu acho, então, tudo o que tem piano, estou vendo que tem de problemático. Está repetido, sabe? Se está no plural, se está no singular, e não sei o que. Só que eles não querem fazer um tesouro, por medo do impacto que isso vai dar nos registros que já existem. Eu até tinha sugerido a gente fazer um só de partitura, só que tem muita partitura no IA também no Instituto de Artes. Então, se eu for mudar o registro, vai impactar neles lá, tal. Então, então eu vou, vou, a gente vai tentar fazer uma limpeza nesses registros da área de música, só que, assim, vai ter que ser a mão, um trabalho de formiguinha, ficar vendo termo por termo, aí ..... vai ser fogo ((RI)).*

## **7. Pesquisador:**

*Nossa, isso vai levar bastante tempo ..... vai ser algo bem trabalhoso .....*

## **7. Catalogador/indexador 1:**

*Então, deixa eu ver, se tiver curiosidade, deixa eu ver onde é que tá o arquivo. Essa semana eu nem trabalhei nele / Ah, é segunda-feira, eu estava passando mal, eu faltei. Ai, onde é que está o bichinho? Assuntos aqui, deixa eu compartilhar com você. .... Ué, cadê? você tá vendo? Ah, não, tá mostrando a pastinha ..... Espera aí. Bem, eu comecei com música. Tá vendo? ACÚSTICA-(MÚSICA) / ACÚSTICA-MUSICAL, tem alguns termos invertidos, outros não, sabe?*

*MÚSICA, CORAL e VOCAL. Eu não sei se quem colocou queria marcar alguma diferença também. Você também não tem uma nota de escopo pra saber o que é que é. Até tem um lugar para colocar, mas não tem, entendeu? Aí junta com os termos que quando você puxa o registro de outra biblioteca, ele salva os termos, sabe? Então ((RI)) ..... é ..... então, ó, ARCO(MUSICA) / ARCOS (MÚSICA). Então, tá ..... nesse nível ((RI)).*

## **8. Pesquisador:**

*Então, na hora que finalizar vai ficar bem grande, né?*

## **8. Catalogador/indexador 1:**

*Então ..... eu tô ..... / combinei de dar uma limpada no que está errado e ver alguma coisa que esteja faltando? É, não vai poder mudar o que tá pra trás, né?*

## **9. Pesquisador:**

*Então, na hora que finalizar vai ficar bem grande, né?*

## **9. Catalogador/indexador 1:**

*Então ..... é, eu tenho, tenho interesse em fazer isso, pelo menos para eu consultar, não é? Fica mais fácil, pelo menos colocar o contexto do acervo, né?*

*Eu, por exemplo, tem a semana retrasada, veio um moço que ele queria partituras gráficas. Eu falei, olha, tem partitura gráfica. Só que, pra eu achar, eu vou ter que olhar uma por uma, porque a gente não tem um descritor, um termo PARTITURA GRÁFICA realmente deveria ter. E aí o que é que eu fiz, eu fui no Google Acadêmico, procurei compositores que costumam trabalhar com a estrutura gráfica, identifiquei alguns que tinham aqui, fui lá, mexi no acervo desses compositores, achei aí eu criei um termo PARTITURA GRÁFICA e eu estou colocando, sabe? Tipo, aqui é uma pesquisa do mestrado dele, é esse, é essa, então, estou colocando, foi depois eu pretendo falar para ele, agora você entra no nosso sistema e procura aí no campo assunto partitura gráfica, você vai conseguir ter uma noção do que a gente tem, mas eu vou ter que parar pra procurando, lembrando dos ou pesquisando compositor tá indo lá pra ver e daqui pro futuro também, quando aparece uma pesquisa gráfica, é uma coisa que talvez na outra biblioteca do instituto de artes não tenha essa necessidade, mas aqui tem porque tem, tem até aqui bastante, sabe?*

**10. Pesquisador:**

*E, assim, uma curiosidade minha, qual a diferença entre uma partitura comum e uma partitura gráfica?*

**10. Catalogador/indexador 1:**

*Então ..... você quer ver? você já conhece? eu não tô te escutando direito .....*

**11. Pesquisador:**

*Então, quando se fala de partitura, pra mim, já é algo gráfico, né?*

**11. Catalogador/indexador 1:**

*Ahh ..... porque quer ver? eu até salvei uns e tirei fotos, que eu também sou professora e eu tava mostrando pros alunos e a disciplina é de indexação, né? Estava mostrando para os alunos e eu tirei umas fotos, cadê? Deixa eu achar, tem essa ..... deixa eu fazer o download que eu eu não lembro, né? o que eu salvei, porque eu eu tenho, é, por exemplo, porque é uma coisa diferente, é, partitura manuscrita. Então, o cara é uma primeira vez, sei lá o que ele está compondo. Ele não está escrevendo no papel, então está aqui, sabe? Então tem bastante coisas diferenciadas.*

**12. Pesquisador:**

*Interessante isso. Dá bastante diferença /*

**12. Catalogador/indexador 1:**

*Deixa eu compartilhar aqui, é, então, bem diferente e isso dá diferença na hora de de analisar e catalogar, né?*

**13. Pesquisador:**

Quando eu vou ver a teoria, por exemplo *{tirar print da partitura gráfica para usar como exemplo na análise 40m21s}*..... um conceito definido de partitura, imagina esse tipo dela. Caramba!

**13. Catalogador/indexador 1:**

Então, esse é um exemplo, não entendo, tem a explicação lá. Eu ouvi a peça e tal, no Youtube tinha a peça, tem uma outra que..... / ó, essa aqui, é manuscrita, é gráfica

**14. Pesquisador:**

Para mim não aparece. Ah, agora sim, olha só que diferença! nossa, eu não saberia nem como ler uma coisa assim.

**14. Catalogador/indexador 1:**

Então, eu também não sei. Até vem, tem esse moço do mestrado, ele se interessou por essa. Vamos ver o que ele vai achar e ele vai descobrir. Essa daqui também, ó. Tem umas muito bonitas, sabe que tem assim desenhos, nossa, muito louco. Bem doido, né?

**15. Pesquisador:**

Não sei como fazer o processamento disso ..... você usa o excel, certo?

**15. Catalogador/indexador 1:**

É que a gente nessas, nessas partituras que vieram da França, a gente recebeu uma ficha de documentação junto, sabe? Então, tem vários detalhes ali e, então fica fácil de a gente pesquisar. Sim, é, porque o Sophia. / Primeiro que o Sophia é muito pequenininha a letra, sabe? Não tem como aumentar, você aumenta a letra, aumenta a interface não dá zum de jeito nenhum. Então, eu acho ruim digitar certas coisas. Então, eu acho mais rápido fazer as notas tudo de uma vez, vou jogando e é mais rápido do que digitando uma por uma. E acho que fica mais fácil do que fazer na word. E, ali, eu consigo conseguir chegar melhor e também, principalmente essas abreviaturaszinhas e tal. Tem que a gente ficar cego olhando lá, né? Eu pelo menos não consigo direito olhando no Sophia. Ele é muito pequenininho. Não, eu tenho.

**16. Pesquisador:**

É uma outra forma de se trabalhar, né? isso ajuda bastante. É muita coisa pra fazer, né? Eu acho que de forma geral é isso. Você respondeu à todas as dúvidas que eu tinha no setor / vai ajudar bastante para desenvolver a tese, que eu tô no último agora.

**16. Catalogador/indexador 1:**

*Ah, já tá no ultimo ano? Ah, legal!*

**17. Pesquisador:**

*A ideia foi tentar elaborar um modelo de leitura documentária para partitura, né, mas primeiro eu preciso primeiro é organizar esses pontos que tenho, as divergências de partitura. O que é para uma área não é para outra, então.*

**17. Catalogador/indexador 1:**

*É, aqui, eu / você tem o manual? você quer o manual. O nosso manual, porque acho que ele não está disponível na internet. Se você quiser, eu te mando.*

**18. Pesquisador:**

*Ah, nossa, vai ajudar bastante .....*

**18. Catalogador/indexador 1:**

*Eu só tenho esse manual, o de indexação tá sendo feito agora. nem sei como é que vai ficar ..... Eu queria tento sim colocar no mínimo os 3 descritores e tal. Mas assim, você não tem muito, você não tem, a gente não tem, sabe? Fui aprendendo na prática mesmo, mas não tem, assim, como ler a partitura, assim, alguns critérios para a gente analisar e tal, mais a prática mesmo, o treinamento no dia a dia, perguntando para o pessoal que frequenta aqui e tal.*

**18. Pesquisador:**

*Ah, os alunos procuram por assunto ou é algo assim ou é algo assim que é, eles não vêm à cidade.*

**18. Catalogador/indexador 1:**

*Procura, procura ..... assunto sempre mais procura é instrumentação, porque aí, Ah, tá, eu tenho, sei lá, eu tenho um amigo, sou pianista, eu tenho um amigo que canta, ele é, sei lá, ele é barítono, não é você que que você tem aí para piano e barito, então você é muito importante para eles. Mas pega assim mesmo saber essa parte, o tipo, né, se é uma canção, uma fuga e não sei o que não. Pelo menos aqui comigo não. Eles não costumam falar e nacionalidade também, porque a gente está focando muito em compositor brasileiro. Então é por isso que eu gosto de colocar ali na ..... / tentando colocar sempre a nacionalidade ali, na indexação pra ficar mais fácil, quer dizer, pelo nome. Você não lembra direito, mesmo sendo brasileiro. Sabe? Porque tem um brasileiro que com sobrenome francês, assim e tal. Então eu gosto de colocar, porque o que é que você tem para violoncelo, o solo, mas aquele compositor brasileiro sabe? Então, então, o assunto realmente importa, principalmente, a instrumentação.*

**19. Pesquisador:**

*Ah, eu acho que é isso mesmo, ficou completinha bem de lembro que eu precisava para ver mesmo a prática, entender melhor como que ela se encaixava na loteria. Queria te agradecer por ter se disponibilizado a me ajudar.*

**19. Catalogador/indexador 1:**

*Ah, beleza, imagina, qualquer coisa você me manda o e-mail? eu vou te mandar Oo manual. Então tá, a gente está até a gente está tentando fazer um evento científico aqui para comemorar os 35 anos. Aí eu te mando também. Aí tentamos uma coisa na área de documentação musical, então juntar música e biblioteconomia mesmo, vamos ver se dá certo.*

**20. Pesquisador 1:**

*Legal, conheço alguns colegas que trabalharam comigo e a classificação de instrumentos musicais. Uma da professora que trabalha com o governo, profissão musical e vão se interessar. Muito obrigado, vou parar de te incomodar e te deixar trabalhar. Tchau. Obrigado, bom final de semana, muito obrigada.*

**20. Catalogador/indexador 1:**

*Tchau, obrigada, bom final de semana.*

## **Apêndice G - Transcrição da coleta de dados na Biblioteca C**

### **1. Pesquisador 1:**

*Então, quando você quiser começar, você pode ficar à vontade, fazer do jeito que você quer no seu tempo, não importa não..... leva o tempo que você precisa .....*

### **1. Catalogador/indexador 1:**

*É independente da partitura, pode ser de qualquer instrumento, qualquer grupo, qualquer promoção, tá? É, como é que eu faço para virar o vídeo para você, porque eu estou no meu telefone .....*

### **2. Pesquisador 1:**

*Ah, você está no teu telefone, é ..... teria que compartilhar a tela? Embaixo, assim, será que não tem um botãozinho para virar?*

### **2. Catalogador/indexador 1:**

*Deixa eu ver ..... ..~~ ele não tem o botãozinho de virar, mas eu viro o telefone e você consegue ver o que eu tô fazendo. Assim você consegue ver?*

### **3. Pesquisador 1:**

*Sim, consigo, perfeito.*

### **3. Catalogador/indexador 1:**

*Tá, esse aqui é o programa que a gente usa, PHL, tá? aí, eu vou registrar um livro aqui pra você no catálogo. Na verdade, o material que eu vou pegar é um ..... deixa eu ver o que que ele é, porque ele tá até no saquinho. É esse aqui? Ele tá até no saquinho. Não abri ainda.*

*Ah, teria que ser uma partitura mesmo. Ah, mas às vezes ele é um método, aí ele serve, entendeu? Olha, é um método então, aí no caso, ele é de violino. Ele é monográfico, ele é impresso. ...~~ Aqui na biblioteca, ele, a gente não tem um código de classificação para as partituras, ela é guardada e organizada de acordo com a formação dos grupos de orquestra. Hum. Então, esse material é um método de violino. Então, aqui eu colocaria o número do tombo. Então, eu venho aqui, eu pego o número do tombo, porque o número do tombo ele é no caso aqui da biblioteca, ele foi feito de forma diferente por várias pessoas que passou, então, ele não segue uma linha numérica, como é um método, no caso uma partitura, e é original, ele segue aqui na partitura. Então aqui, o próximo, então, é 6598.. Aí aqui 6598.. aí quem que é o autor? ...~~{preenchendo os dados}. É o que está no material, a cidade de publicação, é, editora, o ano da publicação e aqui o sistema tem que colocar desse jeito na hora de....~~, Ah, Jesus, na hora de colocar essa data padronizada, tem que repetir a data de publicação e colocar mais 4 zeros. Mas isso é o sistema aí, assim como palavra chave, ele é um MÉTODO e é pra VIOLINO..... Só que foi uma doação. Como eu tenho 2 exemplos / isso já, então não vou ter que arrumar. Como eu tenho 2 exemplares desse material, aí eu já tom~bo de novo para ser o outro material. É mais ou menos isso que você quer? {pesquisadora acena afirmando com a cabeça} ...~~ aí agora vou colocar essa daqui, que é uma sonatina de ravel para piano, esse é uma partitura. Não, geralmente eu pesquiso aqui, se eu já tenho esse material. / Trombone, viola, piano, obra completa, valsa, sonatina. Eu tenho a sonatina dessa editora aqui.*

A minha é da shiner, eu posso copiar esse registro, mudar aqui, aquela foi 6601. Aí depois eu vejo a localização dele. Aí ele é Maurício Ravel. É uma só que aí que no caso ele é sonatina. Quando não tem data, a gente coloca tudo zero aqui nesse sistema, tá? Aí é, músico, ele precisa de algumas informações. Então, por exemplo, na hora que eu abro a partitura, ela é uma partitura de piano, ó, tá vendo que tá escrito sonatina 1905 por na folha de rosto? Ela não estava escrito isso, mas eu preciso por. Percebe? Às vezes o Ravel publicou 1900, 1906, é sonatina 1907, é, sonatina um e não necessariamente esse é o ano de publicação da sonatina, mas é um meio de identificar o material ..... Aí como palavra chave. SONATINA, RAVEL. Aqui no caso, eu não sou musicista, eu sou bibliotecária, eu vou perguntar pra um professor de piano a tonalidade dessa música, aí eu vou por aqui. No caso, sonatina, se for em sol maior, SONATINA EM SOL MAIOR. Por mais que não esteja na partitura, são informações que meu aluno precisa. Aí ela é inglês, tem 19. Esse sistema permite que eu coloque, é ..... , que eu coloque a carta do objeto que seria aqui, só que eu teria que escanear tudo e eu também poderia digitalizar essa partitura e colocar é num outro campo, cadê o outro campo? E colocar ela aqui, Tá? mas como não dá tempo de fazer isso e, mesmo que eu fizesse, você não ia conseguir ver, mas eu posso te mostrar no outro sistema como que funciona. Essa é uma doação também.

Aí, no caso, na hora de buscar, ...~~ Já tem, nossa, já tem também mesmo. ...~~ Então, eu estou aqui no conservatório, faz, acho que 13 anos. Com o tempo a gente acabou prendendo naturalmente sobre música, principalmente, quando alguns autores que a gente já sabe, identificando também ao longo do processo, quando o aluno pede algum material, por exemplo, Ah, eu quero o concerto de Chaminade, aí eu já sei que esse que essa partitura está dentro do, é, autores franceses para flauta. Então, é nesse livro que eu tenho que buscar. Quando o aluno pede Ah, eu preciso de uma invenção a 2 vozes de bá. Eu já sei que está no livro invenção e sinfonia. Então eu já pego a coleção do nosso plano para ele ver qual que ele quer. É, agora, quando eles falam assim, Ah, eu preciso de uma música pra voz grave ou pra voz média. Eu não sei identificar o que é uma voz grave, uma voz média. Aí eu pergunto, qual qual é? o tipo de voz, né, mezzo soprano, se é contralto, se é barítono se é mezzo, e aí eu pego a partitura, a partir dessas informações. Se o aluno não souber, aí eu, eu, eu mostro o que eu tenho e ele olha e vê se a tonalidade da música é aquilo que ele está procurando. Se a tonalidade da música o aluno vê aqui, ó, é, através do ..... tem a de sol, né? E tem os acidentes musicais, é? Fá, dó, sol, provavelmente essa partitura está em dó, mas eu não tenho certeza. Isso tem que olhar um tempo, mas quando eu era adolescente, não, não pra trabalhar aqui, então, algumas coisas eu sei, tipo as claves, sei que viola toca na clave de DO, outros instrumentos toca na contrabaixo tocando na clave de FA. Então, se não tiver indicação na partitura, eu eu sei identificar qual instrumento toca em determinada classe. Aqui, nesse caso, tá escrito determinado que é pra piano, então, é fácil de identificar. Agora, essa daqui ela é ..... Essa daqui vai ser legal de registrar. Da pra ver? {cabeça afirmativa da pesquisadora}, Ó, nós vamos registrar isso aqui. Aqui eu sei que ele está em francês, aqui provavelmente está em russo. É uma partitura pra piano, de prokofiev. ...~~ Ah, eu vou ver se eu tenho ela. Se bem que mesmo se eu tiver essa partitura no sistema, ó, eu tenho essa partitura no sistema, eu vou ter que cadastrar ela de novo, porque o número de localização dela vai ser outro, porque não cabe mais o meu acervo, não vai caber junto. Mas o que que eu posso fazer aqui? Eu posso copiar o registro. Aí aqui eu parei no ..... Aí eu sei que ela é pra piano, ela é do prokofiev, ela está escrito exatamente igual, ó, é. Teu..., não sei o quê. Sugestão de abolic. Aí ela é, aí aqui, ó,

tá vendo que ele coloca o número do opus e o número do da partitura? Isso aqui é importantíssimo para o meu aluno. Então, aí aqui a gente coloca Opus 4, aí OM não é mais. É m.4, tem que levar a tonalidade, porque o aluno procura, eu quero uma a Sonata de sol em ..... Eu quero a sonata em sol maior, número 3 de Batch. Eu quero a Sonata não sei o quê. EEE. Aí, como são várias, tem que levar em consideração. Isso eu coloco nas palavras-chave, no caso, aqui, ó, ela está em russo, né? Então, o meu russo é péssimo. Na verdade, nem sei russo, aí eu jogo no Google. ...~~ Ah, não, aqui não pode tratar a partitura como texto corrido, aqui não tem como. Espera só um minuto {alguém chamou o indexador e ele se ausentou por alguns momentos} ...~~ Deixa eu ver se ele fala alguma coisa nessa partitura, pra eu tentar cadastrar o meu, o meu. O meu / a minha partitura da forma mais assertiva possível. Então, aqui tem de 1 a 3, eu preciso da número 4, que é essa aqui. Eu coloquei ela como, na verdade eu vou por como subtítulo. Esse site, ele é um site de partituras, tá que tá, que estão em domínio público. Então, eu consulto muito ele / Ai, aqui não tem muitas informações, mas vamos ver na descrição, na descrição. Ah, não vai ter, só vai ter isso, primeira edição. Não vai me ajudar em muita coisa, não. .... Aqui, no caso, com partituras musicais, muitas coisas a gente tem que / a gente como bibliotecário tem que pesquisar fora da partitura {paratexto?}, porque muitas informações que são importantes pro, pro meu aluno, ele não, ele não tá na partitura e eu preciso saber, aí no caso que eu peguei do IMSLP. Vamos ver se tem alguma coisa assim. 4 peças pra piano, número 4 sugestão de adolínic do Sergei prokofiev. Mas não fala a tonalidade e essa aqui também é para outro instrumento, porque está em quadro de fato. Vai ter que ficar assim, mas no caso, o que eu posso fazer para melhorar para o meu aluno é digitalizar esse material e, e aí ele vai ter a possibilidade de ver esse material digitalizado e ver se é aquilo que ele quer. O 6608 já tá? É uma / Então, na verdade, aqui as coisas são colocadas de acordo com a busca do meu usuário. Se ele busca por FORTE PIANO, eu vou colocar como FORTE PIANO. Se ele busca, como, assim, aqui não vai, tá. Se ele busca como BAIXO CONTÍNUO, eu coloco como BAIXO CONTÍNUO. Se ele busca como CRAVO, eu coloco como CRAVO, eu coloco o jeito que ele busca, porque senão não acha, ainda mais partituras, que, é ..... como é que eu explico, ainda mais partituras que estão em outra língua, porque se fosse tudo em português, o aluno ia achar, mas ele não tá em português, então, é fica difícil, porque o aluno vai procurar, ele procura em português, ele não procura inglês, ele não procura em alemão ..... eu tenho partitura em japonês, ele não procura nessa língua, ele procura pela formação do instrumento. Deixa eu ver uma ..... / ah, essa daqui, essa é brasileira, dá para ver? Estes são os ponteiros do não, do Nilson Lombardi, famosíssimo. Provavelmente, eu tenho ela / obra completa, é um áudio, ó, tenho ela igualzinha. Vou copiar o registro. Aí aqui, no caso, ela é 6610 para piano, mas ela vai tá em outro lugar. Então, Nilson Lombardi são os PONTEIOS PARA PIANO, ..... ...~~ tem 22 páginas da da Record. Tá aí, essa daqui, elas são vários ponteiros, ó. Só que, no caso, esse daqui eu vou por, eu vou por diferente, e aí eu copio e arrumo o outro registro, porque, conforme eu for pegando uma partitura e eu vejo que ela pode ser melhorada, eu vou melhorando, então, aqui ó, ponteiro número 1. Moderado. Ponteiro número 2 movido. Ponteiro número 3 agitado, então é o nome dos ponteiros. Ponteiro número 4 anos Bomboleado, isso daqui é o tipo que o aluno vai tocar? Isso tá? Ah, eu quero o ponteiro número tal do Lombardi, então, ele vai achar nesse livro de pompeios. No caso aqui, ó, 7608, deixa eu anotar pra eu não esquecer ..... Aí aqui, eu vou, eu vou apagar aí, vou tombar. É uma doação. 7608 aí. Só que eu vou copiar isso aqui. Aí no caso, isso aqui é PONTEIOS, do Nilson Lombardi. ...~~ Você viu que aqui eu

tirei aquele link? É isso aqui, ó. Aquele link que aparece aqui é a capinha, e aí como eu arrumei aqui as notas, eu vou apagar e vou colocar de outro jeito e aí eu vou arrumar as palavras-chave, que são os PONTEIOS e a PIANO DO NILSON LOMBARDI. Aí esse é o ponteio, aí abre a expressão e fica assim. {indexador pausa por uns minutos e procura outra partitura} Esse é do Marlos Nobre, também famosíssimo. Isso, piano, eu quero no primeiro ciclo nordestino? primeiro ciclo nordestino. Então, ele é pra piano, aqui vai ser 66. 11, eu acho. No caso dos últimos passos, páginas e daqui são 7. Do tempo, 66. É ..... ...~~. O outro é esse daqui, ó, ...~~ tá em francês. Como é pra piano, eu posso pegar qualquer um desse, copiar o registro? Aí é 6613, era piano. Aí eu já venho pro Google. Vou ver se tem no IMSLP. Não. ...~~ Aqui, no caso, eu coloquei 2 porque eu tenho 2 partituras. ...~~ Tem essa, no caso que eu acabei de digitalizar, de de cadastrar pra você, provavelmente, ela é uma partitura rara, por que? porque edições Guanabara não existem mais. E ela é bem bonita, ó, a gente tem partituras bem bonitas. E ela é de 79, essa impressão. / vou pegar mais uma ...../ Ah, não, tenho mais três partituras dessas. Aí nós vamos fazer essa ..... nossa, nós não temos, mas eu cadastrei, por que que entra em outra? eu pesquisei ...~~ Agora eu tenho que caçar pombo. Ela tá aqui, ó, e eu sofrendo ..... Minha memória é péssima, tá? Então, eu tenho que ficar voltando pra ver o que eu fiz. .... 8817 {falando consigo mesma}. Esse que eu vou usar ...~~ De todas as partituras, é difícil identificar quando é piano a 4 mãos, 2 pianos, piano, a ..... / É, piano a 4 mãos e partitura para 2 pianos, eu acho difícil de identificar. O IMSLP me mostrou que essa partitura, ele é do período romântico.

## Apêndice H - Transcrição da entrevista retrospectiva com os bibliotecários catalogadores/indexadores da Biblioteca C

### 1. Catalogador/indexador 1:

*Quer ver quando é duo, trio? É, o processo está parecido, mas aí na ao invés de ser piano, ali na descrição, ele vai ser um. 11. Trio ou um quarteto, aí na palavra chave ela entra como? Com a formação, por exemplo, se é um duo de flautas, aí é do de flauta, se é um duo de piano e violoncelo ou de qual violão, aí vai ser partitura, com a flauta. E aí entra como música de câmara, duos, trios, quartetos, quintetos, até até nonetos, se eu não me engano. É música de câmara. A gente coloca como música de câmara que é, é partituras pra prática de conjunto, porque tem algumas coisas que a gente / eu não sei se todas as instituições têm, mas aqui a gente chama de música de Câmara. Não sei se nos em outras instituições usa como música de câmara, então. Aí a gente também pode pôr, por exemplo, são do de cordas, pode pôr, que é é um duo de madeiras, se é um duo de violoncelo, aí pode pôr que é um duo de cordas. Aí as palavras, a palavra chave, você pode enriquecendo a partir disso, porque aí na hora que o aluno busca é na palavra chave, ele é um hiperlink, né? Nesse sistema. Então, se ele clicar em duo de madeira, é duo de cordas, vai aparecer tudo o que a gente tem de duo de madeira, duo de corda, independente do autor ou se a gente colocar duo, o aluno quer saber tudo o que a gente tem de duo, aí clica na palavra duo e vai aparecer tudo o que a gente tem em relação àquele autor e quando tem algum, como que eu explico, algum revisor, editora, arranjador importante..... a gente também coloca, porque isso é, tem alunos que querem partituras específicas daquele arranjador, daquele adaptador, daquele transcritor, e também se a partitura dá Urtext.. que quando geralmente ela é da Rendeling, dessa editora, quando tá escrito Urtext na partitura, quer dizer que não houve intervenção da editora na hora de fazer a editoração dessa partitura. Então, tudo que o aluno quer, ele quer da urtext, Aí, às vezes, eles pedem assim: aí, eu quero da Peters, eles eles pedem pela editora, então, a editora pra mim é muito importante ter. Assim como o opus e o número da da música que eu, por exemplo, Bach fez as a invenção, mas tem um, tem 15 invenções e cada invenção tem um número e tem um. No caso, no caso do Bach, é o bwv, né? O bwv é diferente. Tudo é levado em consideração. É a gente como bibliotecário de partituras musicais, a gente busca fora da partitura informações relevantes para o usuário. Então, se, por exemplo, eu uso não sei a ..... tonalidade da música, eu vou pesquisar e vou colocar tonalidade da música pro meu usuário, principalmente, se for uma sonata, um conceito, que que é coisa que os compositores fazem. Agora, se é uma música igual a que eu acabei de fazer: "Pure as Snow" deve ser, é, puro como a neve, né? não tem necessidade de por a tonalidade da música, porque é uma música, é, com um nome específico, com opus específico. Ela não é uma música genérica, né? Igual um ponteio. Por exemplo, o livro de ponteios do Camargo Guarnieri são 3 livros, do 1 ao 50. Do um ao 50, dividido em 3 vezes. Então, para o aluno, não é importante ele saber que livro está tal ponteio? Partitura, de Lorenzo Fernandes, por exemplo, que tem as coleções, tem que pôr que tipo de coleção é, porque, aí ele vem, Ah, eu quero as deixa ver uma aqui para não falar besteira. .... Aqui tem do Lourenço Fernandes pra cadastrar, se você quiser, eu faço pra você {sinal de concordância feito pela pesquisadora}. Por exemplo, eu quero a seresta número 4 da Suíça infantil número 1, mas tem a seresta número 2, tem a seresta número 3 a 4 a 5 da suíte infantil número 2, do mesmo jeito que tem a seresta da suíte infantil número 2, aí que*

é outra que é da outra coleção e Suíça infantil das é Suíça infantil sobre as 5 notas e aí isso é importante por, porque aí as partituras são diferentes, aí aqui no caso, ó, não sei se consegue ver, esses autores brasileiro é autor brasileiro não sai da biblioteca, tá? Então, por isso ele é colocado essa tarja azul. Então, as partituras são enviadas por e-mail pro aluno, e aí a gente tem a capinha, né? Pra ficar bonitinho e como é uma coleção, elas são todas iguais. E aí está escrito partitura, porque aqui no campo 84, a gente colocou a partitura digitalizada, no campo 70, a gente coloca a imagem do objeto, que, no caso, é a foto da da capa da partitura. Aqui foi colocado na nota de conteúdo, mas dá para ver porque é, essa é a camponesa italiana, número 3 da suíte infantil bonecas, da série sobre as 5 notas, mas tem a pastorinha portuguesa, a camponesa italiana, que é essa, a lenhadora russa, a baianinha das cocadas. Aí nessa tem, é descrita que quantas tem da coleção e qual é essa dentro da coleção. Ah, eu gosto demais. Não é só só a partitura que a gente tem que levar em consideração, né?{PARATEXTO} A gente tem que levar tudo em consideração, porque tudo é importante para o aluno, né? E, se a partitura, por exemplo, sua partitura é um duo, e aí, ela é um duo pra Violino e viola, ela tem a grade? porque às vezes o aluno quer só a grade, então, tem e, às vezes a gente não tem a grade, a gente só tem as partes separadas. Aí tem que por na nota que a gente só tem as partes separadas, que a gente tem as partes separadas da do violino, da viola, que a gente tem uma grade, a gente põe a partitura completa. Na hora de digitalizar também a gente digitaliza e põe separado a grade. Também poderia pôr duo de cordas, que aí os alunos buscam, é, porque duo de cordas é violino, viola, violoncelo, contrabaixo erudito. São vários instrumentos. Aí, do meu interesse, tem os sopros, oboé, flauta, o boé flauta Piccolo. Aí tem as madeiras, aí depende do instrumento, aí tem os metais, tudo, os trombones, bombardinos. É depois, se você quiser, eu mando no seu WhatsApp o link do catálogo. Você consegue explorar o nosso catálogo 24 horas. Ele está disponível 24 horas por dia na internet. Aí você consegue explorar. Ele está em fase de melhoramento, a gente consegue achar a partitura, a gente consegue encontrar o material até de forma rápida e assertiva, saber onde ele está. Só que tem determinadas coisas, por exemplo, tem é donata, é para alguns alunos, falta ainda em nota maior, menor, a tonalidade. Então, a gente está, agora, colocando a tonalidade na música, para poder facilitar para o aluno e também está colocando o período, se é romântico, se é clássico, se é moderno, se é música antiga, porque a gente tem o curso de performance histórico. Então, tem a música antiga, né? Para alaúde, para prato. E, bom, também, se você quiser fazer, é quiser que eu cadastre coisas de duo ou trio, a gente pode marcar um outro dia, geralmente de sexta-feira é o dia mais sossegado, porque é o dia que os alunos têm aula lá na sede, né? Então, aqui onde eu trabalho é bem mais sossegado. Então, se pode ver que eu não tive interferência de alunos, porque os alunos não estão aqui, eles estão em outro prédio. Agora, de segunda a quinta é praticamente impossível.

### **1. Pesquisador 1:**

É o processo mais completo que eu vi até o momento assim, né? Normalmente é tudo tão mais simples, é, não aprofundam tanto assim, né? Vai ajudar demais na pesquisa.

### **2. Catalogador/indexador 1:**

*Você já viu ..... / é que eu queria virar a câmera pra você ver, né? mas pra você ver o acervo. Eu não estudei no instituto de artes, né? Eu estudei na Unesp de Marília e amo isso. Ah, a Mariângela Fujita é sua orientadora, né? Ela foi minha professora. Aí, aqui estão nossas partituras, elas estão organizadas em estantes, caixas e pastas. Dá pra ver?*

**2. Pesquisador 1:**

*Sim, dá pra ver.*

**3. Catalogador/indexador 1:**

*Então, a estante 21, aqui é piano, caixa 9, tem das letras AACCC, você puxa essa pasta ..... é que tá fora de ordem, mas é a pasta 4, aí é organizado pela ordem da orquestra, aí é piano, flauta doce, flauta transversal, clarinete, sax, aí vem todos os metais, agora é madeira, fagode, depois vem trompa, trompete. E assim vão. Bem bonitinho. Dá para ver?*

**3. Pesquisador 1:**

*Dá pra ver.*

**3. Catalogador/indexador 1:**

*A maioria aqui é erudito, mas tem bastante coisa do popular. É, esse é um acervo específico do Zacharia, que é um violinista italiano, se eu não me engano e essa é uma doação que veio do Rio de Janeiro, que eu ainda não mexi. Nossa que veio muita coisa de banda, de orquestra, de Big Bang que a gente tem, os grupos aqui também.*

**4. Pesquisador 1:**

*Vocês recebem estagiário, por exemplo, para fazer esse tipo de coisa:*

**4. Catalogador/indexador 1:**

*Eu tenho 2 bolsistas, esse é o meu terceiro ano com bolsista. Eles são músicos, o que ajuda bastante e um é da artes cênicas, porque aqui a gente atende os músicos da do erudito, do MPB, os luthiers, que é o pessoal da Luthieria, que constrói instrumento, e tem o pessoal das artes cênicas, que é bem famoso o curso de artes cênicas aqui no conservatório. E aí desde o ano, não, do ano 2023, acho que desde 2020, 2022, eu tenho é tido 2 bolsistas para me ajudar. E aí, chama a bolsa ofício, onde eles aprendem algum ofício dentro da escola, então aí eles é como se fosse um aprendiz de bibliotecário {capacitando a pessoa}. Aí, eles mesmos, na digitalização, atender alunos a separar material. No caso, o primeiro bolsista, ele era aluno de viola, então, ele me ajudava muito com o material erudito. O bolsista desse ano, ele é do MPB. Então, a gente consegue separar se o material é do MPB, se o material é jazz, material é blues, se o material é pro choro, se esse material é de música raiz. Aí eu abuso muito do conhecimento dele, aí tenho que, às vezes, as as partituras transitam, né? Ela é do choro, mas ela também é do MPB. Ela é. Ela é do jazz, mas ela também é do MPB, e assim vai.*

**5. Pesquisador 1:**

*Caramba, que legal. Muito legal mesmo. Acho que é isso, eu queria te agradecer por ajudar bastante agora a terminar a tese, eu precisava de algo que mostrasse, né, que alguém realmente ainda faz, mas essa prática não é algo que passa batido.*

#### **5. Catalogador/indexador 1:**

*Ah, não, é, os livros a gente trata como livro mesmo, porque a gente tem biografia, livro de Harmonia contraponto, análise musical a processão musical Anunciação. Blá, blá, blá. E aí, agora, as partituras, elas são tratadas com um pouco mais de rigor por conta da especificidade do nosso aluno e dos pesquisadores, que a gente já tem, os pesquisadores do mundo todo. Então, tem gente da França pedindo material de russo, da brasileira, e como o nosso acervo, ele é alimentado diariamente e ele é enriquecido pela própria produção dos maestros, professores daqui, da escola, cada, às vezes eles fazem um arranjo, então já é uma música diferente, aí eles querem um arranjo específico. Nós tivemos aqui um diretor muito conhecido, que é o Neves, então, tem as partituras do maestro Neves, então, aí tem que colocar que é a partitura é arranjada por ele, que aí ele, os alunos querem as partituras específicas desse arranjador. E aí, a gente vai tratando, assim, é, por mais que seja, Bach, Beethoven ou Chico Buarque, mas como só de partituras únicas, porque cada um busca de um jeito, cada instrumento tem a sua especificidade e cada instrumento também tem as suas, as suas famílias, né? Então, as suas formas de busca, se é cordas, se é madeira, se é metais, aí sabe, violino, viola, violoncelo, se é, se é busca de câmara ou não é, se eles querem satisfazer do período clássico, romântico, moderno. As modernas a gente não tem partitura, só livro.*

#### **6. Pesquisador 1:**

*Acho que por conta da grade curricular?*

#### **6. Catalogador/indexador 1:**

*Isso. Tem muita coisa que quando a gente vem pro mercado de trabalho, a gente vê que não aprendeu na faculdade, né? Tipo, a gente não aprende é da Vancouver, normas da APA, normas da Chicago, a gente não aprende norma da ISO, a gente aprende ABNT, né? E aí o resto a gente tem que se virar pra prender. É que no caso eu fiz estágio numa biblioteca de medicina, então, ela era específica, então eu aprendi algumas coisas e também fiz estágio numa faculdade de agronomia, veterinária, então, é só que é completamente diferente. E aqui, na música, eles usam ABNT mesmo, mas dificilmente a gente ajuda alunos com normalização. Mas a gente também não aprende a cadastrar as partituras musicais, né? Até porque, se você for pesquisar, é, porque eu já já fiz essa pesquisa. A Unicamp, ela cadastra as partituras de uma forma muito mais simples do que eu. Quando eu vou pesquisar, eu não consigo utilizar nada do que eles utilizam como fonte de pesquisa, por isso, que uso muito IMSLP, que é um é um site de domínio público, onde as partituras estão em domínio público. E os alunos podem baixar lá do, da, do erudito. Mas mesmo a Biblioteca Nacional, ela não tem essa, essa quantidade, essa ela não desmembra a a partitura desse jeito. Então, fica um pouco difícil assim, ela é muito genérica, aqui a gente faz 11, trabalho um pouquinho mais esmiuçado.*

#### **7. Pesquisador 1:**

*Sim, isso é importante.*

**7. Catalogador/indexador 1:**

*A gente tem o manual de partituras da USP, mas aí é o jeito deles e não e, como aqui, a biblioteca tem 70 anos, o conservatório também tem 70 anos, então são 70. É, na verdade, não foi tudo isso que está digitalizado, porque é 70 anos atrás não tinha computador, mas, enfim, quando começou a digitalizar as coisas, a informatizar as coisas, começou a fazer de um jeito, então, aí a gente vai dando continuidade pra poder ficar padronizado, mas conforme vai aparecendo a gente vai melhorando, vai sempre melhorando. Eu não gosto de retrabalho, mas nesse caso é preciso. Às vezes, você precisa voltar num registro já cadastrado, já é, já que ele já foi inserido no sistema pra poder melhorar, pra aquela busca poder ser feita de forma mais assertiva.*

**8. Pesquisador 1:**

*É importante para o usuário no fim.*

**8. Catalogador/indexador 1:**

*Isso, é, porque, na verdade, tudo que a gente faz aqui é pensando no aluno. No caso, por exemplo, o que eu falei, que a gente tem que partitura de várias, várias línguas, a gente tem uma partitura em japonês, que é uma partitura de música de Câmara e, tipo, não dá nem pra digitar as letrinhas em japonês no Google para saber o que está falando. Eu só sei que é uma partitura de flauta e que é uma e para violão. Então, é isso aí, o que é que a gente faz? A gente digitaliza o material e a gente põe, a gente como instituição, porque na verdade você vai sozinha, né? E coloca a capa da partitura que o aluno vê a edição. E aí o aluno olha, porque a nota é universal, a clave é universal e ele vê se aquilo lá interessa para ele ou não, porque ele só vai ele chegar para mim e falar que era uma partitura amarela {o equivalente ao “quero um livro com a capa azul”}. Quando ele chega, fala, quero uma partitura amarela. Eu já até sei onde está, eu já até sei qual é. Eu quero partitura Cascavel, Ah, tá bom. Essa falta transversal. Ah, eu quero.*

*Os estudos do Anderson, tá tudo bem, essa flauta é transversal, mas que opus? eu tenho 3 opus. Qual? Qual dos 3 você quer? Então, Ah, eu quero um minueto da Ana Madalena bar. Mas qual? Porque dentro do livro da Ana Madalena Bach, que é para piano, eu devo ter uns 8 minuetos. Qual minueto você quer? Então, tem certas coisas que a gente tem que facilitar para o aluno, porque, às vezes, nenhum o aluno sabe o que ele quer. Aí eu falo para o aluno pedir mais informações para o professor para eu poder dar partitura certa para ele.*

**9. Pesquisador 1:**

*É um trabalho bem minuscioso. Acho que isso vai ajudar bastante. Eu queria te agradecer.*

**9. Catalogador/indexador 1:**

*Imagina, eu que agradeço a oportunidade. Quando você defender, eu quero ler o seu trabalho, fiquei curiosíssima, quem sabe ajuda a gente aqui, né.*

*Al, meu Deus.*

*Quem está viajando a gente aqui, né?*

*Assim é só de eu descobri que depois que eu entrei nisso, né? Eu vou dar meu / tudo que o músico ouve / Eu não sei se você pegou esse esse dicionário, mas músico usa o groove, então tudo. É, então, tudo o que você for se basear na parte de música, principalmente no erudito, é o groove. O groove é a bíblia. Aqui a gente tem a coleção completa, se você precisar de algum verbete, alguma coisa, é só me mandar o nome do que você precisa, que eu te mando a foto.*

#### **10. Pesquisador 1:**

*Por favor, agradeço de verdade.*

#### **10. Catalogador/indexador 1:**

*Eu já vou conseguir te mandar o aí te mando a foto da capa, da folha de rosto, do volume e tal que você vai precisar pra referência e do verbete, porque, se eu não me engano, são 25 volumes. A gente tem a edição concisa também em português, mas quando essa pesquisa assim, eles usam o groove em inglês e tem o Larousseda enciclopédia la rousse, em francês, que também eles usam bastante pra pesquisar determinados termos da música. Porque, por exemplo, se você pega um movimento, Ah, primeiro você vai focar ele moderar, que depois você vai focar ele fortíssimo, já muda o movimento e depois você vai tocar ele pianíssimo, já muda o movimento. Aí tem a se é compasso binário, a música tem um andamento, se é plenário, ele é mais valsado, já tem outro, é andamento. Se ela, geralmente ela é 4 por 4, né? Então aí é 1234, você já estudou música? ou seja, dó ré mi ..... É, bom se se precisar de qualquer coisa estamos à disposição.*

#### **11. Pesquisador 1:**

*Eu agradeço, muito obrigada. E também se qualquer dúvida, qualquer coisa que vocês estiverem, também estou disponível. Não sei o que. Mas posso ajudar? É, é bom conversar com mais gente que também tem essa perspectiva, né? Que não tem tanto, né?*

#### **11. Catalogador/indexador 1:**

*É, eu, particularmente, não conheço ninguém que trabalha com partituras musicais, tem a conhecida da USP, mas assim, não tenho familiaridade de conversar, nem de ficar trocando figurinhas. E, geralmente, tudo que eu preciso, eu pesquiso no Google, biblioteca musical, mas também aquela pesquisa que na hora que a gente vai achar é é uma pesquisa simples. A instituição pediu uma troca de sistema porque a gente usa PHL. Não sei se você conhece, sistema simplíssimo, mas, assim, ao mesmo tempo, se você for ver, a Unicamp usa o Sophia, que é um sistema top. Não sei se você já trabalhou com ele, mas eu já tive oportunidade de trabalhar com ele. É um sistema top, onde você não utiliza todos os recursos da do do sistema para poder cadastrar uma partitura. Então, de certa forma, você acaba gastando um dinheiro, que, talvez para os livros, ok, mas se partituras, ela fica a desejar. Aí tem Pergamum também com essa mesma, né? É nessa mesma pegada, digamos assim, que acontece a mesma coisa. Você vê algumas bibliotecas utilizando o Pergamum de uma forma muito simples. Aí eu, particularmente, prefiro gastar o dinheiro comprando livros e partituras do que sistema, sendo que esse daqui me atende de maneira mais eficaz. Ela precisa melhorar? Precisa! porque é no caso dos descritores, né? Das palavras chaves, quanto mais melhor pro aluno. E tem alguns itens que, é, pra poder ter por*

*causa do volume de material que a gente tem, acabou que não foi colocado, acabou que é colocado só método, não coloca método para qual instrumento não coloca, assim, se o método abrange outros instrumentos, se a partitura pode ser tocada por outros instrumentos? Então a gente vai sempre melhorando nesse sentido e ..... sempre revendo que foi feito, porque tem sempre como melhorar. Infelizmente, não posso falar para você que aí, o nosso catálogo está pronto, redondinho, então, vou estar sendo hipócrita e mentirosa.*

## **12. Pesquisador 1:**

*Sim, talvez. Acho que só de ter consciência, né? E consegui fazer com que chegue até o usuário, é algo que mais que a maioria, né? A Unesp atualizou o sistema no ano passado e está usando o Alma, não é mais o Aleph.E, aparentemente, agora tem um grupo de bibliotecários que estão tentando atualizar essas questões da partitura, fazer um manual, uma diretriz de alguma coisa. Eu não sei quando vai sair, não sei nem se está pronto. Mas eles estão tentando trabalhar nisso, porque eu conversei com elas outro dia.*

## **12. Catalogador/indexador 1:**

*Eu acho que vai um pouco da da da característica da instituição também, né? Porque, por exemplo, aqui a gente tem artes cênicas, né? Então você trata como artes cênicas ou como teatro. Aqui a gente trata como artes cênicas, porque são artes da cena. São muitas coisas que abrange dentro do teatro, aí a palavra. Da sabe, tem teatro, que aí depois você para o teatro adulto, se é teatro juvenil, se é teatro infantojuvenil, né? E, assim vai, mas eu não agora eu não sei te dizer se as outras instituições também dividem os instrumentos, pela ordem da orquestra, né? Que aí seriam os metais, os nipes, né? Então a gente chama de dos nipes da orquestra, que seria a as madeiras, os metais, os sopros, porque se aqui faz isso, então, no nosso registro, de alguma forma precisa ter isso descrito. Se de repente na Unesp não usa dessa forma, não tem necessidade de colocar. Então, o manual é é interessante no caso para a instituição, mas não seria um material que todas as instituições poderiam usar.*

## **13. Pesquisador 1:**

*Sim, de acordo com com o usuário com quem se propõe, né? É do que do que eu percebi, eles trabalham mais com a questão da da forma do instrumento, né? É algo mais genérico mesmo. Bom, é, acho que era isso mesmo, vou deixar você trabalhar aí. E aí, qualquer coisa, eu estou disponível também. Se tiver algo que eu puder ajudar e muito obrigada. Então, qualquer coisa é só me chamar no WhatsApp, estou disponível. Agradeço para você ter me mandado o documento de novo.*

## **13. Catalogador/indexador 1:**

*Ah, entendi. Agradeço pela oportunidade. Então eu não sei se vai, se vai ter problema pra você, porque a nossa identidade visual foi alterada. Quando você me pediu, era aquilo. Hoje, se você entrar no conservatório, é diferente. Então, talvez tenha que mencionar que a identidade visual do conservatório agora é outra. Por exemplo, hoje só pra te mandar um documento, é? Nos padrões novos padrões do conservatório, ele está completamente diferente.*

**14. Pesquisador 1:**

*Ah, não, imagina essa parte. Acho que tá mais tranquila. Só que ele queria que tivesse qualquer coisa ali, nem que fosse um cabeçalho. Mas tá tudo certo. Acho que agora vai dar tudo certo e a gente vai conversando também. Qualquer coisa eu te chamo. Você pode me chamar também. Tá bom, então? então, bom serviço, obrigada, um bom final de semana, tchau.*

**14. Catalogador/indexador 1:**

*Obrigada, pra você também. Tchau, tchau.*

## Apêndice I - Transcrição da coleta de dados na Biblioteca E - entrevista

### 1. Catalogador/Indexador 1:

*Pronto, em termos de para a gente começar mesmo pelas partituras. Em termos das das partituras, pronto. O meu, que eu, como eu mandei na no e-mail, nós temos o nosso catálogo. Temos o nosso catálogo online. Está bem? Em que podem pesquisar qualquer tipo de documento. Normalmente, aquilo que tentamos passar para os nossos alunos é que, por exemplo, um aluno que uma. Pesquisa rápida, simples, que normalmente quer um, por exemplo, uma partitura de Bach, por exemplo, de Bach, chega aqui, coloca só Bach e põe o instrumento, por exemplo, piano, vamos supor piano e faz ok, já sem entrar a dizer que é uma sonata, pois, depois pode se fazer vários tipos de pesquisa de uma pessoa queira, podia pôr ou até o opus ou ..... ele chega aqui e facilmente dá lhe muitos registros, se fosse se fosse um ..... Pronto, um compositor com menos obras. Mas no caso do do Bach, Beethoven, Mozart, temos mesmo muita coisa, depois, aqui, esta base de dados, que é similar a outras a outras grandes bibliotecas também possuem esta base de dados, no caso que eu referi, da biblioteca municipal, também a de Lisboa e outros, mas depois há outras bases que são mais simples, como o POA. Não sei se conhecem também ou já ouviram falar, são mais em termos gráficos e ..... não sei se depois em termos de funcionalidade será? Acho que não estão tão, tão, tão boa como esta. Pronto, depois chegam aqui e eu posso dizer que quero só partituras. Então, o sistema vai me logo limitar, lá está a questão do acesso à informação, ele vai me logo limitar quais são daqueles todos ainda ficaram muitos, mas eu depois posso pôr uma palavra no título ou isso e vai até até ficar logo com a querem, está bem? Pronto, isto, isto é, é um exemplo que posso colocar um um autor que não tenha, que não tenha tanta obra, não aparece tanto. Depois aqui, não aparece tantos resultados chegar aqui. Neste caso, o que acontece muitas das vezes é pronto lá, lá está aqui. Podia se pegar, por exemplo, no ano, no ano, por exemplo, do do compositor, colocar que isto seria uma obra do do século 16. É todo século 18, está a perceber, mas, em muitos casos, o que tentamos é colocar qual é o instrumento, por exemplo, neste caso. Aqui, pronto, este este também está um bocado mais simples, mas podia se pôr, **PARTITURA**, podia se pôr, aqui, está a faltar, mas está a ver acaba e depois colocamos sempre, mas isso é para tudo mesmo, para, para os livros e tudo, tentamos colocar sempre o máximo da informação possível. Porquê? Porque muitas das vezes um aluno até nem sabe o que, o que pretende, mas às vezes uma única palavra. E dou-lhe o exemplo, por exemplo, das peças de teatro. Temos alunos de teatro, imagino que querem fazer uma representação de uma obra e nem sabem o autor, nem o título, nem nada, mas sabem que nessa obra precisam de ter uma determinada personagem, se ..... quem está a catalogar, colocar? As personagens que fazem parte dessa obra, esse aluno consegue chegar a essa obra sem qualquer referência ao autor e ao título pronto. Isto é, apenas um exemplo. Pronto também não foi um grande exemplo. / Não pronto. Está assim, simples, pronto e, depois, como é que isto está arrumado lá, está aqui, como*

*nós estávamos a ver? Aqui não aparece a referência, como é algo que nos aparece, logo, o número corresponde, ou seja, nós aqui acaba por ser uma quota local, eu depois posso mostrar ali no programa em que este programa o interface está ligado com com o nosso, e o que acontece é que. Aqui, depois ele, ele dá um aqui o número é é muito fácil. Isto aqui era o que eu estava a falar da cota. A cota acaba por. Está a cota, é o nome registro, é único, nunca é a repetição de mas lá o que usam, lá é é o, é a outra, a outra classificação não é usam mesmo com o número, não usam tipo este sistema não é.*

*Neste caso, neste caso, acaba por ser a definição de cota local. Eu depois explico. Minha coisa, como é que eu fiz, como se está a organizar? Até foi o que nós dizemos, mas depois eu eu vou mostrar aqui nos armários. No correio, está a dizer. De gerar essa ligação, acontece. Acontece é que se pegarmos aqui, claro que depois está aqui a explicar, mas quase que nem é necessário que isto está por ordem alfabética do apelido do compositor. Eu sei que o Beethoven, que o Bach vai para aqui e o que é que vai acontecer? Vai acontecer que elas vão estar todas com esta sigla PN? Estamos a dizer que é piano, mas depois se tiver VL é violino ou BCE, violoncelo, está a perceber. Tem essas siglas e o número de registo é único, ou seja, o aluno quando chegar aqui e procura ..... trago bem temperado não é? E chega aqui e vê que há mais que umas que lhe interessa. Esta pronto, tem 4 55. Ele chega aqui e ela é a única. E conseguem perceber se está emprestado ou não. Bom, e venha ao local e faz livre acessar também às tantas e retira uma obra e podem ir estudar. Só vou recitar é que temos que. / ..... Pronto, todo o sistema, todo o sistema funciona desta forma. Agora, depois, há a particularidades, pronto e as particularidades são as seguintes, pronto, pegando atendimento mais pequenas. Tem aqui, mas isso também, se for a ver, utilizam lá outros métodos. Mas aqui como é que nós usamos? Por exemplo, nós temos aqui o sistema é o mesmo, o apelido do do compositor, as siglas identificam o pronto, o grupo, não é? ou o instrumento, que neste caso até nem é um é, é, é um conjunto, é orquestra. Depois, neste caso, é música de cama, lá está, depois também é. É preciso ter essas noções, que é o que muitas vezes se fala. Como é que se vai depois a colocar o quê em que sítio, não é? porque é preciso saber a distinção entre o que é música de camara e orquestra, uma Sonata, ou isso está a perceber. Mas isso tem a ver depois com depois, com a informação que nós também podemos obter na obra. Não é que / Pronto, neste caso, até é uma sinfonia ..... Para 8 vozes e orquestra está a ver. Mas ela como tem a parte instrumental, ela entra pelo pelo instrumento. O que acontece muitas vezes é que, por exemplo, e depois elas não estão todas juntas. Ou seja, aqui estamos a ver a parte das partículas instrumentais. Depois, aqui também temos partituras, só que são partituras de música antiga, são as faces similares. Não sei se também têm lá. Deve ter aquelas mais antigas. Eu tenho aqui um exemplo. Por exemplo, esta a fugir, uma escrita antiga. É uma escrita, uma partitura de escrita antiga. Muitas das vezes, pois fazem transcrição para para a escrita mudar, está a ver, mas isto depois temos também livros de apoio, como é o caso destes também devem. Lá tem uns cantigas também. Bem, pois aí há estes métodos e tratados, está a ver também 1600 ou 1800 e tal. Pronto, é tudo, tudo*

material também de apoio para o curso de música antiga. O que acontece é que estas não estão juntas com as instrumentos gerais, que são de música antiga, são factos similares. D. A única diferença que vai acontecer é que depois esta é normal, não tem nenhuma sigla à frente e ..... esta esta tem uma sigla **PVE**, aquela tem uma sigla **GF** que é que isto quer dizer. Quer dizer que para uma questão de uniformização e para. Também se no fundo, criares para cada tipo de documento, pelas suas características. Neste caso, estamos a falar de uma partitura **GF** que é grande formato, ou seja, normalmente este tipo de partituras são com orquestra ou sob a produção tipo Chen a que existem partituras. Não sei se lá também tem partituras assim maiores, mas ficam todas juntas, todos juntos, não é? Mas, nós aqui, como somos uma escola de música, depois alguns trabalham mesmo com as partituras e muitos deles precisam imagine, vão atuar ao estrangeiro, precisam, não podem trabalhar com cópias, têm que trabalhar com original. Logo, eles trabalham mesmo muito com os documentos originais. Daí ser um livro acesso, o que acontece muitas das vezes. E é outro método. Por exemplo, no caso da dos livros, e isso que são de obras de referência, já sabe como se pode emprestar? Não é. Mas, por exemplo, esta aqui tem a carreira e isto está até ter aqui uma bolinha amarela. E há aí, por exemplo, livros, ou isso um ou outro que tem um livro tem aqui, por exemplo, uma bolinha vermelha. E às vezes até nem é uma referência, é porque para uma determinado curso, ou isso aquela aquela obra é essencial e só temos uma, então, se tivermos 2, 1 dá para emprestar? A outra fica aqui porque, porque se depois eles querem trabalhar? Em grupo, isso na nossa sala de estudo. Eles podem ir para ali depois, nem que depois articulam, possam ir ao exterior ou isso, ou ou tirar uma parte. Está se trabalhar uma parte do documento, já que não pode fazer uma cópia. Pronto. Esta era a questão que eu lhe estava a dizer da da grande formato e a partitura do bolso, que é a partir OPB, é a partitura do. Não estou, não estão misturadas. Depois, é. Esta é é a faxmilada. Esta é fax milada que. Talvez já tem o FS, no fim, que é uma forma tão de pronto de acordo com a temática e também não estar ..... juntar tudo, há esta esta divisão da da tipologia./ Pronto, estas são 3 características, depois no mesmo contexto, eu peguei nesta pronto aleatoriamente. Por exemplo, esta aqui é de oboé, mas o que é que acontece depois? Na cota é acrescentado, por exemplo, um PA ponto ou uma parte, ou isto, que é que acontece são as que têm partes normalmente. Há partitura, que é só a partitura geral, por exemplo, uma as torrestrais, a orquestra não tem partes, normalmente um aluno que quer uma parte de piano, ou, neste caso, é uma parte de um oboé, quer a parte de oboé. / Pronto, tem um documento anexo que complementa a partitura geral {poderia ser um paratexto?}. / Pronto. Esta é outra situação. Esta pronto é uma do Bach normal, PN de piano que entra, entra por aqui. Eu peguei nesta também pelo facto de muitas das vezes o que nos acontece é que, por exemplo, não dominamos o alemão e, por exemplo, depois, aqui até tem em inglês, tudo bem, mas, pode haver até uma partícula que tenha só ..... a descrição em alemão e depois nós temos que fazer a ..... tradução, temos que fazer essa, essa essa pesquisa, essa análise mais a fundo quer para depois chegar a terminologia que possamos depois colocar na no sistema. E que nos permitam também que o aluno perceba, quer para

pôr e em nessa terminologia em em alemão, ao fazer uma pesquisa em português, porque nós depois há a possibilidade de fazermos a tradução do título. Outra, a tua faz a tradução do título, se for em português, também chega à obra. Isso é que uma garantia que o aluno chega sempre à obra, seja em em qualquer língua, está bem/pronto. Esse foi um exemplo que foi depois esta aqui. Esta aqui é outra partitura que já não fica junto às às instrumentais, porque é uma partitura de **OP** que é ópera, ou seja, nós temos uma partezinha aqui. As partituras instrumentais, porque é a maior parte naqueles armários, temos todas ordenadas por ordem alfabética do que lido do compositor. As partituras de música de Câmara. Depois, o que é que temos aqui? Aqui as partituras de. De pôr lá está já vamos para a parte local, temos a parte de coro, temos a parte de canto, pronto, que às vezes também é necessário saber distinguir. Depois, que é o canto e o que é o cor? Até pela pela Constituição, pelas vozes, pronto pelo depois pelo instrumento, se tem piano ou se não tem. Aqui é parte da ópera. E depois passa até aqui e depois temos também partitura e é ali no fundo, são as partituras de bolso. No fundo, foi a arrumação que já se fez há há imensos anos. Por um lado, para simplificar o processo, e por outro lado, no fundo, cria esta área por temáticas. Acaba, acaba, não é? Bem, não é CDU que nós estamos, não estamos a ver ali. Número mas se formos a pensar no assunto em si, acabamos por até associar e dizer, olha, isto não está ali o número, mas estamos a falar de música vocal, estamos a falar de música instrumental, estamos a falar de música antiga, e no fundo há estas estes géneros e estas esta pequena divisão. Aqui temos, temos depois a parte do dos CDs, que também temos muita coisa aqui também, é, é a mesma lógica. / A mesma lógica entra pelo apelido do do compositor, depois tem o número de registro e depois elas vão estar todas aqui, Chopin ....., se acontece quando é mais que um. Por exemplo, o Chopin, tem aqui obras do Chopin com outro com outro compositor, pronto, até 2 colocamos, colocamos o Chopin, um e Bach, o outro se passar para 3, porque normalmente se for na catalogação, estes 3 colocamos 3 e depois a partir de 4 colocamos et al. Neste caso, colocamos o 2 o com o Bach e se for 3, já entra para vários. No caso das partituras, o que nos acontece muito é é a parte do álbum. Está bem, é outra característica que é o álbum, por exemplo, começa logo no início, antes de ir para os os compositores da letra. Porque no fundo, o álbum é uma coletânea de vários de vários compositores. Tem mais que um que um compositor tem peças estas assim até mais antigas. Isso olha, esta até é modinhas luso brasileiras está a ver. Tem aqui mais do que um autor. E pronto. Algumas estão assim, mais coisas que é do do uso, vocês são mais, já são mais antigas e têm têm mais uso pronto. E isto tem tem vários intérpretes e tem compositores, daí..... daí é ..... Daí entra com o com a cota a dizer algum está bem? Depois, aqui, em temos dos CDs, o raciocínio, é, é o mesmo ..... entra sempre tudo também pela parte, pela parte do do compositor, pelo apelido. DVDs também, temos DVD de de música pronto aqui, no caso dos dvds, já entra com com uma CDU. Pronto. Eu não sei se se se interessa. Também não sei se querem depois, se tiverem alguma coisa para perguntar ou ou se querem só depois trabalhar essa parte da indexação. Pronto. Também não me queria alongar muito. Pronto, aqui é é parte do do rei, entre sempre também estes de cota

azul, estes de cota azul. O que quer dizer? já é outra temática no fundo é o jazz, já pronto. Aqui também tem CDs com cota azul, porque já separa a música clássica, que é a maior parte, / tudo isto é música clássica, as que estão a azul, a cota é igual na mesma. Em termos do apelido do compositor e o número, mas permite-nos logo identificar que isto é uma tipologia diferente, ou seja, estamos a falar de música mais, muita delas também mais contemporânea e no caso, até do jazz e músicas do mundo. Ou seja, músicas de outros países, músicas interculturais. E isso está aqui, nesta parte, aqui é mais. Pronto, aqueles compositores mais mais tradicionais, mais antigos, a música toda música de trás. Cá está, a parte dos vários que acaba por ser idêntica, o raciocínio idêntico à ali, aos álbuns, para as partituras. DVDs que são, por exemplo, DVDs de cinema, nós temos DVD de cinema, só que a maior parte. Temos. Não são aqueles DVDs comerciais, são DVDs de autor. É mesmo os autores daqueles mais antigos italianos e tudo que não andam em salas de cinema? Por norma, não é? É um cinema de autor. Neste caso, estamos a falar também de CDS, que são CDS que que são adquiridos. Não. Não se trata de de investigação científica nem de trabalhos académicos.

### **1. Pesquisador 1:**

Então ali, Paulo, você disse que aqui, por exemplo, tem o ..... autor e pode ter um CD do autor com outra pessoa, um coautor, certo? Eles ficam no mesmo lugar. Quando é alguém que não é relacionado a isso, que grava um CD sobre essa obra?

### **2. Catalogador/Indexador 1:**

É o intérprete vai entrar, nós colocamos pela pela entrada, pelo autor da obra, pela o autor intelectual da obra. Porque senão acaba por ser mais complicado e iria ficar num fazia um conjunto. Imagine que. Esta obra estar láti, mas outro outro músico. Tocou esta música e criou, criou. Foi ele que adaptou a música. No fundo ele é o é o autor é o autor da da alteração que fez ou até da da versão que fez. Mas para todos os efeitos, a música, a música, ..... a autoria ou a criação da música é de outra pessoa, logo está associado ao ao autor a quem criou essa música e, por norma, nós colocamos depois. No, no, no criador da música, não no intérprete. Porque se não se colocássemos no intérprete o que queria ver aqui deter. Imagina um conjunto de scarlati aqui, deste conjunto todo, que tivesse aqui uma prateleira só scarlati? O que é que acontece? Iria ter, por exemplo, ou alguns que não são dos scarlati, mas ao ir ao ao catálogo, consegue perceber quem é o intérprete. Nós depois temos que colocar as pessoas que estão envolvidas na responsabilidade do CD. A descrição é, é mesmo o caso de um livro? Nós, no livro, temos ..... o autor, depois temos, por exemplo, o tradutor, temos o ..... quem faz a revisão? No fundo, nós aqui vamos ter que a música, a música é da origem do do autor, mas foi interpretada por por outra pessoa. Mas depois, em termos de arrumação, ela vai ficar no criador da obra? Aonde ele foi buscar a essência da da, da da música? Não é porque uma coisa é, é ser a criadora da obra, outra coisa é adaptá-la, é pecar uma música que era de outra pessoa. Não seja. Não quer dizer

que a obra não seja sua. Só que depois, em termos de arrumação, é mais simples, até se alguém quiser comparar a versão original com a versão do intérprete, consegue e acaba por estar mais arrumada no sítio só por isso. Agora / Na altura, decidi se fazer dessa forma, porque senão queria acontecer é que íamos ter aqui cotas com imensos, imensas {numerações?} e depois, muitas delas, até estão a ..... trabalhar. A peça original está a perceber agora isso depois no catálogo está salvaguardado aqui na quota é que fica neste caso, não é mesmo? Mas há aí casos em que, por exemplo, a obra, depois, foi tocada no fundo, foi tocada, foi apresentada por outra pessoa, mas o criador dessa música foi o compositor x ou y está a perceber, pronto. Pronto, aqui é mesma lógica os CDs. / Pronto. Eu estava a falar a pouco, isto já é a produção mais interna, por exemplo, nós aqui tínhamos a uma uma sinfoneta está a / em que, por exemplo, a. atuar a uma determinada igreja, ou isso no fundo, isto é um registro de sonoro, da da atuação em que que foi feita no dia 24/05/1997 na igreja da lapa, que é aqui perto, está a ver? mas isto já é já é um registro interno feito feito pelo pelos serviços de audiovisual. Está bem? É diferente de estes, isto é comercial, isto não é quase como temos um ..... livro, por exemplo, que foi editado e, por exemplo, a dissertação do aluno que fez uma edição primária de do livro que iria ser lançado, mas foi um trabalho científico dele que depois deu origem ao livro pronto. Daí muitas vezes 11 dos casos, por exemplo, de de uma seleção de mestrado estar em acesso restrito ou fechado. Ou, com o embargo, pode também ser este. Imagine que a pessoa defendeu, defendeu essa exportação ou uma tese de doutoramento e diz, me olhe, ela não vai ficar disponível porque há a intenção do autor reeditar, passar o estudo científico para para o livro. Pronto. Acontece, temos aí caso assim em que temos a ..... dissertação e temos e temos ao livro, que depois nos foi oferecido à biblioteca. Pronto, esta é, é, é as. Mais internas, pronto. Temos aqui muita coisa também. Depois, agora, depois, com a evolução dos tempos, isto, muitas das coisas já são feitas em programas próprios. Isto era no início, era uma forma de de ter também os registos, agora com os repositórios com a possibilidade de de colocar. Também de interagir mais com com o público, com os nossos leitores e com os alunos. É de partilha de de certos documentos que foram feitos pela pela escola, que no fundo é o que se pretende, é como o repositório. Estamos a falar de repositório. O que é que se pretende com o repositório no fundo é o acesso aberto, porque senão que sentido faria ter um repositório se depois não partilha aquilo que estudou e que no fundo é partilhar aquilo que nós aprendemos e que estudamos, porque se depois ficar fechado, não está a partilhar nada, no fundo está a partilhar os metadados só o que é que foi o seu trabalho? Quem foi o baratador? E o as palavras-chave e os resumos em português, inglês está a partilhar mais nada. Porque depois, se a pessoa não tiver acesso ao documento, acaba por não ter a finalidade que se pretende, que no fundo é haver essa essa partilha da da investigação que foi feita pronto em casos de estudo. / O caso dos livros, pronto, os livros. Os livros já já é a classificação decimal universal, portanto, que é o que é o normal. Não só. 9 no zero até ao 9, que é a história, pronto, as partes que têm um pouco de tudo ligado às artes, mas, de facto, as partes que são mais utilizadas como é, como é óbvio, temos aqui as história de arte, temos a pintura,

temos arquitetura. Mas o mais utilizado aqui, a parte do do 78, que é que é a música. Pronto. E depois, no caso da música, depois o número vai acabar por ser como a como a CDD no fundo. Depois, quanto maior for o número, o mais específico é a temática dentro desse dessa grande área. / Pronto muitas das vezes, o que estávamos a falar disso, do da classificação? ..... Às vezes é complicado quando nós estamos, por exemplo, a fazer uma pesquisa de outro documento, no caso do do seu lado, no Brasil, por exemplo. Depois, consegui perceber, tem que ir pelas pela indexação. Mas se for só pela classificação, consegui fazer essa ..... essa relação imediata entre uma classificação e outra, porque muitas das vezes acaba por ser um bocado mais, já me aconteceu às vezes de de andar a tentar um determinado termo, um para colocar e ....., veja CDU, veja ..... CDD, penso, mas isto agora, como é? Onde é que eu vou encaixar isto? Lá está. Vou ter que depois. Perceber o tal pensar alto não é perceber aonde é que vou, aonde é que vou perceber de que é que trata o livro se já tenho que é uma das vantagens que nós temos, que é ir qualquer biblioteca tem. É o facto de também já termos tratado obras já há muito tempo. Acabamos por ter tipo, quase muitas aulas em que já temos. Quase tudo, as temáticas e tudo mais ou menos. Depois é só perceber e criar essa Harmonia, tentar dizer não. / Este livro tem que ser colocado junto a outros da mesma era. / Não vou, não vou colocar numa área que não tem nada a ver, que vai criar um certo ruído muitas das vezes, quando os livros até têm mais do que uma de que uma temática. Às vezes pode criar essa essa dúvida, será que faz? Devemos colocar mais aqui ou ali, mas depois pronto, há essa, essa pesquisa, essa análise, às vezes essa comparação até hora, bem, o que é que os nossos colegas também pensam e perceber o que é que eles decidiram. Pronto. E é também por aí. É muitas vezes quando e temos a vantagem, às vezes quando também temos dúvidas na área da música, ou isso até temos possibilidades de falar com um professor ou com um aluno, às vezes para tirar assim um. Porque às vezes, são coisas específicas, e é assim. Se a pessoa fosse de música que não há, ele tive. Tive música no meu curso, mas é mais básico. Eu, por exemplo, eu não eu. Eu consigo olhar para a para a partitura e consigo perceber que instrumentos é que ela tem? Depois perceber se é orquestra, se é música de câmaras, se pronto, essas coisas, sim. Mas se me disser ao Paulo, olha, lê esta partitura, não, não sei ler, porque não tem informação musical, não é? É? Agora consigo fazer o trabalho e depois há esta esta polivalência e esta possibilidade de interagir também com um meio em que estamos. E ter essa ajuda que muitas vezes pode estar com uma dúvida e até ver lá um professor olhe isto e faz assim essas essas questões. E depois com o tempo, acaba por já criar essa, essas indexações e isso. E quando surgir outro caso, já já não tem, já não tem dúvida, já sabe onde é que, onde vai colocar. / Pronto, esta parte que eu lhe estava a dizer, a parte de música que depois é é muito abrangente, tem desde. / Lá é diferente. Não, não a televisão ser eu pronto 78 músicas, zero 91 história pronto, todos os livros 78 091 história de música pronto depois os alunos já fazem isto por eles já quase que nem precisamos de ajudar pronto, um aluno no primeiro ano ou isso temos que explicar como é que se vai ao catálogo, como é que fazem as pesquisas. / Pronto fazer esse, esse, essa contextualização e também ajudá-lo no que for

necessário, que acabamos de fazer com toda a gente. Seja aluno da licenciatura ou de mestrado, também dá nos apoio a alunos de mestrado, portanto. Pronto, tentamos ajudar em tudo o que é possível. / Pronto há também a outra área. Aqui deste. Que é em parte, por exemplo, aqui já vão. Para a parte da literatura? A poesia, isso 82 traço um, mas aqui esta parte é que temos também muita coisa, que são as peças teatrais, são as peças de teatro, o drama pronto, aí depois aqui têm, por exemplo, tudo o que é 82 traço 2 são peças de teatro, mas depois, por exemplo, a tendência de uma biblioteca é sempre a aumentar, e nós e nós aqui também já estamos a ficar com um caso de de problemas. Passos. Temos outros anéis. Temos também em depósitos, no caso das das partituras. Grão, formato e tudo. Há coisas que depois vamos ali ao catálogo e diz em depósito. E nós temos também arrumarmos também outras coisas, às vezes que até não são tão utilizadas e sem depósito. Portanto, é outra outra parte da da da organização. Aqui depois também, 82 traço 21, tragédias, 82 traço, 22 comédias. / Pronto, às vezes faz uma certa confusão, lá está. Às vezes o nós dizemos, ora bem, isto, colocar muita coisa é bom, mas também tem que se fazer essa, essa triagem e tudo, porque muitas das vezes o aluno, às vezes com uma coisa mais simples, consegue aqui, por exemplo, não chegar lá logo à obra. Neste caso, até. Nós até temos muitas, mas fica-se tudo, por exemplo, no 82 traço 2 são peças teatrais. Só que mesmo pela CDU e tudo, fazer as coisas conforme o que está, nós dividimos o que é 80 e o 82 traço 2 se é geral, não é. Não sabemos se é uma tragédia, uma comédia, o evento pelo 82 traço. 2 quando sabemos que é uma tragédia, ou é uma comédia ou outro tipo, colocamos, colocamos. O que acontece é que depois vamos ter, por exemplo, um Shakespeare aqui e um Shakespeare no 82 traço traço. Traço 21, por exemplo, por exemplo, nas tragédias. Mas, mas também acaba por ser pronto, acaba por porque a tendência era aumentar. E uma pessoa que quer, por exemplo, uma tragédia ou uma comédia. Já sabe que ano 8221, chega aqui ou 92 e já sabe o que é que são as comédias, e chega aqui, está a ver. Mas se tivesse tudo junto, acaba por estar todos os os autores, todos juntos. Só que uma tendência a aumentar e, às vezes, simplificar o processo. / Pronto. Pronto, fazemos também conforme a as regras, está bem? Consoante, consoante a forma, o tipo sim, no caso do do aeroporto que tínhamos falado, imagina um Beethoven foi instrumental, tá na parte de das partituras instrumentais e chega aqui um aluno de de cordas ou de, por exemplo, de piano, teclas de sopro. De sopro. Já sabe que o instrumento sob cordas teclas é instrumental? Não vai estar aqui no canto, vai estar num instrumental logo e ele nem pensa em vir aqui, ao coro e ao canto ou à ópera, porque não tem nada a ver. Ele vai ao ao instrumento. Agora chega aqui uma aluna de canto, ela só se precisasse de alguma coisa para para alguém ou isso das instrumental. Senão ela também não vai ao instrumental, porque ela vem logo à parte de tanto está a perceber. E agora imagino que estava tudo junto. Ela chegava lá na mesma, a pessoa chegava lá à informação na mesma, só que iria ter tudo. Junto está a perceber, é quase como se nós tivéssemos os livros todos e não tivéssemos a dizer. A temática é um sistema de arrumação. Eu, por exemplo, eu dou lhe um exemplo, nós trabalhamos com com ..... a CDU com essa temática. Por exemplo, tenho tinha uma, tenho uma escola também no nosso

Politécnico também utiliza, por exemplo, essa arrumação, uma arrumação por letra. Mas depois trabalha na mesma com CDU. Só que, por exemplo, o começa com OUA, depois OUA. Quer dizer que é artes, por exemplo. OB é, estou, estou a inventar. Mas é música ou OC engenharia está a perceber, mas. Depois, dentro está OCDU se fizerem uma pesquisa No No catálogo geral de todas as bibliotecas, mas isso foi a arrumação que criaram na altura. E como nós aqui esta esta, esta arrumação das partituras está dessa forma e funciona e funciona muito bem, porque? Porque o aluno de de canto vem à parte de canto. O aluno de instrumento vem à parte de instrumento e faz ele. A própria pesquisa está a perceber, mas isso já foi na altura que se criou. E é uma quota local pronto, que eu. Tem de mostrar o livro excepções. Não consegui ver. Faz o plano. É, podem pousar, então está. A ver o problema que sabemos. Aí caiu isso. Nunca ouviram falar deste deste cacau foi nome do nosso. Pronto, nós aqui no aeroporto está lá a dizer, ora bem. Homem pode ter aí uma noção. Porque tem tempo ou ou tão limitada a este tempo tem tempo. Pronto. Pronto, se forem isto agora, eles devem estar a fazer alguma alguma alteração ou qualquer coisa. Não. Normalmente não aparece assim, tudo direito. Mas nós chegámos aqui entre a boia ao Google, põe bibliotecas Maia ou pode ir até ir pela escola pela esmae. Mas o que é que temos? Temos depois as ligações úteis, que é o catálogo da biblioteca esmae. Temos um catálogo geral das das das bibliotecas das unidades orgânicas do Politécnico. Ou seja, por exemplo, nós aqui de que de música só temos 2 escolas, que no fundo é esta. E depois temos a escola superior de educação, que é mais de educação, mas também tem lá um curso de de música. Também tem a parte de música, mas nós aqui acabamos por ter mais, mais documentação de da área musical. Pronto, temos. É uma parceria com eles em termos dos mestrados em em música. Pronto da da parte do do mestrado do ensino da música é o meme. É mestrado, ensino de música, ou seja, um aluno tira a licenciatura em música, mas depois para poder dar aulas e tudo, tem que tirar uma especialização. E é um mestrado em ensino, ensino supervisionado. No fundo, sabe ter uma especialização para ser professor de de música. Pronto, aqui temos depois o recibo. O recibo, olá, vi, é para, vou ver. Está pronto, ligado? Está também.

Da manhã.

Pronto. Depois, aqui temos o recibo, que é o repositório que tínhamos falado há pouco do papel. Aqui é o repositório científico do Politécnico, em que temos todas, todas a documentação, todas as estações de mestrado que foram tenho aqui das escolas, todas. Que agora sou 9 eram sets, agora sou 9 e eu chegar aqui às maio até se chegasse ali ali por cima pesquisa rápida e só para mostrar o conjunto todo de uma forma rápida também para não estarmos isto já foi hoje um bocado, mas pronto. Eu chego aqui e de estações prestes e relatórios mostrados 640 e eu cliço isto, portanto, também é um trabalho que eu desenvolvo através da da da introdução, da. Das seleções de mestrado. Pronto. E depois aqui tem as tipologias, artes cénicas, por exemplo, na arte, na área de música, temos o ensino de música, que já temos 202 inseridas, temos aqui interpretação artística EE pronto e temos o teatro. Portanto, este é depois se chegares aqui. Imagine que queria interpretação artística do instrumento,

*chegava aqui e aparece lhe todas, todas. As que temos de de interpretação artística? Pronto. Aqui. Aqui de realçar uma coisa, isto é, o catálogo da depois. Não sei se já ouviram falar, já ouviram falar do rcaap de certeza há no Brasil também. Nunca ouviram falar do rcaap? Não. Pronto, mas até dá jeito até para para si. Não sei se já está na parte, na parte final da. Nos doutramentos, não. Pronto agora. Isto para quê? Para lhe dizer que antigamente o que é que acontecia? Precisava de um comento científico ou avô. Precisava até de perceber o que é que os seus colegas da área andam a fazer em em vários pontos do país, mesmo no Brasil. E isso agora, com com o avanço da dos repositórios, nós conseguimos de uma forma rápida aceder logo ao documento e não precisamos de ir à. À instituição, depois perceber na instituição onde é que está o repositório, no repositório, fazer a pesquisa e na pesquisa ver qual é o documento que nós queremos. Ou seja, nós pelo. Aqui pelo recato e também tem aqui dados do Brasil também FCT, isto, isto, o que é que é isto? É repositórios científicos de acesso aberto de Portugal. E eu chego aqui e ponho, por exemplo, música. A música, por exemplo, brasileira, pronto, brasileira. Pronto e o que é que vai acontecer ele? Ele, por exemplo, se colocar aqui Politécnico do Porto, ou isso ele vai me dar as as tratções que foram defendidas aqui na escola. Ou seja, no fundo temos um repositório nosso e depois temos estamos integrados num repositório geral. Pronto, aí tem a possibilidade de apanhar também. Aqui sites origem brasileira também. Eu, por exemplo, se chegar aqui eu até pego na temática, por exemplo, aqui só para ver aqui protocolo verbal e individual. Por exemplo, protocolo verbal, vamos ver protocolo. Verbal. Pronto, aqui vai me dar logo dados, por exemplo, até do Brasil, e isso poderiam ser úteis, por exemplo, para o trabalho da Jessica, por exemplo. OKE, se por acaso algum aluno aqui em Portugal fizesse. Fizesse 11 trabalho sobre isto, onde é que se chama? Prontos. Por exemplo, este aqui contexto está bem de fugir também é do pronto.*

*A minha orientadora.*

*Pronto, chega aqui, tenho acesso aberto e eu acebo. Eu vou pelo repositório, eu vou logo para a Unesp, está a ver. Eu nem estou a entrar na internet, a fazer uma pesquisa na internet. Depois dá me aonde é que aquilo está alojado. Eu vou ter que entrar na instituição, tenho que fazer a pesquisa, ver onde é que está o catálogo, onde está o repositório, fazer a pesquisa para depois chegar ao documento. Eu aqui vou logo para o. Pronto, isto é um aparte. Eu depois chegava aqui. EE, tenho os dados. Pronto, aqui é a parte do do repositório. Depois, se quiserem também investigar isto é fácil de decorar. É repositórios científicos de acesso aberto de Portugal. Pronto. E têm a possibilidade, como disse, de de também de. De também ter aqui, Oo Brasil está bem aqui em Portugal e Brasil pronto. O Brasil, Portugal, em termos de Portugal é abrangente porque apanha os vários pontos de Portugal ilhas. O Brasil não, sinceramente não explorei assim. Pronto às vezes para um trabalho ou isso que tenha alguma coisa assim interessante até. Mas não sei se não é capaz de não ser tão abrangente como aqui em Portugal. Pronto mas, de qualquer forma, dá para chegar a documentos que sejam até importantes e relevantes para um determinado estudo. Está bem pronto aqui, aqui estava aqui. AB on também é a biblioteca do conhecimento*

online. No fundo, reúne as principais editoras da revista científica internacionais. Oferecendo um vasto, conjunto de artigos científicos. Online, pronto. Isto também também para estações de tráfego de doutoramento. Também dá jeito. Pronto têm uma desvantagem, enquanto o de cima é pesquisa pela internet e não precisa de qualquer ligação à rede, isto são serviços pagos em que há há um acordo entre várias mocidades e se estiver dentro da rede, vão. Ou através de casa fazendo a ligação para OBPN, consegue fazer depois aceder ao documento e até fazer download do do documento, se estiver disponível online, está bem pronto. Isto se por exemplo, se estivesse aqui no computador, um computador nosso, e se quisesse tivesse lá um documento que precisasse, podia conseguir aceder ao documento em casa, já não, já não sendo aluna da. Da escola já não conseguia. O mesmo acontece aqui com isto que é a erros que o académico collection que é é um conjunto de ebooks também de grandes editoras que nós pusemos aceder, aceder aqui pela internet. Pronto, isto já é tudo serviços pagos, mas. Então, neste caso, o outro é um porta, é um protocolo, mas este pronto, eu aqui, por exemplo, é aqui. Temos que ajustar sempre a pesquisa por ser uma base de dados inglês. A propósito também pôr português, espanhol ou alemão ou outras, mas depois ou italiano. Mas já não dá tantas ocorrências, porque se colocar depois a terminologia em inglês. Depois é muito mais fácil também chegar à documentação. Pode? Se não. Correr o risco de dizer que não tinha nada? EE não era verdadeiro. Aconteceu uma vez 11 situação dessas em que até foi um docente, fez a pesquisa, mas não lhe aparecia nada, não aparecia nada, porque pronto, era necessário ter esse cuidado. Depois converter a linguagem que estava a utilizar para para a linguagem. Que, no fundo, a terminologia queria estar em inglês. Pronto, não aparecia nada em português, porque não, não, não estava nada editado em português. Pronto isto depois aqui. Pois aqui aparece, aparece, dá para fazer, depois aceder, aceder ao texto integral em PDF, pronto, fazer os downloads. Mas aqui os downloads já são parciais, porque as próprias editoras já restringem. Uma vez consegue aceder ao documento, não há necessidade de fazer o download e de até de haver partilha desse documento no fundo, portanto, eles limitam. 50 páginas dão possibilidades, por exemplo, de tirar capítulos. Pronto, fazem essa, essa, essa restrição também para dissuadir que as pessoas fazem. Façam o download do documento. Se é um serviço de estado, pronto. E depois, se tiverem mais alguma dúvida assim. Quando você pega a postura, vai trazer esse processo de catalogação e indexação, como que você visualiza ela ou as informações que são mais importantes que que você considera e como. / Pronto, era essa questão que nós tínhamos falado, perceber. Ver pela questão da arrumação, mas se estivermos a falar logo da da catalogação e da da indexação, tentar perceber as pistas que logo a própria partitura nos dá, se é uma até pela pelo contextualização da partitura, se é música para piano, se é uma Sonata, se é pronto, esses itens permite nos logo perceber. De que aquela fala ou onde é que ela se encaixa, não é? E a partir daí vai nos permitir. Também fazer a indexação pronto no caso de dúvida. No caso da dúvida, como já temos uma? Base de dados. Pronto, já até já considerável. Eu podia chegar aqui à pesquisa e punha. Por exemplo, eu chego aqui, quero uma partitura para pianos. Por chego aqui, ponho,

por exemplo, piano e ponho música para, por exemplo, música para música para piano e. E vai me dar tudo, 2500 e 78 registos em que aparece aparece AAA indexação é de partitura para piano, pronto, só que depois dentro da partitura para piano, o piano é um instrumento no fundo, mas depois, por exemplo, temos uma Sonata, vai entrar também Sonata como? Para piano, música para ou ou música. Para para piano nós usamos desde o início piano, música para pronto. Mas eu, por exemplo, até tirei aqui na altura que respondi ao e-mail e que a professora lá na Terra, eu por acaso lá até tirei o seu. Estive a ler o seu documento. Por exemplo, aqui. É este, por exemplo, aqui, se nós repararmos, aqui mesmo são 3 exemplos para / De outras bibliotecas, se por acaso necessitasse também de fazer. Este trabalho também junto das outras bibliotecas aqui no Porto ou mesmo em Aveiro ou Coimbra, dá para perceber também aqui. Como é que depois deles, as entradas para o 606 que nós o 606 é parte dos assuntos pronto e da indexação. Aqui, por exemplo, música para cravo e orquestra de. Pronto, nós aqui, nós aqui. Nós aqui, o que é que acontecia neste caso? Neste caso, podíamos ter, por exemplo, música para cravo e podíamos ter AA orquestra de cordas. Ou então, quando é mais do que um instrumento, por exemplo, colocar um quarteto, um trio, ou então depois ainda para simplificar mais, porque um aluno imagine que era um quarteto. Mas não quero um quarteto qualquer, ele quer um quarteto. Em que entre, por exemplo, 2 violinos, uma viola. E um piano, por exemplo, está a perceber, se colocar lá. Leonino, Piá e viola. Numa pesquisa, ele consegue lhe aparecer logo todos os compositores que têm aquela exigência, no fundo, aquilo que ele procura. Daí daí nós nós colocarmos também dessa forma, porque se a pessoa chegar e colocar só o piano, vai ter um número de ocorrências muito maior. E. Mas se colocar quarteto, depois quarteto, também há vários. Daí que se ele chegar aqui, por exemplo. Aqui ao quarteto. Por exemplo, eu chego aqui, por exemplo, a primeira palavra em assunto que põe a quarteto. Cor. Pronto, está a ver. E o que é que temos aqui? Quarteto cordas, um violino, 2 viola, violoncelo. Mas ele podia ter só quarteto cordas. Ou à pergunta que estava a fazer? No fundo, é nós tentarmos olhar para o documento e perceber quais são as palavras chave ou quais são as informações que o documento tem que são importantes colocar para que a pessoa, seja quem for um aluno, um docente ou isso, consiga chegar à obra sem a conhecer. Ou ou ou dizer corta de cordas, e agora? Mas, mas quais são os instrumentos que constituem? A corte é de cordas. Se nós na parte da descrição já fazíamos a descrição e iria até lá, quarteto de cordas e parceria lá, pronto essa descrição da partitura. Mas nós ao colocarmos também no assunto. Se o se a pessoa fizer a pesquisa pelo assunto, consegue até. Muito facilmente chegar a chegar aos itens a que nós temos aqui, por exemplo. Temos. Claro que isto pronto, há aqui coisas que é como tudo. Nós temos um trabalho feito, qualquer biblioteca tem trabalho feito, mas depois é preciso também haver um acompanhamento até. Porque até foi definido um determinado assunto ou ou uma determinada tipologia ..... Na Na indexação, mas depois percebemos que até está aqui um isolado, que não faz sentido e até é a mesma coisa do que do que outro. Nós temos este trabalho também de de gestão e de e de tentar agregar ..... Documentos, mas no fundo é isso, é nós tentarmos perceber quais são, o fazer essa

análise de documento, perceber o que é que ele fala, a quem é que ele vai servir, qual é o público, algum desse desse documento, o aluno, o leitor e colocar os itens, pensar no documento e naquilo que nós vamos colocar na indexação, que possas .... que possa facilitar a vida ao ao nosso leitor. E no fundo, o que está aqui retratado é um bocado disso, porque acaba por estar guitarra, quarteto é de cordas. Pronto, tenho aqui situações, música de câmara, um oboé e mais um quarteto cordas. Mas depois, dentro da música de Câmara, depois há há. .... Há só coisas de música de Câmara, por exemplo, em que não tenho mais. / ..... Mas lá fazem, fazem também fazem a indexação, por colocam todos os dados ou colocam mais / a forma do documento o instrumento, ou coloca o mais também a parte. Acho que já me disse que também trata mais o documento como como se fosse um livro, não é? E coloca o período do documento e isso tudo não é, faz uma indexação mais mais abrangente, mais consistente, não é? nós fazemos isso, por exemplo, nos livros, nos livros ou até mesmo numa partitura. Mas nos livros ainda mais por quê? porque depende, porque imagina uma autobiografia ou uma biografia. Nos livros nós temos o campo 600, que é no fundo estamos a colocar como se fosse uma responsabilidade como 700. O 700 é a autoria ou ou ..... autoria ..... da criação do documento. Mas depois, se estiver a falar, depois na parte da indexação, eu posso ter biografia e posso ter lá. / Isso entra no campo 606, que é parte da da indexação dos assuntos, mas posso ter também o campo 600. O campo 600 é quando é uma pessoa individual, ou seja. 600 é individual, mas pode ser também coletiva, então eu coloco lá também como um assunto também pode ser um assunto. O assunto é o nome da própria pessoa, porque no fundo ele é assunto e ele tem a parte de biografia, que é é um termo. Mas depois, se a pessoa pesquisar em assuntos e colocar lá o nome do senhor, também chega também chega à. / E eles não metiam em cima. Tudo bem, o género musical entra no assunto, porque eu se disser que é, por exemplo, uma sinfonia, ou é um ..... cantata, ou isso entra no. Assunto, mas, mas a autoridade em cima não come 700, a estar aqui, por exemplo. No campo 700, se tiver mais, por exemplo, o compositor e ponho no com 700 o ..... o nome, o nome do do compositor e depois no eu mostro o melhor? Ora bem, assim muito pode ser. Por exemplo, vá, sei lá. É só a venda ..... Nós temos sempre 2 possibilidades. Uma possibilidade é. É ter o documento todo com a indexação toda muito completa. E outra é ter só mais simples. Mas isso também eu, a meu ver, pelo que me está a dizer. O que entendo é que se for a ver no seu caso, tem mais necessidade, porque as próprias partituras e tudo não estão em livre acesso. Qual é a finalidade da do do seu trabalho, no fundo é fazer funcionar quase como um arquivo. No fundo, é fazer a descrição completa, todos os documentos. Se fosse se fosse, talvez prestar um serviço a um aluno que pretende de de forma imediata, está certo. Aí acaba por ter muito mais trabalho. Mas se um aluno fizer, por exemplo, uma Sonata, eu, por exemplo, eu, eu podia também colocar, por exemplo, o ano de compositor. Em tudo. E nós não, por norma, não, não costumamos fazer isso. Porquê? Porque eu eu, no campo 700, eu já vou ter, por exemplo, o Beethoven e vou ter o nome e o apelido. Não é ter o apelido, o nome e a data de nascimento e data de morte. Ou seja, vou ter lá esses dados todos. Não vou é ter agora. Eu acho que aí, no seu caso, mas prestam,

*prestam depois que finalidade é que têm? Têm na mesma? A finalidade de alunos docentes? Não, não têm.*

*É porque não é não é muito normal esta, esta. / Eu até tirei aqui uns exemplos. E se reparar, por exemplo, olha biblioteca municipal do Porto, um exemplo. E isto pronto, que eu, na altura, quando falei com com a professora, com a colega que também também fazia parte para o técnico, agora está em Coimbra, a doutora Ana Lúcia Terra, pronto. Dei o contacto com com com a Jéssica. Ela referiu que ele podia pronto para conhecerem a biblioteca, uma vez que é uma biblioteca mesmo, especializada em em documentos de de música e tudo. Mas eu pensei, mas pronto, eu não estava nem não estou muito familiarizado com com o método, apesar de eu praticar inconscientemente. A verdade é uma, eu depois ler o documento, eu percebo, ora bem, mas isso nós fazemos, porque não estamos a falar em alta voz, mas acabamos muitas das vezes de estar a pensar, ora bem, onde é que isto se enquadra? Qual é? Quais são as pistas? Porque como é que nos dá logo, não é? E o que está a dizer no fundo? E que foi o que fizeram? Início foi pensar isto como uma tipologia, porque no fundo .... /penso ao contrário. Penso que nós temos partituras de grande, de grande formato, temos partituras pequenas, temos tudo. Se tivéssemos um, tudo bem, podemos estar aí num espaço. Mas eu acho que esta esta falo pela pela experiência. Acho que que a forma como está acaba por ser muito funcional, porque o zelo os alunos fazem eles o acesso ao documento. E ..... facilmente percebem que isto está organizado por áreas e por por grandes, por grandes, por instrumentos. No fundo, estão ali os instrumentos todos, a parte do instrumental e a parte do vocal. Temos a parte da música antiga, temos a parte do vocal, que também temos as óperas, e depois temos a parte da da partir das partículas em grande. e as do bolso, que depois tivesse tudo junto, ia ser complicado mesmo os os armários, não tínhamos condições para ter ali uma partitura de dessas maiores de grão formato, ou seja, já era um entrave, tanto que há bibliotecas e tudo que tem. Mesmo mobiliário próprio para a condicionar o tipo de de documento que tem de de seja um CD, ou isso nós temos estas prateleiras são próprias para o CD. No caso das das partituras, seria também um entrave e até que ponto? Depois até daria até um pouco mais de de trabalho, porque se estivesse tudo junto, o que é que ia acontecer? Os alunos de de de voz, de de instrumento, música antiga, iam todos. À procura e a gerar um certo ruído. Assim, um aluno que quer uma partitura instrumental, ele já. Por explosão de partes que nunca vai procurar essa partitura na parte local ou na parte do do do da ópera ou ou isso vai logo à parte instrumental e muitas das vezes, o que é que eles fazem que nós não não aconselhamos, aconselhamos que seja feita primeiro uma pesquisa na base de dados, para perceber se temos AAA partitura. E se, por exemplo, ela não está emprestada? Ou posso até dar um caso, porque os alunos são muito gostáveis e gosto de colaborar com a biblioteca. E nós muitas das vezes pedimos para eles deixar aí Na Na mesinha, que nós arrumamos. Mas muitas vezes o misto é livre acesso. Acontece de eles próprios arrumarem as obras e às vezes pronto essa boa vontade, às vezes também nos fria alguns problemas, porque depois imagino que ela até está fora do*

sítio. Se estiver um bocado na letra, pronto no Mozart. Se estiver No No Monte Beer e ou qualquer coisa está no M, pronto, nós procuramos. O M está mais à frente ou atrás. Agora imagine que vai para um sítio que não tem nada a ver. Temos que andar a ver as partituras de. A ponte. E daí é que se diz com um livro fora do sítio, um livro perdido. E aí é um bocado. É um bocado verdade, porque depois dá nos este trabalho. Agora, no seu caso, é assim. Eu acho que cada biblioteca tem as suas formas de de trabalhar e tem a sua maneira de de de organização e da forma como foram estruturadas. No fundo, no meio disto tudo, o que é que se pretende? Pretende se prestar um bom serviço às pessoas que nos visitam? Ao nosso utilizadora o nosso leitor, uma pessoa que esteja interessado em em visitar a biblioteca e que ele próprio seja um autodidata. No fundo, acaba por ele fazer a pesquisa e chegar ao documento de uma forma rápida. É sinal que o trabalho está. Está até bem feito, não é entre aspas. Agora, eu, por exemplo, se comparar o meu trabalho com OC, eu digo, ora bem, o Paulo, se for a ver, é mais simplista. Colocou só música pra piano ou colocou a Sonata e, por exemplo, não pôs o ano, o ano do do compositor, não pôs o período histórico. Isto é, a identidade no fundo, é a identidade que está a ser representada ali. É como nós vamos ali ao aos livros de música no mundo. É.

E temos ali uma parte só de livros de música do mundo, uma piano. Temos outro exemplo mapear. Temos aqui, por exemplo, os CDS. Os CDS de música do mundo e de jazz. A organização é exatamente AA mesma, só está apenas com uma cor diferente. Se juntasse tudo, eu não podia dizer que tinha só uma parte de música de clássica. Onde é que está a música contemporânea? Onde é que está o jazz? Onde é que está essa música tradicional de de zoom brasileiro? Ou seja do que for, não é, acaba por estar tudo junto. Agora é assim, funciona dessa forma, pronto. Agora o que está a dizer? Está eu, eu, assim, um bocado a uma exposição, ou então ou ou a um arquivo em que quer, por exemplo, mostrar o que o que tratou e quer mostrar a identidade de um povo ou isto. Eu quero exemplos. Do que é português, do que é brasileiro, que é Angola, Moçambique, ou seja, o que for, no fundo, está a rotular como estava a dizer. Está a criar uma área específica para para esses itens. E por isso que é importante fazer a descrição material. Do material, às vezes tem o nome do de quem fez, porque tem os especialista, né? Que fazem aquela aqueles trabalhos mais antigos, diferentes, porque às vezes você tem um violão. O violão não é português. Mas ele foi fabricado aqui, e aí? Ele, ele é. Foi fabricada em laboratório aqui em Portugal, sim. Não, ele vai falar que a origem é brasileira, por exemplo, e que foi feito pelo pelo artesão x? E no período tal está a perceber, a fazer a contextualização {paratexto}, no fundo é isso, é, é, não, não vai deixar as origens. Tem que explicar a origem. Tanto que nós temos. Não estou a dizer isto pronto um bocado sem, sem estudo, mas num num país e outro noutro, apesar de do país de origem ter sido o iniciador da da produção desse, sofreu adaptações e de certeza que há há há situações em que percebe que aquilo é mesmo do Brasil. Ele. Imagine e o outro, apesar de ser feito, no Brasil até Portugal, por exemplo. Um trabalho assim, muito exaustivo, se até as próprias. Mas lá está é um é, é um viciante. Mas dá, só que pronto, eu normalmente. Pronto é, é tentar, pronto. Eu, no meu caso, o que é que tento? Mas

isso já já é a minha maneira de ser. Eu tento, quando é assim algum trabalho, tentar fazer uma recolha, por exemplo, inicial daqui, se já alguma coisa produzida ou qualquer coisa, porque senão depois é, é mais complicado. Não quer dizer que não se consiga fazer, mas mas aí é assim. Imagine que até estava aqui e queria livros de fazer. Para fazer esse trabalho que está a dizer eu consigo lhe. Já uma data de livros. Só que se for a vén, não vai encontrar o que quer, porque até pode haver aí algum que fale de algum, de algum instrumento No No Brasil tem livros da da história, do do Brasil e de outros. Aí consigo lhe arranjar agora assim, tão exaustivo e tão a pormenor, se for a ver, já é mais complicado. Já é, já é. Obrigada a uma investigação assim mais. Mais profunda. E para repararem que depois somos nós que dizemos que tipo de aparelhos fomos todos, e nós preenchemos aqueles que são para a partitura. Mas o que está? O que lhe estava a dizer, por exemplo, aqui das outras das outras bibliotecas, por exemplo? E eles colocam aqui na mesma o 675, que é o número para a classificação CDU, e colocam a classificação. A CDU classificação desse mal univers. Nós, como temos esse sistema, é por cota local, não é? Não vamos pela CDU está a perceber, no caso das partituras, em em particular, porque fizeram esse estudo já há vários anos, não é? E decidiram que seria mais funcional dessa forma, porque a partituras com diversos tamanhos, há partituras para a tipologia é diferente o género, e isso e. Não sei se poderei chamar fenómeno ou isso, mas que no fundo, na perspectiva de quem iniciou também este processo, porque estamos a falar hoje de uma biblioteca um pouco mais pronto, organizada, mas na altura ainda era com os Kardec e tudo que era aqueles, aqueles cartõezinhos, era tudo feito manualmente e tudo funcionava totalmente diferente do que é hoje. Temas informáticos e tudo. Antes era tudo manual. Há muitos anos atrás nem era sistemas assim, nem era por base. Nós tínhamos uma por base que era um computador só de visual preto, em que colocávamos lá os códigos e punhamos os dados e tudo não tem nada a ver. Agora é, é o teu interface, é mais, é mais agradável, permite nos colocar muita mais informação, permite. Até colocar capas de livros, essas coisas todas, pronto, tem outra, outra interação mesmo com com. Com a os, com os nossos leitores e com os visitantes da da biblioteca. Eu posso lhe mostrar, por exemplo, no meu caso, antes de me esqueça, deixe-me só mostrar, sim. Esse é o depois. Isto são exemplos para para fechar esta parte, pronto. São exemplos que eu, eu, na altura, até lá dizer, à à, à doutora, à Ana Lúcia. Que poderia também pesquisar, porque hoje é muito fácil. Depois, se quiser fazer uma comparação, é o que eu digo às vezes a muitas pessoas é porque às vezes vão em falso a uma, a uma, a uma, a uma biblioteca ou isso EE nos dias de hoje não há necessidade de às vezes irem falso. Ou isso porque vou até tentar perceber, se um terminar o livro existe porque 1h22. Se for uma biblioteca já informatizada e tudo tem um catálogo, se tem um catálogo, a pessoa consegue explorar esse catálogo e consegue ver o que é que a biblioteca tem, como é que tem a organização feita? Pronto. Se o livro tem acesso o livro ou não, se pode ser emprestado, pronto e damos outra, outra, outra consciência. Neste caso, por exemplo, isto. Basta abrir ao Google, neste caso da biblioteca municipal do Porto, e pôr as siglas, por exemplo, biblioteca municipal biblioteca tinha era que pôr o público é b

biblioteca pública municipal do Porto BP. PMPE punha catálogo e esse seria logo ao catálogo. Por exemplo, ele é aqui perto, é em são lazaró e depois tem uma filial que é no 11 polo mais pequeno no Jardim, são No No Palácio de cristal, que também é uma referência. Aqui no Porto tem um também, uma livraria que pertence a é um polo, digamos, é um polo da livraria principal que é. Uma livraria de é uma livraria é um é uma biblioteca de post legal. Ou seja, aí tem mesmo as coisas mais antigas e tudo se quisesse, por exemplo, no caso da sua investigação. Ou de outras, é também perceber se existe alguma biblioteca especializada ou alguma biblioteca de Posse legal que tenha quase todas as obras que foram protegidas no país. Se se tem lá um exemplar e também por aí é é também um motor de busca. Muito importante é nós percebermos aonde é que podemos arranjar aquilo que pretendemos para satisfazer as nossas. Necessidades e aí às vezes é um ponto de partida muito, muito útil. Porque às vezes pusemos a andar, a perder tempo, a ir aqui e ali. EE porque não fazemos esse raciocínio inicial? Dizer, ora, bem, eu eu quero isto, mas há alguma livraria, por exemplo, alguma biblioteca que seja especializada em música e que até a bordo, por exemplo, os os os instrumentos musicais ou isso ou EE dar lhe possibilidade de de até chegar a alguns? A alguns espaços em que tenha informação sobre isso, pronto. Esta é da biblioteca municipal do Porto, que é aqui era também só para lhe mostrar como eles também aqui no campo da indexação, colocam Oo. Uma terminologia também muito simples, pronto, colocar um sol e depois música impressa, que no, no nosso caso, esta música impressa vai no cabeçalho, vai No No campo do do título entre parênteses rap, fica música impressa. Chegar aqui, por exemplo. Chegar em pôr a tife e fazer esta barra. Pode ser uma pergunta, muito obrigado. Pelo banco, pronto só para. Então é, pode usar? É, mas eu depois posso lhe dizer mais. Mas aí era só para perceberem. Por exemplo, aqui Na Na de Aveiro, isto é, UA tiveram lá perto de Coimbra, é perto da da Aveiro. Por exemplo, já tem uma? Está a ver já, então, picota. Depois 7802, depois ali talvez já é diferente, mas o assunto também acaba por ser mais simplista. É música para guitarra? No fundo, nós também temos. Só que, por exemplo, neste caso iria, por exemplo, beber ali guitarra solo e perceber. Fica guitarra, só guitarra pronto ou ou se há, por exemplo, a parte do solo, é, é importante. Tem já uma entrada na indexação para guitarra solo há anos. Há há necessidade de? O meu aluno até pesquisar por guitarra ou até ele quer só a parte do solo, por exemplo, é essa essa análise às vezes. Vamos. Perceber. Toque de bateria. Pode passar os olhos, pois aí a ver se se tem alguma coisa. Isto é muito bom? É. É uma enciclopédia de. É por isso, IA? Posso ver se tenho mais todas as cores, mas aí aí veja mesmo, tenho o índice, vejo as partes do Brasil a ver se tem alguma coisa que lhe sirva para o seu. Pronto. Mas isto é um aparte. É só porque, como falou eu, nós temos muita coisa. Isto é mesmo uma coleção muito grande que tenho de de todo o mundo. Brasil. Fala mais de de gênero. Olhe que se não deves ter mais. Mas veja só, tem aí, não vejo aí, Oo, onde aparece o Brasil? Aí depois. Aqui e lá. É que nós deve ter. Vejam se têm índio há, o índice não há ou não basta? Essa, essa inscope. Hum, também tem lá? Não é os títulos, parece os títulos da CDD de música. Um. Porque tem um country, people off, stop, American Dream music e é é tem alguns que. Sabe porquê? Porque

às vezes pode não ter muita informação e juntam ou juntam AA tipologia mesma e juntam mais filmes. Choveu sim. Casalinhos. Em que mostrar os despaços automático temos depois? Pode passar os? Pode ser que até tenha mais que um. Não é? Que eu possa ajudar. Aqui são uma mais Giga. Também é muito ousado, mas já com. Quem é que é o body music? Está bem, mas tu sou Europa, não me de Hollywood, isso não. É que se deve ter, deixei com a Vila. Dos Jesuítas. A super estacionista. Não sei guia a. Você já ouviu essa palavra? Mas isso eu trabalho, apanha tudo, modinhas isso tudo brasileiras e isso não. Não é só os instrumentos. Só instrumentos não é depois da parte dos instrumentos. Hhh. Chega. Tinha uma força boa também para isto. Tem aqui um. Chama lismo. Lorde Andrade. Mas outra oposição não sei se conhece, deve conhecer de certeza. O Golfo conhece o grupo A Sério, não conhece o grupo. O grupo tem o groove é onde este não é o mais utilizado, é do dos dos iniciais. O groove tem uma parte que é mesmo só dos compositores. Imagine compositores antigos que não conhece que não há. Não há livros sobre ele, biografias. Não, sim. Al eu já ouvi falar, mas eu nunca vi. Temos também uma parte ali só de biografias, de de compositores e tudo. E depois tem uma parte que é de instrumentos, está a ver e pode chegar aqui a versão. A. Se faz favor? Mas pensar. Isto tem muita coisa. Agora temos que depois ver no índice a ver se tem alguma referência ao Brasil e ver o que é que tem do Brasil. Já seria qualquer coisa que pudesse utilizar europeia. Particular dá para me? Eu poderia dar uma olhada na definição de partitura que um dicionário Gordon. Quer ver partitura? Ele traz algumas dessas? Subir aqui? Aí também pode ir para outra coisa. Não sei se têm lá, mas devem ter. É o Atlas, o Atlas da da música. E é. Não o Atlas. A partícula qualquer. Depois vemos aqui. Tem tipo, o Sport tem que ir por Sports. Ajuste de. S. E essa é a obra de arte, é também dá. E agora este é mais complexo. Quero tirar foto \*\*\*\*. O companheiro, depois de tirar pia, o coisa sabes é o índice que é pra depois fazer a referência, a referência, tirar aqui atrás, pronto. E agora? E agora, scor, onde é que começa, vai começar? Decorar a altura? História de escola começa aqui, está a ver e é da história. Tem tudo estás a ver. Olha, era só, o que é que vai? Depende, não é? Tem score até ao século 20. Score continua, até que depois tem a biografia minha é isto até aqui. Pronto, pode tirar. Está bem? Obrigada. Se precisarem de alguma coisa, aproveitem também. Agora, quando é que vou? Já devem ir para o Brasil. É dia um, mas bom, outra vez, agora para. Vão outra vez para para Coimbra? Não. John. É pra Coimbra, a gente volta hoje. Aí já vamos para lá, hoje outra vez, fotos. Mas por isso, aproveitem se precisam de alguma coisa. Nós temos muita coisa de assim, de instrumentos e tudo. Nem preciso qualquer tipo de cópias. Obrigado. Ou se precisar de de tirar. Não sei se temos ali uma ortografia também, se precisar de tirar mesmo, mas que o telemóvel também fica bem tirado. Boa. Temos aqui este também muito bom de um professor que foi nosso professor em instrumentos musicais. Consumidor, todos os cambrantes. Agora, uma questão de ver se tem no início. Por isso, por exemplo, o Brasil não vê se tem o próximo, tem havido familiares. Imagine que está a trabalhar aqui um documento específico que sabe que é feito no Brasil. Portanto, vê aqui a ver se se está aqui, está a ver e tive a foto. E tive a foto. Se tivesse saído AA correr por por a área geográfica, por por país. Obrigada.

Mas, se precisarem assim de alguma coisa mais específica, ora, aproveito encontro me num num bom para Coimbra. EE vai vamos a mais alguma informação? Pode sim, pode, pode, pode. Dá uma olhadinha para escrever, para conhecer. Se quiser tirar uma foto, a cota para tantar, só perceber como é. Está, mas. A gente fica tão resplanável pra utilizar as coisas do pesquisador, dar um controle f inscrever Brasil que quando a gente pedacinha. Contactos. É. Praça da guitarra não ter esta. O voo grosso porque? Groovo é mesmo. Este é mesmo, não. Férias. Ei, Cortana. Lá, o que acontece é que as a universidade que a gente está, elas são divididas no estado de São Paulo inteiro. Hoje. Então, por exemplo, a faculdade de música, ela fica lá em São Paulo, capital, a gente fica no interior de São Paulo. Hoje. Uma distância mais ou menos de 6 horas de viagem. Posso ter uma conta a outra? Em 5 horas, eu acho. Sim, claro, achados Montes até ao aluguel. Então é. É, então é. É difícil a gente conseguir ter acesso a uma biblioteca ou outra. E por conta da pandemia, a gente não está. Eles não voltaram o sistema de mandar a documentação. Eu acho que agora este é a questão do Globo, já é, já é uma possibilidade de de ter um acesso digital para América, onde é que rependem de acesso digital que está? À volta, então, não, não nosso também. Que a gente apresentou sobre. Acabavam de recuperação da música ou. Isso aqui estava na pesquisa. im, fui eu que foi, eu já já tinha conseguido alguns acessos, mas eu nunca consegui o arquivo inteiro de forma completa. Café. Há coisas que a pessoa pode falar de música, diz lá agora, o que que é assim? Importante e importante Globo é os Atlas da música. Quer que quando a pessoa não, não está. Dentro de você? Das coisas é aquilo que que ajuda. Cancelar. Se. Quiser depois só para ver. Tira a ver se consegue. Isto tem no boa, vou com a atualidade está deixe ver se tenho aqui aqui géneros ou géneros. Géneros e formas. Nitrogia versões polifônicas da missa. Isto tem tudo também. Isto também é muita bom. E. Está em português? É uma questão de ver, tem alguma coisa do Brasil, você dá jeito. E aproveita. Nós germes e formas, só a área, isto mesmo para as partituras é está a ver o que estávamos a falar há pouco. Área. Folga, canone, cantata que é o que nós usamos, cantata, concerto Madri, gala, missa, muter, ópera, ora, ora, oratória, abertura, prelúdio. Eu estou a dizer que os homens mais serenata, suíte, sinfonia, dança, variação. Está a ver. Brasil, tudo dividido deixa eu ver se tem aqui uma coisa. Brasil. Brasil, antiguidade. Principalmente já é para Mafra, é mesmo as Torres finais agora. É mais freitamente feliz. Tem que. Conhecer, colocar mais, inscrever se. Ah, foi porque não está fechado? Não acho que não está. É que está o trabalho a ser. Tem, se, se tiver necessidade, conseguir inserir mais instrumentos. Mesmo depois de de já estar finalizado, é não é? Pois está bem. No fundo, é como se tivesse a criar um repositório. Não é estivesse a criar uma base de dados em que está lá essa informação lá está. Espírito quase de de como se fosse um arquivo 111, exposição em que tem que pôr o instrumento e fazer a descrição toda do documento. Origens, ano, essas coisas todas. É o viciante. E aqui de certeza que se tivesse mais tempo, há de arranjava mais coisas, de certeza. Mas. Mas pronto, aqui a beleza. E pode ser que tenha alguma coisa do do Brasil. Aqui, pronto, já sabe que é mais Itália e. Aqui. Acho eu. Referentes à à à Jéssica. E tem mais coisas de certeza que isso era mesmo

importante se conseguisse ter isso lá. Só que também não dá para ir fazer tantos quilômetros para contar a consultar isso. Fora isso é que é o. Ou não estou a bateria? De tirar AAAKEA contracapa está bem, para depois fazer a referência, não a capa. Peço desculpa, Ah, página de boa. Vamos distribuir aqui. Olha. Dia, música. Aqui. Para o meu, OK? Você já é o número 2, está a ler e aqui a aparecer. É, pode? É Paulo, tem. Uma tomada que eu possa carregar meu celular? Sim, é. Que ele desligou. Desligar. Só um momento, senhora, que eu estou lá. E em cada um desses? Em cada um destes, de certeza tem que fazer o Brasil, porque está a perceber. Ora bem, isto devia era ter essa indicação no mar, porque era mais fácil se tivesse a palavra Brasil. Deixe me ver aí é para eu dar logo as páginas todas. Aonde é que aparecia a palavra Brasil? Deixe me. Nossa senhora. 72 zero 30. E 8 são? Já foi mesmo todos os instrumentos que temos aí. Muito década aqui ao lado. 70. Apostado por isso, é. Que estão ali porque AA parte dos instrumentos musicais sabes aquele lado, está no outro lado, isto é, que é isto é, é a história é destinada. A última? Isto é mesmo muito. Junção. Parte dura aqui. Acho é os exemplos do violon. Sim, preferido. E lá não tenho, não tenho nenhuma biblioteca lá em São Paulo que possa ter o Globo digital, o acesso, se não algum, algum conhecedor, algum colega de alguma biblioteca ou qualquer coisa. Encontrou alguém? Até onde eu sei, a faculdade não assina me que. Nós não sei se já ouviram falar também no gestore, que é uma coisa também de artigos de. Obrigada, tchau. Gesto JSTOR também é é tudo produção científica ligada à música. Deixa eu escutar? Que legal. Só que isto também é cara, é pá. Nós não temos e é pé é que daria muito pena da. Nem as ações foram um programa faculdade em nome de nacional. Pois é que são coisas assim mais caras. É um guincho? Luís, e ajuda tanta gente. Mas também, se não está fechado, depois tenta. Porque IA ajudar o pessoal de música, IA ajudar porque as pessoas. Já pode depois ser uma vantagem também, porque lançou a primeira Pedra e depois pode alguém até desenvolver o esse projeto ou até, no seu caso, até depois poder dar continuidade. Ou quer dar? Mas isto é, é, é, é pronto, mas pode pronto. Entra um pouco de semiótica na minha pesquisa. Aí temos aí coisas, eu arranjo, me mais, deixa me só dar a baixa antes que me esqueça, tenho que passar aqui, está OK? Este sistema, não sei se lá tem, é parecido com este, não é? Nós temos para fazer a pesquisa, não é? E depois tem que a parte de empréstimo, que é onde emprestamos, basta colocar aqui o número do aluno. Ou então posso chegar aqui a leitura e faço pesquisa a leitor e ponho o nome do leitor. E depois vão envolver estes. E vamos já ali uma muleta, vou ver isto. E. Diana Santos. Na tradução isto, depois já devolver, a pessoa vai receber também uma mensagem a dizer que o livro foi devolvido no quase. Quando é emprestado, sai aqui um talãozinho com a data em que levou Oo. Google o autor, o título da obra e quando é que tem que devolver? Pronto. E agora, Diana Santos a chegar aqui ao leitor. Por fim dela, leitor, e coloco. Este este programa é é muito bom, aparece me logo aqui o número dela ocorre Barras é o número do aluno OE mail, e ele não devolvía, não está aqui, ou seja, ela tinha que se devolver depois este livro. Vou renovar, pronto, se for o máximo do livros para aluno da licenciatura, são 5 de mestrado. Como? Por causa da parte da investigação são. É meio realizou e dar lhe o Globo do do ponto pronto

aqui pode ver, é esse melhor que é que é o maior. Mais coisas do senhor? Miguel. Está. A ver. É uma biblioteca que até em relação a outras, pronto, eu não tenho. Parece que não é assim enorme e não é, mas. Mas tem. Nas áreas em que temos, tem tem coisas muito úteis mesmo. MP especsista em. Muito mesmo. Semear. Sim. Com isso, é uma extensão. Sim, semática. É, é, é. Semiática. Estou aqui. Somos maior. Pronto. Está aqui, vai chegar aí, não adiantei aqui um 22. Aqui, semiótica. E isto tem uma vantagem que eu ainda não, não, não expliquei. Este catálogo é é um catálogo. Todas as bibliotecas têm o mesmo, o mesmo. Fazem parte do Politécnico. Então é o mesmo programa e é um é uma gestão de dados integrados, ou seja, eu consigo, por exemplo, aceder à minha base, mas consigo. Imagine que é há aqui um aluno que quer saber se temos um livro e nós não temos. Mas eu consigo saber se outra biblioteca tem, porque ao fazer a pesquisa pelo título fica. A sublinhado, o que é meu e, por exemplo, o que pertence ao. Tem isto é útil, por exemplo, o caso da da indexação EE classificação e tudo eu posso ver. Por exemplo, o que é que os colegas, se já existe e como é que eles trataram a. Exemplo agora, simiótica simiótica temos aqui muita coisa semiótica, não é? No teatro, tem uma introdução à semiótica. Os ingleses vai ser tudo, 8128. Dizer arranhar aqui em rede? A roubar o tempo ao fim. Miguel, atenção 2. É muito fácil. Esta é a guerra do livro, não? Isso 82 8122 rote 20 venho aqui. A linguagem que vocês não são a no final, né? É. É natural? É. É ACDU. Claro que eu dei a 82, faço a 2 peças de teatro, sou fazenda. Então, nem precisa. Roda, não é? Algo que tem aqui classificação de hardboard é Horn, Boston, sax é do meu trabalho. Mas não conheço se por acaso houve. Ela classifica em 5 tipos, 5 que é? Sopro, ar membrana. Corda e eletrofone. E aí, a partir disso, ela começa a gerar números. Ela gera números? Mas. Mas é como nós, não é? Por exemplo, eu, eu, se eu tenho aqui o 786, por exemplo, que é para piano. Sim. Mas é a catalogação, é o 786, é ACDU que me diz que os 78 é música, mas se eu tiver um os seios à frente do 8786, tudo o que for 786 é música para teclas, é piano. É. Por exemplo, 788 já é imagino, violoncelo, por exemplo. Eu ótimo que eu falei, Oh é, é idiofones bem Belo. Fones, corda, fones escornes. Então ele, ele, a estrutura de classificação dele parece esse. Está a perceber? Só que não é isso, isso é essa classificação foi a primeira. Ela se desenvolveu, é ser desenvolvido na organologia. Hoje ela é muito importante, é, por exemplo, se você pegar Viena, é Suíça, Alemanha. Trabalham muito consistente. É. Existe que é só aparentemente musical, não? Você não consegue classificar. Um livro? Por exemplo, o livro já é mais, já é mais abrangente e foge o classificar. Podia se lhe pagar aqui um livro, por exemplo, apaga aqui um livro de de teatro. Todos. Este tem 786. Isto é tão em francês, isto é, um livro 786 ou um livro de piano, seja ali na classificação turbo for 786 é piano e depois, quanto maior for o número, mais específico é a temática dentro da.



## Anexo A - Parecer de aprovação do comitê de ética

UNESP - FACULDADE DE  
FILOSOFIA E CIÊNCIAS -  
CAMPUS DE MARÍLIA



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Indexação de partituras musicais: aspectos para o desenvolvimento de um modelo de leitura documentária

**Pesquisador:** JESSICA BEATRIZ TOLARE

**Área Temática:**

**Versão:** 3

**CAAE:** 78043124.4.0000.5406

**Instituição Proponente:** UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JULIO DE MESQUITA FILHO

**Patrocinador Principal:** Faculdade de Filosofia e Ciências/ UNESP - Campus de Marília

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 6.932.667

#### Apresentação do Projeto:

O projeto intitulado "Indexação de partituras musicais: aspectos para o desenvolvimento de um modelo de leitura documentária" foi submetido para análise ética deste CEP em 26/02/2024 sob CAAE: 78043124.4.0000.5406 e, mediante parecer de pendência, foi submetida nova versão em 02/04/2024 com as alterações.

O projeto possui todos os elementos textuais para análise ética, desenvolve boa contextualização do tema, apresenta embasamento científico com bibliografia pertinente e atualizada, bem como deixa evidente a hipótese e justificativa do estudo. Além disso, discorre sobre os procedimentos metodológicos e sobre a análise dos dados, os quais estão descritos, delineados e de acordo com os objetivos que pretende alcançar. Tem como temática principal elencar aspectos para a elaboração de um modelo de leitura documentária para indexação de partituras musicais. Será realizado um mapeamento sistemático, para o aprofundamento teórico e análise do conteúdo com a teoria da inferência e aplicação da técnica do Protocolo Verbal Individual, na parte empírica. A pesquisa será aplicada em 5 bibliotecas: 2 portuguesas (Universidade de Coimbra e Instituto Politécnico do Porto) e 3 brasileiras (Biblioteca da Unesp, Unicamp e conservatório de Tatuí), sendo que participarão da pesquisa 50 sujeitos das bibliotecas brasileiras e 2 das bibliotecas portuguesas. A pesquisa busca investigar um campo em que ainda há poucas publicações, abarcando uma comunidade que precisa de maior visibilidade na Ciência da Informação

**Endereço:** Avenida Hygino Muzzi Filho, 737.

**Bairro:** Campus Universitário

**UF:** SP

**Município:** MARILIA

**Telefone:** (14)3402-1346

**CEP:** 17.525-900

**E-mail:** cep.marilia@unesp.br

UNESP - FACULDADE DE  
FILOSOFIA E CIÊNCIAS -  
CAMPUS DE MARÍLIA



Continuação do Parecer: 6.932.667

envolvendo as temáticas partitura musical e indexação

**Objetivo da Pesquisa:**

Objetivo principal: Elencar aspectos para a elaboração de um modelo de leitura documentária para indexação de partituras musicais.

Objetivos Específicos:

- a) Desenvolver estudo teórico interdisciplinar sobre leitura documentária para indexação de partituras no contexto de bibliotecas especializadas;
- b) Investigar os procedimentos de leitura documentária feitos por indexadores no processo de indexação de partitura musical em bibliotecas especializadas em música, como parte empírica do estudo;
- c) Identificar aspectos para o desenvolvimento de um modelo de leitura documentária para partitura musical.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

1. Riscos: Segundo a pesquisadora, o risco seria a possibilidade de ocorrer vazamento de dados. No entanto, como forma de prevenção, são tomadas precauções, em que os dados serão protegidos em uma pasta com senha e armazenados em um disco rígido externo, com acesso apenas do pesquisador responsável.

2. Benefícios: Segundo a pesquisadora esta pesquisa tem como benefício contribuir com estudos teóricos e empíricos para a área da Ciência da Informação, em específico, pesquisas ligadas à indexação e leitura documentária. A partir da análise, espera-se que, em conjunto com a fundamentação teórica, proporcione elencar aspectos para ser indicado para realizar elaboração de um modelo de leitura documentária para partitura musical

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A pesquisa aborda o fato de que para realizar a leitura documentária da partitura musical é preciso de conhecimento múltiplo, incluindo, o processo de indexação, teoria musical e leitura de partitura, visto que possibilita observar pontos que podem ser considerados estratégicos para a identificação e

**Endereço:** Avenida Hygino Muzzi Filho, 737.

**Bairro:** Campus Universitário

**UF:** SP

**Município:** MARILIA

**CEP:** 17.525-900

**Telefone:** (14)3402-1346

**E-mail:** cep.marilia@unesp.br

UNESP - FACULDADE DE  
FILOSOFIA E CIÊNCIAS -  
CAMPUS DE MARÍLIA



Continuação do Parecer: 6.932.667

**seleção de**

conceitos representativos de conteúdo. O universo da pesquisa é composto por 2 Bibliotecas de Portugal (Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra e Biblioteca da Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo do Porto) e 3 Bibliotecas do Brasil (Biblioteca do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista, Centro de Integração, Documentação e Difusão Cultural da Universidade de Campinas e Conservatório de Tatuí). Serão 50 sujeitos das bibliotecas brasileiras e 2 sujeitos das bibliotecas portuguesas.

Para o desenvolvimento da pesquisa, será aplicado o método do Protocolo Verbal Individual em profissionais experts, que realizam o processo de indexação de partituras musicais em bibliotecas especializadas, a fim de observar como eles fazem o procedimento na prática, quais pontos estratégicos e informações são utilizadas da partitura musical. Com os resultados obtidos a partir da coleta de dados na aplicação do Protocolo Verbal Individual, espera-se que seja possível observar como bibliotecas de diferentes países realizam o processo de indexação de partituras musicais. Assim, a pesquisadora espera obter compreensão das particularidades da estrutura musical, sua relação com a indexação e a

**Organização**  
**do Conhecimento**

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

- 1) O Projeto de pesquisa "Indexação de partituras musicais: aspectos para o desenvolvimento de um modelo de leitura documentária" foi submetido em 05/06/2024, está bem delineado e contém todos os elementos textuais necessários para análise ética deste CEP;
- 2) O documento da Folha de rosto foi assinado em 21/02/2024 e submetido em 23/02/2024 está preenchido com todas as informações necessárias e assinado pelo pesquisador e pelo

**Endereço:** Avenida Hygino Muzzi Filho, 737.

**Bairro:** Campus Universitário

**UF:** SP

**Município:** MARILIA

**Telefone:** (14)3402-1346

**CEP:** 17.525-900

**E-mail:** cep.marilia@unesp.br

**UNESP - FACULDADE DE  
FILOSOFIA E CIÊNCIAS -  
CAMPUS DE MARÍLIA**



Continuação do Parecer: 6.932.667

responsável da instituição proponente;

3) Em relação aos documentos de autorização das instituições, onde será realizada a pesquisa, a pesquisadora apresenta a autorização das quatro instituições assinadas pelos responsáveis.

4) O documento do TCLE "modelodetcle.doc" submetido em 05/06/2024 está adequado e em consonância com a resolução 512/2016.

5) O documento cronograma "cronogramatese.docx" submetido em 05/06/2024 refere que a pesquisa terá início em julho.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Aprovado

**Considerações Finais a critério do CEP:**

O CEP da FFC da UNESP de MARÍLIA, em reunião ordinária de 03/07/2024, após acatar o parecer do membro relator previamente aprovado para o presente estudo e atendendo a todos os dispositivos das resoluções 466/2012, 510/2016 e complementares, bem como ter aprovado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido como também todos os anexos incluídos na pesquisa, resolve APROVAR a pesquisa "Indexação de partituras musicais: aspectos para o desenvolvimento de um modelo de leitura documentária".

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

| Tipo Documento                                            | Arquivo                                             | Postagem               | Autor                     | Situação |
|-----------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------|------------------------|---------------------------|----------|
| Recurso do Parecer                                        | recurso.pdf                                         | 05/06/2024<br>10:16:03 |                           | Aceito   |
| Recurso Anexado pelo Pesquisador                          | pedidoderecurso_assinado.pdf                        | 05/06/2024<br>10:15:59 | JESSICA BEATRIZ<br>TOLARE | Aceito   |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador                 | projetodoutorado260224.docx                         | 05/06/2024<br>09:59:30 | JESSICA BEATRIZ<br>TOLARE | Aceito   |
| Cronograma                                                | cronogramatese_atualizado.docx                      | 05/06/2024<br>09:59:09 | JESSICA BEATRIZ<br>TOLARE | Aceito   |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | modelodetcle_assinado.pdf                           | 05/06/2024<br>09:58:55 | JESSICA BEATRIZ<br>TOLARE | Aceito   |
| Outros                                                    | 4declaracaoautorizacaoinstitutopolitecnicoporto.pdf | 05/06/2024<br>09:58:35 | JESSICA BEATRIZ<br>TOLARE | Aceito   |

**Endereço:** Avenida Hygino Muzzi Filho, 737.

**Bairro:** Campus Universitário

**CEP:** 17.525-900

**UF:** SP

**Município:** MARÍLIA

**Telefone:** (14)3402-1346

**E-mail:** cep.marilia@unesp.br

UNESP - FACULDADE DE  
FILOSOFIA E CIÊNCIAS -  
CAMPUS DE MARÍLIA



Continuação do Parecer: 6.932.667

|                                |                                               |                        |                           |        |
|--------------------------------|-----------------------------------------------|------------------------|---------------------------|--------|
| Outros                         | 3autorizacaoconservatoriotatuti.pdf           | 05/06/2024<br>09:58:02 | JESSICA BEATRIZ<br>TOLARE | Aceito |
| Outros                         | 2autorizacaounicamp.pdf                       | 05/06/2024<br>09:57:48 | JESSICA BEATRIZ<br>TOLARE | Aceito |
| Informações Básicas do Projeto | PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2274329.pdf | 02/04/2024<br>11:24:27 |                           | Aceito |
| Declaração de concordância     | 1declaracaoautorizacaoinstitutoartesunesp.pdf | 02/04/2024<br>11:18:03 | JESSICA BEATRIZ<br>TOLARE | Aceito |
| Outros                         | modelodeemaildoutorado.docx                   | 26/02/2024<br>14:10:13 | JESSICA BEATRIZ<br>TOLARE | Aceito |
| Orçamento                      | orcamentocoletadedadostese_assinado.pdf       | 26/02/2024<br>14:08:53 | JESSICA BEATRIZ<br>TOLARE | Aceito |
| Folha de Rosto                 | folhaderostoassinada.pdf                      | 23/02/2024<br>14:16:39 | JESSICA BEATRIZ<br>TOLARE | Aceito |

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

MARILIA, 05 de Julho de 2024

Assinado por:  
**MEIRE LUCI DA SILVA**  
(Coordenador(a))

**Endereço:** Avenida Hygino Muzzi Filho, 737.

**Bairro:** Campus Universitário

**UF:** SP

**Município:** MARILIA

**Telefone:** (14)3402-1346

**CEP:** 17.525-900

**E-mail:** cep.marilia@unesp.br

## Anexo B - Roteiro para identificação dos dados em fotografias

### 1. Dados de controle

1.1 Número de identificação da fotografia:

1.2 Data da fotografia (dia/mês/ano):

1.3 Classe temática:

### 2. Análise externa

2.1 Título:

2.2 Estado de conservação: ( ) ótimo ( ) bom ( ) ruim ( ) péssimo

2.3 Dimensão:

2.4 Identificação de carimbos, etiquetas, dedicatórias e anotações (descrever)

### 3. Análise de conteúdo

3.1 Análise morfológica

3.1.1 Tipo de iluminação:

( ) noite ( ) dia

( ) luz artificial ( ) natural

3.1.2 Posição da luz: ( ) contraluz ( ) luz lateral ( ) luz central ( ) luz baixa ( ) sobreposição

3.1.3 Valores de enquadramento: ( ) plano geral, ( ) plano médio, ( ) primeiro plano, ( ) plano detalhado

3.1.4 Coloração: ( ) colorida, ( ) branca/preta, ( ) sépia

3.2 Conteúdo temático

3.2.1 Espaço geográfico (descrição do lugar) – (onde?)

- Continente, país, região, província, localidade, bairro, distrito, rua, edifício.

3.2.2 Descritor cronológico (tempo histórico) – (quando?)

- datas, décadas, períodos históricos, horário.

3.2.3 Descritores temáticos

– (Quem?): Pessoas: sexo, idade, ocupação, raça, traje, postura, nome (se souber)

– (O QUE?)

- Elementos naturais:

Exemplo : praias, bosque, campo, nuvens, água, montanhas, árvores, vales.

- Elementos artificiais:

Exemplo : casa, carro, cadeira, monumentos, objetos.

- (Como?) - Ações

- Cenas da vida, tipos, atividades que realizam

- (Por que, para que) – Resumo descritivo-narrativo,

**Anexo C - Roteiro para identificação de dados em notícias de jornais**

- 1 – Referência
- 2 – Evento/título
- 3 – Local
- 4 – Data
- 5 – Pessoas citadas
- 6 – Resumo

Fonte: MADIO; FUJITA, 2008.

**Anexo D - Roteiro para identificação de dados em notícias de jornais**

Figura 1. Fotografia PF07- Série: Inauguração do Campus - Ato religioso, Marília, SP, 02/02/1973. Cerimônia de lançamento da pedra fundamental; Pessoas em pé: Dom Hugo Bressane de Araújo, Luiz Rossi, Luiz Barreto, Antonio Barreto de Carvalho, Josefina Chaia Pereira. Fonte: Memorial Fotográfico da FFC.